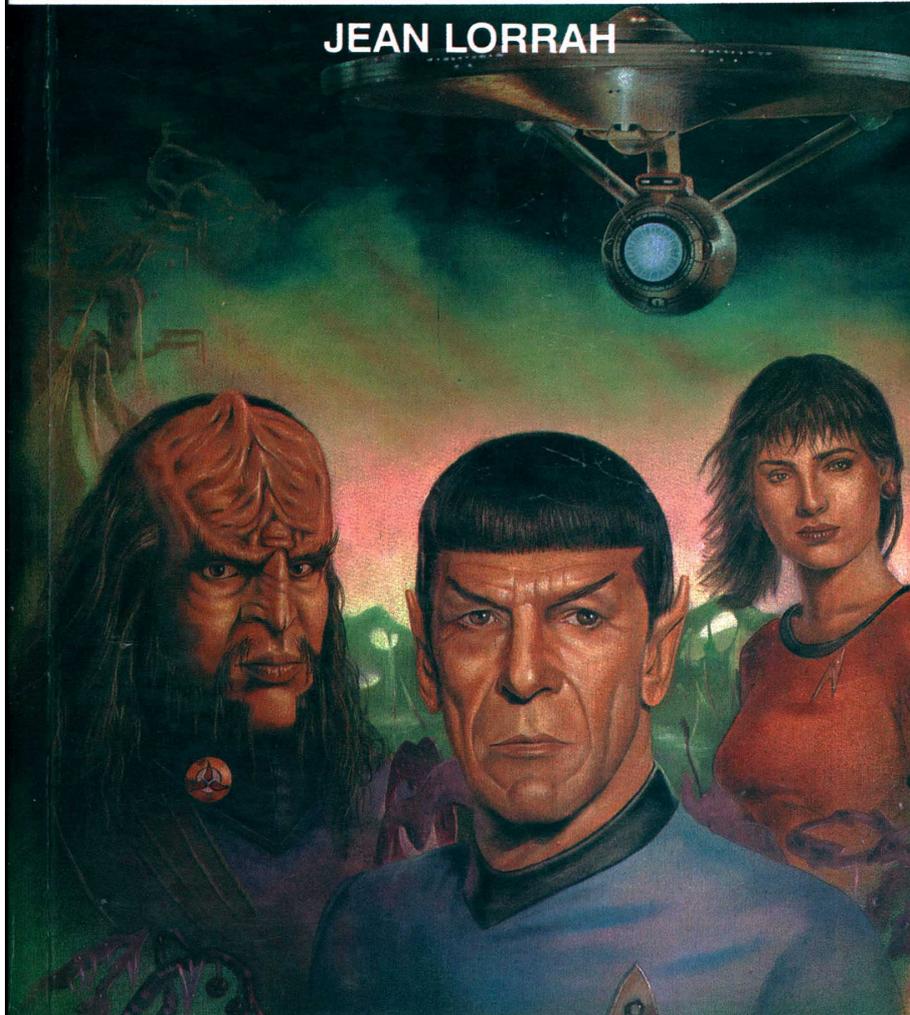


STAR TREK

JORNADA NAS ESTRELAS

I.D.I.C.

JEAN LORRAH





***Audaciosamente indo aonde
nenhum Homem jamais esteve***

*

I.D.I.C.

IDIC: Infinita Diversidade em Infinitas Combinações.
Para os vulcanos, mais do que uma simples crença,
é a pedra fundamental de toda sua filosofia.
Agora, em Nisus, uma colônia científica vulcana,
essa filosofia de tolerância será posta a prova.
Num planeta onde vulcanos, humanos, klingons
e muitas outras raças vivem e trabalham lado a lado,
uma epidemia mortal surge arrasadoramente.
De algum modo, sua origem está enraizada
na própria filosofia IDIC e ameaça deflagrar
o que se conseguiu evitar durante séculos:
uma Guerra Interestelar.

E mais:

**Glossário Jornada nas Estrelas
Glossário Cultural**



Av. Dr. Luiz Migliano, 1110 - 3º and. - CEP 05711 001 - São Paulo – SP

JEAN LORRAH

I. D. I. C.

Tradução: CLÁUDIA FREITAS

Título original: *The IDIC Epidemics*

Copyright © Paramount Pictures Corporation, 1981
Todos os direitos reservados



STAR TREK é uma Marca Registrada da Paramount Pictures Corporation



Publicado mediante contrato firmado com Pocket Books, New York

Todos os direitos da tradução para o Brasil reservados à **Aleph Publicações e Assessoria Pedagógica Ltda.** - Av. Dr. Luiz Migliano, 1110 - 3.º and. - CEP 05711 São Paulo - SP - Tel.: (011)843-3202 / 843-0514

Diretor editorial: **Pierluigi Piazzi** Diretora Pedagógica: **Betty Fromer**

Editor técnico: **Renato da Silva Oliveira** Diagramação: **Fernando Fabbrini**

Revisão: **Ana Amélia Feijó Baptista, Georgia Robles, Marlene G. M. Freitas**

Ilustração da capa: **Vagner Vargas**

Ilustrações dos personagens: **Leonardo Bussadori**

Assessoria: **Sérgio Figueiredo, Luiz A. Navarro, Cristina Nastasi, Ivo Luiz Heinz**



Consultoria: **Frota Estelar Brasileira**

Clube que congrega os aficcionados da série Star Trek (Trekkers)

Caixa Postal 14592 - CEP 03698-970 São Paulo SP

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

LORRAH, JEAN

I.D.I.C./Jean Lorrh; tradução de Cláudia Freitas

São Paulo; Aleph, 1993 - (Coleção Star Trek: v. 11)

Acima do título: Jornada nas Estrelas.

1. Ficção Científica norte-americana 2. Ficção norte-americana I. Título. II. Série

91-2486 CDD-813.5 -813.0876

índices para catálogo sistemático:

1. Ficção Científica: Literatura norte-americana 813.0876

813.5

2. Ficção Científica: literatura norte-americana 813.0875

Ao longo deste livro aparecem termos e personagens com os quais o leitor pode não estar familiarizado.

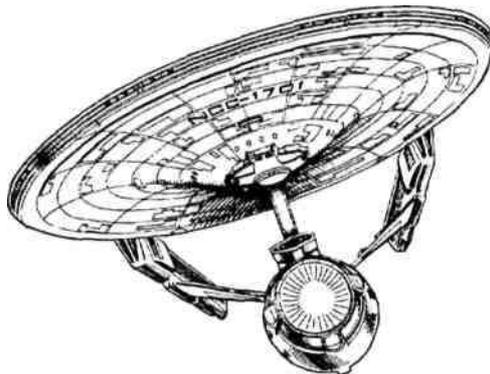
Por isso, colocamos nas páginas iniciais uma apresentação dos principais personagens e, no final, dois glossários: um relativo aos termos da série Jornada nas Estrelas e outro relativo a Cultura Geral.

Talvez fosse conveniente lê-los em primeiro lugar para não interromper a leitura do romance.

STAR TREK®

"O Espaço, a fronteira final.

Estas são as viagens da nave estelar Enterprise, em sua missão de cinco anos para explorar novos mundos, pesquisar novas vidas, novas civilizações, audaciosamente indo onde nenhum Homem jamais esteve."



U.S.S. ENTERPRISE NCC-1701

A *United Space Ship Enterprise*, astronave da classe *Constitution* foi lançada em 2188. Sob o comando do capitão James T. Kirk, ficou famosa em toda a galáxia, tornando-se símbolo da Frota Estelar. Viajam a bordo da nave 430 pessoas, sendo 43 oficiais e 387 tripulantes, com aproximadamente um terço de membros femininos.

Sua velocidade de cruzeiro é feita em dobra espacial seis - 216 vezes a velocidade da luz (c). A de emergência é feita em dobra oito - 512 vezes a velocidade da luz (c). Tem 400 torpedos de fó-ton e três bancos de *phasers*, com enorme poder de fogo. Todo sistema de propulsão e armazenamento de energia é alimentado por cristais de *dilithium*. Casco composto por titânio e alumínio transparente. Tem 302 m de comprimento, 140 m de diâmetro, 71 m de altura e 21 andares.



James Tiberius KIRK é o comandante da *Enterprise*. O mais jovem capitão da Frota Estelar tem uma destacada folha de serviços. Recebeu as mais importantes comendas e distinções da Federação de Planetas. Natural do planeta Terra, seu sucesso não foi conquista fácil. Quando assumiu o comando da *USS Enterprise*, aos 29 anos, já havia sido ferido três vezes e alguns de seus feitos já estavam gravados nos anais de honra da Frota. De natureza independente, é um militar por formação e um explorador e diplomata por vocação. Seu carisma e liderança naturais despertam a confiança e lealdade de sua tripulação.



O imediato e oficial de ciências da *Enterprise* é **SPOCK**. Filho de um vulcano e uma terrestre, possui uma mente extremamente analítica. Recebeu a educação de um vulcano. Treinado em lógica, computação e controle das emoções. É devotado à ciência e guiado pela lógica, base filosófica de seu povo. Fisicamente é mais vulcano que terrestre: seu sangue, pigmentado com cobre, é verde e seu coração tem pulsação média de 242 batimentos por minuto. Possui uma extraordinária força física e grande resistência à dor. Possui capacidade telepática e a, capacidade de imobilizar um homem através do famoso "toque vulcano".



Leonard H. McCoy é o oficial médico-chefe da *Enterprise*. Um médico da Terra apegado às tradições e arredio à tecnologia de seu tempo - reflexo de seu temperamento extremamente humanista e romântico - que não o impede de ser um exímio conhecedor do uso dos modernos e sofisticados instrumentos médicos. É amigo pessoal e

conselheiro do capitão Kirk. Vive em freqüentes desentendimentos com Spock. O Dr. McCoy não gosta da disciplina e protocolo militar. É extrovertido, passional e sonhador; guiado pelas emoções que o tornam às vezes uma pessoa irascível, mas também amável e dócil.



Montgomery SCOTT é o engenheiro-chefe da *Enterprise*. Um escocês que possui profundo conhecimento da alta tecnologia utilizada nas astronaves. É o responsável pela engenharia e manutenção da nave. Assume o comando da *Enterprise* na ausência de Kirk e Spock.



Nyota UHURA é a oficial de comunicações da *Enterprise*. Nasceu nos Estados Unidos da África e seu nome significa "liberdade" na linguagem *swahili*. Excelente em matemática e física. Colecionadora de canções e magnífica musicista.



Hikaru Kato SULU é, numa primeira fase, piloto da *Enterprise*. Um oriental apreciador de botânica e de personalidade romântica. Campeão interplanetário de esgrima, colecionador de armas antigas e especialista em artes marciais. Posteriormente torna-se comandante da *U.S.S. Excelsior NX-2000*, tendo oportunidade de auxiliar seu antigo oficial comandante Kirk na última batalha contra os klingons (veja *A Terra Desconhecida*, vol. 4 da coleção Star Trek - Ed. Aleph)



Pavel Andreievich CHEKOV, é, inicialmente, o navegador da *Enterprise*. Um russo que freqüentemente se admira pela ingenuidade dos seus ancestrais soviéticos, que alegavam ter inventado e descoberto quase tudo no universo. É jovial, impulsivo e de espírito alegre. Posteriormente torna-se oficial de segurança.



Nota do Editor:

A aventura contada neste livro utiliza alguns personagens que foram introduzidos no universo ficcional de Star Trek no livro CRIME EM VULCANO, volume 8 desta coleção, também de autoria de Jean Lorrh.

Apesar disso, este livro pode ser lido de forma independente do citado pois, mesmo se tratando de uma aventura que se segue àquela no tempo, não consiste numa verdadeira continuação.

Como nos episódios da série televisiva, cada aventura pode ser acompanhada de maneira independente, bastando conhecer os personagens principais e o cenário espaço-temporal.

Mas, como no seriado da TV, para saborear melhor algumas piadas e alusões, leia antes CRIME EM VULCANO, se ele estiver em sua coleção.

UM

Apenas os membros do Conselho de Nisus encontravam-se no refeitório e havia somente comida sintética à disposição. A cozinha estava fechada desde o início da epidemia.

Pensativo, Mestre Korsal pediu café, puro, do jeito que Cathy o ensinara a gostar, e pôs-se a andar na direção da mesa em que dois vulcanos e um andoriano estavam sentados.

— Korsal! - Seu nome foi suavemente sibilado por uma voz que ele conhecia muito bem. Era Borth, o representante de Órion no Conselho. — Venha, sente-se comigo. - Levou Korsal para uma mesa de duas pessoas e acionou o escudo privativo.

O klingon procurou pelo botão para desligá-lo enquanto dizia: — Não temos nada a esconder do restante do Conselho; por que deixá-los com suspeitas?

Borth segurou-lhe a mão. — Eles já suspeitam. E afinal, que diferença isso faz? Eu gostaria de saber o que você planeja fazer quanto à peste.

— Sou engenheiro, Borth - replicou Korsal. — Não há nada que eu possa fazer a não ser votar por medidas mais rigorosas de quarentena. Se está perguntando se votarei a favor de pedir auxílio médico ao Conselho da Federação, sim, é claro que votarei.

O órion balançou a cabeça, afinando os lábios em desaprovação. Seus olhos amarelos ficavam escondidos pelo penteado liso, que lhe dava uma aparência de réptil, em contraste com a pele verde. — Não, idiota. O que você vai relatar ao Império Klingon? Os registros de comunicações mostram que você não manda um relatório há dezesseis dias.

— Sob condições de quarentena o progresso científico sofre uma parada. Não há nada a relatar. - Korsal tomou um longo gole de café, desprezando sua temperatura excessiva. Não era a primeira vez que se perguntava por que tal sabor amargo parecia confortá-lo. Tirar força de algo que já é forte, aprendera há muito tempo, era algo que humanos e klingons tinham em comum.

— Não? - Borth continuou sua linha de pensamento. — Pense em que arma essa peste poderia...

— *Não* continue! - disse Korsal, levantando-se de sua cadeira. Cabeças em outras mesas se viraram. Ele se inclinou para a frente, as mãos na mesa, mantendo suas palavras na privacidade do escudo enquanto olhava dentro

dos frios olhos amarelos. — Uma arma que pode ser facilmente voltada contra seus usuários assim como contra seus inimigos não é nem de longe uma arma. Tente vender este vírus para meu povo, Borth, e você terá o Império Klingon como *seu* inimigo!

Korsal ergueu-se, apertando seu copo de plástico, sem nem mesmo perceber o resto do café queimar-lhe a mão. Jogou-o em um receptáculo enquanto caminhava para fora do refeitório.

Não havia nenhum outro lugar onde ir a não ser voltar à câmara do Conselho; todo o resto do Centro Cívico estava fechado, assim como todos os prédios públicos.

O Centro Cívico, onde ficava a câmara do Conselho da colônia científica de Nisus, estava situado próximo à gigantesca represa e à poderosa usina que fornecia tanto água quanto eletricidade para o vale abaixo. Ela era um produto da engenharia da Terra, uma tecnologia com séculos de idade naquele planeta predominantemente aquático, mas com apenas uma geração nos três mundos klingons onde a fome fora vencida com tais represas no decorrer da vida de Korsal.

O engenheiro postou-se à janela que encimava o vale. A vista das montanhas estava bloqueada pela imensa represa. Alguns podiam dizer que a sólida massa cinzenta de concreto era feia; para Korsal ela continha a beleza do poder. Ele observou o manso rio caindo pelas comportas, correndo pela colina em controlada energia. Mais abaixo, o rio era dividido em um sistema de irrigação para os campos, projetado por fazendeiros hemanitas para evitar a erosão, e em um sistema de esgoto para a pequena cidade onde viviam e trabalhavam cientistas de todas as raças da Federação... e também algumas outras de mundos não pertencentes a ela.

Korsal estava desconfortável em sua posição no Conselho de Nisus, por ser um engenheiro e não um político, nem mesmo um cientista. Certamente não era nenhum líder entre seu próprio povo, onde estratégia, em combate ou em política, era a principal característica daqueles que governavam.

Sua posição no Conselho de Nisus fora-lhe dada automaticamente. Todas as culturas representadas na colônia científica escolhiam um membro para sentar-se no Conselho; e como seus colegas haviam retornado ao Império sete anos atrás, Korsal era o único klingon em Nisus.

Ninguém mais retomara para a câmara. Sozinho, Korsal liberou sua frustração batendo com seu punho contra a janela: não era vidro, mas sim alumínio transparente, outra invenção terráquea. Ele não poderia quebrá-lo, mas dava-lhe a sensação de metal sólido - a sensação de futilidade.

Korsal não era o único frustrado: o Conselho só se desfizera após quatro horas de discussão. Os outros membros finalmente começaram a encher a

câmara. O contingente maior era de humanos, que haviam se espalhado pela galáxia nos últimos três séculos, criando colônias tão díspares em seu governos e culturas que não mais podia-se presumir que concordavam em questões mais do que vulcanos e klingons.

Os vulcanos eram o segundo maior grupo. Tinham um representante para seu planeta natal e para cada uma de suas colônias. Apesar dessas colônias formarem parte de um governo central vulcano, seus representantes no Conselho não constituíam, nem de longe, uma proporção justa no que se referia à população de Nisus. A ciência estava tão profundamente enraizada na cultura vulcana que a colônia científica possuía quarenta por cento de vulcanos, trinta e dois por cento de humanos e apenas vinte e oito por cento de telaritas, hemanitas, andorianos, rigelianos, lemnorianos, órions, trakeskianos, jovanianos... e klingons.

Korsal voltou para seu lugar à mesa. Sentou-se na cadeira que mais parecia um bloco desconfortável até que alguém se sentasse. Ela então lia seu tamanho, forma, temperatura corporal e tensão muscular e moldava seus contornos de modo a evitar fadiga muscular. Mas, uma vez que era projetada como parte de um local de trabalho, não permitia um relaxamento tão profundo que provocasse sono.

Mesmo Keski, o representante lemnoriano, sentou-se em um cubo similar. Ele transformou-se imediatamente para acomodar sua forma gigantesca, expandindo seu encosto para agüentar o torso longo que fazia com que o lemnoriano, mesmo sentado, ficasse mais alto que todos os outros à mesa. Tal mobília era uma invenção dos telaritas, sempre preocupados com o conforto. Já os tricorders em cada lugar à mesa eram uma invenção vulcana.

Em tempos como esse, os itens aos quais já estavam habituados tomavam novas dimensões. Essas tecnologias variadas melhoravam a vida diária das pessoas pela galáxia afora. Aqui, na colônia científica, a cooperação entre as raças havia gerado no último século avanços tecnológicos de um modo jamais visto na história galáctica.

Mas só que agora... ela espalhara uma peste.

Korsal não queria falar com ninguém, não queria ser indagado sobre sua discussão com Borth, então virou-se para seu tricorder. Doeu quando sua mão se fechou sobre ele; descobriu uma bolha na palma, onde o café quente a queimara. Não era nada.

Voltou-se para seu tricorder e revisou suas anotações. T'Saen, uma bioquímica, pronunciou palavras de destruição no tom impassível dos vulcanos quando seu autocontrole se torna ainda mais profundo.

— Estamos procedendo na presunção de que o que temos aqui é um

vírus de rápida mutação. Até agora fomos incapazes de isolá-lo devido à sua rapidez. E resistente a todos os antimutagênicos conhecidos pela ciência.

Therian, o epidemiologista andoriano, forneceu estatísticas sobre a disseminação da doença - rápida demais, e acelerando.

Korsal balançou a cabeça. A bioquímica estava além de sua compreensão, mas a matemática era simples: dentro de seis dias, todos em Nisus teriam a doença. Ela não mostrava nenhum respeito por raça; atacava igualmente aqueles cujo sangue tinha base em ferro, cobre ou silício.

Eles haviam fechado as escolas e cancelado todas as reuniões, atuações teatrais ou outros encontros já havia doze dias, e ainda assim ela se espalhava. Os prédios públicos não essenciais estavam fechados, máscaras e luvas eram agora a roupa padrão de rua, e ainda assim ela se espalhava.

E matava.

Em sua forma original, a doença apenas fora inconveniente. Causava febre alta, dor de cabeça e cólicas abdominais; extremamente desagradável, mas não mortal. Durava cinco dias, deixando sua vítima fraca mas sem qualquer efeito colateral permanente. Os bioquímicos puseram-se a trabalhar em uma vacina e ninguém mais se preocupou com isso.

Então uma outra variedade evoluiu. Ela começava com os mesmos sintomas por três dias, mas no quarto surgia a insuficiência renal. O hospital começou a encher, mas o equipamento de suporte de vida salvaria também estes pacientes.

Até o dia em que as vítimas no suporte de vida entraram em convulsões, seguidas por insuficiências hepática e cardíaca. A primeira fora uma garotinha humana de dez anos. Ela estava tão fraca que os mais heróicos esforços não puderam salvá-la.

Não foi a última vítima; a taxa de mortalidade aumentou. Uma total falha do sistema foi acrescentada à sintomatologia da doença. Os órgãos afetados, sempre vitais, diferiam de acordo com a raça.

Médicos e enfermeiras foram algumas das primeiras baixas, pois a nova variedade - variedades? - conseguiu neutralizar os procedimentos de assepsia que anteriormente haviam sido capazes de evitar que ela se espalhasse pelo hospital.

Tampouco os primeiros sintomas indicavam qual variedade da doença a vítima tinha. O hospital ficou lotado com pessoas amedrontadas, que não sabiam se o quarto dia de sua doença lhes traria a morte.

Contudo, até dois dias antes, oitenta e sete por cento das vítimas da versão mais virulenta sobrevivera. A doença continuava seu caminho, mas ela não removeria a colônia.

E então, de repente, a doença mudara outra vez. As novas vítimas não

mais começavam por sentir-se febris; a dor de cabeça inicial tornava-se insuportável e surgia na vítima uma repentina crença paranóica de que todos próximos a ela eram inimigos que tentavam matá-la!

Cada nova vítima tornou-se uma arma que se voltava contra qualquer pessoa, mesmo aquelas que tentavam ajudá-la. Em apenas dois dias, uma mãe matara seus dois filhos, dois maridos haviam matado suas esposas, um membro do hospital matara um médico e duas enfermeiras e catorze pessoas haviam sido feridas por familiares, amigos ou colegas que tornavam-se repentinamente violentos. Era muito cedo para saber-se com certeza se o conhecimento do que haviam feito tirava a vontade de viver desses doentes, mas quase metade das novas vítimas morrera poucas horas após saírem da fase violenta e o restante permanecia em estado crítico.

A idéia de Borth de usar o vírus como arma fez mal a Korsal. Os klingons lutariam a qualquer tempo e com alegria. Mas lutavam de modo limpo, inimigo contra inimigo, sendo batalha de vontades ou com armas. Esta horrível peste não seria apenas uma tática desonrosa; seria também um convite de retaliação contra quem a utilizasse. Se *alguém* a usasse primeiro, então estaria livre para dizimar a população da galáxia.

Mais calmo, Korsal agora reconhecia que errara ao abandonar o órion no refeitório. O homem não era idiota; ele próprio teve a peste, portanto sabia que os órions não eram imunes. Ele certamente ouviria a razão.

O Conselho reuniu-se novamente e a votação quanto a pedir ajuda à Federação foi rapidamente realizada com resultado unânime, notou Korsal.

Então um dos humanos, o Dr. John Treadwell, tomou a palavra. Era um homem magro e alto, um pesquisador que raramente falava no Conselho. — Eu creio, - disse de modo hesitante, — que enquanto esperamos por ajuda, talvez estejamos errados em lidar de modo tradicional com esta epidemia, tentando proteger os que ainda não têm a doença.

— O que sugeriria, Dr. Treadwell? - perguntou T'Saen.

— Ainda estamos tentando encontrar tanto uma cura quanto um meio de inoculação. Esse é o procedimento padrão. Mesmo com nossos maiores esforços, a doença torna-se cada vez mais letal, e ao mesmo tempo escapa a nossos procedimentos de assepsia. Vinte e oito por cento da população de Nisus já teve a doença e se recuperou. O prognóstico é ainda pior para os outros setenta e dois por cento por causa das novas mutações.

O homem engoliu com dificuldade, ficou profundamente corado, mas continuou. — Na história da Terra, houve uma época em que a varíola era uma doença muito mais temida do que esta peste que enfrentamos. Nessa época, nada se sabia sobre inoculação.

— Havia outra doença, chamada varíola bovina, comumente contraída

por trabalhadores que lidavam com gado, continuou. — Sua sintomatologia era similar à da varíola, mas era muito menos severa. Quase nunca matava ou deixava cicatrizes como a varíola. Foi observado que aqueles que haviam tido a variedade bovina jamais pegavam varíola, mesmo quando expostos a ela. Então, por medo à doença, algumas pessoas se expuseram à varíola bovina.

T'Saen assentiu. — Então sugere que deliberadamente exponhamos pessoas que nunca tiveram a doença a uma variedade mais branda?

Novamente Treadwell engoliu em seco ruidosamente, seu pomo de Adão subindo e descendo em seu pescoço esquelético. — Eu estou... oferecendo uma sugestão para discussão.

Ginge, o conselheiro telarita, falou: — A idéia faz sentido, se pudermos garantir o resultado dessa exposição.

— Sim - concordou Stolos, em sua voz aguda de hemanita, a borla de seu capacete redondo de topo chato balançando com o movimento rápido de sua cabeça. — Todos neste Conselho já tiveram a primeira ou a segunda variedade da peste, e todos nós nos recuperamos. Sem esperança de conseguir-se uma vacina, a imunidade contra a variedade letal sem dúvida alguma vale a dor associada à primeira variedade.

— Você está errado, Stolos, - disse Korsal. — Eu não tive nenhuma variedade desta doença. Esta última variação me amedronta tanto quanto ao restante de vocês... mais até, já que não desenvolvi anticorpos contra ela. Os klingons não temem um inimigo que possa ser visto e compreendido, mas uma doença que ataca de modo invisível, roubando a mente de uma pessoa... - Ele virou-se para o humano nervoso. — Dr. Treadwell, serei voluntário para testar sua teoria.

Sentiu-se bem por tomar alguma atitude, mesmo que fosse apenas oferecer-se para prestar um papel passivo. Em sua frustração por não poder agir, Korsal era puramente klingon.

Warner Jurgens, o presidente do Conselho, mandou que o pedido de auxílio fosse transmitido e voltaram-se então para as logísticas da nova estratégia. — Pegaremos amostras de todas as vítimas que entrem no hospital, - disse Rita Esposito. — Então, quando virmos o curso da doença usaremos o material das pessoas que desenvolveram a variação menos violenta e exporemos os voluntários que jamais estiveram doentes. Se isso lhes transmitir a doença mais branda, então suas amostras serão usadas em outros, apesar de ser uma experiência desagradável...

— Não! Que você vá para o mais baixo inferno de Zarth, humana! Você quer nos matar a todos!

Keski, o lemnoriano, gritou com Esposito, agarrando a atônita mulher

pela garganta com uma mão enquanto procurava pegar-lhe o tricorder com a outra.

Não havia armas na câmara do Conselho, mas o tricorder era um instrumento pesado e Keski tinha força mais do que suficiente para esmagar o crânio de Esposito com ele.

Todos à mesa se moveram, mas Korsal alcançou-o primeiro, agarrando-lhe o braço antes que ele pudesse alcançar seu objetivo.

Keski jogou Korsal longe, mas o movimento já fora interrompido.

Dois humanos tentavam soltar os dedos do lemnoriano do pescoço da mulher sufocada enquanto T'Saen vinha por trás de Korsal e tentava pinçar o nervo do pescoço de Keski. Ele era alto demais, então ela subiu em sua cadeira, que retornara à forma cúbica.

O lemnoriano desviou-se e a vulcana perdeu o ponto.

Com um rugido irracional, Keski largou Esposito e girou um punho para Korsal, fazendo com que os dois ficassem fora do alcance de T'Saen.

O klingon se abaixou, viu o tricorder descer sobre sua cabeça e desviou-se na direção oposta.

Keski jogou o instrumento sobre a mesa. Ele desfez-se em pedaços e uma das lascas atingiu-lhe o braço. O lemnoriano gritou e virou-se no instante em que T'Saen ficou em posição para aplicar-lhe um toque vulcano. Ele bateu-lhe com as costas da mão, mas ela conseguiu cair em pé ao ser jogada de cima da cadeira.

Stolos segurou Keski pela canela e foi chutado longe como um cão danado.

Keski juntou as duas mãos, aprontando-se para um golpe que esmagaria o crânio de T'Saen.

Korsal chutou-o na parte de trás de seus joelhos e Keski tombou, caindo sobre o klingon e transferindo sua fúria uma vez mais.

Korsal balançou sobre os pés e bloqueou o primeiro golpe desajeitado do lemnoriano com seu braço, sentindo o ataque deixá-lo dormente. Com uma velocidade pouco normal para sua raça gigantesca, Keski virou-se para Korsal com o punho esquerdo preparado.

Com as costas na mesa, Korsal não podia abaixar-se. Instintivamente, tentou rolar para chutar Keski, mas o lemnoriano antecipou-se a ele, caindo para a frente contra suas pernas, girando ao lançar o punho e tentando sufocar Korsal.

Korsal agarrou os pulsos de Keski, conseguindo segurá-lo por tempo suficiente para que, finalmente, T'Saen conseguisse aplicar o toque. O lemnoriano, inconsciente, caiu para a frente, em cima do klingon.

Os outros o ergueram. Treadwell, o único médico no Conselho, já estava

com sua sonda médica de prontidão. Correu-a sobre Esposito, dizendo: — Nenhum ferimento sério, mas quero você no hospital para observação. Alguém chame uma ambulância - vamos levar Keski para o hospital antes que volte a si. Korsal... - Ele virou-se, recalibrando seu instrumento e correu-o pelo corpo do klingon.

— Nenhum ferimento a não ser por essa mão - disse, - mas...

O "mas" soou pela câmara do Conselho enquanto todos paravam de respirar, ao perceber suas implicações.

Korsal levantou sua mão e fitou a palma. Na luta, a pele da queimadura causada pelo café quente rompera-se e ele estava sangrando. Sua mão também estava manchada com o sangue alaranjado de Keski. Não havia como esquecer o incidente e esperar pelo melhor: ele fora exposto à mesma variedade da peste que transformara o lemnoriano normalmente gentil em uma fera ensandecida.

Mas as respirações suspensas não eram para Korsal.

— Keski *já* teve a doença uma vez! - disse Stolos. — Isto significa...

— ... que a mutação desenvolveu-se tão além de sua forma original que a imunidade às variedades anteriores não tem nenhuma força - concluiu o Dr. Treadwell, com o rosto agora branco como cera. — Devemos todos ir ao hospital imediatamente, para a unidade de isolamento, e esperar pelo período de incubação.

— Eu pedirei mais ambulâncias - disse Therian.

Korsal ergueu-se, pensando em sua família, sabendo que todos no aposento faziam o mesmo. Quase todos.

Eles se separaram, cada um voltado para seus próprios pensamentos. Borth o seguiu.

— Vá embora - disse Korsal. — Você também tem esposa e filhos em quem pensar.

O órion assentiu. — Sim, e eles estarão bem cuidados por toda a vida se o que suspeito for verdade. Todos os membros deste Conselho pegaram a peste menos você, Korsal, pois somos todos servidores públicos e não podíamos ficar de quarentena em nossas casas. Sua esposa teve a doença em sua primeira variedade, mas você não a contraiu e, vivendo na mesma casa, nenhum de seu filhos ficou doente. Agora - disse ele, tocando a mão ferida de Korsal com um dedo indelicado, — saberemos sem qualquer dúvida se os klingons são imunes.

— Isso não será bom para *você*, já que os órions não o são.

— Será enquanto eu sobreviver, e eu sou um sobrevivente, Korsal. Eu não sei o que você é. Um traidor, talvez?

— O que quer dizer? - Korsal fitou o órion, seus lábios arreganhados

para trás mostrando as pontas de seus dentes.

Borth não recuou. — Se os klingons forem imunes, você não informará o Império sobre esta doença.

— Matar a população de um planeta com uma doença não é o jeito klingon de ganhar território. Nós lutamos, deixamos que defendam suas casas.

— Contra atacantes e armas infinitamente superiores em número - disse Borth com um sorriso escorregadio. — E você, Korsal, não aprova, posso ver em seus olhos. Você não é klingon, você é fraco como os humanos. Mas eu sou órion, e eu devo pensar que certas facções dentro do Império Klingon pagarão por este vírus, se os klingons forem imunes.

— Só para discussão, digamos que provemos que somos imunes agora - disse Korsal. — Do modo como esta doença muda, o que evitará que ela desenvolva uma variação fatal a meu povo?

Borth deu de ombros. — Desde que eu seja bem pago, eu correrei este risco. Estou disposto a apostar que este vírus vai levar um longo tempo para descobrir como atingir os klingons. Mas quando isso acontecer, estarei bem longe do Império.

Korsal o fitou. — Você já me deixa doente sem nenhum vírus, Borth. Você não é cientista para basear sua teoria em um único caso. Mas se eu ficar doente, não morrerei. Alguém que saiba o que você realmente é tem que estar por perto!

DOIS

O Capitão James T. Kirk estava sentado à cadeira de comando na ponte da *USS Enterprise*, sentindo-se descansado e alerta na gravidade normal da Terra. Durante o mês passado em Vulcano, havia se acostumado a uma fadiga constante e inoportuna. Mas em seus últimos dias já não ligava mais. Agora, no entanto, era um alívio que ela tivesse passado.

Por outro lado, de algum modo se aclimatara ao calor do verão de Vulcano; sentia-se ligeiramente friorento sob a temperatura da espaçonave, regulada para o conforto humano. Talvez pudesse usar uma camiseta de baixo, como Spock fazia, só por alguns dias.

Ficar sentado quieto não ajudava. Resolveu fazer um tour pela nave, contente por ter uma desculpa para andar pelos corredores dos quais tanta falta sentira enquanto estivera longe. Se a atividade não o esquentasse, ele teria...

— Capitão! - o intercom apitou com uma voz feminina que ele não reconheceu.

— Kirk falando.

— Aqui é Walenski, senhor. Nossos "hóspedes" vulcanos estão causando problemas. Há dois deles realizando uma luta com armas letais! - Ele ouviu a tensão em sua voz e lembrou-se que parte do dever dela incluía definir o uso das instalações para preparo físico na nave. Ela era do pessoal administrativo e não de segurança ou de combate.

— Onde eles estão?

— Deck cinco, ginásio A.

— A caminho! - Kirk disse a Walenski. — Senhor Spock, o comando é seu. Mande a segurança para o ginásio.

Pro inferno com Sendet e sua trupe, ora bolas! Eles não eram realmente hóspedes a bordo da *Enterprise*, mas prisioneiros políticos sendo transportados para um planeta vulcano não habitado, onde seriam deixados para fazerem funcionar seu próprio estilo de vida como o desejavam.

Com a exceção de Sendet, no entanto, os seguidores de T'Vet, como se autodenominavam, não haviam cometido nenhum crime, porque haviam sido pegos antes que pudessem realizar seus planos para depor o governo de Vulcano. O Alto Conselho Vulcano lhes dera a escolha entre reprogramação mental e transporte para fora do planeta. Em tais circunstâncias, Kirk certamente sabia o que *ele* teria escolhido!

Quando a Frota enviara ordens para que a *Enterprise* transportasse os

rebeldes, Kirk decidira que não havia nenhuma razão para que eles não viajassem confortavelmente como hóspedes, pois isso significaria menos trabalho para sua tripulação.

Pelo que compreendia, os Seguidores de T'Vet demonstravam uma crença na pureza racial que Kirk achava difícil de aturar. Apesar disso, em outros aspectos sua filosofia era uma espécie de senso comum quanto à sobrevivência do mais adaptável, que complementava muitas das próprias crenças do Capitão. Ele não esperara por problemas - certamente não somente dois dias após saírem de Vulcano!

O ginásio A era o maior, com arquibancadas para que uma audiência assistisse as muitas disputas atléticas a realizar-se entre a tripulação jovem e saudável. Ele jamais fora planejado para ser uma arena de jogos sangrentos.

Quando Kirk chegou, dois jovens e musculosos vulcanos se estudavam sobre uma esteira. Se estivessem desarmados, Kirk teria simplesmente se juntado aos espectadores, mas os dois seguravam *lirpas*, uma arma vulcana com uma pedra pesada em uma ponta, para nocautear, e na outra ponta uma lâmina curva e afiada, para cortar. Qualquer um dos dois lados poderia ser mortal.

— Capitão!

Devia ser Walenski - uma mulher pequena usando uniforme de serviço vermelho, sentada na arquibancada e cercada por mulheres vulcanas. — Quieta, humana! - disse-lhe uma delas. — O combate não deve ser interrompido.

— Mas é claro que *devei* - exclamou Kirk, intrometendo-se entre os lutadores. — "Kroykah!" - gritou, na esperança de que mesmo para os Seguidores de T'Vet, essa palavra usada em cerimônias datando da "Época do Início" de Vulcano significasse "Pare!"

Significava. Sem qualquer protesto, os dois lutadores pararam de circular, afastaram-se alguns passos um do outro e pousaram suas armas com a ponta de pedra voltada para o chão.

— Como se *atreve* a profanar um costume vulcano!

Um homem ergueu-se entre os vulcanos reunidos - um homem tão alto e imponente quanto Sarek, o pai de Spock, da mesma geração e com o mesmo ar de estar habituado a obediência. Diferentemente dos outros vulcanos, que usavam o que Kirk reconhecia de sua recente estada no planeta como sendo roupas costumeiras, este homem usava um manto de um pesado material castanho com painéis de tecido verde descendo pela frente, desenhos definidos com ouro e jóias.

Quando o porta-voz vulcano deu um passo à frente, Kirk viu Sendet entre os outros homens jovens, observando-o com a ponta de um sorriso

superior. Mas Kirk manteve sua atenção voltada para o homem que se aproximava.

O vulcano era quase uma cabeça mais alto que Kirk e moveu-se para perto dele para obrigar o humano a olhar para cima. Mas Kirk jamais deixara esse truque intimidá-lo, vindo de vulcanos, humanos ou qualquer outra raça. Ele permaneceu onde estava e replicou: — Vocês agora não estão em Vulcano. Estão em minha nave e aqui minha palavra é lei. Não haverá nenhum combate com armas mortais a bordo. São bem-vindos a usar nossas acomodações para combates sem armas, para praticar marcação de homem

...

— Chega! - disse o vulcano com um imperioso gesto de dispensa. — Continuem o combate. - Ele virou-se e voltou para seu lugar na primeira fileira da arquibancada.

Apesar de Kirk ainda permanecer de pé no centro da esteira, os dois lutadores posicionaram suas armas de novo; aparentemente estavam dispostos a passar direto por cima dele.

Mas ele não podia sair de seu caminho de modo vergonhoso!

Onde estava a segurança?

Kirk permaneceu entre os dois lutadores, observando-lhes os rostos. Estes vulcanos não acreditavam na filosofia de Surak. Ele queria viver como os antigos clãs guerreiros vulcanos eram antes de converterem-se à paz e ao controle das emoções. Seus olhos mostravam raiva - mas também incerteza. Os dois lutadores eram jovens. Era difícil julgar a idade de um vulcano com precisão, mas os dois rostos tinham o frescor da juventude à beira da maturidade. A aparência típica de cadetes da Academia, fisicamente maduros, mas ainda em crescimento mental e emocional.

Deliberadamente, Kirk andou diretamente entre eles, mais próximo ao menor, que usava uma tanga azul e um amuleto de pedras verdes. Como esperava, o rapaz fez um gesto em sua direção, obviamente na expectativa de obrigar Kirk a afastar-se com a ameaça da *lirpa* e continuar sua investida contra seu oponente.

Em vez disso, Kirk agarrou a *lirpa*, puxou-a e caiu de costas na esteira. Ele lançou o garoto por sobre sua cabeça em um movimento contínuo, dando-lhe um chute forte no abdômen.

O vulcano caiu com força, sua respiração sendo expulsa de seus pulmões.

Kirk pulou de pé e encarou o outro lutador. O segundo rapaz, que usava uma tanga negra e uma tira na cabeça com um padrão de bordado prateado, não cometeu o erro de seu oponente. Ele atacou, girando a ponta com a lâmina da *lirpa* na direção de Kirk...

— Pare!

Quando o tom de comando não interrompeu o ataque letal, o ar assobiou com uma rajada de *phaser* e o rapaz caiu sobre a esteira, aos pés de Kirk, tonteado.

A Tenente Nelson e seis outros membros da segurança entraram no ginásio, os *phaser* em punho.

— Bom, vocês certamente vieram quando puderam! - comentou Kirk.

— Parece que tudo está sob controle, Capitão - Nelson replicou em seu habitual estilo lacônico. — O que deseja que façamos com nossos hóspedes que se comportaram mal?

— Isso - respondeu Kirk, - só depende deles. Walenski, venha até aqui.

— Sim, senhor. - Visivelmente aliviada, a jovem desceu da arquibancada.

— Agora - Kirk encarou os vulcanos reunidos, as mãos nos quadris. — Quem dentre vocês pode me fazer uma promessa à que todos irão aderir?

O homem mais velho em trajes cerimoniais levantou-se novamente. — Eu posso. Sou Satat, chefe de guerra do Clã T'Vin. Todos os outros clãs representados aqui juraram lealdade a mim.

—Muito bem, Satat - disse Kirk. — Eu lhes dou mais uma chance, e se quebrarem sua palavra desta vez, passarão o restante de sua viagem em celas.

— Nós não quebramos nossa palavra - replicou Satat com dignidade intocada. — Não interferimos em sua nave ou seu pessoal. *Seu* pessoal interferiu *conosco*.

Droga. Satat estava certo. Esse era o acordo, segundo as ordens de Kirk vindas da Frota: com o julgamento do capitão, os Seguidores de T'Vet poderiam viajar como hóspedes, contanto que não atrapalhassem o cotidiano da *Enterprise*. O Comodoro Bright, que fizera o acordo, era um oficial de escritório que jamais comandara uma nave estelar. De outro modo teria acrescentado o que Kirk teria que explicar agora.

— Sua quebra das regras da Frota Estelar, ou desta nave em particular, interfere com nosso pessoal.

— Este combate estava escalado para quando não houvesse ninguém de sua tripulação nesta arena - replicou Satat. — Tudo o que seus tripulantes tinham a fazer - continuou com um gesto de cabeça para Walenski, — era permanecer fora de nosso caminho.

— Não quando ela os viu trazendo armas letais - explicou Kirk. — O uso de tais armas no ginásio é proibido. Ao impedir a Srta. Walenski de interrompê-los, impossibilitaram o cumprimento do seu dever. Agora, se me der sua palavra de que concordarão com todas as regulamentações da Frota

Estelar e da *Enterprise*, poderão continuar sua jornada como nossos hóspedes.

Recusando-se de modo irritante a perder sua dignidade, Satat respondeu: — Concordamos. O intercom apitou. Kirk foi até a unidade na parede. — Aqui é Kirk.

— Spock falando, Capitão. Pode vir até a ponte aceitar novas ordens do Comando da Frota ou devo gravá-las?

— Estarei aí - respondeu Kirk e saiu do ginásio com uma palavra para Nelson terminar de resolver o assunto. Se era o Comodoro Bright que transmitia as novas ordens, então desta vez queria falar com o homem!

TRÊS

O Comandante Spock virou-se para a Tenente Uhura, transmitindo a mensagem do capitão. Ela falou calmamente em seu microfone enquanto a tripulação da ponte esperava em expectativa.

A *Enterprise* tinha ordens da Frota para transportar os Seguidores de T'Pol para a Colônia Vulcana Nove, fazendo duas paradas ao longo do caminho. Em Coriolanus, os pais de Spock, Sarek e Amanda, deixariam a nave e iriam para uma conferência diplomática. Eles seriam substituídos pela embaixatriz serbaniana e seu grupo, que voltavam para casa, e em Serbania pegariam a enfermeira Christine Chapel, que passara o tempo em que a *Enterprise* estivera em reparos em um seminário sobre os últimos avanços empregados em enfermagem de emergência. A Colônia Vulcana Nove ficava a somente seis dias de Serbania em velocidade de dobra de cruzeiro.

Era pouco comum para uma nave estelar saber tantos detalhes sobre seu itinerário com tanta antecedência. *Não* era incomum ter os planos alterados de uma hora para outra.

O Capitão Kirk desceu do turboelevador, substituiu Spock à cadeira de comando e disse a Uhura: — Tenente, abra canal para o Comando da Frota.

A Capitã Henson da Base Estelar MI-17, uma instalação estritamente militar, surgiu na tela. Era uma mulher na casa dos cinquenta anos, com cabelos grisalhos curtos em um estilo bastante adequado. — Capitão Kirk - disse ela, — tenho novas ordens para você do Comodoro Bright. Uma epidemia atingiu a colônia científica de Nisus. A *Enterprise* deve retornar a Vulcano, prioridade de emergência um. Lá serão levados a bordo Sorel, o Dr. Daniel Corrigan, o Dr. Geoffrey M'Benga e a xenobióloga T'Mir, junto com vários assistentes e dois residentes de Nisus.

— Você transportará os especialistas em medicina interspecies diretamente de Vulcano para a colônia científica de Nisus — continuou ela. — Lá os deixará, juntamente com o Dr. Leonard McCoy de sua própria equipe médica e então prosseguirá com o restante de suas ordens. Esta é uma missão de prioridade de emergência. Transmíti detalhes diretamente a seu oficial médico chefe.

Ela tentou sorrir, mas Spock reconheceu preocupação e fadiga por trás do rosto enrijecido. — Tenho outras naves a contactar, Capitã. A *Enterprise* é a nave estelar da Federação que está mais próxima de Nisus e felizmente também está próxima a Vulcano, onde podem ser encontrados tantos especialistas. Seu oficial médico chefe o informará sobre a natureza da emergência. Tempo é essencial; há muitas vidas em jogo. Henson desliga.

A tela ficou branca antes mesmo de Kirk poder dizer uma palavra. Mas ele jamais questionaria uma emergência médica. — Alferes Chekov, estabeleça curso para Vulcano.

— Sim, Capitão.

Kirk bateu em um dos botões de seu comunicador interno. — Magro, você...?

A voz de Leonard McCoy respondeu imediatamente: — Sim, Jim, já reuni minhas anotações, junto com um relatório sobre a epidemia em Nisus. Se o melhor grupo de cientistas da galáxia não consegue interrompê-la, eles têm mesmo um problema serio à solta. Vai levar um tempo para estudar este relatório.

— Uma hora, - replicou Kirk. — Encontre-se comigo e com Spock na sala de reuniões. — O capitão virou sua cadeira para encarar Spock em sua estação de trabalho. — Sabe alguma coisa sobre isto, Spock?

— Somente o que acabamos de ouvir, - respondeu.

— Bom, então, vá por favor dizer a seus pais que nossa chegada a Coriolanus será adiada. Eles podem resolver encontrar outro transporte.

— Não há nenhuma outra nave disponível - respondeu Spock, tendo examinado os horários das naves com velocidade de dobra que saíam de Vulcano ou que estivessem chegando ao planeta durante os preparativos para partir. — Contudo, meu pai gostará de enviar uma mensagem a Coriolanus, explicando seu atraso.

Enquanto Spock entrava no elevador, Kirk instruía Chekov a assumir o posto de ciências. As portas estavam se fechando. Quando se levantou, Chekov inclinou-se e murmurou para o Tenente Sulu, bem baixinho para que Kirk não o ouvisse: — Da última vez não conseguíamos chegar *em* Vulcano. Desta vez não conseguimos nos *afastar!*

É claro que não era para Spock ouvir o comentário. Os humanos sempre esqueciam o alcance da audição vulcana.

Seus pais não estavam na cabine, nem na biblioteca da nave ou no deck de observação. Já tendo tentado os lugares mais prováveis pelo intercom, decidiu chamar a sala de recreação antes de fazer um comunicado oficial.

O ordenança Kasita respondeu ao intercom. — Eles estiveram aqui mais cedo, - ele disse a Spock, — mas o Embaixador Sarek se ofereceu para ensinar astrofísica à Srta. Chong e Lady Amanda foi para o ginásio.

— Obrigado, Ordenança, - Spock disse automaticamente, mas sua mente estava em outro lugar. Houvera um distúrbio no ginásio, mas o Capitão Kirk não mencionara Amanda.

Em vez de ligar, ele desceu para o nível de recreação e perguntou à Alferes Walenski se sua mãe estava ali.

— Sim, ela está na sala seis. Não se preocupe, Senhor Spock, ela nem mesmo soube da excitação no ginásio A.

A sala seis era uma câmara privada de exercícios. Spock tocou a campainha da porta. — Mãe? É Spock. Posso entrar?

— Sim - é claro. - Sua voz soava mais abafada do que deveria sendo filtrada pela porta. Nem esta abriu-se até que ele pressionasse o botão ao lado.

Amanda estava no meio da sala, de cabeça para baixo.

Logo ele reconheceu que ela fazia um apoio de ombro. O que ele não sabia era por quê. Sua recente doença quase fatal o lembrara da efêmera humanidade de Amanda. Por que ela estaria agora forçando seu corpo frágil em tais contorções?

Depois de alguns segundos, ela rolou suavemente de sua posição invertida, para deitar de costas, seus olhos azuis brilhando para ele enquanto o excesso de sangue deixava sua face. — Não, Spock, sua mãe não perdeu a razão. Eu estou sob ordens médicas para fazer uma simples série de exercícios para tonificar meu corpo depois do tempo passado em *stasis*.

— Eu... nunca a vi fazê-los antes, - disse, porque ela deveria tê-los começado em casa, enquanto ele estava de visita.

— Não, eu os fazia no ginásio da Academia. - Ela sorriu enquanto sentava, colocava-se de joelhos e começava a esticar-se da direita para esquerda. — Eu não queria que meu filho me visse parecendo tão tola.

— Você não parece... tola, - ele replicou. Na verdade, ela parecia em forma, sua malha azul-escura revelando um corpo magro mas saudável. Spock nunca pensara em sua mãe como tendo um corpo, magro ou qualquer coisa, porque ela sempre vestiu-se com roupas esvoaçantes de cores brilhantes, não exatamente de desenho vulcano, mas modestamente adequadas ao mesmo estilo.

— Tenho uma mensagem para você e papai, - Spock continuou. — A Frota Estelar ordenou que a *Enterprise* voltasse a Vulcano e depois fosse a Nisus, antes de prosseguir para Coriolanus.

Os olhos azuis de Amanda estudaram seu filho. — Qual será nosso atraso?

— Seis dias.

— Não seis ponto um três sete?

— Seis ponto dois cinco dois. Mãe, não é ilógico ficar irritada quando papai e eu lhe oferecemos um dado preciso e ainda assim exigir um quando não o damos?

— Não, - ela replicou com um levantar dos ombros, — apenas humano. - Ela levantou-se e colocou os sapatos, então pegou uma de suas roupas

esvoaçantes habituais de um banco e envolveu-se em suas formas volumosas.

Com isso, Amanda era a mãe de Spock, como ele estava acostumado. Com seu cabelo prateado preso no alto da cabeça, os saltos de seus sapatos lhe dando altura extra e a roupa caindo em dobras verticais, ela estava mais uma vez alta, imponente e digna.

— Sarek está no laboratório de computação, - Amanda disse a Spock,

— ajudando uma tripulante a se preparar para seu exame de astrofísica.

— Eu sei, - Spock disse. Era uma coisa que ele compreendia que seus pais tinham em comum. Ambos eram professores. Dê a um deles um estudante sequioso e Sarek ou Amanda iriam trabalhar pacientemente por horas, em perfeito contentamento.

Enquanto Spock e Amanda deixavam a sala de exercícios, ela perguntou: — Suponho que você já tenha checado se há um meio de chegarmos a Coriolanus como planejado?

— Não há.

Amanda sorriu para seu filho. — Então devemos simplesmente aproveitar uma breve extensão de suas férias conosco. Por que a *Enterprise* teve sua rota refeita?

Quando Spock explicou a crise médica, ela ponderou: — Especialistas em medicina inter-espécies? Spock, o que está errado?

— Uma epidemia. O Dr. McCoy informará o pessoal de comando em quarenta e um ponto sete minutos.

— Muito bem, - disse Amanda. — Eu enviarei as notícias de nosso atraso para Coriolanus. Não há razão para perturbar seu pai antes de sabermos mais.

A mãe de Spock não era telepata, mas vivendo em Vulcano ela aprendera a impedir a transmissão de suas emoções para todos que estivessem em sua proximidade.

Mesmo assim, enquanto Spock sentia seus escudos mentais o deixarem de fora, ele sabia exatamente o que ela deveria estar sentindo.

A intermistura de espécies, pessoas vivendo em planetas dos quais não eram nativos, vivendo mesmo em ambientes artificiais de naves ou bases estelares, ainda era alguma coisa nova na história da vida inteligente desta galáxia. Ninguém poderia prever os efeitos de longa duração, muitos deles apenas agora começando a mostrar-se.

A própria mãe de Spock, hoje a imagem da saúde, estivera morrendo de xenosis degenerativa há apenas alguns meses, uma condição associada com o abandono de sua Terra nativa e a vida por muito anos em Vulcano. As causas precisas da doença não eram completamente compreendidas, mas ao

menos havia um tratamento. Amanda havia sido curada - permanentemente, eles esperavam - por Sorel e Corrigan, os brilhantes médicos vulcano e humano.

Spock conheceu o *healer* vulcano e o médico humano por toda sua vida, porque ele, o primeiro híbrido de vulcano e humano, fora a causa de seu primeiro trabalho conjunto. Eles, como Spock, como seus pais, como a Federação e a Frota Estelar, eram exemplos do que poderia ser alcançado quando espécies inteligentes aprendiam a trabalhar juntas e alegrar-se com suas diferenças.

Mas muito freqüentemente parecia que a natureza objetava. Quantas vezes a *Enterprise* encontrara postos avançados vazios, como Psi 2000, onde todo o grupo de pesquisa enlouquecera, matando uns aos outros e a si mesmos? Quando o vírus que destruíra o grupo de pesquisa foi acidentalmente trazido a bordo da *Enterprise*, parecera, por um momento, que eles nunca deveriam ter ido tão longe dos mundos onde a natureza os colocara a princípio.

Mas a engenhosidade da tripulação da *Enterprise* os salvara daquela vez e em todas as outras vezes... até agora. Essa tripulação vinha de todas as partes da Federação.

O silêncio entre mãe e filho durou por toda a extensão do corredor . Entretanto, quando alcançaram o turboelevador, Amanda parou, dizendo: — Spock... você está preocupado.

— Preocupar-se é ilógico, - ele replicou automaticamente.

Sua mãe se virou para encará-lo, impedindo sua passagem e ficando fora do alcance dos sensores das portas do elevador. Ela lhe ofereceu um sorriso de compreensão. — Interessado, então. Mas com especialistas médicos de toda a Federação, com certeza essa peste será rapidamente contida.

— Mãe, - ele lembrou-a, — Nisus já *tem* especialistas de toda a Federação e alguns de fora dela. Até mesmos cientistas klingons e órions são parte do esforço de cooperação lá, assim como pesquisadores de cada ramo de cultura da Federação.

— Eu sei, - Amanda replicou. — Nisus existe há três gerações; eu me lembro de aprender sobre ela na escola, quando era uma garotinha na Terra. "O melhor exemplo na galáxia de cooperação entre espécies de vida inteligente". Houve um tempo em que pensei que poderia me voluntariar para pesquisa lingüística em Nisus; os efeitos de tal variedade de línguas faladas em uma pequena área - mas então encontrei seu pai... e decidi praticar uma forma diferente de cooperação entre espécies de vida inteligente.

Ele sabia que ela queria arrancar um sorriso dele - essa sua declaração

facilmente conseguiria um de Sarek. Mas a mente de Spock estava nas conexões que Amanda se recusava a fazer: os cientistas de Nisus não podiam parar a epidemia - porque, provavelmente, era seu próprio trabalho que a provocara, sua cooperação entre espécies que a espalhara.

Ao menos, o conceito de tolerância era universal entre as espécies inteligentes que haviam alcançada um certo nível de civilização, embora algumas o praticassem com mais diligência do que outras. Spock, criado em Vulcano, conhecia o ideal como IDIC, Infinita Diversidade em Infinitas Combinações.

IDIC era um conceito sagrado em Vulcano - ainda assim a lógica exigia o reconhecimento do fato. Parecia que, como a natureza atacara a mãe de Spock por ousar viver onde humanos nunca deveriam ir, agora os cientistas de Nisus estavam sofrendo por viver o ideal da IDIC.

Dados insuficientes para formar uma hipótese, Spock disse a si mesmo. Certamente, como acontecera com sua mãe, a sabedoria combinada de vários mundos se uniria para preservar Nisus.

QUATRO

O *healer* Sorel saiu de uma cirurgia e voltou a seu consultório na Academia Vulcana de Ciências. Ele tinha mais dois pacientes marcados para este dia: T'Kar e sua filha T'Pina, para exames de rotina antes de deixarem Vulcano e retornarem à colônia científica em Nisus.

Mal chegou à porta da área de recepção e seu *bip* soou. Ele entrou, perguntando a T'Sel: — Por que você está me chamando?

— A Central Espacial de Vulcano deseja lhe falar.

— A Central Espacial? Vou atender no meu consultório.

Todos os vulcanos praticavam o controle emocional, mas agora Sorel sabia, por longa experiência, o que lhe fora dito por seu mestre muitos anos atrás: — Um *healer*, - seu mestre-professor Svan explicara, — é um paradoxo. Enquanto ele deve manter um controle emocional maior do que qualquer vulcano, para o bem de seus pacientes e sua própria sanidade, ele também escolheu uma profissão que, mais do que todas as outras, provoca a universal fraqueza vulcana: curiosidade.

Quando alcançou o terminal em seu consultório, Sorel estava quase consumido por ela. Sua filha estava a salvo em casa agora; não havia nenhum membro de sua família fora do planeta. Portanto sua curiosidade não estava misturada com preocupação enquanto ele imaginava o que a Central Espacial poderia querer com ele.

No momento em que pressionou o botão, sua tela foi preenchida com a imagem de um humano em uniforme de comodoro da Frota Estelar. — Saudações, *Healer*. Eu sou Vincent Bright, diretor das atividades da Frota Estelar neste setor. A Central Espacial de Vulcano está transmitindo esta mensagem para o senhor. O Comando da Frota solicita a sua ajuda e a de seu associado, Dr. Daniel Corrigan.

Muitos anos de prática automaticamente suprimiram a preocupação de Sorel de que a *Enterprise*, que deixara Vulcano há apenas dois dias, tivesse uma emergência médica. Se o Dr. Leonard McCoy, cujas habilidades ele conhecera e aprendera a respeitar recentemente, precisasse pedir ajuda, a situação seria mesmo calamitosa.

Com a mais completa calma ele respondeu: — Estou aqui para servir, Comodoro. Que ajuda a Frota Estelar procura?

— Há uma epidemia fora de controle na colônia científica em Nisus. Os residentes solicitam pessoal médico com conhecimento em medicina interespécies. O senhor e o Dr. Corrigan foram especificamente citados no

pedido, assim como sua filha, a xenobióloga T'Mir. A *USS Enterprise* retornará a Vulcano para buscar vocês em dois ponto sete dias. Pode contatar todo o pessoal médico vulcano que a Frota requisitou, com a exceção de Lady T'Mir e Dr. Corrigan. O senhor sabe suas localizações?

— Eu sei.

— Excelente. Por favor, me dê seus códigos de comunicação.

— Isso não é possível, - Sorel respondeu.

— O quê? Tem que ser possível! Corrigan é um médico; ele deve ser encontrado em emergências. E certamente o senhor pode contatar sua filha.

— Ela e o Dr. Corrigan se casaram recentemente, - Sorel replicou. -Eles estão em Retiro.

— O senhor quer dizer em lua-de-mel?

Alguém fora da tela agarrou o braço de Bright e puxou-o. Ele afastou quem quer que fosse com irritação. — Eu temo que essa emergência tenha...

A mão estava de volta ao braço de Bright, seguida de um corpo em uniforme azul da Frota Estelar. Era uma humana, de meia idade, usando insígnia de comandante. Uma oficial de protocolo, Sorel julgou enquanto observava impassível, usando seu controle mais forte para encobrir um divertimento inapropriado.

— Comodoro! - A mulher sussurrou secamente, afastando Bright de seu terminal. — Nada tem precedência quando vulcanos casados estão em Retiro!

Sorel, acostumado há muitos anos a julgar habilidades humanas por Corrigan, compreendeu que um humano não poderia ter ouvido o comentário da mulher.

Bright franziu a testa para ela. — Droga, Srta. Frazer! Eu não me importo que planeta é esse, férias não tem precedência sobre emergências médicas!

— Isso não é... - Ela deu uma olhada rápida para a tela, possivelmente se lembrando da audição vulcana, porque arrastou Bright para fora do campo de visão de Sorel.

O *healer* não pode mais ouvir suas palavras, mas depois de uma pausa, ele escutou o protesto exaltado de Bright: — Mas esse Corrigan é *humano!*

A insensibilidade do homem irritou a Srta. Frazer o bastante para fazê-la altear a voz, pois Sorel entreouviu seu sussurro raivoso: — Nós não sabemos *nada* sobre como essas coisas afetam *mulheres* vulcanas, senhor! E com vulcanos, quando se refere a biologia, *não se pergunta!*

Então as duas vozes ficaram baixas demais para que pudesse ouvi-las, embora houvesse um sussurro suave enquanto palavras eram rapidamente trocadas.

Finalmente o Comodoro Bright apareceu na tela de novo, com o rosto vermelho e suado. Ele tossiu para limpar a garganta. — Há algum modo de enviar uma mensagem para o Dr. Corrigan e Lady T'Mir?

Nisus, uma colônia com os melhores cientistas que a galáxia tinha para oferecer, só pediria ajuda médica na maior das emergências. Então: — Sim, - Sorel respondeu. — Eu posso fazer isso. E, - completou, — Daniel e T'Mir podem viajar em dois dias, se a situação assim o exigir.

— Obrigado, - Bright disse com óbvio alívio. — Se o senhor colocar seu terminal para registrar, eu lhe enviarei as informações que temos sobre a peste em Nisus.

As telas de dados piscaram rápido demais até mesmo para um vulcano acompanhar, mas a última permaneceu por um momento, marcando a fogo o cérebro de Sorel.

As cifras de mortalidade.

Rapidamente, chamou um resumo sobre a doença e seu padrão de disseminação. O que viu lhe disse por que ele e Daniel eram necessários.

Quando o Comodoro Bright reapareceu na tela, Sorel disse: — Nós iremos, Comodoro. Nesta situação eu posso falar por meu sócio. Embora não possa falar por minha filha, espero que ela se sinta honrada por ser requisitada. Eu irei verificar com eles e o notificarei dentro de uma hora.

— Obrigado, - Bright repetiu e deu a Sorel seu código de comunicação.

Não havia, é claro, nenhuma razão biológica para Daniel e T'Mir estarem em Retiro, mas Sorel não tinha nenhuma intenção de esclarecer isso àquele humano intrometido. Ele duvidava que alguém assim pudesse compreender os imperativos da privacidade e da tradição. Logo que o Comodoro desapareceu da tela, o *healer* introduziu o código da casa de seu sócio, junto com a seqüência de supressão de privacidade que apenas ele conhecia.

CINCO

Korsal dividia um quarto na ala de isolamento do hospital de Nisus com Therian, o epidemiologista andoriano. Normalmente cada paciente teria seu próprio quarto nessa área, mas o hospital estava tão cheio que apenas os doentes em estado crítico eram colocados em quartos particulares.

Os dois homens haviam requisitado terminais de computador e passaram dois dias tentando manter suas mentes longe do perigo que corriam, acompanhando o progresso da peste. Korsal tirou a ameaça de Borth de sua consciência e concentrou-se em ajudar Therian na busca de pistas da causa da mutação do vírus.

A pele azul do andoriano estava pálida de cansaço; nenhum dos dois homens conseguira dormir. O período de incubação estava quase acabando, mostrando que este novo tipo seguia o padrão do antigo ao menos nisso. O Dr. Treadwell começara a exibir os novos sintomas no dia anterior - mas como médico, ele estivera em contato com outras vítimas antes do encontro do Conselho e, acreditando-se imune, poderia não ter tomado todas as precauções. A exausta equipe do hospital havia lhe dito que o médico humano não ferira ninguém e que agora estava em estado crítico. Assim como Keski.

Therian entrava com os dados de cada novo caso informado, suas antenas parecendo murchar quando mais casos de loucura e menos de febre e dor de cabeça apareciam. Ele imprimiu tudo em gráficos que não significavam nada para Korsal.

— Eles não significam nada para mim também, - Therian disse tristemente. — Não consigo encontrar um fator comum de raça, idade, localização ou doença anterior. Olhe, - ele acrescentou, tirando um disco de dados de seu computador e entregando-o a Korsal, — por favor, cheque a matemática disso, enquanto eu tento alguma outra coisa.

Korsal inseriu o disco em seu próprio terminal e começou a calcular as equações, sabendo que uma vez mais Therian estaria certo.

O andoriano, enquanto isso, pediu ao computador do hospital os registros familiares de todas as vítimas da última variedade. Então, como um pensamento em seqüência, ele pediu estatísticas familiares de todos que tinham *qualquer* variedade da doença. Logo estava ocupado calculando de novo.

O comunicador quarto-a-quarto tocou. Korsal, que vira que os gráficos de Therian eram tão acurados quanto esperara, tocou o botão. — Fala Korsal.

A imagem de Rita Esposito apareceu na tela. — Más notícias, eu temo.

Therian deixou seu trabalho para ficar ao lado de Korsal. — Mais vítimas?

— Sem fim, - ela replicou. — John Treadwell acabou de morrer. Keski entrou em falha sistêmica e está em suporte de vida total.

— Alguém já se recuperou desta nova variedade? - Therian perguntou.

Esposito afastou os olhos da tela. Ela era enfermeira do andar; Korsal tinha certeza de que ela estava recebendo informes regulares de seus amigos da equipe. Então ela voltou a olhá-los e respondeu: — Alguns casos estão listados como críticos mas estáveis. Ninguém saiu da lista crítica.

— Obrigado por nos deixar saber, - disse Korsal. — Alguém mais do Conselho já...

Ela balançou a cabeça. — As próximas seis horas são cruciais. Que Deus nos ajude a todos.

A tela ficou limpa. Therian virou-se, suas antenas tão baixas que quase desapareciam em seu cabelo branco e fofo.

— Todos os seus cálculos estão corretos, - Korsal disse na tentativa de encorajá-lo.

— Mas sem significado! - Therian replicou. — Por que não posso encontrar um padrão?

— Tem de haver um, - Korsal disse. Como engenheiro, ele acreditava em padrões. — Nós apenas não encontramos o fator-chave ainda.

Therian produziu um som sibilante, o equivalente andoriano para um suspiro. — Vamos ver o que acontece quando eu acrescento os dados de família às equações.

Korsal observou enquanto Therian programava suas instruções e o computador as executava. Estava lento hoje; monitorando dezenas de pessoas em suporte de vida, mantendo registros do maior número de pacientes que o hospital já recebera, tinha realmente um pequeno lapso entre a entrada ou pedido e o surgimento dos itens solicitados na tela.

Finalmente os resultados começaram a aparecer. O tamanho da família não era significativo, nem as idades de seus membros. Nenhuma área da cidade produziu mais casos *per capita*, exceto pelo complexo hospitalar...

— Compute de acordo com a ocupação, - Therian instruiu.

Korsal estudou os dados aparecendo na tela. Nada de novo; o maior percentual de vítimas estava entre médicos e enfermeiras, expostos aos pacientes a despeito de todos os procedimentos anti-séptico. O segundo maior grupo era de estudantes e professores - o curso perfeitamente comum de qualquer epidemia em qualquer planeta.

— Agora calcule apenas para vítimas das variedades B e C, - Therian

disse à máquina.

Os cálculos não disseram nada a Korsal. Havia menos estudantes e professores porque as escolas tinham sido fechadas; no entanto parecia haver pouca diferença entre os gráficos.

Therian puxou uma de suas antenas - um ato que machucava esse órgão sensível, indicando o grau de frustração que o andoriano experimentava. — Pegue cada fator individual nos arquivos de dados das vítimas, - ele instruiu o computador, — e calcule-os separadamente.

— Falta memória, - o computador anunciou. — Programação sobrecarregada. Tempo para completar programa sob atuais condições é de três horas, catorze ponto sete três minutos.

Korsal estimou que este programa deveria rodar em minutos, não horas; o computador do hospital *estava* realmente sobrecarregado.

—Deixe-me conseguir uma ligação com o computador do laboratório de engenharia, - ele sugeriu.

— Vá em frente, - disse Therian, — mas vou começar este programa de qualquer jeito; pode facilmente demorar três horas para chegar ao computador do seu laboratório.

Isso era verdade. Ainda assim Korsal chamou seus colegas e começou o processo de comunicação através de seu terminal. Depois virou-se para ver o que Therian estava fazendo.

O programa estava rodando, mas tão devagar que cada linha podia ser vista entrando e subindo pela tela até desaparecer no topo. Therian as estudava enquanto passavam, e Korsal não interrompeu sua concentração.

Logo conseguiu a conexão com o computador de seu laboratório e passou a introduzir as mudanças necessárias para adaptar o terminal do hospital para trabalhar com ele.

— Grande Mãe Andor!

Korsal foi arrancado de sua concentração pela exclamação de Therian.

Ele virou-se para encontrar o andoriano fitando intensamente as linhas que passavam pela tela de seu computador, suas antenas se levantando, quase completamente eretas sobre sua cabeça. — São as crianças! - Therian engasgou. Então, quase um soluço, — Oh, Grande Mãe, são as *crianças!*

— Que crianças? - Korsal perguntou, indo para onde poderia ler a tela. Therian virou-se para ele, dentes à mostra. — Não! - Ele gritou. — Seu traidor, duas vezes você dessacralizou a pureza das espécies como a Grande Mãe nos fez! Não mais! *Não mais!*

— Therian, é a peste, - Korsal disse suavemente, afastando-se da fúria do andoriano. Manteve as mãos levantadas, palmas abertas, esperando que Therian reconhecesse que ele não estava atacando. - Você está doente,

Therian. Deixe-me chamar...

— *Laskodor!* - Therian cuspiu. — Sedutor da Filha! Destruidor de Crianças!

O quarto era monitorado por nível de som, Korsal não teve que pedir ajuda; os gritos de Therian já haviam colocado os auxiliares a caminho. Ele podia ouvir seus passos apressados no corredor, mas Therian estava avançando para sua garganta!

O andoriano era muito menos forte que um klingon, mas a raiva da loucura dava força extra ao esbelto corpo de Therian. Tentando não machucá-lo, Korsal empurrou-o, mas os braços finos esticaram-se para agarrar sua garganta.

Korsal lutou, dobrando os dedos de Therian para trás, mas as juntas andorianas dobravam-se naturalmente deste jeito! Ele iria desmaiar logo! Onde estavam esses auxiliares?!

Colocando seus cotovelos sob os braços de Therian, Korsal afastou as mãos do andoriano, jogando-o de costas contra os dois auxiliares em roupas de proteção que entravam pela porta.

Therian bateu neles, estremeceu sem uma palavra e jogou-se contra Korsal de novo.

O klingon agarrou-o pelos braços e começou a virá-lo para os auxiliares quando o andoriano ficou flácido. — Ele desmaiou, - disse, levantando a forma leve e colocando-a na cama de Therian. — Melhor pegar uma *gurney*.

Um dos auxiliares saiu, mas o outro ligou o mostrador de funções vitais sobre a cama. Nenhum dos indicadores se moveu, exceto um para temperatura do corpo. Ele subiu, mas então começou a cair lentamente.

— Ele está morto, - disse o auxiliar, sua voz abafada pela roupa.

— Não pode! - Korsal exclamou. — Chame o suporte de vida! Não, eu vou... você o ressuscita!

— Senhor, - o auxiliar disse, — ele é um andoriano. Não pode ser ressuscitado.

Korsal nunca soube se isso era um fato da biologia andoriana ou um de seus dogmas religiosos. De qualquer jeito, não havia nada que ele pudesse fazer; Therian se fora.

Ele se sentou abandonado em sua própria cama enquanto o auxiliar retirava o corpo.

Morto. E seu conhecimento com ele.

Ou havia sido apenas loucura?

Korsal olhou para a tela do computador de Therian, onde as linhas de dados ainda subiam obedientemente e desapareciam. O que quer que o epidemiologista tivesse visto, já passara há muito tempo, e Korsal não tinha

nenhum meio para determinar qual das linhas chamar de volta.

Fora apenas a loucura que fizera Therian achar que encontrara a resposta? Ou a tela realmente dera à sua mente estatística a pista sobre a mutação da peste - uma pista que de algum modo envolvia as crianças de Nisus?

SEIS

As pacientes de Sorel foram pontuais. Fisicamente, tanto T'Kar quanto T'Pina estavam em perfeita saúde.

— Têm certeza de que é sábio retornar a Nisus agora? - Perguntou Sorel às duas mulheres. - Vocês não tem família lá...

— É nosso lar, - T'Kar replicou com uma serenidade que Sorel invejaria, caso se permitisse tal emoção. T'Kar retornara a Vulcano dois meses antes, para entregar o *katra* de seu marido a seus ancestrais, como era o modo vulcano.

— Nisus é o único lar do qual posso me lembrar, - T'Pina acrescentou. — Agora que completei minha educação, estou ansiosa para começar a trabalhar.

— Mas vocês se exporão desnecessariamente a uma doença mortal, - Sorel lembrou-as. — Certamente a epidemia estará sob controle quando outro transporte estiver disponível.

— Eu sou enfermeira, - T'Kar replicou. — Enfermeiras são desesperadamente necessárias. Você próprio não recusou o pedido de ajuda de Nisus, *Healer*.

— Então essa informação já é pública, - ele comentou.

— Sorn me disse, - explicou T'Pina. — Ele também tentou me persuadir a não ir para casa.

— Sorn desejaria que T'Pina não retornasse a Nisus nunca mais, - disse sua mãe, — mas sua família não me contatou.

Sorel compreendeu o aviso silencioso para a jovem. Ele não conhecia Sorn, mas deduziu que o rapaz deveria ser de uma das famílias vulcanas que tomavam muito cuidado com quem se uniam.

T'Kar e seu marido vinham de Antigas Famílias - daquelas que podiam traçar seus ancestrais até os seguidores originais do filósofo Surak.

Sua filha, entretanto, era adotada.

T'Pina fora uma das únicas vinte e quatro crianças que sobreviveram ao ataque da Colônia Vulcana Cinco. Ninguém mais vivia lá, porque Vulcano tinha outros mundos coloniais mais afastados da Zona Neutra Romulana.

Fora aceito que os romulanos destruíram a colônia, que durara poucos anos e com apenas setecentas pessoas, mas não havia como prová-lo. A colônia estava tão longe das rotas espaciais regulares que seu pedido de socorro só alcançou a Frota Estelar mais de um dia depois do ataque. Quando finalmente uma nave estelar chegou, nada mais encontrou senão devastação e vinte e quatro crianças menores de três anos.

Todos os adultos e as crianças mais velhas estavam mortos e todos os prédios destruídos, assim como todos os registros. As outras crianças foram identificadas por sondas de retina, mas uma menina com poucos dias de idade não tivera seu nascimento registrado. Nenhuma das outras crianças soube dizer quem eram seus pais, e então ninguém soube a qual família vulcana ela pertencia.

T'Kar e Sevel não se importaram. Não tendo seus próprios filhos, eles adotaram alegremente a garotinha e a levaram com eles para Nisus. Ela cresceu brilhante e saudável, conquistando seu próprio lugar em Nisus ao graduar-se como a primeira de sua turma na Academia Vulcana de Ciências.

Tudo isso estava nos registros médicos de T'Pina. O que os registros não mostravam era a serenidade da jovem, tão parecida com a da mãe. Podia não haver laços de sangue entre elas, mas os elos entre mãe e filha eram mais fortes do que entre muitos pais e filhos "naturais".

Sorel achava o julgamento a partir de laços sangüíneos uma atitude bem incompreensível. Poucos vulcanos eram incapazes de alegrar-se com as diferenças entre as pessoas, como Surak ensinara. Infelizmente esses poucos podiam causar grandes estragos. Ele se recordou da tentativa real de Sendet em quebrar o elo entre Daniel e T'Mir, e lembrou-se pela primeira vez de que o rapaz estaria a bordo da *Enterprise*. Esperava que o Capitão Kirk estivesse transportando Sendet e todo seu bando em celas!

Suprimindo o pensamento indigno, Sorel voltou ao assunto Nisus. — Daniel e eu fomos requisitados; mas temos experiência em tratar não apenas vulcanos e humanos, como muitas outras espécies inteligentes aqui na Academia.

— Nossos amigos estão em Nisus, - disse T'Kar. — Não podemos ficar aqui quando todos são necessários para cuidar dos doentes, mesmo para manter a usina de força e os campos cuidados!

T'Pina acrescentou: — *Healer*, a auto-suficiência de Nisus pode ser destruída. Ou a colônia pode morrer, pela falta de um par de mãos interessadas.

— Por causa de uma unha, se perdeu o sapato, - Sorel disse sem pensar. T'Kar olhou-o com curiosidade, mas T'Pina concordou. — Por causa de uma ferradura, perdeu-se o cavalo. É um ditado da Terra, mãe. Eu o aprendi de alguns humanos aqui na Academia.

— E eu o aprendi com Daniel Corrigan, - disse Sorel. - Trata-se das conseqüências extremas de eventos que parecem triviais; eventualmente um reino se perde por causa de uma unha, um pequeno item quase sem valor. Mas pessoas não são pequenas nem sem valor, T'Pina.

— Exatamente por isso não podemos deixar que mais nenhuma se perca.

— Eu concordo, - acrescentou T'Kar. — *Healer*, lógica não se aplica. Não há como saber se nossa volta a Nisus significará ajuda o bastante para vencer a peste, ou nossas próprias mortes. Nós compreendemos que a doença é cada vez mais contagiosa, mas Nisus está tomando precauções extremas para evitar seu avanço. Para salvar nosso lar e nossos amigos, nós aceitamos o risco.

— Então eu não farei mais nenhuma tentativa de dissuadir vocês, - disse Sorel, admirando sua coragem. — T'Par está esperando para fazer o teste final em sua cura psicológica.

As sobrelhas de T'Kar se ergueram: — Não você, *Healer*?

Então, ela não sabia. Provavelmente T'Pina sim; aqueles que conheciam o funcionamento das câmaras de *stasis* poderiam deduzir que apenas o tempo iria curar o elo quebrado de Sorel.

— Eu sofro da mesma dor da qual você está se recuperando, ele disse sem expressão. — Entretanto, minha esposa me foi tirada inesperadamente, nosso elo despedaçado de repente. Eu não pude retornar seu *katra* aos seus ancestrais.

T'Kar empalideceu de modo visível, mas a causa era por certo suficiente. Embora ela houvesse completado o ciclo do luto, e Sorel tinha certeza de que T'Par a encontraria curada, ela compreendia de um modo que sua filha sem elo ainda não podia.

Alguns vulcanos nunca se recuperavam de uma dor como a de Sorel; às vezes ele tinha que se forçar a viver dia após dia, seu único objetivo em seu trabalho. Ele lembrava a si mesmo que T'Zan insistiria para que ele continuasse, mas isto se tornava cada vez mais difícil. Colocava toda sua energia na rotina do hospital, resistindo em voltar para a casa vazia que uma vez haviam partilhado.

A missão em Nisus era bem-vinda para Sorel. Depois da morte de T'Zan, Leonard McCoy sugerira que ele saísse de Vulcano durante algum tempo, mas não tivera nenhum motivo então. Ele não queria que T'Kar fosse para Nisus pela mesma razão que ele ia: para sentir que sua vida valia algo, mesmo que morresse por isso.

Chocado, viu nos olhos de T'Kar que ela compreendia seus motivos. Eram olhos azuis, raros entre vulcanos, e que dificilmente escondiam as emoções. Haviam dito a Sorel que seus próprios olhos negros eram ilegíveis; ainda assim T'Kar, que mal o conhecia, havia entendido seus sentimentos tão facilmente quanto Daniel o fazia. Mas seu sócio o conhecia há quarenta anos e, sendo humano, estava sempre alerta para sinais de emoção.

Ele viu simpatia nos olhos de T'Kar. Então ela baixou a vista, seus cílios escondendo o entendimento imprudente. — Nós compreendemos, *Healer*, -

ela disse formalmente, e sofremos contigo. Venha, T'Pina. T'Par está esperando.

SETE

Antes que alcançassem a órbita de Vulcano, o Capitão James T. Kirk chamou Sendet e Satat à sala de reunião da *Enterprise*. — Cavalheiros, - disse, — nós discordamos sobre uma galáxia de coisas, mas acredito que temos algo em comum. Se eu dou minha palavra a um homem, ele pode contar com ela. Isso também não é verdade para vocês?

— Sim, é, - Satat replicou cautelosamente.

— Muito bem, então. Vou lhes explicar nossa emergência e pedir sua palavra de que não causarão problemas enquanto estivermos transportando pessoal médico para Nisus.

— Nisus? - Perguntou Satat. — Eu tenho parentes distantes lá - Sem e T'Pren e suas crianças.

— Sinto muito. Há uma crise médica na colônia científica, - Kirk explicou. — É uma doença, uma epidemia, se espalhando e sofrendo mutações. Nenhuma raça parece ser imune a ela e algumas variedades são fatais. A *Enterprise* transportará ajuda médica.

— E claro que não interferiremos, Capitão, - disse Satat.

— Sendet? - perguntou Kirk. — Você deve saber que Sorel e Corrigan, e a esposa de Corrigan, T'Mir, estarão a bordo.

O jovem vulcano sacudiu os ombros. Suas feições aristocráticas transformaram-se numa careta de desdém diante da pergunta desnecessária de Kirk. — Não posso aprovar a escolha que T'Mir fez para marido, - ele replicou, — mas eu nunca atrapalharia uma missão médica.

— Bom. Satat, por favor, informe aos outros de seu grupo.

— Certamente, e eu posso falar por todos os Seguidores de T'Vet neste assunto. Nós desejamos manter as antigas forças de Vulcano, mas não somos bárbaros, Capitão. Não só não interferiremos de nenhum modo, como se pudermos ajudar, por favor sinta-se livre para nos chamar.

— Bem, - pensou Kirk enquanto deixava a sala de reuniões em direção à enfermaria, — *isso foi mesmo mais fácil do que eu esperava!*

Seu encontro com McCoy, entretanto, não foi tão satisfatório. As olheiras do médico mostravam que ele passara uma noite sem dormir. Spock estava com ele, analisando dados no computador da enfermaria.

Eles deixaram o vulcano absorvido com seu trabalho e foram para outra sala. — Acabamos de receber novas informações, Jim, - disse McCoy. — São ruins.

— Outra mutação?

— Provavelmente não - apenas, eles descobriram que anti-corpos da primeira variedade da peste não dão imunidade à terceira. Eles saberão em alguns dias se ter tido a segunda variedade protege da terceira. Agora mesmo todo o Conselho de Nisus está em isolamento.

— O que aconteceu?

— Todos no Conselho já tiveram um dos dois primeiros tipos da doença, então, acharam seguro reunir-se. Deveriam ter usado o comunicador.

— E? - Kirk insistiu.

— Depois de mandarem o chamado para a Frota, eles voltaram a outros assuntos e o representante lemnoriano ficou furioso - primeiro sintoma da mutação mais recente da peste. Ele já havia tido a primeira variedade; agora todos no Conselho foram expostos à terceira. Spock está refazendo seus cálculos com os novos dados. Eles nos mandaram análises de amostras das vítimas com a nova mutação, mas...

— ... mas nós poderemos querer fazer novos testes quando chegarmos, - ouviu-se a voz de Spock atrás de Kirk. O vulcano se juntou a eles, acrescentando: — Até agora, não encontrei nenhuma pista nos novos dados, e apenas o tempo nos dará mais informações.

— E vocês dois querem descer àquele planeta e recolher pessoalmente esses dados, - observou Kirk. Então, sabendo que ambos estavam frustrados, mesmo que McCoy fosse o único a admitir isso, ele completou: — Sabem, numa situação dessas, Magro, Spock, vocês dois são igualzinhos!

Como ele esperava, seus amigos não puderam resistir à isca. Spock e McCoy entreolharam-se e depois se viraram para Kirk, dizendo em sincronia perfeita: — Realmente, Capitão, não vejo motivo para ser insultado.

Kirk sorriu: havia conseguido quebrar a tensão. Mas sua alegria foi breve. — Espere só um pouco! Spock, as ordens da Frota não incluem você, medicina não é sua especialidade.

— Pesquisa é, - o vulcano replicou. — E quem manterá o Dr. McCoy trabalhando logicamente, se eu não o acompanhar?

— Lógica não é a resposta, Spock, - McCoy respondeu. — Nisus está cheia de vulcanos e *elas* não encontraram a cura. O que estão precisando é da experiência e intuição humana de uns poucos médicos do interior!

— Neste caso, - Spock disse com dignidade inabalável, — eu retornarei ao meu posto e deixarei *você* analisar os dados. - E saiu da enfermaria.

McCoy viu-o partir sem protestar. — Isso significa que ele tem certeza de que a chave não está nos novos dados. Droga! - Apanhou café para ambos. Depois de tomar um gole, admitiu: — Jim, eu bem que poderia usar a ajuda de Spock em Nisus.

— Desculpe, Magro, meses podem passar antes que esta peste esteja sob

controle, antes que possamos voltar para buscá-lo. - Ele se recusava a manifestar seu medo de que McCoy pudesse cair vítima desse organismo que vencia todos os esforços de quarentena. — Já estou perdendo meu Médico Chefe: não posso desistir do meu Oficial de Ciências também.

— É, - McCoy disse tristemente. — Eu sei.

— Você terá bastantes vulcanos com quem trabalhar. E quanto a Sorel e Corrigan? Você com certeza se deu bem com eles em Vulcano.

— Certo, - o médico disse. — Nós descobriremos a causa desta doença, Jim, e isso nos dará a cura. — Ele fez uma pausa, então acrescentou com um sorriso abatido: — Além disso, eu *tenho* que encontrá-la depressa e voltar à bordo antes que Chapei rearrume a minha enfermaria de jeito que eu não encontre mais nada.

OITO

Korsal deixou o hospital sentindo-se mais sozinho do que quando chegara a Nisus. Ao contrário dos outros cientistas klingons envolvidos no projeto de cooperação científica, ele encontrara um lar ali.

Em seu planeta natal ele fora um desajustado. Miopia e astigmatismo impediram seu progresso na carreira militar. Podia enxergar bastante bem usando óculos de lentes grossas, mas um inimigo perceberia imediatamente que ficaria cego sem eles. Portanto, nunca tinha passado do tempo mínimo de serviço exigido no posto mais baixo.

Todavia, Korsal ficou satisfeito com isso. Seus interesses sempre estiveram em pesquisa e tecnologia, particularmente engenharia, onde ele podia aplicar as teorias que o fascinavam. Aproveitou o direito de educação básica conseguido em seu tempo de serviço militar para sobressair-se como estudante. Primeiro de sua turma, foi admitido na Academia de Engenharia de seu planeta, onde continuou a sobrepujar intelectualmente seus colegas.

Com o entusiástico encorajamento de seu pai, seus irmãos subiram lentamente na hierarquia militar. Korsal, enquanto isso, absorveu todo o conhecimento disponível na Academia e foi escolhido para estudar em Klinzhai, na mais importante universidade do Império. Seu pai resmungou uma aprovação. — Se você não pode ter sucesso na carreira militar, pode muito bem fazer alguma coisa de útil.

Alguma coisa de útil era exatamente o que Korsal desejava fazer e encontrou sua oportunidade em Klinzhai. Estudou e construiu. Inventou um antena que captava mensagens sub-espaciais de uma distância duas vezes maior do que era possível antes e que eliminava as distorções causadas por tempestades iônicas. Passou de estudante a professor. Eventualmente, a despeito dos atrasos causados por manobras políticas, ou melhor, por sua recusa em participar delas, tomou-se o mais jovem mestre nos registros.

Mas a carreira científica de Korsal lhe trouxe pouca fama e glória, porque ele não tinha interesse em desenhar armamentos. Seus colegas julgavam suas atitudes incompreensíveis.

Estava cansado de lhe perguntarem: — Você não acredita no Jogo Perpétuo?

— Só quando eu puder sair deste universo para ter perspectiva, — respondia, — saberei se existe um Jogo Perpétuo. Tudo que se pode saber com certeza é que *neste* mundo o único jogo é o Jogo Reflexivo.

A forma Reflexiva do *klin zha* era jogada com apenas um conjunto de

peças, o homem e seu inimigo como um só. Era o melhor jogo do maior do estrategista klingon. E ainda assim poucos se permitiam admitir que representava a futilidade da guerra. Era o jogo da entropia em que ambos os lados perdiam, porque no fim o vencedor triunfava sobre um tabuleiro vazio.

Em uma sociedade baseada na guerra, a atitude de Korsal não lhe trazia muitos amigos. Assim, quando chegou o convite para que cientistas klingons se juntassem aos da Federação a fim de trocar conhecimentos em Nisus, Korsal foi um dos primeiros a se oferecer. Não havia nenhuma razão para que não o deixassem ir. Ele podia não ser um entusiasmado inventor de tecnologia militar, mas certamente não era um traidor.

Era, para o modo de pensar klingon, um ninguém.

A família de Korsal não pertencia à raça imperial, nem nenhum de seus membros tivera grande distinção. Quando de sua partida para Nisus, dois de seus irmãos tinham morrido honrosamente no Serviço Espacial, e um terceiro atingira o posto de líder de esquadrão. Seu pai se orgulhava de seus filhos soldados; nunca compreendeu bem o cientista que havia gerado.

Uma das primeiras coisas que Korsal descobriu em Nisus foi que a Federação tinha um simples e indolor tratamento químico para tratar problemas de vista como o dele. Quando isto lhe foi oferecido, aceitou o risco, acreditando que a Federação não convidaria uma missão científica klingon para começar cegando um de seus membros.

Depois de um interminável teste alérgico, submeteu-se ao tratamento em um olho, e em três dias ganhou uma visão perfeita! Eles o fizeram esperar trinta dias antes de tratar o outro olho. E pela primeira vez em sua vida, Korsal acordou uma manhã para um mundo nítido, em vez do borrão que não entrava em foco até que colocasse seus óculos.

Essa foi a primeira vez que Korsal serviu de cobaia para o pessoal médico de Nisus. Agora estava fazendo isso de novo; que os resultados fossem tão bons quanto antes! O tratamento nos olhos pelo qual Korsal passara era agora uma rotina tão comum no Império Klingon quanto na Federação.

A menos que a praga tivesse um período incomumente longo de incubação em klingons, eles eram aparentemente imunes a ela. Antes de liberá-lo, os médicos tiraram o que pareceu a Korsal metade de seu sangue, a fim de estudá-lo. Agora podia ir para casa, porque até onde podiam dizer, ele não era um portador.

Mas, e se os médicos estivessem errados? E se, a despeito de todas as precauções, mesmo tendo se banhado nos mesmos raios esterilizantes que os cirurgiões usavam, ele estivesse carregando agora mesmo a doença mortal para seu lar, para sua família?

Seus filhos seriam imunes? Eles eram meio klingons, e nenhum deles contrairia nenhuma variedade da doença, ainda que frequentassem a escola todos os dias até ela ser fechada. Ele esperava que fossem imunes, que estivessem a salvo.

Mas se eles o fossem, e quanto ao plano de Borth de vender a doença para o Império Klingon?

Korsal podia defender a honra klingon até seu último suspiro, mas ele sabia tão bem quanto qualquer órion que, se um dos canais oficiais não comprasse essa arma desonrosa, não demoraria muito para que um órion esperto encontrasse alguém que o fizesse por canais não oficiais.

Sentia-se como que coagido a um jogo de *klin zha*, conhecido como a Forma Final, onde tomar uma peça do oponente não era apenas colocá-la de lado mas sim destruí-la completamente, queimar peças de madeira, esmagar ou derreter as de metal ou de pedra. Não havia vitória - quando só restava um conjunto de peças o jogo voltava a ser o Jogo Reflexivo, e os erros do jogador mais fraco resultavam na destruição das peças do jogador mais forte.

Apenas klingons, Korsal pensou, poderiam conceber tal jogo, mas apenas um órion poderia forçar um klingon a jogá-lo.

Se os bioquímicos de Nisus pudessem isolar e duplicar o fator no sangue klingon que lhes dava a imunidade...

Ele podia esperar por isso. Biologia não era seu campo, entretanto; tinha que confiar nos humanos e vulcanos que estudavam agora as amostras de seu sangue em busca de uma resposta.

A casa de Korsal ficava nos arredores da cidade. O sistema de transporte público ainda funcionava, embora ele não visse ninguém nas esteiras rolantes enquanto seguia seu caminho, passando das mais lentas para as mais rápidas. Com a prática do costume, mudava de esteiras para ser carregado pelo cinturão C, até o subúrbio onde morava.

Sua própria casa. Terra, um jardim. Isso ele nunca poderia esperar ter como cientista no Império Klingon. Seu título de mestre significava muito pouco se sua ciência não fosse estratégia militar.

Havia chovido de manhã. O ar estava fresco e úmido em suas narinas enquanto ele saltava da esteira rolante para sua vizinhança. Por todo o trajeto, apenas três solitárias figuras haviam passado por ele, em esteiras projetadas para carregar milhares. Ninguém estava nas ruas tampouco, embora algumas crianças brincassem em seus próprios jardins, limitados por cercas vivas.

Esses jardins podiam parecer normais a um primeiro olhar, exceto para um residente de Nisus. Aqui, duas meninas vulcanas brincavam sob o olhar atento de um *sehlat*. Acolá, cinco crianças hemanitas tropeçavam felizes na

grama perto de um pequeno lago. Algumas casas à frente outra criança vulcana, um menino, praticava sozinho com um *ahnwoon*, enquanto do outro lado da rua crianças caitian usavam uma gigantesca árvore como ginásio.

O estranho era que as crianças estavam confinadas ao território de suas próprias casas. Normalmente corriam pelas ruas ou se reuniam em grupos barulhentos pelos jardins. O silêncio pouco natural não melhorou em nada o humor de Korsal.

Ele alcançou sua casa e encontrou seus filhos na sala principal. Kevin, de catorze anos, estava no sofá, a testa franzida diante de um problema na tela de seu tricorder. Ele herdara os problemas de vista de seu pai, que não poderiam ser tratados antes que ele completasse dezesseis anos. Mas sabendo que poderia descartar seus óculos então, Kevin não se ressentia. Eles haviam escorregado por seu nariz e ele os empurrava de volta ao lugar, em um gesto tão familiar que fez seu pai sorrir. Korsal também notou que Kevin estava conseguindo cultivar um bigode, embora ainda não tivesse pêlo facial bastante para uma barba. Mesmo assim, sua herança humana era bem visível em sua aparência, seu cabelo castanho claro, sua pele mais clara que a de seu pai.

O outro filho de Korsal, Karl, de nove anos, jogava *klin zha* no terminal de comunicação contra um colega de escola vulcano, Sonan. Quando Korsal entrou, Kevin deixou seu tricorder de lado e se levantou, dizendo: — Pai!

Karl afastou-se de seu jogo e também se levantou: — Bem vindo ao lar, pai. Estou feliz que esteja bem. Há um recado da Srta. Torrence, pedindo que o senhor ligue para ela logo que chegar. Ela não o alcançou no hospital.

— Obrigado, Karl, - ele disse para seu filho caçula, enquanto o garoto se voltava para a tela congelada de seu jogo e desligava o contato com Sonan, para que seu pai pudesse usar o terminal.

A formalidade de seus filhos poderia ser apropriada em uma família klingon de alta posição, mas esse não era o motivo. Alguns anos atrás, ambos os meninos teriam se atirado em seus braços quando ele retornasse depois de vários dias de ausência. Kevin, porém, estava numa idade em que demonstrar afeição por seus pais era considerado embaraçoso; um estágio que adolescentes klingons e humanos apresentavam, sendo portanto perfeitamente natural para Kevin.

Korsal compreendia Kevin. Era Karl, a mesma fusão de klingon e humano, o enigma da família. Frequentemente parecia a Korsal que seu filho caçula estava tentando ao máximo se tornar um vulcano.

Normalmente Korsal teria abraçado seus filhos a despeito dos protestos, mas hoje ele não tocava nenhum membro de sua família até que tomasse um banho e trocasse de roupa. Não *acreditava* que poderia ter se contaminado

no caminho do hospital para casa, mas não podia arriscar a saúde deles.

— Onde está Seela? - perguntou, enquanto se dirigia ao terminal de comunicação.

— Foi ao mercado, - Kevin respondeu.

— Você não se ofereceu para ir? - Korsal indagou. Ele estaria igualmente preocupado se um de seus filhos se arriscasse à contaminação, mesmo que a cada dia sua imunidade à praga parecesse mais assegurada.

— Eu me ofereci, - Kevin disse. — Seela explicou que ninguém do Conselho que teve a segunda variedade da doença pegou a terceira.

Isso era verdade; Korsal tinha contado isso quando ligara para dizer que seria liberado. Seela tivera a segunda variedade da doença e se recuperara.

Kevin continuou: — Ela disse também que eu não saberia escolher a carne ou os vegetais.

— Uma triste falha em sua educação, - disse Korsal. - Seela deve ensinar a vocês dois, e vocês devem aprender a cozinhar também. Eu não gostaria que meus filhos se casassem muito cedo, ou escolhessem companheiras simplesmente porque estavam com fome.

Kevin sorriu maliciosamente: — Ou matássemos de fome nossos próprios filhos um dia?

— Kevin, - Karl disse impassível, - você deveria ter mais respeito por nosso pai. Ele sempre providenciou nutrição adequada.

— E você, Karl, - disse Korsal para seu caçula, — deveria deixar de ser tão sério! Kevin está certo: eu casei com Seela por causa de sua comida.

Karl era muito jovem para compreender a brincadeira, mas Kevin engasgou com sua risada, feliz em compartilhar uma piada adulta com seu pai.

— Kevin, - disse Korsal, — leve seu irmão para o ar fresco. Parou de chover. Eu sairei e jogarei bola com vocês logo que souber o que Torrence quer. Preciso de algum exercício depois de ficar preso no hospital!

Mas Korsal não teria o ansioso jogo de empurra e agarra com seus filhos.

O rosto de Torrence não apareceu na tela quando ele discou seu código. Em vez disso ouviu o som abafado de alguém falando num comunicador manual e o ruído de água caindo ao fundo. — Korsal! Graças a Deus há um engenheiro fora da lista de doentes! Venha imediatamente para a represa. Nós temos problemas!

NOVE

T'Pina estava fascinada com a *USS Enterprise*, a maior nave em que já viajara, ao menos que pudesse lembrar. Não se recordava de ser levada para Vulcano quando criança e tinha vagas lembranças da transferência de Vulcano para Nisus.

Uma vez, na escola secundária, ela fizera uma viagem de três dias com outros quatro estudantes premiados a bordo de uma nave de pesquisa que mapeava planetas desabitados no sistema de Nisus. Depois ela viajou para Vulcano em uma nave cargueira. Uma nave estelar da Federação era muito mais interessante que as outras duas.

Ela viu-se cercada de lendas.

É claro que a situação era incomum. Em uma viagem normal, Sarek, o famoso embaixador e cientista vulcano, não estaria a bordo com sua igualmente famosa esposa Amanda, uma das mais importantes lingüistas da Federação. Nem a renomada equipe médica de Sorel e Corrigan deixara Vulcano juntos antes, e aqui estavam eles, na mesma sala que Sarek e Amanda!

Além disso a tripulação da *Enterprise* era comandada pelo lendário Capitão James T. Kirk e seu primeiro oficial era o Comandante Spock, que rapidamente ultrapassara seus famosos pais como cientista e explorador.

Tendo crescido entre seres de todas as raças da Federação trabalhando em conjunto, T'Pina não tomou nota conscientemente de que cada par legendário era formado de um vulcano e um humano. Viu o chefe médico da *Enterprise* aproximar-se de Sorel e Corrigan, que estavam conversando com um humano da raça que chamavam de negra, vestido com o uniforme azul de ciências da Frota, mas sem uma insígnia que indicasse sua missão atual.

Curiosa, imaginando se eles já estariam procurando modos de vencer a peste que devastava seu planeta natal, T'Pina aproximou-se do grupo. O médico da *Enterprise* - McCoy, lembrou-se - dizia: — É um prazer trabalharmos juntos novamente, embora eu desejasse que não fosse nestas circunstâncias.

— Vamos esperar que possamos mudar as circunstâncias rapidamente, - disse o Dr. Corrigan, um homem baixo, forte e meio calvo.

— A Frota Estelar enviou mais alguma informação, Leonard? - Perguntou Sorel.

— Sim, mas não acho que nos ajude muito, e não quero conversar sobre isso aqui, pois o assunto é meio delicado.

— Delicado? — indagou o *healer* vulcano.

— Pode criar controvérsia, - seu sócio humano interpretou. — Neste caso, é melhor não darmos margem a especulação, saindo todos ao mesmo tempo. Podemos encontrá-lo em seu consultório quando a recepção acabar?

— Sem dúvida, - McCoy replicou.

— Quando os médicos conferenciam aos sussurros, - uma voz masculina disse atrás de T'Pina, — os pacientes devem se precaver.

T'Pina virou-se, horrivelmente embaraçada ao ser surpreendida tentando ouvir uma conversa particular. — *Dois dias longe de Vulcano e eu esqueci todo o meu controle.*

Pior ainda, quando viu o homem que se aproximara dela, sua garganta se apertou e não conseguiu responder.

Vulcanos não deveriam reagir à aparência física, mas T'Pina não podia se recordar de sentir-se deste modo alguma vez antes em sua vida. O homem era vulcano, alto, apenas alguns anos mais velho do que ela... e bonito.

"Lindo" não era uma palavra forte o bastante para descrever seu rosto, embora fosse completamente masculino. Era como se o maior artista que já vivera tivesse feito o retrato do modelo de beleza masculina vulcana - grossos, lisos e brilhantes cabelos escuros envolvendo perfeitamente um crânio de proporções ideais; face oval, nariz reto, queixo forte, maxilar alto, e seus olhos - olhos de um castanho luminoso com toques de âmbar, com cílios abundantes e colocados sob sobrancelhas perfeitas.

Apenas os lábios escapavam da perfeição clássica, e só porque suas linhas perfeitamente esculpidas expressavam desaprovação.

T'Pina retomou o controle de suas emoções, determinada a não dar a esse homem mais nenhuma razão de desaprová-la.

Só então ela percebeu que ele não tinha nenhum direito de aprovar ou desaprovar, a menos que ela lhe permitisse.

Não era velho o bastante para ter direito de sênior; não era seu professor, seu *healer*, ou seu superior. Nem era um membro de sua família, não que isso lhe desse esse direito, já que eles pertenciam à mesma geração.

Armada com essas conclusões, achou mais fácil manter o controle. — Meu nome é T'Pina, - disse. — Eu sou biotécnica.

O homem a olhou quase clinicamente, mas sua boca perdeu o ar de desaprovação para chegar quase a um sorriso. Isso fez o pulso dela acelerar. — Meu nome é Sendet, - ele disse, — do clã T'Deata. Eu sou neurofísico.

— Neurofísico? - T'Pina focalizou-se deliberadamente no que estavam falando para impedir que suas incômodas reações físicas se tornassem visíveis para Sendet.

Ele havia declarado o nome de seu clã no primeiro encontro. O que isso

poderia significar? Nenhum dos dois era unido. Não era possível ter esse tipo de reação com um homem unido.

— Sei pouco sobre a peste em Nisus, - ela continuou, — pensei que fosse um vírus. Quer dizer que ele ataca o sistema nervoso?

Sendet piscou, olhou para os médicos perdidos em sua conversa e voltou-se para T'Pina. — Você está indo para Nisus? Por certo já têm bastantes biotécnicos. Desculpe-me, mas você não parece ter idade suficiente para ser considerada uma especialista.

— E não sou, - T'Pina replicou. — Nisus é meu lar. Eu acabei de completar meu curso na Academia Vulcana.

— Ah, eu também sou formado pela Academia, e passei estes últimos anos na equipe médica do hospital. T'Pina... eu ouvi seu nome. Você não se formou como primeira em sua turma?

— Eu tive essa honra, - ela replicou, irracionalmente gratificada que ele soubesse e se lembrasse.

— Filha.

T'Pina não ouvira sua mãe aproximando-se por trás. Com um controle cuidadoso, virou-se para T'Kar. — Mãe, este é Sendet, um neurofísico da Academia. Sendet, esta é T'Kar, minha mãe.

— Eu estou honrado, - disse Sendet com polidez impecável. T'Pina percebeu um brilho em seus olhos quando ele viu a insígnia do clã de T'Kar, trabalhada em ouro e prata, que ela usava devido à formalidade da ocasião. — Sua filha lhe dá muito crédito, T'Kar.

— Ela nunca me desapontou, - T'Kar respondeu. Imaginando se isso era um aviso para não desapontá-la agora, T'Pina olhou para o rosto de sua mãe. Mas T'Kar examinava a insígnia do clã de Sendet, em ouro com pedras vermelhas e verdes. T'Pina nunca estudara a heráldica dos clãs; não reconheceria os símbolos se Sendet não dissesse seu nome ancestral. Seu emblema aparentemente não dizia nada a T'Kar também, exceto que o direito de usá-lo significava que era possível traçar seus ancestrais até os antigos clãs guerreiros.

Ela olhou em volta, curiosa. Sorel usava a insígnia de seu clã, mas nem Sarek nem Spock usavam as suas. Sarek usava apenas o colar de embaixador; era neutro quando atuava por Vulcano. Os regulamentos da Frota, contudo, não podiam impedir um oficial de usar tal símbolo em seu uniforme de gala; senão o Sr. Scott, o engenheiro chefe da *Enterprise*, não poderia estar vestido com o *tartan*.

Spock, no entanto, em vez do emblema de família usava um IDIC. Infinita Diversidade em Infinitas Combinações, mais que simplesmente a união dos opostos, o símbolo vulcano de um triângulo penetrando um círculo

para libertar uma jóia brilhante, representava o ideal da mistura da diversidade. O triângulo contraposto ao círculo para representar movimento e mudança; nada vivo permanecia estático. Vulcanos respeitavam a vida, e isso significava respeitar as mudanças.

O olhar de T'Pina retornou a Sendet. Ela se perguntou se T'Deata era uma das Antigas Famílias. Já que nunca saberia se pertencia a uma delas, nunca se preocupara em estudá-las além da informação básica em suas aulas de História. T'Deata era designação de uma linhagem matriarcal, mas não indicava se o clã se convertera à filosofia de Surak enquanto o grande líder vivia, ou gerações depois.

Sendet perguntava: — T'Kar, T'Pina, já viram as estrelas do deck de observação? O movimento é perceptível a esta dobra, é uma experiência única.

T'Kar olhou de Sendet para T'Pina. — Realmente, já experimentei diversas vezes. O deck de observação não deve estar cheio a esta hora. É algo que você deveria ver, minha filha. Você a acompanharia, Sendet?

— Estou honrado, - o jovem repetiu e T'Pina lutou para controlar sua alegria. Sua mãe aprovava! Ela baixou os olhos, impedindo sua mãe ou Sendet de perceber seu prazer indisciplinado, e começou a afastar-se com Sendet.

— T'Kar! - Era Sorel. Ele deixara o grupo dos médicos. T'Pina escondeu sua preocupação. Obviamente o *healer* não desejava que sua mãe se fosse.

— Venha, T'Pina, - disse Sendet. Ela o seguiu, imaginando o que o *healer* teria de tão urgente para dizer a T'Kar. Talvez algo sobre seus conhecimentos de enfermagem.

T'Pina e Sendet não estavam sozinhos no deck de observação, mas quando fitaram as estrelas brilhantes, podiam muito bem estar. Apenas mordendo seu lábio inferior T'Pina conseguiu impedir um suspiro diante a sensação de estar caindo na eternidade. Lá fora, diante dela, estava o frio profundo, o zero absoluto. A despeito das roupas, ela teve que controlar um estremecimento.

Então sentiu, à suas costas, o calor de Sendet, uma proteção contra o frio, a noite. Ele não a tocou.

Mas um dia, pensou, quando a hora fosse apropriada, eles se tocariam.

Olhando através do vidro sem reflexos que a separava das profundezas do espaço, T'Pina se permitiu um sorriso.

DEZ

As esteiras rolantes acabavam junto ao grupamento de prédios do governo, ao pé da represa, então Korsal pegou uma motocicleta e subiu a trilha selvagem até a entrada. Correu para dentro, apanhando um cinto utilitário e um comunicador na sala de equipamento.

— Torrence, estou na represa. Onde você está?

— Turbina três, - sua voz respondeu tensa. — Depressa!

Todo o ambiente era dominado pelo barulho da água caindo, mas enquanto Korsal seguia as linhas laranjas que o levariam às turbinas, ouviu um outro som: um bater abafado que sacudiu o chão sob seus pés, como se alguma máquina gigante estivesse se partindo.

Do lado de fora da entrada da câmara da turbina, as luzes de aviso indicavam que a turbina três estava desligada. Isso não ajudava em nada a diminuir o ruído ensurdecedor. Korsal empurrou a porta e foi assaltado novamente pelo barulho.

Emily Torrence era membro da raça negra dos humanos, a pele tão escura quanto grãos de café, cabelo preto e completamente encaracolado, agora colado fortemente contra seu crânio por causa da névoa de água na câmara da turbina.

Com um par de pinças, ela manobrava um dos gigantescos braços móveis na tentativa de capturar algo que girava num redemoinho de água, algo que se mostrava de vez em quando, mesmo que não devesse.

Korsal reconheceu as lâminas submarinas da turbina, a roda tinha se afastado parcialmente de seu eixo e ondulava selvagemmente.

— Como isso aconteceu? - Gritou enquanto pegava o segundo par de pinças, colocando outro braço móvel em funcionamento.

— Gelo! - Torrence replicou. Gelo?

Era impossível conversar em meio à ensurdecedora combinação da água caindo e do bater da roda fora de prumo, portanto Korsal simplesmente uniu seus esforços aos de Torrence.

Eles colocaram os dois braços móveis sobre a roda recalcitrante para parar seus giros. Então, enquanto Korsal vigiava os dois pares de pinças, para impedir que a força da água livrasse novamente a roda, Torrence a liberou de seu eixo e juntou-se a Korsal para manobrar e colocar a gigantesca e gotejante roda sobre o concreto ao lado.

Com isso, o bater infernal parou, mas a água correndo fazia ruído bastante para impedir que conversassem enquanto recalculavam as funções

de controle.

Duas outras rodas estavam fora de linha, atingidas pelo mesmo gelo que quebrara a número três, mas eles podiam manter essas turbinas funcionando até que fossem consertadas, recalibrando manualmente o sistema. Temporariamente a usina poderia funcionar com uma turbina faltando.

Trancando a unidade de controle, Korsal e Torrence foram examinar a roda inútil. Não tinha mais a forma circular. Várias lâminas haviam sido arrancadas. Como o gelo poderia ter causado tanto estrago?

Saíram da câmara da turbina para o escritório de controle da usina antes que Korsal pudesse perguntar algo. Agora Torrence estava tendo uma reação que eleja vira em humanos antes: tremia, sua pele ficando cinza sob o marrom.

Os humanos tinham uma glândula que liberava uma substância química em seu sangue durante as emergências, para mantê-los em alerta, fortes e, em batalha, extremamente perigosos. Entretanto, como Korsal havia percebido, eles freqüentemente tinham sintomas de retração quando o perigo passava.

Torrence vestia uma roupa à prova d'água, ao contrário de Korsal, que não parará para se trocar. Ele estava encharcado até os ossos, mas era Torrence que estava congelando.

Havia toalhas numa das gavetas de cima. Korsal entregou uma a Torrence, que secou o rosto e começou a esfregar o cabelo.

Korsal tirou sua camisa molhada e secou o cabelo e a barba, vigiando Torrence. Ela estava se recuperando da reação de choque, a cor de sua pele e sua respiração voltando ao normal. Ela enrolou uma toalha seca em volta dos ombros, olhou para ele com gratidão e pegou dois cafés da máquina onipresente nos escritórios freqüentados por humanos.

— Agora, - disse Korsal, sentando-se na outra cadeira diante do terminal de controle, — o que é isso sobre gelo?

— O degelo prematuro, - ela respondeu. — Lá nas montanhas o gelo está se quebrando em grandes pedaços esta primavera. Eles são muito grandes para derreter antes de chegar ao reservatório.

Korsal conjecturou: — É de supor que existam barragens de segurança acima da represa, para evitar que qualquer coisa grande demais para o sistema suportar não passe antes que derreta até um tamanho aceitável.

— Aparentemente, - Torrence respondeu secamente, — essa segurança parou de funcionar. - Voltou-se para o computador e chamou a tabela de inspeção. — Olhe isso: Dekrix e TLin estavam escalados para um vôo de inspeção cinco dias atrás, mas não há nenhum registro de que o fizeram.

— Cheque as admissões no hospital, - Korsal sugeriu.

Os nomes estavam lá. T'Lin era uma baixa. Dekrix estava na lista de pacientes em estado crítico.

Torrence mordeu seu lábio inferior. — Tanto piloto quanto assistente inativos, e estamos tão sem pessoal que temos trabalhado com apenas uma pessoa por turno. Eu sou culpada. Meu último turno já havia terminado quando corri toda a lista de checagens; não chamei os registros. E este turno mal tinha começado quando o gelo atingiu a turbina. Você percebe o que teria acontecido se aquela roda nos escapasse?

— Provavelmente teria escorregado e acertado todas as turbinas abaixo, - Korsal respondeu. — Com apenas duas turbinas operando, Nisus perderia três quartos de sua energia elétrica.

Torrence concordou e levantou-se. — Tenho que fazer as outras checagens.

— Eu as farei, - Korsal disse. — Você verifica os outros registros.

— A usina de energia elétrica não é sua obrigação, - Torrence protestou.

— Me dê as listas de checagem para que eu não deixe passar nada, - ele disse. — Emily, tudo que tenho que fazer é procurar por luzes amarelas e vermelhas. Chamarei você se encontrar algo.

Ela o olhou sorrindo. — Obrigada. - Procurando em meio a várias ferramentas e impressos, encontrou uma prancheta eletrônica, que ligou para mostrar a lista de checagem. Quando a entregou a Korsal, colocou a mão em seu braço. — Obrigada por vir sem fazer perguntas primeiro. Eu não poderia...

— Tire suas mãos da minha esposa!

Korsal se virou. O homem na porta era alguém que ele conhecia superficialmente, o marido de Torrence. — Charlie! - Ela disse espantada. — O que você está fazendo aqui?

— O que *você* está fazendo? - O homem contra-atacou. — Eu soube que havia algum tipo de emergência, que você estava gritando por todo lado por socorro, mas quando chego aqui encontro minha mulher seminua...

— Charlie, cale-se! - Torrence exclamou, levantando-se e tirando a toalha dos ombros para mostrar que estava completamente vestida. Korsal, é claro, não estava, sua camisa sobre as costas da cadeira, ainda pingando, enquanto suas calças encharcadas grudavam-se desconfortavelmente em suas pernas.

— Eu *não vou* me calar! - O homem replicou, movendo-se até ficar cara-a-cara com Korsal. Os dois tinham aproximadamente a mesma altura, mas Charles Torrence tinha corpo de atleta; era o treinador-chefe na escola, e Korsal lembrou-se que ele ganhara uma medalha olímpica de ouro em algum tipo de luta corpo-a-corpo. Torrence ensinava várias artes marciais,

incluindo Kershu. Korsal encorajara seus filhos a terem aulas com esse homem.

— A Sra. Torrence estava chamando, - Korsal disse calmamente, — qualquer engenheiro que pudesse lidar com as pinças na sala das turbinas, e que pudesse ajudá-la a recalibrar o sistema depois. Acontece que fui o primeiro que encontrou.

— É, e agora você está tentando tirar vantagem dela. - Torrence se aproximou. — Não sei por que o deixamos ficar neste planeta, Korsal. Você não está satisfeito com branco e verde, agora quer provar preto...

— Charlie!

A raiva na voz de Emily Torrence interrompeu a do homem. — Pare agora mesmo, e desculpe-se! O que *há* com você?

A reação dela pareceu aplacar a raiva de seu marido. Korsal sentiu-se aliviado: não era outro ataque da doença.

Então compreendeu como era absurdo seu alívio. A tensão da peste sobre a colônia científica estava colocando à vista preconceitos escondidos. Talvez... ele não estivesse mesmo em casa afinal.

Charles Torrence estava olhando para sua esposa completamente vestida, seu cabelo molhado, e para o também encharcado cabelo de Korsal, sua camisa pingando nas costas da cadeira. — A emergência era na câmara da turbina? - Ele perguntou com uma calma trêmula.

— Sim, na câmara da turbina, - sua esposa replicou acidamente. — Você já esteve lá, Charlie. Ninguém pode trabalhar lá sem acabar encharcado.

O homem parecia constrangido. — Puxa, cara, eu *sinto muito!*

— E deve mesmo! - Sua esposa bronqueou.

— Eu *sinto*, Emmy. Korsal, ouça, cara, você tem uma bela esposa. Se você a pegasse com outro homem que estivesse despido, quer dizer, pensaria...

— Eu espero, - Korsal disse, tentando esconder sua raiva, — que eu confie nela o bastante para fazer perguntas antes de acusá-la.

O humano parecia mesmo arrasado. — Eu sinto muito. Vocês dois... droga, Emmy, se eu não te amasse tanto...

— Nós falaremos sobre isso mais tarde, - ela disse secamente. — Agora eu tenho trabalho a fazer e Korsal se ofereceu para checar os quadros do sistema. Há uniformes limpos no vestiário, - ela voltou-se para Korsal. — É melhor colocar um. Eu ouvi dizer que os klingons são imunes a esta peste que está aí, mas não seria bom se você pegasse uma pneumonia!

— Não, e também não ajudaria se mais gelo chegasse às turbinas, - ele respondeu. — Tenho licença para pilotar um *hoverer* e meu filho Kevin acaba de conseguir a dele. Me dê alguns mapas das barragens de segurança e

nós voaremos rio acima amanhã para ver o que está acontecendo.

— Eu adoraria, - ela disse. — Obrigada.

— E coloque o computador para rodar os registros diariamente e informar quando algum dos testes não for feito.

— Alguém deveria ter pensado nisso uma semana atrás! - Torrence exclamou.

— Ninguém está pensando claramente em Nisus, - disse Korsal, — nem mesmo os vulcanos.

ONZE

No deck de observação da *Enterprise*, T'Pina olhava as estrelas que passavam. — A natureza tem tanta beleza a oferecer, - disse enfim, — e nós vemos tão pouco. Muitas pessoas nunca saem do planeta onde nasceram.

— Talvez seja isso que a natureza pretenda, - Sendet replicou; não era a resposta que T'Pina esperava. Ela virou-se, estudando seu rosto, mas ele estava tão controlado quanto um *healer*. — Eu nunca saí de Vulcano antes.

— Então espero que depois que a epidemia tenha acabado você possa passar algum tempo em Nisus, - disse T'Pina. — É muito diferente de Vulcano. Nisus é um planeta de água, muito úmido para os nossos padrões. Há oceanos, você deve fazer uma viagem pelo mar enquanto estiver lá!

— Uma... viagem pelo mar?

T'Pina divertiu-se ao vê-lo um tanto quanto desconcertado com a idéia, uma reação comum entre vulcanos. Viajar pela água não era uma herança para sua gente nascida no deserto, e a primeira experiência no deck de um barco navegando sob seus pés era tão estranha quanto uma queda-livre. Imaginou se Sendet já experimentara aquela sensação também, e determinou-se a descobrir se a *Enterprise* tinha um ginásio recreativo de gravidade zero.

— Experiências variadas aumentam a sabedoria, - ela citou Surak, — contanto que a experiência não seja apenas uma estimulação das sensações.

— Sensações são necessárias, - Sendet replicou, — para que o espírito não morra.

Soava como uma citação, mas T'Pina nunca a ouvira antes.

— Nem todo vulcano concordou sempre com os preceitos de Surak, - Sendet disse, em resposta ao levantar de sobrancelhas dela. — A filosofia de Surak trouxe a paz às tribos guerreiras de Vulcano e tornou a civilização possível. Entretanto, a completa supressão da emoção matará esta civilização, tão certo quanto a completa negação de regras ou autoridade.

— Completa supressão da emoção? - T'Pina perguntou. — Não, nunca desejei seguir as disciplinas do Gol. Entretanto, meus professores sempre me avisaram que meu quociente de curiosidade é extremamente alto, mesmo para uma vulcana.

Foi recompensada com um leve esgar dos lábios de Sendet quando este controlou um sorriso. — Assim como o meu.

— Então por que diz que a natureza pretende que nós permaneçamos nos planetas onde nascemos? Seres inteligentes crescem procurando o que há

sobre o próximo morro, do outro lado das montanhas, ou além da estrela mais distante.

— Há crescimento, - ele disse, — e há corrupção. Do outro lado da montanha pode haver outras pessoas, gente fraca mas sedutora que sugue a força dos outros.

Agora T'Pina estava realmente confusa. — O que está dizendo, Sendet? Muitos em Vulcano se opuseram à nossa entrada na Federação, mas depois de todos estes anos, os benefícios da interação com outras culturas foram bem comprovados.

— T'Pina, veja o que isso fez a nós. No início, os únicos vulcanos que interagiam com outras culturas eram aqueles que saíam do planeta, como os cientistas que estão em Nisus e os comerciantes. Não permitíamos alienígenas em nosso mundo. Agora eles o superpovoaram. Quase um quarto dos estudantes da Academia...

— Sendet! - T'Pina exclamou. — Certamente você não considera um erro educar todos aqueles que mostram habilidade ou interesse. Quanto aos alienígenas "superpovoarem" Vulcano, as estatísticas provam que é um erro. Menos de um centésimo dos cidadãos vulcanos são de outras raças. Menos de meio por cento da população, entre residentes temporários como estudantes e pesquisadores e os poucos que requisitaram a cidadania, não são vulcanos.

Embora mantivesse controle de seus músculos faciais, os olhos de Sendet mostraram surpresa.

T'Pina não podia compreender por que ele esperava que ela aceitasse suas declarações se eram patentes inverdades.

Ao mesmo tempo em que sua mente recusava as afirmações falsas de Sendet, lamentava sua própria reação brusca. A conversa começara prazerosa. Por que fora se deteriorando?

— Nas últimas gerações, - Sendet disse sem expressão, — os alienígenas criaram uma base forte. O que é mais sério, sua influência em Vulcano cresce diariamente.

— Como isso pode ser nocivo? - T'Pina perguntou. - Você não acredita em IDIC? A combinação da diversidade só tem produzido o bem. Em Nisus, onde todos são diferentes uns dos outros, o progresso científico acontece numa progressão nunca vista antes na história da galáxia. - Ela pesquisou-lhe o rosto. — Sendet, temo que você e eu tenhamos um desacordo em filosofia básica que nenhum de nós parece ser capaz de ultrapassar. Se me desculpar, voltarei ao meu alojamento.

— Você não vai manter seu território e lutar? — Sendet perguntou.

— ... lutar?

— Com palavras, - ele explicou. — Eu não estava sugerindo a *lirpa*.

A *lirpa*! Hoje, era uma arma cerimonial, embora todo macho vulcano fosse treinado em seu uso. Sempre havia a possibilidade, ainda que remota, de um dia ter que enfrentar um desafio cerimonial.

Mas a pesada e perigosa *lirpa* não era uma arma para mulheres. Entre um homem e uma mulher, ela não tinha utilidade nos dias atuais, mas historicamente fora o instrumento usado por um guerreiro para arrancar a cabeça da mulher que o traísse. Durante as Reformas, irmãs, filhas, mesmo ocasionalmente esposas que seguiam Surak contra a vontade de seus parentes masculinos, às vezes eram executadas assim.

As palavras de Sendet causaram um arrepio nas costas de T'Pina... e ainda assim havia algo paradoxalmente prazeroso neste arrepio. Com toda sua experiência com seres das mais estranhas e variadas culturas, T'Pina achava Sendet diferente de tudo que ela já conhecera antes.

— Você abandonará o campo, - ele a desafiou, — ou ficará e refutará minhas declarações?

— Não preciso refutá-las, - ela replicou. — As pessoas reunidas nesta mesma nave as refutam. O capitão e seu primeiro oficial são humano e vulcano, e diz-se que comandam a melhor nave da Frota Estelar. Sarek de Vulcano e sua esposa humana Amanda. Sorel e Corrigan...

— E a esposa de Daniel Corrigan, T'Mir, - Sendet interrompeu, sua voz tão fria que T'Pina estremeceu, e desta vez não havia nenhum prazer no arrepio. — Aí você vê o vício oculto dentro da virtude da IDIC. Vulcanos casando-se com alienígenas, poluindo nosso sangue...

— Eu não ouvirei mais nada disso, - falou T'Pina, cuidadosamente controlando uma raiva crescente. — Não pensei que uma pessoa treinada em lógica, como com certeza um cientista deve ser, pode tão facilmente negar um fato. Boa noite, Sendet.

T'Pina deixou o deck de observação, lutando contra seu ilógico sentimento de perda. Como podia alguém tão jovem, saudável, atraente, estar tão *errado*! E, se ele estava tão completamente errado, por que sentia tal atração por ele?

Era verdade que ela não fora capaz de terminar a discussão com cortesia e dignidade. Talvez fosse por isso que estivesse insatisfeita consigo mesma.

Precisava meditar. Portanto, não voltou para a recepção, mas pegou o elevador para o deck onde os passageiros estavam acomodados.

Ela tocou a placa no lado de fora do quarto que dividia com sua mãe, e a porta se abriu.

Mas o quarto não estava vazio, como esperava. Na área do escritório, com um mesa, um terminal e duas cadeiras, estavam T'Kar e o *healer* Sorel.

T'Pina conseguiu se controlar. — Boa noite, mãe, *Healer*. Desejam privacidade? - O umbral aberto entre a área de trabalho e a área de descanso não impedia que vozes fossem ouvidas por toda a cabine. — Eu retornarei à recepção.

— Não, T'Pina, fique, - disse T'Kar. — Sorel esteve me falando sobre o homem que você encontrou na recepção.

— Não se preocupe, mãe. Eu sei o que Sendet é. - Para um *healer* se sentir impelido a avisá-las, como certamente Sorel estava fazendo, algo muito sério estava faltando, e isso de repente fez T'Pina juntar fatos que sabia, mas com os quais não se preocupara antes. — Ele não é parte da missão médica. É um Seguidor de T'Vet.

— Ele lhe contou? - perguntou Sorel.

— Não foi necessário. Suas crenças filosóficas me contaram. Nós... não temos nada em comum. Quando descobri isto, eu o deixei no deck de observação.

— Você fez bem, minha filha, - T'Kar lhe disse.

Então por que me sinto como se tivesse feito algo errado? - T'Pina se questionou, escondendo seu pensamento, mas não bem o bastante. A cabeça de Sorel levantou-se levemente e aqueles ilegíveis olhos negros pousaram sobre ela.

— T'Pina, - disse o *healer*, — eu posso responder sua pergunta. Devo falar na presença de sua mãe, ou prefere ouvir em particular?

Os olhos azuis de T'Kar revelaram surpresa ao passar de Sorel para T'Pina, ao perceber que Sorel lera algo com seu P.E.S. de *healer* que estaria escudado de qualquer outro vulcano.

T'Pina nunca escondera nada de sua mãe. De fato, pretendida confidenciar a ela suas reações ambivalentes para com Sendet, se sua meditação não fosse suficiente. Frequentemente sentia que meditação particular deixava sua mente correndo em círculos em torno de um problema, enquanto discuti-lo com sua mãe iria clareá-lo e resolvê-lo.

— Eu sei que não fiz nada vergonhoso, *Healer*, - replicou. — Fale.

— Não, T'Pina, nada vergonhoso mesmo, - afirmou Sorel. - O que está experimentando é perfeitamente normal. Seu exame físico revelou os primeiros sinais: você está completamente madura.

Seu significado, para ouvidos vulcanos, era claro. Ela já era legalmente uma adulta, uma cidadã, e sua formatura pela Academia a admitira no clube daqueles que criavam o futuro. Agora seu desenvolvimento físico igualava suas conquistas intelectuais: ela estava pronta para casar e ter filhos.

— Não é nada para se temer, minha filha, - disse T'Kar.

— Não temo, - replicou T'Pina, dizendo uma meia verdade.

Sorel explicou: — Você não é unida. Assim como Sendet. A atração que sentem é normal, mas você aprendeu a controlar seus desejos com o pensamento racional, como todos os seres inteligentes. Continue como começou e não errará.

— Sorel, - T'Kar disse hesitante, — você acha que eu deveria procurar um marido para T'Pina?

— Não creio que isso seja necessário, - Sorel replicou. — Eu prevejo que homens elegíveis rapidamente se apresentarão logo que T'Pina chegar a Nisus.

Casamento. União. Isto resolveria esses sentimentos perturbadores. Agora que compreendia o que estava acontecendo, T'Pina aceitou sua reação a Sendet: era normal para vulcanos se unirem, marido e mulher compartilhando uma intimidade mental desconhecida para as espécies não telepáticas. Quando ela encontrou um homem não unido de idade apropriada, ocorreu uma atração instantânea.

Seus pais haviam escolhido não uni-la na infância, apesar dos diversos oferecimentos. Agora pensava se T'Kar e Sevel haviam sido sábios; a antiga tradição de União aos sete anos significava que quando o par atingisse sua maturidade teriam um ao outro para se apoiar.

Com repentina clareza percebeu que, dos três vulcanos na sala, ela carregava o menor desconforto.

Tanto sua mãe quanto o *healer* haviam perdido seus companheiros; T'Pina ansiava por algo desconhecido.

T'Kar tivera a presença de Sevel por muitos anos, até sua morte. Certamente era pior para ela, saber o que faltava em sua vida.

E Sorel; sua esposa fora separada dele inesperadamente, sem a chance de despedidas e rituais de cura. Sua falta devia ser uma agonia se comparada ao prazer/dor dos vagos anseios de T'Pina.

Seria possível, ela pensou, que Sorel e T'Kar pudessem encontrar o que precisavam um no outro?

— Obrigada, *Healer*, - disse. — Saber o que está acontecendo me tornará *capaz* de controlá-lo. Ainda é cedo. Posso retornar à recepção se...

— Eu devo ir, - disse Sorel. — O Dr. McCoy tem algumas novas informações para o pessoal médico.

— Obrigada por sua ajuda, Sorel, - disse T'Kar.

O *healer* não deu a resposta comum "Não se agradece lógica". Não fora a lógica que o levava a falar com sua mãe, T'Pina sabia. Em vez disso, disse: — Eu estou aqui para servir. Não hesite em me chamar.

DOZE

Quando Korsal voltou para casa da represa, as nuvens haviam se juntado de novo e chovia. Já que agora ele usava um conjunto a prova d'água, não ficou encharcado, mas a chuva fria em sua cabeça nua o fazia tremer.

Saindo de casa correndo, não tivera tempo de encontrar o capacete que deveria estar pendurado no volante da motocicleta. Um de seus filhos mereceria um sermão: Kevin, se colocara o capacete em algum outro lugar, e Karl, se tivesse usado a moto. Karl herdara o padrão de crescimento klingon. Era grande o bastante e com boa coordenação para usar uma moto, mas a lei de Nisus proibia qualquer um com menos de dez anos padrões, não importando a espécie, de dirigir veículos motorizados.

De modo estranho, a constante discussão com seu filho caçula tinha assegurado algo a Korsal: que o menino era klingon. No Império, ele estaria usando tal equipamento há mais de um ano.

E, Korsal lembrou-se, estaria começando seu treinamento militar primário. Não havia treinamento militar em Nisus. Korsal não protestara quando Kevin fizera exames prematuros para a Academia da Frota Estelar, porque não esperava que fosse aceito. A Federação ensinaria sua estratégia militar para alguém com duas cidadanias, sendo uma delas klingon?

Bem, se aceitassem, o rapaz certamente receberia o treinamento adequado em combate e armamentos e uma excelente educação geral, tudo junto. Se não aceitassem... Kevin teria de decidir nos próximos três anos se gostaria de ir para o Império Klingon e cumprir o tempo mínimo de serviço militar exigido, ou renunciar a sua cidadania. O rapaz sabia que teria que fazer uma escolha; Korsal mantinha um silêncio doloroso sobre o assunto, embora odiasse o pensamento que algum de seus filhos pudesse renunciar à herança paterna.

Korsal pessoalmente treinara seus dois filhos em autodefesa com armas pequenas e insistia que eles se inscrevessem em todas as aulas de artes marciais que a escola oferecia. Se escolhessem sua herança klingon em vez da humana, não os queria diminuídos.

O encontro com Charles Torrence enervara Korsal mais do que gostaria de admitir. Depois do primeiro ano de desconfiança mútua, a delegação klingon e os outros cientistas em Nisus acostumaram-se uns com os outros. Nisus tinha muitas crianças de herança mista, e quando Korsal casara com Cathy Patemchek, não hesitaram em ter as suas próprias.

Os filhos de Korsal eram competitivos, algo que tinham herdado da mãe

tanto quanto dele próprio, mas essa era a norma em Nisus. Todas as crianças eram "privilegiadas" aqui: todas tinham pais bem-educados que as encorajavam a aprender a participar, e a julgar as pessoas por suas conquistas em vez de sua origem. Ele não podia imaginar um melhor lugar para seus filhos ganharem o fundamento de sua educação. Isso, e sua esposa humana, foram as razões básicas porque ele não retornara ao Império klingon quando o resto da delegação se foi.

Mas agora... essa peste traria um fim à cooperação que caracterizava a vida em Nisus? Naturalmente recordou-se de Therian atirando obscenidades contra ele até seu fim. As mesmas coisas que Charles Torrence dissera, focalizando seus casamentos com mulheres que não eram klingons.

Não pretendia casar-se duas vezes. Fora feliz com Cathy, mas ela tinha uma carreira na Frota. Ela pensara que sua missão em Nisus era permanente, Korsal tinha certeza que não casaria; certamente não teria dois filhos; se soubesse que seria promovida e designada para uma nave estelar.

Korsal não podia ir com ela, nem os meninos. E... Cathy se recusou a desligar-se da Frota. A oportunidade era muito boa: oficial de ciências numa nave estelar da classe Constitution, com o posto de comandante.

Eles brigaram muito, fizeram as pazes nas vésperas de sua partida. Fizeram promessas de encontrar-se nas licenças, de pedidos de transferência para Nisus na primeira oportunidade. Havia mensagens gravadas quase todos os dias, depois de semana em semana, e finalmente... os documentos de divórcio, com um cassete de uma chorosa Cathy dizendo a Korsal e suas crianças que não tinha nenhum direito de prendê-los quando não podia estar com eles. Ela desistiu da custódia dos filhos em benefício de Korsal... e nenhum deles a vira ou ouvira falar dela desde então. Mas Korsal soube que ela subia constantemente de posto na Frota Estelar.

Korsal saiu da trilha lamacenta da montanha para o suave pavimento da cidade. Agora rodava sobre um escorregadio tapete d'água, não se atrevendo a aumentar a velocidade como desejava para se ver longe da chuva fria e dos pensamentos mórbidos.

Mas os pensamentos não seria negados. Quando Kevin nasceu, Korsal decidiu ficar em Nisus até seu filho ter idade bastante para decidir-se entre a Federação e o Império Klingon. O nascimento de Karl só aumentou a duração de sua estada pretendida. Agora, a peste obrigaria uma escolha prematura de todos eles?

Havia alguma escolha? "Fusões", crianças de herança mista, eram vistas como escória no Império. Só havia um meio de superar isto: glória militar. Seus filhos seriam obrigados a lutar, freqüentemente contra humanos como sua mãe, ou suportarem ser cidadãos de segunda classe.

Korsal viajara pela Federação, experimentara o medo e o ódio para com os klingons que prevalecia em todo lugar, menos em Nisus. Ele achara que Nisus era um paraíso seguro. Estivera errado?

Era isso que Therian quisera dizer quando gritara "As crianças", no dia em que morrerá? Seu último pensamento lúcido fora a compreensão de que a peste liberava preconceitos bem escondidos, e que muitas crianças de Nisus, todas aquelas de herança mestiça, sofreriam as conseqüências?

Não... nem mesmo loucura criaria uma ligação entre este pensamento e o ataque inesperado a Korsal.

Então o que? A mente científica de Korsal rapidamente intuiu outra coisa: suponha que haja uma conexão entre a descoberta de Therian e sua forma específica de loucura. E se ele realmente vira algo significativo nas estatísticas que rolaram naquela tela, algo sobre crianças, mas... talvez crianças como *as de Korsal*?

Todos os dados estavam disponíveis; o computador da engenharia ainda estava ligado ao sistema do hospital, participando da sobrecarga. Korsal poderia chamar as estatísticas de seu terminal doméstico. Agora que ele tinha idéia do que procurar...

Korsal guardou a motocicleta e entrou em casa. Seus sapatos guinchavam e ele pingava. Parou na área, arrancou os sapatos e procurou por toalhas, ansioso para chegar ao computador, repentinamente certo de que a resposta estava ali. Causa? Padrão de contágio? Cada pedaço de informação era um passo na direção de uma cura ou de encontrar um modo de impedir a disseminação dessa maldita doença.

Mas quando se secava, a porta da cozinha abriu-se e seu fígado se contorceu. Ele não tinha que vê-la. Seu perfume, delicado e sutil, o envolveu antes que ela chegasse, tirando a toalha de suas mãos e secando seu rosto, murmurando: — Korsal, oh, meu marido, está em casa enfim.

Seela. Órion e mulher, era o bastante para privar um homem de seus pensamentos, mas quando focalizava sua atenção, às vezes parecia que ele esquecia-se até de respirar. Seu fígado voltou a contorcer-se.

Como todas as mulheres de sua raça, Seela tinha a pele verde, cabelos negros e vivos olhos azuis. Seu corpo era flexível e sensual, seus dedos gentis mas fortes, enquanto ela abria sua roupa e puxava-a por sobre seus ombros, esfregando o rosto contra seu pescoço. — Eu sinto tanto não ter estado em casa quando você chegou esta tarde, - ela sussurrou.

— Ainda bem - conseguiu dizer — porque tive que sair imediatamente.

Fazia dias que ele a tocara. Não tinha nenhuma resistência. O pensamento coerente flutuou e seu próximo momento lúcido foi algum tempo depois, em sua cama no segundo andar, sem qualquer lembrança de

como haviam chegado lá. Mas as lembranças de sua paixão eram ardentemente doces. Sorrindo, Korsal contornou o rosto de Seela com um dedo. Ela o pegou entre os dentes, mordeu-o gentilmente, seus olhos oferecendo...

O estômago de Korsal roncou e Seela riu. — Venha, meu marido, vou lhe servir o jantar. O que aconteceu na represa?

Satisfeito agora com a simples presença de Seela, Korsal lhe contou sobre o gelo e as turbinas enquanto comia. Não lhe contou sobre Charles Torrence, mas a lembrança trouxe de volta a linha de pensamento que seguia no caminho de casa. Terminando sua refeição; a excelente comida de Seela ainda mais saborosa depois da comida do hospital a que se submetera nos últimos dias; serviu-se de café e lhe disse com remorso: — Tenho trabalho a fazer. É cedo.

Em seu escritório, teve que afastar Kevin do terminal de computador. O menino o encarou atônito. — Pensei que você, uh, estaria ocupado pelo resto da noite.

— Você pensa demais, sobre as coisas erradas, - seu pai lhe disse. — Por que não pensa um pouco sobre o que aconteceu ao capacete da moto?

— Oh... esqueci de devolver. Está no meu quarto, - Kevin admitiu. — Eu o usei ontem, no campo.

—O que você estava fazendo no campo quando deveria estar obedecendo à quarentena?

— Precisavam de pilotos de *hoverer*. As pessoas começaram a ficar doentes lá no campo dos geólogos e tiveram que ser evacuados. Precisavam de todos os pilotos qualificados que não estivessem doentes, pai.

Korsal encarou seu filho. Kevin fora chamado no lugar de seu pai. Não, compreendeu, se ele não estivesse preso no hospital, os dois teriam sido chamados. Mas ainda assim, seu filho estava tomando seu lugar na comunidade como homem. — Fez bem. Estou orgulhoso de você, Kevin. E amanhã nós temos um trabalho a fazer com o *hoverer*, você pilota e eu navego.

Kevin sorriu, mostrando os dentes da maneira humana. Ele deve ter visto algo nos olhos de seu pai, pois deixou os cantos da boca caírem antes que o sorriso desaparecesse. Então disse: - Sinto muito ter esquecido o capacete. Vou colocá-lo de volta agora.

Korsal voltou sua atenção para o computador. Descobriu que o computador da engenharia ainda estava ligado ao do hospital; provavelmente continuaria assim até o fim da emergência. Começou a pesquisar as estatísticas que Therian estudava logo antes de sua morte; estatísticas estas que tinham haver com o progresso das variedades da doença nas crianças,

imaginou.

As informações estavam ali, o computador ansioso para mostrá-la do jeito que ele quisesse: idade, sexo, raça, até mesmo peso. Não havia nenhum padrão que ele pudesse identificar.

Então seguiu seu palpite e pediu apenas as estatísticas das crianças de herança miscigenada. Havia quase quatrocentas delas em Nisus. Quase todas tiveram alguma das variedades da peste, mas ainda assim Korsal não encontrava um padrão.

Frustrado, ele incluiu uniões de adultos, sentindo em seu âmago que a resposta, de algum modo, estava com aqueles de ancestralidade em várias raças. Ainda assim as estatísticas não lhe davam nenhuma informação útil.

O que Therian vira? O grito do andoriano fora apenas um exemplo de loucura? Por que Korsal insistia em ouvi-lo como sua última declaração lúcida?

Esforçou-se para lembrar-se de mais alguma coisa que Therian dissera, o tipo de informações que estivera pedindo. Ocupações, localização...

— Computador, - Korsal disse de repente, suas entranhas torcendo-se como se estivesse a caminho de uma batalha, — mostre-me o padrão de disseminação das três variedades da peste entre todos os cidadãos de Nisus de herança mista, suas famílias, supervisores, professores, estudantes, sócios, colegas e qualquer um com quem tivessem contato diário.

— Trabalhando, - replicou a fria voz mecânica.

E então o padrão apareceu; inegável, mortal. Não era preciso uma lógica vulcana para percebê-lo. O que brilhava na fria tela verde negava todo o objetivo de Nisus.

TREZE

A bordo da *Enterprise*, Spock dividia seu tempo entre seus deveres normais e o computador da enfermaria. Não dormiu até examinar tudo que os registros médicos de Nisus e da Frota tinham a oferecer. Por fim, cedeu à opinião do Dr. McCoy de que se não descansasse enquanto nada havia para fazer, não poderia funcionar em sua máxima eficiência quando recebessem dados novos.

Havia momentos em que McCoy podia ser irritantemente lógico.

Então Spock dormiu na enfermaria... até ser acordado por xingamentos sussurrados mas veementes. Levantou-se do sofá e dirigiu-se para o consultório de McCoy.

O médico fitava uma tabela multicolorida que congelara na tela de seu computador. — Oh, Deus, - ele sussurrou. — Oh, não, esse é um truque sujo demais até mesmo para um vírus!

— O que descobriu, Doutor?

— Eu não descobri nada, foi algum engenheiro em Nisus. Olhe para esse padrão de disseminação, Spock. - Ordenou então ao computador. — Transfira para a tela na parede e refaça.

A larga tela na parede, usada para monitorar cirurgias, criou vida. De início não havia nada além de infinitas linhas de estatísticas, como tinham visto uma dezena de vezes antes.

— Aqui está o que acontece quando você colore o mapa pela espécie das vítimas, - disse McCoy. Os nomes e números desapareceram da tela e uma grade multicolorida surgiu. — Azul para andorianos, verde para vulcanos, vermelho para humanos e assim por diante. A princípio não há nenhum padrão específico, até que separa-se o grupo de pessoas que não se encaixa em nenhuma das espécies: aquelas de sangue miscigenado. Há centenas dessas pessoas em Nisus, a maioria delas abaixo de vinte anos padrão.

Spock franziu a testa. — Biologicamente, um grupo tão diferente não deveria exibir o mesmo registro médico.

— Exatamente por isso nenhum médico pensou neles como um grupo homogêneo. Nosso amigo engenheiro não sabia nada mais. Prossiga para a próxima tela, - McCoy disse ao computador. De repente, conjuntos de pontos multicoloridos ficaram brancos. — Esses são os residentes de Nisus com herança miscigenada, - o médico explicou.

— Agora, - continuou, — essa tela é por associação: pontos coloridos perto dos pontos brancos representam família, vizinhos, amigos íntimos,

colegas de classe e amigos daqueles de sangue miscigenado. As variedades da peste são os círculos em volta dos pontos: púrpura para a primeira, quase inofensiva variedade A; cinza para a variedade B; e preto para a mortal variedade C. Análise de tempo, - ele instruiu o computador e a tela começou a mostrar dias no alto do canto direito.

Círculos apareciam aqui e ali em volta dos pontos. Os pontos eram de cores diferentes; os círculos eram todos púrpura.

Enquanto o cronômetro passava os dias, mais e mais pontos eram cercados, tanto os pontos brancos quanto os coloridos. Então os primeiros círculos cinza da variedade B começaram a aparecer... sempre em volta dos pontos coloridos próximos aos pontos brancos cercados de púrpura.

McCoy olhou para Spock, que obrigava seu rosto a não trair sua ansiedade. O padrão continuou. Pontos brancos que nunca estiveram circulados por púrpura adquiriram círculos cinza, e próximos a eles os primeiros círculos negros apareceram, quase sempre à volta dos círculos púrpura.

— As mutações para as variedades mais mortais, - Spock forçou através de sua garganta apertada, — aparentemente acontecem... no corpo de pessoas com sangue miscigenado.

— É o que parece, - disse McCoy. — Mas fica ainda pior.

— Pior? - Spock se perguntou por que McCoy mantinha a temperatura da enfermaria tão baixa, enquanto controlava um tremor.

— Em medicina você procura a solução no problema, - McCoy explicou. — Vacinação usa a doença contra ela mesma. Seria... lógico buscar a cura para as variedades mutantes nas próprias pessoas em que essas variedades aparecem.

— Eu compreendo, Doutor, - disse Spock. — Seu sangue deve desenvolver anticorpos contra as novas variedades.

— Exatamente, - confirmou McCoy. — Essas pessoas deveriam exibir uma imunidade que poderia ser cultivada em seu sangue e passada para outras pessoas.

— É claro, - Spock disse com um movimento esperançoso de cabeça. Mas enquanto falava, a tela mostrava por que essa não era uma solução. Alguns dos pontos brancos, inclusive alguns já circulados por púrpura, começaram a ser envolvidos por círculos negros.

Aqueles onde a doença mutava não eram mais imunes do que outra pessoa. — Quaisquer anticorpos que eles desenvolvam, - disse Spock, — não lhes conferem proteção contra as variedades mais avançada. A doença muta em pessoas híbridas, mas nós não seremos capazes de produzir uma vacina a partir de seu sangue.

A imagem desvaneceu-se em puro prata. McCoy descansou a cabeça em uma mão, esfregando a testa. — Isso resolve uma coisa, Spock. Você não vai descer em Nisus.

CATORZE

A despeito dos maiores esforços de Seela, Korsal passou uma noite em claro após transmitir suas descobertas sobre o padrão da peste para a seção de epidemiologia do hospital. Que suas próprias crianças fossem aparentemente imunes a esta doença não acalmava sua ansiedade. Que nova e grotesca variedade da peste poderia aparecer amanhã, possivelmente atacando seus filhos, e transformando-os em incubadores de novos horrores?

Ele desejava um inimigo físico, algo que pudesse ver, atacar com um disruptor, uma faca, ou mesmo com suas mãos nuas. Então poderia *fazer* alguma coisa para proteger sua família!

Seela finalmente adormeceu, enrascada ao seu lado, num abandono animal. Quando amanheceu, ele olhou para sua macia pele verde, seu rosto doce e inocente, e lembrou-se o quanto ela queria ter filhos com ele.

Precisariam de uma grande ajuda da genética; klingons e órions eram muito mais diferentes do que klingons e humanos. Mas já havia sido feito antes, e Korsal tivera poucas dúvidas sobre começar uma segunda família, antes da peste.

Agora... seria essa doença uma mensagem da natureza de que os klingons estavam certos em considerar miscigenação algo inferior? Não podia acreditar nisso, não em vista de Kevin e Karl.

Então ouviu movimento no corredor. Kevin acordara, ansioso para ir ao campo de vôo. Korsal levantou-se, vestiu-se e juntou-se ao filho para o café da manhã.

Seela, uma dona de casa tão perfeita que às vezes Korsal desejava alguma falha em suas atividades domésticas, deixara o café e duas refeições, tudo pronto para esquentar ao toque de um botão.

Isso não era nada de novo para Korsal ou Kevin. Antes de Seela, esquentaram comida pronta mais vezes do que podiam contar. A diferença era que, antes mesmo de Cathy ir embora, as refeições eram normalmente compradas prontas. Seela fazia sua própria comida.

E desde que se casara novamente, nunca mais Korsal tivera que lidar com as inofensivas tabelas de nutrição do terminal de alimentação. Imaginava se ainda estariam na memória da máquina.

Comeram rapidamente e carregaram uma garrafa cheia de café fresco e quente com eles. O tempo primaveril desaparecera de novo. Devia estar frio nas montanhas. Colocaram botas, suéteres e jaquetas pesadas, e Korsal entregou o capacete a Kevin. — Teremos que conseguir outro desses, -disse.

— Agora que você conseguiu sua licença para usar o *hoverer*, nós dois poderemos estar voando, como esta manhã, ou um de nós poderá estar voando e o outro usando a moto.

— Podemos pegar um capacete emprestado hoje no campo, - disse Kevin. — Quando me chamaram no outro dia, pediram para levar um porque haviam emprestado todos os extras. Acho que eu estava no fim da lista de pilotos.

—Você *estava* nela, - Korsal lembrou-o, — e comportou-se com responsabilidade. Duvido que esteja no fim da lista da próxima vez em que precisarem de pilotos.

A despachante no campo de vôo fez eco aos sentimentos de Korsal. Ela já tinha uma nave separada para eles, dizendo a Korsal: — Seu filho provou ser um piloto e tanto na missão de evacuação. Mas é bom que esteja com ele hoje. Uma tempestade está se formando nas montanhas, vocês podem pegar um tempo difícil a três ou quatro horas daqui.

— Perigoso? - Korsal perguntou.

— Não para um piloto com sua experiência, - a lemnoriana replicou. — Ainda assim, sabe como essas montanhas podem ser imprevisíveis. Volte, se ficar muito difícil.

As expectativas de Korsal sobre as qualidades de seu filho se comprovaram. Nunca voara com Kevin antes, porque as lições do rapaz haviam sido com um instrutor licenciado, e ele chegou orgulhoso em casa com sua licença apenas na véspera do fechamento do campo, reservado para vôos prioritários.

Hoverers eram pequenas aeronaves que deslizavam sobre o terreno, dez a doze metros acima do solo. Já que funcionavam numa combinação de colchões de ar e placas antigravitacionais, era uma viagem dura, subindo e descendo de acordo com o terreno.

A habilidade em pilotar um *hoverer* vinha de compensar o terreno: a nave respondia diferentemente a água, árvores, terra cultivada, edifícios. Um piloto pouco capaz deixaria a nave pular e bater toda vez que o terreno mudasse, e era bem possível acertar uma montanha ou um prédio alto se ele se enganasse sobre a rapidez da reação dos sensores dela.

Kevin provou ser um bom piloto. Korsal deu o assento da esquerda para seu filho, mas havia controles duplos; poderia tomar o controle se encontrassem algo além da experiência de Kevin.

O tricorder de navegação levou-os através da represa, pelo rio alimentado pelos afluentes da montanha. Korsal estava satisfeito pelo modo como Kevin mantinha a altitude. Quando lhe disse isso, o garoto sorriu: — Eu tive que vir por aqui para a missão de resgate. Pratiquei sobre a represa

para minha licença, mas aquela foi a primeira vez que voei sobre o rio. Levei umas sacudidelas que quase me arrancaram os dentes, até conseguir pegar o jeito. Mas carregando os refugiados, no caminho de volta, quase não os sacudi.

— E você também não soltou os parafusos do *hoverer*, - disse Korsal, com o respeito do engenheiro para com uma maquinaria complexa.

Embora as nuvens se juntassem no pico da montanha, nas partes baixas era uma bela manhã. As montanhas próximas à cidade ainda tinham plantas nativas e pequenos animais, mas também havia pinheiros e arbustos, rosas silvestres começavam a mostrar folhas e botões, e havia vida selvagem de uma dúzia de planetas.

Um veado surpreendido, que bebia água do degelo, fugiu com a aproximação do *hoverer*. Uma família de *sehlats*, a quem fora permitido crescer selvagem, rosnou quando passaram.

— Aqui foi onde viramos para o campo de geologia. - Kevin apontou para um dos afluentes à esquerda. — É território novo para mim daqui pra frente.

— Apenas mantenha os olhos onde está indo, - Korsal lhe disse. — Quanto mais subimos, mais venta.

Havia neve no chão e gelo em alguns pontos do rio, embora Korsal não visse nada grande o bastante para danificar uma turbina. Além disso, esses pedaços pequenos derreteriam antes de chegar tão longe.

Mas quanto mais subiam, mais gelo surgia. Alguns pedaços maiores indicavam que o sistema de segurança não estava funcionando. Havia nuvens baixas e uma pequena névoa de chuva reduzia a visibilidade.

As montanhas de ambos os lados do rio ficaram mais altas, até que entraram em um desfiladeiro retorcido, com águas turbulentas ao fundo. O contato por rádio com o campo de vôo estava perdido, pois agora havia muita rocha sólida entre eles e a cidade.

Neve se misturava com a chuva. O vento esbofeteava o *hoverer* e Korsal agarrou seus controles para ajudar Kevin a mantê-lo firme. Se o rapaz estivesse sozinho, Korsal esperaria que retornasse desse ponto; ele mesmo o teria feito se não estivessem tão próximos de seu objetivo.

— Estamos quase lá, - disse ao filho. — Deve ser a mais baixa que não está funcionando...

Fizeram uma curva e a viram.

A comporta de segurança era um amontoado de concreto quebrado e suportes de metal retorcidos. — *Khest!* - Kevin exclamou, na primeira vez em que Korsal via seu filho usar um xingamento em klingonês. Até mesmo um vulcano julgaria a causa suficiente.

Era óbvio que o pedaço de gelo que destruíra a turbina era muito maior quando passara por ali. O que sobrara do sistema de segurança não seguraria nada. Tinha que ser reparado imediatamente.

— Ligue as câmeras, - Korsal disse. — Eu manobrarei o mais próximo que me atrever. Faça as melhores fotos que puder; esse reparo deve ter prioridade total.

Korsal levou a nave bem para baixo, sobre a comporta destruída, lutando contra o vento até Kevin dizer: — Consegui! — Então permitiu ao vento levantar e rodar o *hoverer* como se fosse uma folha levada pela ventania.

— Pai! - Kevin engasgou, avançando para os controles.

— Deixe! - Korsal ordenou. — Eu lutei com esse vento em todo o caminho de descida e agora estou deixando que nos suba. Você aprenderá esses truques, Kevin. - Nivelou a nave quando estavam com o peso normal de manobra. — Continuamos para ver se a comporta de segurança acima desta também está danificada ou voltamos daqui?

— Eu nunca voei com esse tipo de neve e vento, - disse Kevin. — Não sei o que pensar, Pai.

— Nem eu, - Korsal admitiu. — Se agüentarmos mais alguns quilômetros, poderemos ver se há mais gelo prestes a quebrar. Se não houver, e se a comporta de segurança acima desta estiver intacta, os reparos não são tão urgentes a ponto de arriscarmos trazer uma equipe até aqui enquanto ainda acontecem tempestades de inverno.

Decidiram continuar até onde a visibilidade permitisse, e voar para fora da tempestade dando a volta no próximo pico. — Bom, - Korsal disse, espiando os sensores meteorológicos. Cercados como estavam, os sensores tinham pouco o que fazer. Agora mesmo informavam que estava tudo limpo à frente, até onde podiam alcançar.

O vento continuava traiçoeiro. Por várias vezes, Kevin teve de parar de procurar por problemas abaixo deles, para ajudar Korsal a lutar com os controles.

Eles fizeram outra curva e deram de frente com uma parede de neve.

Os sensores meteorológicos começaram a apitar loucamente.

— Hora de ir pra casa! - Korsal gritou, e fez o *hoverer* girar em seu eixo vertical.

— Acho que eu mesmo podia ter pensado nisso! - Kevin respondeu.

— Você não está procurando por um projeto de ciências, Kevin? - perguntou Korsal.

— Estou.

— Por que você não tenta desenhar um sistema que envie um sinal para a represa quando qualquer coisa passar pelas comportas de segurança?

— Se isso é possível, por que você não o desenhou anos atrás, pai?

— Porque nunca pensei nisso até hoje!

O rapaz ficou em silêncio enquanto navegavam entre as curvas límpidas do desfiladeiro, alerta para qualquer mudança do vento. Então disse, pensando alto: — Teria que suportar o tempo e os animais e ainda assim funcionar quando algo estivesse realmente errado. Esse é o problema, não é? Qualquer sistema sensível o bastante para soar um alerta genuíno mandaria muitos alarmes falsos.

— Esse é o problema, — Korsal concordou.

— Tem que incluir um computador capaz de fazer julgamentos, mas os computadores são muito sensíveis ao frio e à umidade.

Sorrindo para si mesmo, Korsal ouviu seu filho racionalizar o problema. Quando chegassem em casa, ele provavelmente já teria um protótipo em mente.

Seu sorriso mudou para um rosnado quando passaram pela borda que escondia o caminho protegido e descobriram que a tempestade tinha se aproximado deles.

Enfrentaram uma parede de gelo e neve rodopiante, bloqueando completamente o desfiladeiro vizinho. Korsal manobrou o *hoverer* para uma parada e encarou a brancura mortal. — Imperdoável! - Disse. — Permitimos que o inimigo nos cercasse.

Com o canto do olho percebeu o movimento brusco da cabeça de seu filho, quando Kevin virou-se para olhá-lo. — É... é uma tempestade, pai, - disse incerto. — Não é um ser consciente.

— Eu sei, mas lembra-se do que aprendeu em Sobrevivência?

— A natureza é mais perigosa que um inimigo conhecido, porque constantemente parece amigável e nunca esperamos que no próximo minuto se vire e nos mate casualmente.

Ele ouviu a dureza na voz do garoto. Kevin passara pela prova de Sobrevivência com seis anos, e obviamente nunca mais pensara sobre isso.

Eu falhei como pai, Korsal pensou. *Meus filhos não pensam como klingons*. — Sugestões? - Pediu.

— Sempre assuma a natureza como um inimigo, - Kevin respondeu. Imediatamente trocou a posição do sensor meteorológico para sondar atrás deles. Um traço fraco indicou que a mesma tempestade de neve que os fizera recuar os estava perseguindo. — Estamos cercados pela frente e por trás. Não podemos sondar os lados por causa das paredes do desfiladeiro, então nossa única chance é para cima e para fora.

Se a situação não fosse tão grave, Korsal ficaria satisfeito com a resposta do filho.

— A nave pode fazer isso? - Perguntou.

— O equipamento é capaz, - Kevin respondeu instantaneamente. — Fiz isso sobre a represa.

— Você *o quê!*

— Eu disse ao meu instrutor que havia calculado que...

— Deixe pra lá! É melhor lembrar *como* você fez isso.

— O vento era constante sobre o topo da represa, permitindo a elevação do *lioverer*, - Kevin explicou. — Não sei se podemos ultrapassar a parede do desfiladeiro aqui, a menos que encontremos uma corrente de ar ascendente, mas... é nossa única chance.

— Alternativas?

— Pousar, mas onde?

Onde, mesmo? Abaixo deles o rio já estava em meio à enchente de primavera, cobrindo o desfiladeiro de um lado ao outro. O *lioverer* não era à prova d'água, e se fosse, não havia sido construído para ser uma balsa. O rio iria simplesmente arrastá-los na correnteza e esmagá-los contra as rochas.

Enquanto mantinham sua rápida conversação, ambos lutavam com os controles. — Visibilidade deteriorando, - Kevin notou.

Não era novidade para seu pai. — Então vamos lá. - Deixou a nave ir para a esquerda, depois para a direita, procurando por um vento ascendente. Quando o encontrou, ele girou para o lado direito da parede do desfiladeiro. — Amigo ou inimigo?

— Se o inimigo oferece uma vantagem, - Kevin replicou, — pegue-a e use-a contra ele. Aqui. Por sobre esta rocha! Vai precisar deste ângulo, pai.

Subiram rápido até atingirem o limite dos motores, e atiraram o *lioverer* contra o chão do desfiladeiro. Tudo que tinham agora era o momento angular, lançando loucamente a pequena nave contra pedras, gelo, a parede do desfiladeiro. Korsal usou mais força até que os motores gemeram em protesto. A neve em volta deles tornou-se mais densa.

— Visibilidade zero, - Kevin informou.

Os instrumentos do *hoverer* não haviam sido projetados para esse tipo de vôo, mas era tudo que Korsal tinha para seguir enquanto voava "pelos fundilhos de suas calças", como seu instrutor humano uma vez dissera.

Empurrados pelo vento, não podiam nem dizer se ainda estavam subindo. — Altímetro em barométrico! - gritou para Kevin. O instrumento vinha lendo a distância entre eles e a superfície mais próxima abaixo. Agora registrava uma lenta mas constante subida. — Bom, - disse Korsal, atravessando a tempestade de neve.

— Aviso de antigravidade, - Kevin disse de repente. — Superaquecimento!

Korsal viu a luz vermelha piscando, mas não tinha escolha agora. Era para cima e para fora, ou cair dentro do rio.

Ainda estavam subindo, mas lenta e pesadamente, até ele não saber em que direção virar. Se nivelasse muito cedo, poderiam bater contra a parede do desfiladeiro; se ele não nivelasse a tempo...

Com sua luz de aviso ignorada, a sirene de mal-funcionamento de anti-gravidade soou. — Altímetro relativo à superfície! - Korsal ordenou, observando o instrumento enquanto forçava a nave na horizontal. Eles estavam a salvo, cerca de dois metros acima do chão!

Ele nivelou cegamente, pretendendo pousar na beira do desfiladeiro e esperar pelo fim da tempestade.

Mas não considerou o superaquecimento das placas de antigravidade.

Ouviu a buzina de aviso quando pousou o fundo na neve e gelo. — Os motores! - exclamou. — Eles derreteram através de seu isolamento! Kevin, pule! Corra!

O ar frio entrou na pequena cabine quando Kevin abriu a porta do lado esquerdo e saltou na neve.

Korsal abria a porta ao seu lado, justo quando a explosão aconteceu.

Ele foi levantado, jogado pelo ar como uma bola de neve e caiu sobre alguma coisa grande e dura. Ouviu costelas se quebrando, então sentiu a dor, mas por um momento ainda foi capaz de pensar enquanto seu corpo escorregava sem controle para o chão.

Kevin! Queria gritar, mas não tinha forças nem ar. Será que o rapaz pulara longe o bastante da nave? Ou a explosão o pegara também?

Korsal tentou se mover, mas não pôde. Tentou gritar, mas conseguiu apenas um gemido fraco. Então a escuridão e o frio o isolaram do mundo à sua volta.

QUINZE

Quando Spock explicou as novas descobertas sobre a peste em Nisus para o Capitão Kirk, viu o rosto de seu amigo empalidecer. Mas imediatamente o natural otimismo humano reapareceu. — É uma pista, Spock. Medicina não é minha área, mas é a de McCoy e de todos esses especialistas. Eles vão se apoiar nesses dados para criar uma vacina ou encontrar a cura.

— Que classificação de segurança quer que coloque nesta informação? - Spock perguntou.

— Conhecimento necessário, - Kirk respondeu, — e continue a codificar todos os relatórios para a Frota. Magro irá relatar os fatos a todos da missão médica, mas não há necessidade de informar o resto da tripulação... ou qualquer um dos outros passageiros.

— Meus pais... - Spock sugeriu, mas Kirk o interrompeu.

— Não há razão para preocupá-los, Spock. *Você* não vai pôr os pés naquele planeta.

Spock concordou cansado. Vulcanos eram realistas, baseando suas vidas em fatos e lógica. Mesmo assim, ele achava desagradável que sua natureza híbrida fosse agora uma desvantagem física. Muitas vezes em sua vida, tinha culpado seu sangue humano pela emoção ou pela falta de lógica, mas estas coisas ainda eram sua escolha, sob seu controle. Essa peste mutante não.

Ela era um quebra-cabeça irresistível. Até a nova informação chegar na noite passada, ele estivera determinado a encontrar uma maneira "lógica" de descer em Nisus com McCoy.

Como acontecia com desconcertante frequência, Kirk tinha seguido sua linha de pensamento. — Também estou frustrado, Spock, - o Capitão disse. — Não, não é um problema sério, mas também não posso descer em Nisus e isso significa que vou ter que dar por terminal de comunicação uma notícia que adoraria dar pessoalmente.

— E qual é ela? - Spock perguntou.

— Parece que há um rapaz em Nisus que acabou de me tirar do livro de recordes como a mais jovem admissão na Academia da Frota Estelar. -Kirk não parecia nem um pouco infeliz em ter seu recorde quebrado.

— Um vulcano? - Spock sugeriu.

Kirk sorriu. — Não, a menos que os vulcanos tenham mudado seu padrão de nome. O deste rapaz é Kevin Katasai.

Katsai! Spock sentiu suas sobrancelhas se erguerem involuntariamente.

Kirk viu e franziu a testa. — O que.... você o conhece, Spock?

— Não. Entretanto... o engenheiro que descobriu o padrão de disseminação da peste é Korsal Katasai, presumivelmente um parente deste candidato bem sucedido.

O franzir de Kirk aumentou. — Korsal? Isso parece... - interrompeu-se com uma risada. — Vamos lá, Spock, é só uma coincidência! A Frota certamente não admitiria klingons na Academia!

— Provavelmente você está certo, Capitão. - Spock respondeu. Parecia mesmo uma coisa muito estranha para a Frota fazer.

Deixaram a sala de reuniões, mas Kirk não tinha pressa em voltar à ponte. Acompanhou Spock até a grande sala de refeições, onde a maioria dos passageiros tomava o café da manhã. Ali se juntaram a Sarek e Amanda, que estavam com Daniel Corrigan e sua esposa, T'Mir.

Spock sentou-se com sua bandeja bem a tempo de ouvir sua mãe comentar com T'Mir: — Sempre achei que existe uma diferença bem maior entre o modo de pensar masculino e feminino do que entre o humano e vulcano.

Daniel endereçou à sua esposa um sorriso que dizia mais do que uma enciclopédia, mas T'Mir estava olhando seriamente para seu prato, e então dirigiu-se para a mãe de Spock. — Estou começando a compreender isso, - respondeu suavemente.

Sarek ergueu uma sobrancelha e disse para Daniel: — *Mulier est liominis confusio.*

O sorriso do médico humano se transformou numa risada sem controle. T'Mir encarou seu marido, depois Sarek, e novamente Daniel. — O que ele disse? - Exigiu.

— A mulher é toda a alegria e satisfação do homem, - Daniel conseguiu explicar, engasgado.

Amanda deu a Sarek um olhar misto de divertimento e irritação. T'Mir o percebeu, viu que seu próprio marido não a olhava nos olhos e disse: — Daniel, não é isso que significa!

— É sim, - ele respondeu, — de acordo com uma antiga autoridade da Terra, um Chauntecleer.

Com isso Spock, cujo latim era bom o bastante para reconhecer o verdadeiro significado da frase, lembrou-se de seu autor. Chaucer. Era difícil acreditar que Sarek tirava suas piadas da obscuridade literária! Olhando para Kirk, viu que ele disfarçava um sorriso, e lembrou-se da paixão do capitão por livros antigos.

T'Mir ergueu uma sobrancelha para Sarek e disse: — Eu procurarei essa referência.

— Precisamente o que você deve fazer, - o pai de Spock replicou, como se estivesse falando com um de seus alunos.

Ocasionalmente ocorria a Spock, desde que atingira a maturidade, que sua decisão adolescente de entrar para a Frota Estelar, em vez de para a Academia Vulcana de Ciências, poderia ter sido influenciada pelo desejo de não ter nenhum de seus pais como professor, especialmente seu pai. Sarek afirmava não compreender o conceito de humor, mas era conhecido por freqüentemente provocar em seus estudantes não-vulcanos a mesma reação que o Dr. Corrigan acabara de ter.

No entanto, quando este pensamento lhe ocorria, Spock o suprimia rapidamente, como fez hoje.

Quando a pequena comoção na mesa terminou, Spock notou algo no terminal de alimentação. Uma jovem vulcana esperava que seu pedido aparecesse, quando Sendet aproximou-se. Spock não pôde ouvir suas palavras, mas viu a mulher fazer um movimento negativo com a cabeça.

A porta do terminal deslizou, a jovem removeu sua bandeja e afastou-se. Sendet seguiu-a.

Quando se aproximaram da mesa onde Spock estava sentado, ele pôde ouvir Sendet dizendo: — Você precisa me ouvir, T'Pina. Tem a força, a inteligência para ser um de nós. Deixe que lhe mostre o que vem da prática desse grande ideal da IDIC.

— Sendet, - T'Pina disse sem expressão, — eu não quero falar mais. Por favor, vá embora.

Neste momento Kirk já os havia notado, mas enquanto afastava seu café e começava a se levantar, outra voz elevou-se. — Sendet! Deixe a mulher ouvir, junto com todos. Então ela terá fatos para fazer sua escolha.

Satat estava na porta, flanqueado por outros Seguidores de T'Vet. Agora ele avançava em direção a Kirk.

O Capitão se levantou, assim como Spock, que automaticamente assumiu uma posição atrás dele, em um lado, como para defender suas costas se necessário. Do outro lado da sala, a Tenente Uhura, a única outra oficial presente, levantou-se e moveu-se para uma posição similar do outro lado de Kirk.

Satat olhou para o grupo na mesa com um esgar. — Acredito que não lhes contou, Capitão Kirk. Certamente, esses praticantes da IDIC, - pronunciou as palavras como se tivessem um gosto ruim, — não se sentariam calmamente tomando café se soubessem dos dados secretos que chegaram à sua unidade médica durante a noite.

— O que sabe sobre esses dados? - Kirk contra-atacou.

— Você é um tolo, Capitão. Acha que, só porque praticamos filosofias

antigas, somos uns selvagens tecnológicos? Há especialistas em computação entre nós. Estivemos monitorando todos os dados enviados à *Enterprise*.

Isso nunca fora notado porque ninguém considerara que os Seguidores de TVet poderiam fazer algo assim. Kirk olhou para Spock, procurando uma explicação. — Qualquer especialista em computação poderia programar os monitores padrões para ligar-se ao computador da enfermaria, -ele disse. — Por que fez isso, Satat? Você deu sua palavra de que não interferiria com a operação da *Enterprise*.

— Nosso monitoramento não interferiu, mas nos deu a justificativa para tudo em que acreditamos. Essa peste sem nome é a evidência irrefutável sobre o que acontece quando vulcanos esquecem sua verdadeira herança, transformam-se de guerreiros em filósofos, e poluem seu sangue com genes alienígenas! Diversidade infinita existe, ninguém pode negar. Mas infinitas combinações são contra a natureza. Vocês vêem o resultado em Nisus!

— Capitão Kirk, - disse Sarek, — sabe sobre o que esse homem está falando?

— Sim, eu sei, - Kirk disse secamente. — A última descoberta referente à peste em Nisus. Sabemos que sofre mutações, tornando-se mais severa a cada novo tipo. O que acabamos de saber é que os tipos mortais desenvolvem-se... quando atacam pessoas de sangue miscigenado.

Sarek e Amanda olharam um para o outro e então para Spock. Sarek levantou sua mão e Amanda tocou os dois primeiros dedos dele com os seus. Daniel Corrigan também procurou a mão de sua esposa, mas apertou-a da maneira humana.

E Satat continuou triunfantemente, — Essa doença é apenas o último sintoma da corrupção espalhada pela Terra e Vulcano para cada mundo que permitiu que altos ideais sobrepujassem os fatos. Dêem agora a essa peste seu verdadeiro nome, pela sua verdadeira fonte. Chamem-na a Epidemia IDIC!

DEZESSEIS

Korsal acordou para o frio congelante e a dor. Não sabia onde estava. Tudo era uma mancha branca e cinza. Quando conseguiu focalizar a vista, descobriu que o branco era neve, caindo à volta dele tão pesadamente que não podia ver mais do que alguns metros adiante. As formas cinzentas eram rochas e árvores.

A memória voltou. — Kevin!

Tentou se sentar, mas uma dor o atingiu no lado direito do corpo. Ele tentou respirar fundo, para gritar o nome de seu filho, mas a dor aguda o impediu de novo.

— Pai?

A voz era fraca, afastada pelo vento. Mas Kevin estava vivo! A despeito da dor, ele respirou e tentou gritar. Saiu como um grasnido. — Kevin!

— Pai? Você está bem?

Ele tentou responder novamente, conseguindo apenas um sopro sussurrado.

Mas havia uma forma vaga no meio da brancura da neve. Seria apenas um galho de árvore soprado pelo vento? Não! Algo se movia para ele...

— Pai! - Kevin ajoelhou-se ao seu lado. — Está ferido!

— Apenas... costelas quebradas, - Korsal conseguiu dizer.

— Fique deitado, então, - Kevin falou, e mexeu nos bolsos de Korsal, procurando suas luvas, que tirara quando dentro do *hoverer*. Kevin ajudou o pai a vesti-las em suas mãos trêmulas. — Os motores de anti-gravidade explodiram.

— Eu sei. Você está ferido?

— Não. Onde caí estava limpo. Mas perdi meus óculos. Não tente falar. Eu sei o que fazer; nós só temos que sobreviver até a tempestade acabar. Eles mandarão um grupo de busca. O fogo do *hoverer* está quase no fim. Nessa neve vai esfriar rápido, então verei o que posso tirar de lá.

— Não... na ventania, - Korsal gaguejou. — Sorte ter me encontrado.

— Nós fazemos nossa própria sorte, - Kevin disse. Era um ditado humano, mas facilmente poderia ter sido klingon. — Você não pode ficar se mexendo para manter-se aquecido, então eu vou construir um abrigo e fazer fogo. - Ele tirou sua jaqueta e cobriu Korsal. — Exercício me manterá aquecido até que eu consiga o fogo.

Tanto Kevin quanto Korsal carregavam pesadas facas dentro de suas botas - símbolo de masculinidade, conquistadas no teste de Sobrevivência,

mas também um instrumento de múltiplos usos que servia tanto numa briga quanto neste momento. Kevin cortou um ramo baixo de um pinheiro e usou-o primeiro como vassoura, para limpar a neve próxima a Korsal.

Fez uma cama com ramos de pinheiro para isolá-los do chão frio e, com muito cuidado, ajudou seu pai a deitar-se nela. Korsal sentia-se estranho, sendo ajudado e cuidado por seu filho, como se tivessem trocado de lugar de repente. Estava profundamente orgulhoso do rapaz. Numa verdadeira emergência, Kevin estava reagindo com calma e competência. Por causa disso, provavelmente sobreviveriam.

Kevin construiu um telheiro, Korsal incapaz de ajudar mais do que dar nós nos ramos antes de Kevin firmá-los na neve compactada.

Felizmente o rapaz não teve que procurar longe por madeira, já que a neve estava caindo com mais força, o vento uivando. Korsal observou-o arrancar a casca úmida e colocar um pavio na parte seca do interior do ramo. — Agora, - ele perguntou, — como acendemos isso? Eu tenho binóculos mas não temos sol, ferro mas nenhum isqueiro; deve haver algo para começar um fogo no kit de emergência do *hoverer*, se não tiver ido pelos ares.

— Não houve explosões secundárias, - Korsal disse. — Acho que você pode arriscar ir ao *hoverer* para pegar o kit.

Mas a neve caía tão pesada e tão rapidamente que, embora fosse meio-dia, a escuridão os envolvia. Korsal arrastou-se para fora do abrigo e decidiu: — Nenhum sinal de que vá parar. Assim você poderia se perder e congelar até a morte a menos de dez metros daqui. Está esfriando. Vamos ter que começar o fogo através de fricção.

Não era uma tarefa simples com o ar frio e úmido, mas Kevin trabalhou diligentemente, girando um graveto no meio do pavio que havia feito. — Pelo menos minhas mãos estão esquentando, - brincou. — Não sinto mais os pés.

Korsal tampouco sentia os seus. De fato, todo o seu corpo estava dormente. Talvez a melhor coisa fosse dormir, deixar seu corpo curar-se...

— Pai! Pai, acorde!

Ele foi puxado até ficar sentado, tossindo por causa das costelas quebradas.

— Acorde! - Kevin ordenou. — Não vou deixar que congele até a morte!

— Nevando... não frio o bastante... - Korsal murmurou.

— O vento gelado é! - Disse Kevin. — Fique *acordado*, Pai. Fale comigo!

— O quê? - Conseguiu abrir um olho, para encontrar seu filho encarando-o através da miopia.

— Fale comigo! - Kevin ordenou de novo. — Conte-me... conte-me sobre o Império. E se eu for para lá algum dia? O que terei que fazer para ser aceito?

— Lutar, - Korsal respondeu grogue.

— Na carreira militar. Sim, mas o que mais? Quero ser um cientista, como você, não um soldado.

— Eles querem... armas.

Kevin voltou a trabalhar com o graveto e o pavio. — Fale-me sobre famílias. Como é crescer no Império Klingon?

— Como aqui. Passar pela Sobrevivência... ir à escola. Sempre bom na escola, melhor que meus irmãos, mas eles eram maiores, mais fortes. Krel, ele era o mais velho. Lembro... ele me ensinou *klin zha*. Com oito anos eu sempre vencia. E ele sempre me desafiava de novo...

— Pai? - Kevin atalhou rispidamente.

— Eu nunca vencia as lutas, tiro, corrida. Nenhum dos outros queria brincar comigo. Mas Krel, ele sempre... sempre me dava chance no que eu era bom.

— Vou me lembrar disso, - Kevin falou. — Karl é muito melhor cm *klin zha* do que eu. Devia jogar com ele de qualquer jeito.

— Não precisa, - Korsal disse devagar. — Ele é melhor do que eu também, e eu o ensinei. - Abriu os olhos quando o cheiro de fumaça chegou a seu nariz, viu Kevin debruçado, soprando gentilmente uma pequenina chama.

— Stel diz que essa é a marca de um bom professor: quando seu aluno o supera.

A mente confusa de Korsal teve que procurar pelo nome. Seus olhos se fecharam de novo. Stel. O professor de matemática de Kevin. Frota Estelar. Os pontos de Kevin no teste de admissão da Academia deviam ter sido maiores do que os de seu professor.

— Stel é sábio, - disse Korsal.

— Muitos vulcanos são, ou parecem ser, - respondeu Kevin. — Às vezes acho que c porque eles não falam muito, então quando dizem algo, soa profundo.

Korsal sorriu diante da astúcia de seu filho. O calor estava começando a trazê-lo de volta à vida c abriu os olhos para encontrar Kevin alimentando um aconchegante fogo baixo.

Conversaram e Kevin colocou neve ao lado do abrigo, o fogo criando uma pequena caverna de gelo para eles. — Kai Kevin, - disse seu pai. — Podemos agüentar até que o socorro chegue.

Algum tempo depois houve uma pausa na nevasca e Kevin disse: — Vou

ver se consigo pegar o kit de emergência do *hoverer*. Depois vou recolher mais madeira para o fogo.

— Está quente aqui agora, - Korsal falou. — Coloque minha jaqueta sobre a sua e minhas luvas também.

Korsal observou-o partir, torcendo para que as pesadas nuvens baixas não soltassem sua carga antes que Kevin terminasse suas tarefas. Alimentou o fogo frugalmente, esperando que Kevin conseguisse logo a machadinha do kit de emergência. A ameaça de nevasca não permitiria que o rapaz se aventurasse muito longe; a neve já chegava à altura das coxas, tornando o andar quase impossível.

Pareceu um tempo muito longo até Kevin voltar com uma braçada de galhos, sem fôlego pelo esforço de avançar pela neve alta.

Ajoelhando-se diante do fogo, Kevin tirou as luvas e esticou os dedos para as chamas. — Vou pegar mais madeira assim que me esquentar, -disse. — Pai... o *hoverer* se foi.

— ... se foi?

— O calor dos motores deve ter derretido o gelo e a neve na plataforma do desfiladeiro e ela se quebrou. Provavelmente o vento ajudou também. Pode-se ver a trilha onde ele escorregou e caiu no rio.

As costelas quebradas apunhalaram Korsal quando ele respirou fundo. A falta do kit de emergência significava nenhuma machadinha, nenhuma comida, nenhum cobertor, nenhuma luz e nenhum suprimento médico. — Está tudo bem, - disse. — Tudo que temos que fazer é nos manter vivos até o socorro chegar, e certamente isso será pela manhã.

— Sim, Pai. Certamente pela manhã, - Kevin respondeu. Korsal percebeu que estava sendo gozado. — Vou apanhar mais madeira agora, - disse, — assim poderei fazer mais uma viagem antes da noite cair.

Novamente Korsal olhou para fora, para o céu. As nuvens eram sólidas, negras, pesadas de neve, que recomeçou a cair antes que Kevin voltasse e um vento furioso fez a nevasca rodopiar em volta do abrigo até muito depois de escurecer. Kevin não poderia sair para buscar mais madeira, mesmo que houvesse alguma chance de encontrá-la debaixo das montanhas de neve. Alimentaram o fogo o mais parcimoniosamente possível, tentando fazer a madeira durar até o dia nascer; derreteram neve em um dos capacetes e a beberam quente para tentar manter o calor interno.

Mas a temperatura estava caindo, penetrando em seu pequeno santuário. Recolocaram as roupas e deitaram-se juntos para compartilhar o calor do corpo, enquanto o frio infiltrava-se no abrigo.

— Me conte mais sobre seu irmão Krel, - Kevin pediu. - Talvez algum dia eu conheça meus tios.

— Ele morreu, - respondeu Korsal. — Morreu numa batalha contra a Federação há seis anos. Eu nunca cheguei a lhe dizer que sabia... que jogava comigo quando era pequeno—para que eu vencesse em alguma coisa.

— Pai?

Korsal ouviu a palavra, mas não encontrou forças para responder. Qualquer outra coisa que Kevin disse, não ouviu.

Ele sentava-se diante de um tabuleiro com o Jogo Reflexivo. A sua frente estava seu irmão Krel. Ele sorriu sem mostrar os dentes e gesticulou para que Krel fizesse o primeiro movimento.

DEZESSETE

O Capitão James T. Kirk estava na ponte da USS *Enterprise* quando esta finalmente entrou em órbita de Nisus. Leonard McCoy estava em pé ao lado de seu ombro esquerdo, observando a tela.

O planeta era como a Terra, com vastos oceanos à volta de um grande continente e várias ilhas de bom tamanho. A colônia científica ocupava uma pequena área do continente; havia espaço suficiente no caso da população aumentar.

Parecia enganosamente pacífico e bonito. McCoy fez eco a seu pensamento: — Olhando daqui nunca se diria que eles têm um problema tão grande.

— Bem, é seu trabalho descer lá e resolver o problema, Magro, - Kirk disse, girando sua cadeira até poder encarar os suaves olhos azuis. — Nós vamos sentir sua falta, sabe.

— Apenas não se meta em muitas confusões enquanto eu estiver fora, - McCoy replicou, não muito afeito a despedidas sentimentais.

Quando ele se virou para subir o degrau para o turboelevador, Spock deixou seu posto. — Doutor, - disse, — acredito que uma de suas poções desagradáveis irá rapidamente destruir esse vírus.

— É melhor acreditar nisso, Spock, - McCoy replicou com um sorriso malicioso. — Mas se não funcionar, talvez eu tente rezas e bruxarias.

— O que quer que faça, - Spock disse solenemente, — por favor, proteja-se. Seria uma grande inconveniência para a *Enterprise* ter que conseguir outro oficial médico chefe.

— Oh, eu certamente não gostaria de infligir a outro médico a *sua* anatomia, - o doutor concordou e virou-se para o turboelevador. As portas se abriram. — Até logo.

— Boa sorte, Magro, - disse Kirk.

Para sua surpresa, e a de McCoy, pois viu como os olhos do doutor se arregalaram, Spock ecoou: — Isso mesmo, Doutor. Boa sorte.

Então as portas do turboelevador se fecharam e as informações começaram a chegar da sala de transporte enquanto os especialistas desciam para Nisus.

Assim que os relatórios de transporte terminaram, Kirk chamou o oficial de ligação da Frota em Nisus. Não havia uma instalação militar ali, mas havia sempre um grande número de pessoal científico da Frota no planeta. No momento, a oficial mais graduada era Comandante Carmilla Smythe. Ele

levou um momento checando sua ficha, já que nunca a tinha encontrado, e descobriu que sua especialidade era etnografia. Mas o que diabos uma etnógrafa fazia numa colônia científica?

Ele chamou seu escritório, onde um assistente lhe disse: — Dra. Smythe está em casa, se recuperando.

— Se recuperando?

— Sim, senhor. Ela teve muita sorte, foi uma das poucas que sobreviveu à mais recente variedade da peste.

— Talvez eu não deva perturbá-la, - disse Kirk. — Quem é o próximo em comando?

— Comando? - O jovem perguntou em óbvia confusão. — Oh, quer dizer pessoal da Frota. Uh, o Senhor Thorven morreu a alguns dias. Dr. Chang foi levado ao hospital ontem. Sinto muito, senhor, mas eu não sou da Frota. Não conheço a linha de comando em Nisus. Se não for confidencial, poderia me dizer sobre o que quer falar com a Dra. ... uh, Comandante Smythe?

— Um jovem cidadão de Nisus recebeu admissão precoce na Academia da Frota.

— Oh, *boas* notícias! Deixe-me lhe dar o código da casa da Dra. Smythe; lhe fará bem ouvir isso.

Por alguns momentos Kirk achou que não conseguiria uma resposta, mas então a tela encheu-se com uma imagem extremamente próxima de uma mulher, afastando-se depois de pressionar o botão de resposta em seu terminal. — Smythe aqui, - disse. Então estudando-o: — Capitão Kirk? A *Enterprise* chegou? Graças a Deus!

Agora que ela estava a uma distância correta da tela, Kirk pode dar uma boa olhada nela. Estava de pé, apoiada numa bengala, e ele pode ver o gesso em um dos pés, aparecendo por sob o robe.

Mesmo usando uma das roupas de tamanho único adotadas pelas mulheres que podiam ter sua privacidade invadida em seus próprios quartos, ele pode ver que ela estava muito magra, muito pálida. Ele gostaria de colocar um braço a volta de seus ombros frágeis... mas ela era apenas uma imagem na tela. Uma imagem muito atraente, na verdade, a juventude em sua face em contraste com o cinza prematuro de seus cabelos.

— Por favor, sente-se, Comandante, - era tudo que ele podia fazer por seu conforto. — Posso ver que está ferida.

Seus olhos negros sombrearam-se por um momento quando a lembrança a atingiu. — Sim. Parece que ataquei um dos meus assistentes. Essa nova variedade da peste geralmente começa desse jeito. Ele foi capaz de escapar e me deter, mas consegui um tornozelo quebrado. Entretanto, tive sorte: não

matei ninguém. Nem todas as vítimas foram tão afortunadas.

— Assim ouvimos, - disse Kirk. — Estou feliz que tenha se recuperado, e tenho notícias que espero que ajudem ainda mais. Você recomendou um Kevin Katsai para admissão precoce na Academia da Frota Estelar.

— Quer dizer que eles realmente...? — Por um momento seu rosto sustentou um sorriso, mas em seguida nublou-se de novo.

— Sim, - Kirk assegurou-lhe, — ele foi admitido.

— Espero que não seja tarde demais, - foi sua estranha resposta.

— Não me diga que ele está doente com a peste?

— Kevin? - Ela o encarou desconcertada. — Certamente os médicos transmitiram as informações sobre sua imunidade. Kevin não vai pegar a peste, mas não temos certeza se ainda está vivo.

— O que quer dizer com não ter certeza?

— Tivemos alguns problemas com gelo atingindo a usina de energia na represa. Ontem de manhã Kevin e seu pai levaram um *hoverer* até as montanhas para checar os equipamentos de segurança, para ver por onde o gelo estava passando. Eles não voltaram; há uma tempestade por lá. O alarme automático de emergência do *hoverer* está ligado, mas não podemos mandar grupos de busca para aquela área. Há duas possibilidades: eles pousaram e ligaram o alarme... ou o *hoverer* caiu.

— Droga! - Disse Kirk. Então: — Espere, me dê as coordenadas do alarme, iremos até lá e procuraremos por eles e os transportaremos...

Ele lembrou-se. — Droga de *inferno!* — Reiterou. — Não podemos transportar ninguém a bordo por causa da peste!

— Eles não são portadores, Capitão. Os médicos testaram cuidadosamente Korsal, e seu filho caçula, Karl, tem passado por todo teste que os médicos puderam imaginar nesses últimos dois dias. Klingons são definitivamente imunes à peste.

— ...klingons? Eles *são* klingons?

— Sim, mas Korsal é um cientista, e seus filhos cresceram bem aqui em Nisus. Deixe pra lá, se pode localizá-los e transportá-los para a *Enterprise*, salvará suas vidas. *Se* ainda estiverem vivos.

— Talvez possamos colocá-los em suspensão sem materializá-los a bordo, - Kirk sugeriu, — e redirecioná-los para o hospital de Nisus.

— Capitão, eles não são contagiosos, mas certamente estarão muito fracos. Um *hoverer* para dois homens não carrega muito equipamento de sobrevivência, e se eles caíram, podem estar feridos. Eu sei que o que sugere já foi feito antes, mas também sei que ser colocado em suspensão enquanto as coordenadas são trocadas causa fraqueza temporária em pessoas com saúde perfeita.

— Como sabe disso? - Kirk perguntou.

— Não é confidencial; qualquer membro da Frota pode acessar essa informação. Eu nunca gostei de permitir que minhas moléculas fossem separadas, mas já que é necessário, eu li tudo que havia sobre o procedimento, incluindo técnicas experimentais.

— Você tem que conhecer nosso Dr. McCoy, - Kirk disse.

— Há outra razão para transportar Korsal e Kevin para sua nave: o hospital aqui está completamente entupido, e todo o pessoal e equipamento estão trabalhando contra a peste. Kevin e seu pai receberão um tratamento muito melhor em sua enfermaria. Agora, Capitão, poderia dispensar mais discussões e resgatar esses dois homens? Eles podem estar morrendo enquanto falamos.

— Está certa, é claro. Espere. - Kirk apertou o botão da engenharia em seu terminal de comunicação interna. — Scotty, eu preciso que faça um trabalho especial de transporte.

— Sim, Capitão. Sobriamente, explicou a situação.

— Klingons? - Seu chefe de engenharia protestou. — Estamos sob ordens restritas de não transportar sequer um jornal científico de Nisus, e o senhor quer trazer *klingons* a bordo?

— Isso é uma ordem, Scotty.

Uma pausa momentânea. Então: — Sim, Capitão. Vou calibrar meus sensores.

Kirk voltou a encarar a tela, dando um sorriso confiante à Comandante Smythe. — Quando Scotty se põe a trabalhar, pode considerar feito.

— Obrigada, Capitão. Só espero que ainda haja tempo.

— Saberemos em alguns minutos, - Kirk lhe disse. — Se quiser continuar em contato...

— Definitivamente! - Ela respondeu.

— Enquanto esperamos, poderia satisfazer minha curiosidade? Os registros mostram que é uma etnógrafa. O que está fazendo em Nisus, em vez de estudar novas civilizações? Típica missão suja da Frota?

— Não mesmo! - Ela disse. — Eu tenho estudado a cultura aqui em Nisus, que é única em nossa galáxia; há mais diversidade étnica aqui do que na América dos séculos dezenove e vinte, com uma interdependência bem maior. Eu *pedi* essa missão. Achei que tinha terminado meus estudos e estava para pedir transferência quando a peste começou. Agora, de repente, há todo um novo estudo: a reação dessa sociedade única de Nisus a uma crise.

Ela suspirou. — Eu provavelmente conseguirei um livro e uma promoção em cima disso. Para dizer a verdade, Capitão, eu ficaria bem mais

feliz com a monografia original!

— Compreendo, - ele disse. — Outra pergunta: como foi recomendar um klingon para ser admitido na Academia da Frota Estelar?

— A mãe de Kevin é a Comodoro Catherine Patemchek. Mas eu recomendei Kevin baseada somente em seus méritos. Ele é brilhante, esperto...

— E quanto a leal? - Kirk perguntou. — O que acontece se ele tiver que enfrentar klingons em uma batalha?

— Capitão, recomendei Kevin porque acredito que a Academia pode lhe dar a melhor educação possível, e ele tem uma mente que merece tal educação. Sim, ele eventualmente enfrentará a decisão de jurar lealdade à Federação se continuar seus estudos e procurar um posto. Espero que ele escolha a Federação. Pelo que sei, o Império Klingon exigirá essa decisão dentro de alguns anos; se ele não entrar para o treinamento militar exigido *por eles*, será renegado.

— Entendo, - Kirk disse. — Você o considera um prêmio pelo qual vale a pena lutar.

Mesmo através da tela Kirk viu Smythe lutar para esconder o desagrado. — Kevin não é um pedaço de equipamento. Ele é um jovem que vai contribuir com avanços tecnológicos para alguém, e eu prefiro que esse alguém seja a Federação. Kevin não pertence à carreira militar mais do que seu pai. Toda a família é de pensadores e sonhadores. Kevin irá *projetar* naves estelares, não comandá-las.

— Eles não se parecem com qualquer klingon que eu já tenha encontrado.

— É claro que não, porque a Frota só encontrou os soldados. E quem os klingons encontraram? *Nossos* soldados. Capitão Kirk, nós sempre dizemos que a tripulação de uma nave estelar representa o melhor que a Federação tem a oferecer. Mas certamente não diria que você e sua tripulação são cidadãos comuns da Federação?

— Não.

— Aí está, - ela disse. — Eu espero que você tenha a chance de conhecer Kevin e Korsal. Exceto por suas mentes científicas brilhantes, eles são cidadãos comuns do Império Klingon. Ou pelo menos Korsal é; Kevin nunca esteve lá. De qualquer jeito, você os achará bem diferentes dos guerreiros que está acostumado a enfrentar.

— Capitão! - A voz de Scotty intrometeu-se na conversa.

— Está pronto para transportar nossos hóspedes a bordo? - Kirk perguntou.

— Não ainda, mas já localizei o sinal. Estamos procurando. Mas

Capitão, acabei de descobrir algo na sala de transporte. Os controles foram apagados.

— O que quer dizer?

— Eu os deixei a meia hora atrás, com as coordenadas da Central de Transportes de Nisus. Quando voltei, eles estavam colocados para descida, mas em algum ponto no meio do oceano. Como se alguém os tivesse mudado ao acaso, talvez para esconder um transporte não autorizado.

— Cheque o último uso do transporte! - Kirk disse. Não lhes diria muito, a não ser em que direção fora. Alguma coisa realmente teria sido transportada para o oceano?

Houve silêncio por alguns momentos. Então a voz de Scotty voltou. — Capitão... não posso dizer de onde veio, mas a última função do transporte foi *para* a *Enterprise*. Apesar de suas ordens, alguém ou alguma coisa foi trazida a bordo vindo de Nisus.

DEZOITO

Korsal segurou seu filho nos braços e observou o último galho que Kevin havia trazido ser engolido pelas chamas. Quando consumiram tudo e se apagaram, o calor que o fogo dera desapareceu como se nunca houvesse existido.

Duas vezes antes ele havia se apagado e Kevin saíra procurando mais madeira durante as curtas interrupções da nevasca. Na segunda vez tivera que cavar por ela, voltando com as mãos queimadas pelo gelo e uma pobre braçada de galhos.

Seu filho lutara bem. Se a tempestade tivesse durado apenas uma noite, eles teriam sobrevivido para serem resgatados. Mas agora já estavam no meio do segundo dia. Sua situação era sem esperança.

A neve continuou até chegar à altura do ombro, cobrindo o abrigo, providenciando isolamento enquanto pudessem manter o fogo. Mas eles não tinham nenhuma pá, nenhum sapato para neve; e mesmo que tivessem, e ambos estivessem bem, a tempestade não mostrava sinal de abrandar.

As montanhas cortavam as transmissões para a cidade; teriam que procurar por eles com *hoverers* ou outras naves, passando por cima das colinas e desfiladeiros antes que pudessem encontrar o sinal de emergência do *hoverer* caído. Se estivesse transmitindo.

E é claro que iriam procurar o *hoverer* primeiro, antes de descobrir que não havia corpos ali. Se eles estivessem mortos e congelados, as sondas infravermelhas não mostrariam sua localização. Eles não seriam encontrados até o próximo degelo.

Ainda estavam deitados abraçados um ao outro, para manter o calor do corpo, mas agora havia muito pouco a conservar. Korsal não podia sentir suas mãos e pés, mas pelo menos suas costelas quebradas haviam parado de doer. Quando Kevin adormecera, seu pai não tentara acordá-lo. Deixaria que fosse em paz; Korsal não demoraria a segui-lo.

— Kai Katasai, - ele sussurrou desafiante para a escuridão que chegava... e a viu rodopiar e desintegrar-se em pedacinhos de luz diante de seus olhos.

Korsal piscou.

De todos seus sentidos, a visão era o único que funcionava. Ele não sentia nada. Estava deitado no chão de uma pequena sala cinzenta. À frente dele havia algum tipo de terminal, e atrás dele um humano em um uniforme vermelho. Ao lado do terminal havia um homem e uma mulher vestidos de vermelho, com *phasers* apontados para Kevin e Korsal.

Humanos na Frota Negra ? A mente de Korsal divagou loucamente. Então outros humanos vestidos de azul passaram pelos guardas de segurança, correndo para ele com cobertores e sondas médicas, afastando Kevin de seus braços gentilmente.

— Ambos estão vivos, Sr. Scott, - disse uma jovem de azul.

— Ouviu isso, Capitão? - O homem no terminal disse e uma voz sem corpo respondeu, — Bom trabalho, Scotty!

— Onde...? - Korsal tentou perguntar.

— Fique quieto! - disse uma mulher pequena e enérgica com cabelos cinzentos e olhos bondosos. — Sr. Scott, informe ao Capitão que precisam de tratamento médico imediato. Queimaduras de frio, hipotermia, costelas quebradas, exaustão, choque...

— Leve-os para a enfermaria, - veio a ordem. — Se estiverem contagiados com a peste, já fomos expostos de qualquer jeito. Deixe-os lá, em isolamento, até termos certeza que a Dra. Smythe está certa.

Korsal compreendeu que ele e Kevin haviam sido transportados para uma nave estelar. — Essa é a... *Enterprise*? - Ele sussurrou enquanto era levado para uma *gurney*. Ainda estava entorpecido, não sentia nenhuma dor.

— Sim, - respondeu a mulher. — Eu sou a Dra. Gardens, OMC temporária. Você ficará bem se o colocarmos sob tratamento antes que haja perda de tecido. Sr. Scott, por favor, limpe os corredores daqui para a enfermaria, só para o caso da informação dada ao Capitão estar errada.

— Sim, moça, - Scott replicou. Korsal podia ouvir o aviso ecoando pelos corredores à frente.

A passagem foi rápida. Na enfermaria, Korsal e Kevin foram colocados em camas de diagnóstico, que imediatamente começaram a tocar seus alarmes. — Arthur!, - gritou a Dra. Gardens. — Eu lhe disse para recalibrar essas unidades para klingons!

— Eu estou tentando, senhora, - veio uma voz da outra sala. Então um homem magro com cabelos castanho-avermelhados encaracolados apareceu com uma folha impressa de computador. — Desculpe, Doutora, nunca as calibrei para klingons antes, não é?

Consultando a folha, ele fez rapidamente os ajustes nos controles e os alarmes da unidade de Korsal pararam de tocar. A Dra. Gardens se virou para Kevin com a testa franzida. — Meu filho, - Korsal lhe disse. - É meio humano. Mais ferro e hemoglobina; batimento cardíaco normal em oitenta por minuto, temperatura do corpo... - Disse tudo que sabia sobre os sinais vitais de seu filho, enquanto o técnico fazia os ajustes. Finalmente o alarme parou.

— Tanto quanto posso dizer, - a doutora informou, — seu filho está

sofrendo de exaustão, mais do que qualquer coisa. Vocês dois têm severas queimaduras de frio, mas a mão dele está pior do que a sua. Arthur, unidades de regeneração, agora.

Então se voltou para Korsal. — Os enfermeiros o ajudarão a se despir, e então cuidaremos dessas costelas quebradas. As sondas mostram que você teve algum sangramento interno, mas que parou por si mesmo. É por isso que ainda está vivo.

— Kevin fez todo o trabalho, - Korsal respondeu. - É por isso que está exausto, ele não deixou que eu me movesse.

— Muito bom, - disse a médica enquanto os enfermeiros, um homem e uma mulher, o despiam eficientemente. — De outro modo você provavelmente sangraria até a morte.

Korsal gemeu involuntariamente quando os enfermeiros tiraram sua camisa.

— Dói? - A Dra. Gardens perguntou rápido.

— Boa dor, - Korsal disse. — Significa que ainda estou vivo.

Ela sorriu. - Bem, vamos ver se podemos mantê-lo vivo mas acabar com a dor.

Korsal estava acostumado com as técnicas médicas da Federação, por isso não se surpreendeu quando Gardens e Arthur posicionaram uma unidade cirúrgica sobre seu flanco direito e a dor desagradável desapareceu. Não podia ver o que estavam fazendo, ou sentir aquela área de seu corpo, mas quando Gardens pegou um soldador de ossos, ele sorriu. — Sabia que isso é de desenho klingon? - Perguntou.

Ela levantou o objeto. — Isto? Seu princípio remonta ao século vinte da Terra.

— Talvez, mas *esse* desenho, miniaturizado e compacto, foi uma das primeiras permutas quando a missão científica klingon chegou a Nisus. Acredite-me, conseguimos muito em troca.

— Bons negociantes de cavalos, hem? - Arthur perguntou.

— Sabe o que dizem, - Korsal respondeu, - comerciantes mais espertos do que vulcanos barganhando o preço de *kevas* e *trillium*!

No meio da cirurgia de Korsal, Kevin acordou. — Pai? - Gritou, sentando-se e olhando cegamente à sua volta.

Korsal não podia se mover, mas disse: — Está tudo bem, Kevin. Estamos a salvo. Fique quieto.

— Onde estamos?

Dois enfermeiros já estavam ao lado de Kevin. — A bordo da *Enterprise*, - um deles lhe disse. — Você precisa de atenção imediata, mas vai ficar bem, assim como seu pai.

Quando a cirurgia acabou, as mãos e os pés de Korsal foram colocados em unidades de regeneração, assim como Kevin. Nessa hora, ambos já estavam recuperados o bastante para sentirem fome, e os enfermeiros os alimentaram com suco e sopa, então os deixaram para que dormissem. Ambos ainda estavam fracos; o sono veio rápido.

Eles eram acordados de tempos em tempos, para serem examinados, estimulados, alimentados e cuidados, mas a maior parte do tempo dormiam. Korsal não podia dizer quanto tempo esse procedimento durou, exceto que sentiu ser por mais de um dia, no tempo da nave; possivelmente dois ou três. Em seu estado drogado-entorpecido, não podia calcular quanto era em tempo de Nisus.

Então, de repente, Korsal foi acordado e colocado completamente alerta por um alarme. Não soou na área de atendimento a pacientes da enfermaria, é claro, mas ainda assim era alto o bastante para acordar qualquer um que estivesse adormecido e não inconsciente.

A sirene soou sozinha por alguns segundos e então uma voz se juntou ao clamor.

— Alerta vermelho! Alerta vermelho! Segurança para engenharia! Tripulação, alerta vermelho! Intrusos na engenharia! Alerta vermelho!

Korsal sentou-se, percebendo que durante seu recente sono fora liberado das unidades. Flexionou as mãos, descobrindo que pareciam normais. Quando se esticou, não sentiu mais dor em seu flanco.

Na outra cama Kevin também estava acordado, mas suas mãos ainda estavam presas nas unidades de regeneração. — O que está acontecendo? - Ele perguntou e Korsal pode perceber pela sua fala enrolada que ele ainda estava sob medicamentos.

— Nada que nos diga respeito, - Korsal respondeu. — Apenas fique quieto, ainda está se recuperando.

Da outra sala pode ouvir o xingamento de uma voz que reconheceu como a do Sr. Scott, o homem que operara o transporte. Então, obviamente gritando no intercom, ele disse: — O que diabos está acontecendo aí? Quem está mexendo com minhas máquinas?

DEZENOVE

No dia que os inesperados convidados klingons foram trazidos a bordo e colocados em isolamento na enfermaria, Spock deixou a ponte no fim de seu turno e saiu a procura de seus pais. Como sempre, eles não estavam em seus quartos. Os encontrou em uma das salas de recreação, onde alguns tripulantes fora de serviço estavam organizando uma apresentação. — Pegue sua harpa e una-se a nós, Sr. Spock, - disse a Tenente Uhura quando o viu entrando na sala.

— Sim, Spock, - Amanda falou, — por favor, faça isso.

Criaria-se uma cena maior recusar do que aceitar, então Spock foi a seu alojamento, pegou o instrumento e retornou a sala de recreação.

Uhura estava cantando, acompanhada pelo Alferes Paschall ao violino. Era uma triste balada de amor, deixando todos os humanos na sala com os olhos cheios de lágrimas.

Quando terminou, Paschall começou a tocar seu instrumento como se fosse uma rabeça, fazendo uma melodia alegre. Várias pessoas levantaram-se para dançar, enquanto o resto batia palmas acompanhando a música, exceto, é claro, por Spock e Sarek.

Spock percebeu seu pai observando-o e sabia que Sarek ponderava por que ainda estavam em órbita de Nisus. Felizmente, a música e as risadas abafavam a conversa.

Quando acabou e os dançarinos sentaram-se, arquejantes e suados, Uhura exigiu: — Toque alguma coisa vulcana, Sr. Spock.

— Me curvo ao talento de meu pai, - Spock replicou rapidamente, e entregou a lira a Sarek.

Mas o plano não lhe deu mais que meia hora. Sarek tocou graciosamente várias seleções indicadas para a estética humana e o tamanho do auditório. Mas então, a despeito dos protestos de uma platéia genuinamente apreciativa, Sarek disse: — Sinto, mas há algo que devo discutir com meu filho. Amanda, por favor, fique e aproveite a apresentação.

Spock viu os olhos de sua mãe brilharem; ela raramente respondia positivamente quando Sarek usava um tom autoritário, mas então ela vestiu-se com seu jeito mais agradável e respondeu: — Certamente, meu marido. Eu o encontrarei em nosso quarto, mais tarde.

E Spock sabia que depois de dez minutos ela arrancaria de Sarek tudo que Spock falara. Era inútil tentar proteger Amanda de qualquer coisa, embora tanto seu marido quanto seu filho instintivamente o desejassem fazê-

lo.

Entretanto, enquanto andavam pelo corredor, em direção a cabine de Spock, Sarek começou a conversa perguntando: — Por que o corredor para a sala de transporte foi fechado essa tarde?

— O que estava fazendo ali? - Spock perguntou.

— Nós soubemos pela Academia quem deveria descer e sua mãe quis despedir-se de nossos amigos. Todos que transportaram-se hoje correm o risco de morrer.

— Eu sei, - Spock respondeu. — Entretanto o corredor foi fechado trinta e um ponto três sete minutos depois do último transporte.

Alcançaram a cabine de Spock. Enquanto entravam, Sarek disse: — Como pode viver entre humanos e não conhecer suas idiossincrasias? Depois do transporte, as pessoas a bordo ficaram do lado de fora da sala de transporte, conversando, expressando sua preocupação por aqueles que se foram. Há uma sala de conferência ali perto e todos sem algum dever imediato foram para lá, exceto Sendet, que sem dúvida percebeu que não era bem-vindo.

— Sendet? O que ele estava fazendo ali? - Spock perguntou.

— Não observou o interesse dele para com a mulher T'Pina, durante a viagem? E não percebeu a diferença no número de homens e mulheres entre os Seguidores de T'Vet? Na geração de Sendet há três homens para cada duas mulheres... e Sendet não é unido.

Spock engoliu convulsamente. Os homens não unidos entre os Seguidores de T'Vet também estavam correndo risco de vida; de fato, devido a desarmonia mencionada por Sarek, um em cada três estava sob sentença de morte. Nesse momento, eles simplesmente não sabiam quais.

Quando os homens atingissem o *pon farr*, eles teriam que se unir... ou morrer. Todas as mulheres disponíveis logo estariam unidas, deixando um terço dos homens sem companheiras, lutando por suas vidas. Não havia outras comunidades na Colônia Vulcana Nove, de onde mulheres pudessem ser atraídas ou raptadas; o Desafio se tornaria uma forma de vida a partir do primeiro dia que um homem não unido entrasse no *pon farr*.

— Então, - Spock disse, — Sendet tentou até o último minuto persuadir T'Pina a se unir e segui-lo para o exílio.

— Isso está certo, - Sarek respondeu.

— Mas ela recusou.

— Também está certo. Ela é uma jovem inteligente. Infelizmente você não teve maiores oportunidades de conhecê-la, Spock.

Deliberadamente Spock recusou-se a se irritar. Sabia que Sarek expressava apenas preocupação. — Eu tenho tempo, pai.

— E eu nunca mais forcerei uma escolha a você, Spock. Mas ainda não me disse por que o corredor foi fechado.

— A maior parte da tripulação não sabe, pai. Quando for preciso lhes dizer, teremos certeza de que não há perigo.

— Então vocês *realmente* transportaram algo a bordo.

A mente de Sarek era muito rápida para ser enganada. Quando Spock hesitou, ele completou: — Amanda e eu estávamos entre os últimos a deixar a sala de conferência. Tivemos que dividir o elevador com Sendet depois que os outros se foram. Enquanto esperávamos o elevador chegar, ouvimos a ordem para limparem o corredor. Como já estávamos saindo, não foi uma inconveniência.

— Sim, - Spock lhe disse. — De fato, transportamos duas pessoas a bordo, mas de acordo com as melhores informações que Nisus pode nos fornecer, eles não são portadores da peste. — E explicou a natureza de sua hospitalidade inesperada.

— Cientistas klingons, - disse Sarek. — Intrigante. Eu gostaria de encontrá-los.

— Sabemos que o período de incubação da peste está entre dezesseis e quarenta e oito horas; nós podemos deixar a órbita por dois dias. Todos que entraram em contato com os klingons estão isolados na enfermaria. Se ninguém ficar doente nesse período, é certo que os klingons não tem nem são portadores da peste, e será seguro visitá-los. - Spock franziu a testa. — Você disse que Sendet não entrou na sala de conferências com vocês.

— Ele não entrou. Deve ter permanecido na sala de transporte ou no corredor, porque estava ali quando saímos.

— Então, - Spock disse, — Sendet é o maior suspeito.

— Suspeito? - Perguntou Sarek.

— O Sr. Scott descobriu que algo foi transportado de Nisus, antes que ele transportasse os klingons. Eu imagino... o que poderia ser tão importante para Sendet conseguir em Nisus que arriscasse o uso ilegal do transporte?

— E exposição à peste, - completou Sarek.

— Dificilmente. Os epidemiologistas já sabem que, embora mortal, o vírus tem vida curta fora de seu hospedeiro. Esse foi o último relatório que recebemos, menos de duas horas antes de entrarmos em órbita.

— A peste não parece ser transmitida por objetos ou roupas, a menos que tenham sido tocados por pessoas contagiadas a poucos minutos. Transportado pelo ar, o vírus morre nesse tempo, a menos que encontre um hospedeiro conveniente. Contágio, infelizmente, ocorre muito antes que o portador exiba os sintomas. Então há uma pequena chance de que quem quer que tenha cuidado do que foi transportado por Sendet estivesse contagiado

sem saber e se ele tocou o objeto imediatamente após o transporte. .. também pode ter sido contaminado.

Spock informou o que seu pai lhe contara ao Capitão Kirk, que imediatamente chamou Sendet à sala de reunião.

— O que você transportou de Nisus? - Kirk exigiu.

— Nada, - Sendet respondeu. — O que eu poderia querer de lá?

— É isso que quero saber, - Kirk disse. — Você colocou em perigo toda essa nave...

— Se eu o fiz, o que nego, seria mais do que você fez ao trazer residentes de Nisus a bordo?

— Spock, eu pensei que tinha corrigido o vazamento na segurança!

— Afirmativo, Capitão. Entretanto, devo apontar que a enfermaria está cheia de gente que não está doente e sim irritada pelo confinamento. Eles não estão presos e então tem acesso ao sistema de intercom...

Kirk olhou para o teto por um momento. As notícias, sem dúvidas, estavam por toda a nave agora.

— Se você sabe disso, - Kirk disse a Sendet, — então sabe que as pessoas que transportamos a bordo não são portadoras. O que não muda o fato de que *you* transportou algo.

— Não transportei, - Sendet disse sem emoção.

Kirk olhou para Spock com a testa franzida. Spock tinha que concordar: o homem não parecia estar mentindo.

— Gostaria de fazer uma busca em minha cabine? - Sendet ofereceu. — Talvez localize esse objeto misterioso que pensa que transportei a bordo.

— Isso não será necessário, - Kirk disse. — O que quer que seja, obviamente não está em sua cabine. Pode ir.

Quando Sendet saiu, Kirk olhou para Spock. — Estou muito cansado, - disse. — Tenho a impressão que não pude pensar na pergunta certa para fazer. *Alguma coisa* aconteceu na sala de transporte; Scotty não esquece como deixa os controles, e Sarek não estaria errado sobre encontrar Sendet vagando pelo corredor depois de todo mundo descer. Droga! Se eu o colocar na enfermaria agora, teria que me colocar, a você, seus pais, qualquer um que tivesse estado perto de Sendet desde desse misterioso transporte.

Spock balançou a cabeça lentamente. — Não é exequível, Capitão, e é muito tarde mesmo que fosse possível. Não temos onde isolar tantas pessoas, e não podemos filtrar ou descontaminar o ar de toda a nave como fazemos para a enfermaria. Se Sendet trouxe o vírus a bordo, e ele encontrou um hospedeiro, está no sistema de ventilação agora. Não temos nenhuma escolha exceto esperar pelas próximas quarenta e oito horas.

VINTE

Foi apenas vinte horas depois que o primeiro caso da peste de Nisus apareceu a bordo da *Enterprise*.

Spock estava no comando, mantendo uma órbita sincrônica sobre a colônia de Nisus, quando a porta do turboelevador se abriu para dar passagem a Amanda.

— Mãe? O que posso fazer por você? - Ele perguntou surpreso. Passageiros só eram permitidos na ponte se convidados.

Ela o encarou, como se confusa por encontrá-lo ali. — Spock? O que está fazendo com esse uniforme? Oh, Spock, o que fez? Seu pai...

Spock mordeu os lábios num esforço para não demonstrar emoção. Os olhos de Amanda estavam embaçados, suas palavras um eco de um dia há muito passado, quando ele contara a seus pais sobre sua decisão de fazer carreira na Frota Estelar... depois do que Sarek recusou-se a falar com ele por dezoito anos.

— Está tudo bem, mãe, - disse calmamente. — Nada está errado. — Ele tinha que levá-la à enfermaria, porque ou esse era o primeiro sintoma da peste, ou sua mãe estava sofrendo um ataque. Em qualquer dos casos, tinha que mantê-la calma.

— O que quer dizer, nada está errado? - Ela exigiu. — Sarek quer que você siga seu exemplo na Academia Vulcana de Ciências!

Todos na ponte viraram-se para olhar mãe e filho, e Spock pôde sentir uma onda palpável de simpatia envolvendo-o. Eles não sabiam que o balbúcio de Amanda poderia ser sintoma da peste; não compreendiam o perigo para si mesmos.

— Por favor, mãe, - disse Spock, — vamos a algum lugar onde possamos discutir isso. Sr. Sulu, tem o comando.

Spock levantou-se, tentando gentilmente guiar Amanda para o turboelevador, exatamente quando suas portas se abriram e Sarek saiu. — Amanda! - Ele exclamou. — Por que você...?

De repente, a normalmente gentil e contida mãe de Spock tornou-se furiosa, atirando-se contra seu marido com um grito, correndo as unhas por seu rosto.

Pego completamente fora de guarda, Sarek engasgou. — Amanda! - Seu rosto mostrando cada nuance de compreensão horrorizada.

Mas Amanda estava gritando: — Como você pode *fazer* isso com ele? Ele é seu filho! Você não pode desprezar sua própria carne e sangue!

Nesse momento Sarek agarrou os punhos de sua esposa que avançavam para acertá-lo. Spock saiu de seu choque momentâneo e segurou o ombro de Amanda para aplicar um toque vulcano.

Sarek levantou-a nos braços quando ela caiu, e entrou no elevador, seguido por Spock. — Enfermaria, - Spock instruiu, e então apertou o intercom. — Dra. Gardens, a peste está a bordo. Isole todos que já estão aí. Entraremos pelo acesso C, direto para a unidade de isolamento.

Quando as portas se abriram, Sarek saiu carregando Amanda. Spock atrasou-se apenas o bastante para instruir ao computador a retirar esse carro de serviço até que fosse esterilizado.

Um esforço fútil, pensou, vendo pessoas nos corredores, o aviso para que se afastassem soando agora, muito tarde. E todos na ponte haviam sido expostos. Ele tinha que chamar o Capitão, colocar a tripulação da ponte em isolamento, mandar o grupo de descontaminação antes que o outro turno entrasse...

E tudo isso era inútil; se o vírus já não estava no sistema de ventilação antes, se Amanda o havia contraído no contato com Sendet, certamente estava no suprimento de ar da nave agora.

Usando uma roupa protetora, a Dra. Gardens os encontrou, ajudou Sarek a colocar Amanda em uma das camas, e ligou os indicadores de sinais de vida. Estes começaram a soar, pois a febre estava num nível perigoso e seu coração batia rápido e irregular.

A médica começou o resfriamento da cama e rapidamente aplicou dois medicamentos diferentes em Amanda. — Por favor, ajude-me a despi-la, - disse para Sarek. — Ninguém que isolamos ficou doente até agora. Prefiro não expor meus enfermeiros ainda, se não precisar. Temo que toda a minha equipe será desesperadamente necessária antes que essa coisa siga seu curso.

Enquanto Amanda era cuidada, Spock chamou Kirk. Houve um momento de silêncio no alojamento do Capitão depois que Spock deu a notícia. Então: — Deus, Spock, eu sinto tanto. Não se preocupe. Eu tomarei conta de tudo daqui para frente.

Não se preocupe. Tão tipicamente humano. Spock não se deu o trabalho de declarar que vulcanos não se preocupavam, ele admitia para si mesmo que estava mesmo preocupado, e sabia que Sarek também. Afastou-se do intercom, voltando para onde sua mãe estava deitada, pálida e inconsciente, agora usando um roupão verde de paciente.

— Sua condição é estável no momento, - disse a Dra. Gardens. — Não há nada que possamos fazer a não ser esperar, e tratar os sintomas quando forem acontecendo. Fiquem com ela, se quiserem. Não podem se expor mais do que já foram.

Sarek puxou uma cadeira para a cabeceira da cama. Spock começou a fazer o mesmo quando de repente compreendeu...

— Doutora, eu devo ser isolado. Viu os relatórios vindos de Nisus. Eu tenho sangue humano e vulcano: mesmo agora, meu corpo pode estar desenvolvendo uma variedade ainda mais letal da doença, uma que pode matar tanto meu pai quanto minha mãe.

VINTE E UM

O Dr. Leonard McCoy já estava cansado quando foi transportado para Nisus. Em um dia, ficou exausto. Todo médico em condições havia sido posto em serviço, porque o hospital transbordava de vítimas da peste. Quando ele não estava tratando de doentes, ia para a sala do computador com a equipe médica de Nisus e qualquer outro especialista que pudessem convocar e que também estivesse livre no momento.

Ele viu por que mais da metade dos médicos e enfermeiras havia morrido; com a exaustão perpétua causada por cuidar de um enorme número de pacientes, eles não tinham resistência.

Exposição era inevitável; ninguém podia passar toda a vida com máscaras, luvas e roupas protetoras. Mesmo na ala de contágio, o stress causava erros. Por exemplo, limpar a testa de alguém com a mão enluvada que havia acabado de aplicar uma hipo no braço de um paciente. Em sua longa carreira, McCoy já vira isso muitas vezes antes. A maioria nem se lembrava do descuido que introduzira o vírus em seu organismo, nem saberiam se fora por um erro enquanto de serviço ou outra exposição quando de folga.

Até agora, a única descoberta promissora era o fato do vírus não sobreviver mais de uma hora fora de um organismo vivo; qualquer ambiente desocupado por pelo menos uma hora estava livre da peste. Mas as pessoas não podiam parar de interagir. Famílias não podiam ser separadas. As vítimas tinham que ser cuidadas, e a cada dia havia mais gente doente do que se recuperando.

Finalmente, depois de dezoito horas de trabalho físico entremeadado com esforço mental concentrado, McCoy adormeceu em sua cadeira. Quando alguém tentou erguê-lo, ele acordou apenas o suficiente para cooperar em ser transferido para um sofá.

Ele dormiu pesadamente até ser sacudido. — Desculpe, Doutor, prioridade de emergência da *Enterprise*,

Ele foi levado até o terminal de comunicações. — Sim, - disse meio grogue. — Fala McCoy.

— Magro. - A gravidade na voz de Jim o deixou completamente alerta.

— O que aconteceu?

— Nós a temos a bordo. Amanda. Spock e Sarek foram expostos.

— Leve-me já para aí, - foi o primeiro pensamento de McCoy.

— Gostaria de poder, mas você é necessário onde está.

— Jim, isso aqui é um matadouro! Estou trabalhando como um maldito interno, assim como todos os outros médicos. Não chegamos a lugar nenhum com a pesquisa por causa das crises com os pacientes. Metade dos médicos e enfermeiros morreram dessa coisa, e o resto anda se arrastando, de stress e exaustão.

— Mais razão ainda para você ficar, - Kirk disse. — Sua equipe pode cuidar da enfermaria. Ao menos há alguma coisa de bom.

— O que é?

— Agora não podemos partir e deixá-lo. A *Enterprise* está presa aqui até que descubram uma cura. Então quando *partirmos*, você poderá vir conosco.

— Obrigado, - McCoy disse cinicamente. Nesse momento, algo que o Capitão dissera finalmente penetrou em sua mente. — Jim! Lembre-se do padrão de mutação! Se Spock foi exposto...

— Ele sabe. Ele isolou-se imediatamente, - Kirk respondeu. — De modo que estou preso aqui sem nenhum de vocês dois. Enfim, não tenho mais nada para fazer a não ser manter a órbita. — McCoy percebeu a frustração na voz do Capitão; um vírus não era o tipo de inimigo que um homem de ação soubesse como enfrentar.

Eu sei? McCoy pensou enquanto desligava.

Depois dessas notícias ruins, McCoy não pôde voltar a dormir, então foi para a sala dos computadores. Sorel e Corrigan estavam conferindo diagramas esquemáticos do vírus em suas várias variedades. — Computador,

- Corrigan disse, — esquema da variedade C-quatro, interagindo com a amostra de sangue de Karl Katasai.

McCoy observou enquanto os padrões impessoais na tela moviam-se e mudavam. — Lá está de novo! - Disse Sorel. McCoy pensou detectar verdadeira agitação na voz do *healer* vulcano. — Daniel, parece que identificamos o fator que impede o vírus de crescer em klingons.

— Qual é? - McCoy perguntou.

— Este. - Corrigan apontou para um lugar na tela onde um esquema já familiar do vírus havia se ligado a uma estrutura molecular orgânica não-familiar. — Este fator do sangue se liga ao vírus e o impede de se multiplicar. Ele simplesmente atrofia-se e morre!

— Já vi uma estrutura como essa, - McCoy disse, — mas não consigo me lembrar onde. Não era exatamente a mesma, mas... - Enrugou a testa.

— Não sei. Já analisei sangue klingon antes. Deve ser onde vi algo assim, mas não sei para que serve.

— É um fator de hemoglobina, - disse Sorel. — É similar a algo que também já vi, mas não idêntico. Se pudermos isolar esse fator, talvez possamos produzir uma vacina para sangue baseado em ferro.

— E quanto a uma cura para alguém que já tenha a doença? - McCoy perguntou.

— Deve funcionar, - Corrigan disse. — Eu certamente vou experimentar.

— Deixe-me transmitir isso para a *Enterprise*, - disse McCoy. — Spock pode trabalhar nisso lá, talvez possamos desenvolver um soro em tempo de ajudar Amanda.

De repente, tanto o médico quanto o *healer* o estavam encarando. — Amanda? - Corrigan perguntou. — A peste está a bordo?

McCoy contou sobre a mensagem de Kirk. — Então não seria ruim transportar um pouco de soro para lá agora, se pudermos fazê-lo.

— Deveríamos nos transportar e trabalhar no laboratório da *Enterprise*, _ disse Sorel. — Vocês têm dois dos três doadores de sangue disponíveis a bordo.

— Huh? - O cansaço estava, de novo, tomando conta de McCoy.

— Os outros dois klingons, - Corrigan explicou. — O pai e o irmão de Karl, eles estão na enfermaria da *Enterprise*.

— Klingons na minha enfermaria? - McCoy rosou.

— Leonard, - Daniel disse sensatamente, — o Capitão Kirk não os teria levado a bordo se eles oferecessem qualquer perigo para a nave. Como as coisas estão indo, se estivermos certos sobre sermos capazes de fazer um soro do sangue klingon, nosso único problema será o suprimento. Simplesmente não será possível fazer *o bastante*.

VINTE E DOIS

O Capitão Kirk andava pelos corredores de sua nave, amaldiçoando silenciosamente o vírus que atacava sua tripulação e seus amigos. O sistema fechado que antes os protegia, era agora um ambiente perfeito para que o vírus se espalhasse. Além de redesenhar a *Enterprise*, não havia o que fazer.

Ele desejava um inimigo que pudesse enfrentar cara-a-cara, vencer em luta física ou mental. Como um capitão de nave estelar deveria combater um malicioso vírus invisível?

— Capitão Kirk? - era a voz de Uhura.

Kirk andou até a unidade na parede e apertou raivosamente o botão. — Fala Kirk.

— Mensagem do Dr. McCoy.

— Pode transmitir.

— Jim, acho que encontramos... - McCoy começou.

A sirene do alerta vermelho encobriu o que quer que o médico fosse dizer. — Magro, temos uma emergência. Falo com você depois. Kirk desliga.

Ele ligou a comunicação interna. — O que diabos está acontecendo?

— Intrusos na engenharia! - Veio uma voz que ele não reconheceu. — Capitão, eles... - um grito, uma queda surda.

Kirk apertou o botão — Engenharia! Situação! Não houve resposta.

— Computador! Me dê a situação da engenharia! - exigiu.

— Todos os sistemas operacionais, - a calma voz mecânica informou. — Alarme operando manualmente. Acesso à engenharia fechado.

— Abra essas portas! - Kirk exigiu, começando a se virar e a seguir para o turboelevador.

— Acesso à engenharia trancado. Invalidação manual e por computador canceladas, - o computador informou.

— Merda! - Bateu no botão do intercom de novo. — Scotty... Mas seu engenheiro chefe estava isolado na enfermaria. Assim como Spock.

O Capitão da *Enterprise* lembrou-se de desligar o intercom antes de xingar violentamente, e então virou-se e seguiu para o turboelevador. — Deck da engenharia!

As portas se abriram para uma sala trancada. Em todas as três direções, as portas de emergência estavam fechadas para os corredores. Kirk não podia avançar mais de dez metros além do elevador em nenhuma direção.

Dois homens e uma mulher da segurança estavam caídos no chão. Kirk os examinou rapidamente para constatar que todos respiravam.

O intercom da engenharia criou vida, a voz de Scotty exigindo: — O que diabos está acontecendo aí? Quem está mexendo com minhas máquinas?

— Ainda não sei, Scotty, - Kirk lhe disse. — Quem quer que seja lacrou as portas de emergência. Fique quieto. Eu o informarei sobre o que descobriremos.

As portas do elevador se abriram. O Tenente Nelson e mais três tripulantes da segurança correram para fora, armados com *phasers*.

— Estão todos vivos, - Kirk assegurou rapidamente quando eles viram os camaradas caídos. — Devem ter sido tonteados.

— Não, - disse Nelson, puxando a camisa de um dos homens para mostrar as marcas. — Toque vulcano. São esses rebeldes vulcanos. Devíamos tê-los colocado nas celas desde o começo.

— É onde vão estar pelo resto da viagem! - Kirk prometeu. — Tire-os dali!

— Sim, Capitão, - Nelson disse calmamente. — Olag, esquemas dessas portas. Corcoran, encontre todo o pessoal de engenharia que não esteja preso ali e coloque-os para trabalhar...

Neste momento uma das portas de emergência se abriu.

Todos se viraram, para ver os corpos de toda a equipe de engenharia caída no corredor e, atrás deles, outra porta de emergência lacrada.

Todas essas pessoas também estavam vivas, também inconscientes.

Kirk deixou Nelson ali e foi para a ponte.

Logo os rebeldes estariam prontos para se comunicar.

Sendet apareceu na tela. — Capitão Kirk, nós temos controle sobre a seção de engenharia. Como sabe, toda a nave pode ser operada daqui. Deixaremos a órbita em duas horas. Transporte toda a tripulação e passageiros para Nisus nesse período. Quando sairmos de órbita, exporemos todas as áreas da nave, menos a engenharia, a doses letais de radiação.

— Por que fariam isso? - Kirk perguntou.

— Você trouxe a bordo da *Enterprise* duas pessoas contaminadas com a peste IDIC e ela agora se espalhou por seus passageiros. A radiação eliminará os vírus, mas também matará qualquer um a bordo fora da área que lacramos. Os Seguidores de T'Vet pretendiam seguir pacificamente para o exílio. Mas você agiu com irresponsabilidade e falhou em providenciar uma condução segura. Sua nave está em perigo. Nós temos o direito de nos preservarmos e a *Enterprise*...

— Errado, Sendet, - Kirk interrompeu. Podia ver Satat atrás de Sendet, fora de foco, e tinha certeza de que o vulcano mais velho não conhecia a verdadeira história. — *Você* trouxe a peste a bordo. *Você* foi a única pessoa em contato com Lady Amanda que... - de repente lhe ocorreu por que Sendet

não parecera estar mentido quando declarara não ter transportado nada de Nisus.

— Você não transportou *algo*? - Kirk exclamou. — Você se transportou para o planeta, e então de volta! Quantas pessoas contatou? O que tocou? Certamente os controles da Central de Transportes de Nisus! E você respirou o ar; você o trouxe para cá em seus pulmões, e o expirou em Sarek e Amanda.

Sendet poderia ser rebelde, mas fora criado na cultura vulcana usual, o que o fazia um péssimo mentiroso. Quando Kirk deduziu o que ocorrera, o rosto de Sendet congelou-se no esforço de se controlar.

Satat adiantou-se, olhou para Sendet e exigiu: — Por quê? Por que você faria algo tão ilógico?

— Eu tinha que tentar persuadir T'Pina mais uma vez, - Sendet admitiu. — Satat, sabe que precisamos de mulheres. Pensei que não havia risco de exposição na pequena área onde pretendia ir.

A voz de Sendet tornou-se completamente fria, do jeito que ficava a de Spock quando falava sobre algo que faria um humano explodir em emoção. — Eu me transportei para fora do terminal. Dentro, certamente teria que encarar o operador; fora arriscava ser visto materializando, mas consegui descer numa área de armazenagem..

— Andei para a rua e tudo estava deserto. A distância, o grupo vindo da *Enterprise* estava seguindo para o hospital. Eles eram as únicas pessoas se movendo pelas ruas.

— Compreendi então que não seria capaz de alcançar T'Pina como esperava. Pensei que ela iria primeiro para casa, e então eu a seguiria e poderíamos conversar a sós. Em vez disso, ela seguiu com os outros diretamente para o hospital.

— Enquanto considerava meu curso de ação, um humano saiu de um dos prédios gritando. Um andoriano correu atrás dele, mas ele se voltou e atacou aquele que procurava ajudá-lo. Dois vulcanos saíram, subjugaram o humano e o carregaram para o hospital. Eu ouvi o que diziam um ao outro: "Não há mais camas. Eles estão tratando os pacientes no meio do corredor e mandando para casa qualquer um que se recupere o bastante para ser removido." O andoriano que os seguia disse: "Poucos se recuperam. Só podemos esperar que esses novos médicos possam ajudar."

— Ouvi um ruído dentro do terminal de transporte, pensei que algo estava sendo transportado da *Enterprise*; então entrei, pensando em me esconder até que as operações de transporte terminassem e eu pudesse subir a bordo de novo. Mas apenas uma plataforma estava em uso, sem ninguém para operá-la. Encontrei a operadora atrás do terminal... morta.

Aparentemente o som que ouvi, ela... usou o *phaser* em si mesma. Não tinha nenhum desejo de ver mais. Acionei os controles e transportei-me de volta para a *Enterprise*.

— Oh, meu Deus, - Kirk sussurrou. — Você tocou os controles que a mulher morta acabara de usar...

— Ela era uma suicida, não uma vítima da peste! - Sendet disse.

Kirk estremeceu. — Violência é o primeiro sintoma da pior variedade; foi isso que vi na rua. Aquela mulher estava sozinha quando foi atingida, e ela tornou-se violenta consigo mesma. Sendet, você se expôs, então se transportou de volta e passou a doença a Lady Amanda. Provavelmente para Sarek também - o período de incubação parece ser maior em vulcanos do que em humanos.

Satat foi para frente. — Isolem-no, - dirigiu-se para os outros vulcanos, que entraram no alcance do monitor. — Não o toquem. Snil, ligue um filtro na sala em que o colocarem...

— É muito tarde, - Kirk disse. — Vocês todos foram expostos.

— Não necessariamente, - Satat replicou. — Sendet, você teve, pelo menos, o cuidado de desinfetar-se quando voltou à *Enterprise*, não é?

— É claro, - Sendet respondeu.

— Então, a menos que você já tenha se contagiado, podemos não ter sido expostos.

— Satat, você está sonhando, - disse Kirk. — Sendet já cuidou para que não tenhamos que fazer nada para tirá-los da engenharia. A *Enterprise* não pode ir a lugar nenhum até que uma cura seja encontrada. Exceto por ter certeza de que não poderão nos tirar de órbita, nós podemos simplesmente deixá-los na engenharia até que vocês abram as portas por vontade própria, pedindo ajuda médica.

VINTE E TRÊS

T'Pina estava trabalhando na ala de isolamento, onde estavam todos os cidadãos de herança miscigenada de Nisus, afastados do resto da população. Muitos deles estavam tão doentes quanto a população em geral. Enquanto sua mãe fora designada para trabalhar com os doentes, a atribuição de T'Pina era manter as muitas crianças saudáveis ocupadas.

Isso não era fácil. Elas estavam isoladas há mais de três dias, ocupando toda a residência médica e o anexo de cuidados mínimos. Mesmo assim, havia três ou quatro pessoas em cada quarto, originalmente planejado para duas. Durante o dia, os adultos tentavam entreter as crianças em jogos e na sala de terminais, no solarium, ou na área do refeitório, para onde T'Pina havia sido designada hoje.

Todas as crianças estavam inquietas; a maioria estava apavorada. Algumas haviam ficado doentes durante o confinamento e foram levadas embora, e as crianças mais velhas inevitavelmente falavam sobre seus amigos morrendo, assustando ainda mais as menores.

Havia também, é claro, adultos de herança miscigenada na ala de isolamento. Mas eram tão sobrepujados numericamente pelas crianças que, mesmo com a ajuda de voluntários como T'Pina, eles estavam sempre ocupados; ensinando, organizando jogos, explicando de novo e de novo por que as crianças não podiam ir para casa, ou mesmo sair, e por que seus pais não podiam vir visitá-las.

Era igualmente difícil explicar por que T'Pina e os outros voluntários usavam roupas protetoras, luvas e máscaras.

— Por que você está se escondendo de mim? - perguntou Ziona, uma pequena e normalmente encantadora menina, meio rigeliana e meio hematita. Hoje, entretanto, ela estava próxima do histerismo, pois sentia saudades da família e era muito pequena para compreender o que estava acontecendo.

— Por que não posso ver seu rosto? - Ziona exigiu caprichosamente de T'Pina, levantando a mão para agarrar sua máscara, movimento que a jovem vulcana evitou por pouco.

— Porque, se essa lady de belos olhos mostrar todo seu rosto, você pode deixar de ser a garota mais bonita daqui, - respondeu uma voz masculina, falando inglês com um acento que lembrou a T'Pina o do Dr. Corrigan, embora não fosse o mesmo.

— Então como você poderia ser minha melhor garota? - A voz

continuou. T'Pina virou-se quando Ziona passou por ela para atirar-se nos braços de um homem que parecia humano, mas...

Ele não era muito mais alto do que T'Pina, tinha a altura média de um humano normal. Seu cabelo era negro, cortado bem curto, mas grosso e bonito - como se, caso ela o tocasse, parecesse pêlo de animal. Seu rosto era bem comum, exceto por seus olhos, cercado por grossas pestanas negras, e que pareciam ser do azul mais escuro e vivo que jamais vira.

Era sua pele que sugeria não ser ele completamente humano; claramente não estava doente, e ainda assim sua pele era pálida, completamente sem manchas, quase translúcida, com apenas um toque de verde.

Então ele sorriu, e seu rosto não era mais comum, mas expressivo e charmoso. — Beau Deaver, - ele se apresentou, — e diferente de você, tô aqui porque tenho que estar. — Ao seu levantar de cenho, ele riu. — Meio humano, meio órion, e como a mãe e o pai conseguiram a tecnologia é um segredo tão bem guardado que nem mesmo *eu* sei. Mas aqui estou. Tem os que dizem que sou o pior dos dois mundos, especialmente quando se trata de uma queda por mulheres bonitas.

— Eu sou T'Pina, - ela replicou, incerta de como responder a uma apresentação tão incomum, — e sou vulcana, apesar de ter vivido quase toda minha vida em Nisus. Como nunca nos encontramos antes? — Perguntou, certa de que não teria esquecido um indivíduo tão único.

— Tô aqui só há dois anos, - ele respondeu, sentando em uma das mesas, com Ziona em seu colo. — Pulei por toda a Federação quando era garoto. O pai era um comerciante livre.

T'Pina compreendeu o eufemismo: contrabandista. — Mas você é um cientista, - disse, aproveitando a oportunidade para sentar por um momento. Por que mais ele estaria em Nisus?

— Matemático, herdei a habilidade do pai com números, parece. Devia ter seguido os passos dele, mas quando tinha mais ou menos catorze fizemos uma escala inesperada no planeta Sofia. Conhece Sofia? Você não *ia querer* conhecer Sofia, - ele continuou, sem dar-lhe chance de responder.

Como Ziona estava sentada alegremente no colo de Deaver, ouvindo-o com fascinação, T'Pina não tentou interromper seu monólogo. Era a primeira vez naquela manhã que a criança parará de chorar.

— A mãe arrumou emprego de dançarina, - Deaver continuou, fazendo T'Pina compreender que "escala inesperada" significava que seu pai havia sido preso, — mas os inspetores de disciplina me recolheram e me obrigaram a ir pra escola - a primeira em minha vida, e que diversão que foi! Não que os professores se divertissem tanto, sabe. Mas a mãe e o pai só tinham me ensinado a ler e contar e tirar o que quisesse de um computador.

Em Sofia eu descobri que tinha muito pra aprender, especialmente números.

Enquanto falava, Deaver balançava Ziona em seu joelho, fazendo-a rir. Outras crianças o observavam agora, enquanto ele falava. — Isso mesmo, descobri que números eram divertidos. Quer que te mostre?

— Sim! - Disse a garotinha, balançando vigorosamente a cabeça. Deaver levantou as mãos. — Quantos dedos eu tenho, Ziona?

— Dez, - ela respondeu, — o mesmo que eu!

— Não, - ele disse, — eu tenho onze dedos.

— Não tem! - Ziona protestou.

— Tenho sim.

— *Não* tem! - Ziona insistiu. — Eu sei contar isso!

— Posso te provar. Quer que te mostre?

— Quero!

Primeiro Deaver contou todos os seus dedos, começando pelo dedão da mão direita e terminando com o dedo mindinho da mão esquerda. — ... oito, nove, dez. Você vê dez dedos, certo?

— Certo! - Ziona concordou ansiosamente. Agora, havia uma audiência de meninas e meninos à volta deles. T'Pina compreendeu que Deaver era bem conhecido e muito popular com as crianças.

Ele levantou a mão direita. — Quantos dedos nessa aqui?

— Cinco! - Ziona disse triunfantemente.

— Muito bem. Agora, nós simplesmente contamos os da outra mão, mas vamos ter certeza. - Dessa vez ele começou pelo dedo mindinho. — Dez... nove... oito... sete... seis... - o que o trouxe de volta ao seu dedão, — e cinco dessa aqui. - Ele levantou a mão direita de novo. — Quanto é cinco mais seis?

Os olhos de Ziona se abriram confusos. — Onze!

— O que eu te disse?

— Como *ocê* fez isso? - Ziona exigiu, sua confusão transformando-se em prazer. Ela agarrou suas mãos, examinando-as como se realmente esperasse encontrar um décimo primeiro dedo preso em algum lugar.

— Aqui, - Deaver respondeu, — eu te ensino com as suas mãos, e quando você for pra casa pode contar pra tua mãe e pai que enquanto eles estavam no hospital, você ganhou mais um dedo.

Foram necessárias três tentativas antes de Ziona aprender o truque corretamente, mas quando conseguiu, começou a gargalhar. — Tenho que mostrar ao Dominic! - Ela disse, escorregando do colo de Deaver e correndo para procurar seu amigo. As outras crianças que estiveram observando também se afastaram correndo, e T'Pina sabia que o truque seria aplicado em toda criança ali antes do fim da tarde.

Quando elas se dispersaram, T'Pina perguntou.: — Foi isso que aprendeu em Sofia, jogos infantis com números?

— Não, esse é um dos truques do pai. Em Sofia descobri a matemática; o interior de tudo no universo. Enquanto eu fazia cálculo e mecânica quântica não podia ficar arrombando fechaduras e explodindo a cadeira do diretor. A gente ficou preso lá por dois anos, ninguém ficou mais surpreso que eu quando venci o prêmio de matemática do quadrante! Me arrumou um curso completo em qualquer universidade da Federação; eles tavam brigando por mim! - Riu. — Podia tê derrubado o pai com uma pena. Ele sempre dizia que eu era um monte de nada, só servia pra ocupar a mãe.

— Que universidade escolheu? - T'Pina perguntou.

— Sempre quis dar uma olhada na Terra, o pai tinha uns inimigos naquele pedaço da Federação, então primeiro tentei o MIT. Passei dois anos lá, um período em Oxford, onde os professores viviam implicando com o jeito d'eu falar, e então fui pra Corona, pr'Academia Real, onde me formei - pra minha surpresa tanto quanto da faculdade!

T'Pina estava impressionada: se havia alguma instituição na Federação que rivalizava com a Academia Vulcana na áreas de ciências e matemática, era a Academia Real de Corona.

Mas Deaver estava falando: — Cuidado com a matemática, Lady T'Pina. É um vício que entra no sangue e não vai embora. Eu descobri um corolário para as Funções de T'Prol apenas me divertindo um pouco, sabe, e a próxima coisa que sabia é que estava ensinando na Academia Vulcana!

— Você ensinou na Academia Vulcana? - T'Pina de repente pensou se ele não estaria mentido - talvez tudo que dissera fosse mentira, ou um truque de linguagem como o que ele mostrara a Ziona.

Mas Deaver respondeu. - Por um ano. Foi divertido estar do outro lado da mesa.

— Eu estive na Academia Vulcana pelos últimos três anos, - T'Pina disse. — Acabei de me formar.

— Foi antes do seu tempo então, sete anos padrões da Federação. Gostei da gente de lá, seus vulcanos sabem manter um cara na linha, e tem gente de toda a galáxia, que nem aqui. Me diz uma coisa, - ele continuou, olhando-a como se pudesse dizer tudo sobre sua aparência mesmo que envolta no traje protetor, — a Academia Vulcana tem um requisito de beleza pras as mulheres que admite?

— O quê?

— Olha, todo o tempo que tive lá, nunca vi uma mulher que não ganhasse um prêmio de beleza. Mesmo as telaritas, bem, não eram feias. E todas elas tinham cérebro - paraíso dos homens pensantes! Se pudesse

agüentar o calor e a gravidade, ainda taria lá.

— Mesmo, - T'Pina disse sem emoção. Ela não aprovava o caminho que a conversa seguira. — Se me desculpar, Sr. Deaver....

— Beau, - ele disse. — E, por favor, senta aqui, Lady T'Pina. Alguma criança logo logo vai estar gritando por atenção.

— As crianças que gritam nem sempre são aquelas que precisam de atenção, ela disse, encaminhando-se para o cercado próximo à janela, onde os bebês brincavam ao sol. Colocou um termômetro na testa de cada criança, checando em sua tabela pela temperatura normal de cada uma, pois eram crianças únicas. — E se passou um ano em Vulcano, deveria saber que não é correto me chamar de "lady", - completou quando Deaver a seguiu e ajoelhou-se a seu lado.

— Ah... não ainda. Você é mais jovem do que pensei, então, - ele disse, tocando a bochecha de um bebê adormecido com as costas da mão. — Quer dizer que você é ainda mais corajosa do que eu imaginava. Por que se voluntariou pra trabalhar aqui, junto de nós, párias? - Automaticamente, ele recolheu os brinquedos que as crianças espalharam pelo chão e os devolveu para dentro do cercado.

— O trabalho precisa ser feito, - T'Pina explicou. — Não tenho experiência para ser útil nos laboratórios sob essas condições de emergência. Portanto...

— Portanto você se arrisca duplamente?

— Estou protegida.

— Ziona quase arrancou sua máscara hoje. - Um menininho, que parecia muito ser telarita, levantou os bracinhos e choramingou. Deaver o pegou no colo, balançou-o um pouco, encostou o rosto no do pequeno e então fez-lhe cócegas até o menino ficar sem fôlego de rir, antes de devolvê-lo ao cercado.

— Um termômetro é uma forma muito mais acurada de checar se há febre, em vez de tocar uma criança, - T'Pina disse.

— Não pra mãe. Três temperaturas diferentes, ela, o pai e eu - e ela sempre sabia quando alguém tava precisando de sopa de galinha. Sopa plomeek pra você, dona.

— Estou familiarizada com o prato humano. - T'Pina respondeu. — Como a sopa plomeek, a sabedoria popular tradicionalmente lhe garante grandes poderes curativos, e a medicina moderna mostrou que há similaridade com antibióticos e sintomas específicos. Entretanto...

— T'Pina!

Leyne Sweet, chamada de "Doce" por seus amigos humanos, estava correndo pelo refeitório. Sua postura e o fato dela ignorar as crianças que tentavam chamar sua atenção indicavam a T'Pina que ela trazia notícias

importantes. Como T'Pina, Doce era uma voluntária ali porque não tinha experiência em nenhum outro trabalho valioso que ajudasse a parar a peste. E, como T'Pina, ela estava disposta a fazer qualquer coisa para preservar seu lar.

Um cacho de cabelo escuro escapara da touca protetora de Doce e caía sobre seus olhos. Quando ela os alcançou, levantou automaticamente a mão para empurrar o cabelo para trás. Tanto Beau Deaver quanto T'Pina exclamaram, — Não! - e correram para segurar a mão errante antes que tocasse sua testa nua.

A mão de Deaver fechou-se sobre a de T'Pina no pulso de Doce. Mesmo com a luva protetora, ela pode sentir sua calma alienígena - e junto com ela quase um choque elétrico.

Eles se encararam por um momento.

Doce não notou. — Oh, meu Deus, - sussurrou, encarando sua própria mão, esticando os dedos quando T'Pina e Deaver retiraram as suas. — Obrigada, - disse. Então ela olhou para T'Pina, que conhecera por toda sua vida. Elas haviam crescido em casas vizinhas. — T'Pina, é sua mãe. Ela desmaiou quando em serviço - eles acham que pode ser a primeira ou segunda variedade, não a terceira. Ela tem uma boa chance de se recuperar, mas...

— Eu irei até ela, - disse T'Pina, qualquer outro pensamento instantaneamente afastado de sua mente.

A doença agora atacava T'Kar - a única família que restava a T'Pina.

VINTE E QUATRO

Sorel percorreu T'Kar com a sonda médica. Ela tinha febre, mas o resto de seus sinais vitais estavam normais. — Sente alguma dor? - perguntou.

— Posso controlá-la, - ela respondeu.

— Vamos administrar um agente antiviral de grande espectro e então eu a ajudarei a alcançar o transe de cura.

T'Kar concordou fracamente. Ela era uma enfermeira; compreendia os perigos do transe nessas condições.

Não havia camas de diagnóstico disponíveis; todas estavam ocupadas por pacientes atualmente em condições críticas. Se T'Kar tivesse contraído a Variedade B, ela não estaria em perigo pelos próximos três dias, e sua força poderia ser aumentada se ela passasse esse tempo em transe de cura.

Entretanto, sem uma cama de diagnóstico, não haveria nenhum aviso quando seu corpo entrasse em falha sistêmica antes do previsto. Todos os pacientes dessa área eram examinados de hora em hora; não havia enfermeiros e técnicos bastante para que isso fosse feito em períodos mais curtos.

Se seu coração ou seus pulmões falhassem, T'Kar morreria em questão de minutos porque nenhum vulcano era capaz de sair de um transe de cura sozinho. Por essa razão, os *healers* sempre colocam seus pacientes em transe em unidades de diagnóstico.

E... se a doença de T'Kar não fosse da Variedade A ou B como parecia? Ela trabalhara por vários dias em meio aos habitantes de herança miscigenada de Nisus - e se fosse alguma nova variedade, disfarçando-se com os primeiros sintomas das variedades menos perigosas? O laboratório de patologia estava cheio de pedidos de exames; levaria horas antes do primeiro relatório sobre a cultura de T'Kar.

Sorel descobriu que a lógica não governava suas reações a doença de T'Kar. Ele a conhecera melhor na viagem para cá, descobrira seus interesses e sua inteligência e a vira lidar com sabedoria e sensibilidade com recém-descoberta da maturidade de sua filha. Ele gostava da filha também: muito controlada para alguém tão jovem, mesmo assim não era fria nem distante.

A juventude de Sorel já ia longe - mas enquanto o tempo curava as feridas pela morte de T'Zan, ele redescobria sentimentos que só conhecera com a esposa. Eles estão ligados a T'Kar. Ela não era uma paciente comum; ele se preocupava como por um membro de sua família.

Se T'Kar vivesse em Vulcano, e se fossem tempos comuns e não o meio

de uma epidemia, seria completamente lógico que Sorel procurasse a companhia de T'Kar. Um *healer*, uma enfermeira; um viúvo, uma viúva; ambos pertences às Antigas Famílias; ambos com filhos crescidos e educados. Era uma união muito compatível. Em tempos normais, se ambos fossem residentes em Vulcano, seus amigos e suas famílias estariam fazendo todo o possível para aproximá-los.

Mas os tempos não eram comuns.

Mais importante, T'Kar preferiria ficar ali, onde estava seu trabalho, onde estava sua filha, em Nisus. Eventualmente, Sorel retornaria a Vulcano.

E... ele tinha outros pacientes, e outros deveres além do cuidar dos pacientes. Levantou-se, dizendo: — Voltarei assim que seus testes estiverem completos.

Mas antes que ele pudesse sair, T'Pina entrou, envolta, como Sorel, em roupas protetoras. Mas T'Kar também as usara.

Se fosse a Variedade A ou B, as chances eram de que ela a tivesse pego fora do horário de serviço, indicando que as precauções dentro do hospital eram suficientes. Mas se não fosse...

— *Healer*, - T'Pina cumprimentou Sorel educadamente, mas sua atenção estava em T'Kar. — Estou aqui, mãe.

— Eu estou contente que tenha vindo, criança. Sinto-me reconfortada com tua presença, - T'Kar disse.

Sorel estava pronto para sair e deixá-las a sós, mas ao ouvir as palavras e o tom de T'Kar, voltou-se. A expressão formal indicava que T'Kar dava grande importância a simples palavras - como se elas pudessem ser suas últimas. Algo estava errado.

Longos anos de experiência médica o disseram a Sorel. Aflição filial o disse a T'Pina; ele viu isso em seus olhos quando ela encarou-o e em seguida voltou-se para sua mãe.

A jovem colocou a mão enluvada no braço da mãe. — *Healer!* - Exclamou. — Examine-a!

Ele já estava no meio da sala, sonda em punho.

A temperatura de T'Kar estava quatro graus abaixo do normal vulcano e caindo! Seus olhos tinham perdido o brilho de febre e o azul deles pareciam se transformar em cinza enquanto ele a observava.

— Mãe! - T'Pina soluçou.

A sonda mostrou seu coração batendo, falhando.

Eles a podiam ver lutar para respirar, cada vez mais fraca—

Sorel bateu no botão de Código Azul na parede, então voltou-se para sua paciente, empurrando-a de lado, para conseguir alguma compressão, pois só tinha um estimulador portátil. O Ressuscitamento Cárdio-Pulmonar era

muito mais difícil em vulcanos do que em humanos, já que o coração não ficava convenientemente abaixo do esterno.

A coloração esverdeada sumira do rosto de T'Kar; tinha a face pálida como cera amarela. Ela desmaiara e parará de respirar.

— Não! - T'Pina gritou. — Mãe! Mãe, não morra!

Com o hospital superlotado e equipamento limitado, pacientes como T'Kar, que não pareciam ser casos críticos, eram colocados em quartos com o equipamento mínimo. Sorel fez um inventário rotineiro do quarto quando entrou; já sabia que não havia nenhuma máscara respiratória. T'Pina não perdeu tempo procurando em outro lugar: ela arrancou sua máscara protetora e colocou sua boca sobre a da mãe, forçando o ar para dentro de seus pulmões, mesmo quando Sorel exclamou: — T'Pina, não!

Entre as respirações, T'Pina levantou sua cabeça e disse: — Não vou deixá-la morrer!

Era muito tarde. T'Pina se expusera a essa nova variedade da peste. Sorel continuou a bombear o coração de T'Kar enquanto T'Pina respirava por ela.

O grupo de Ressuscitamento chegou. Um humano, um vulcano e um telarita, eles agarraram T'Kar com a facilidade de longa prática, colocaram-na na unidade e enquanto o humano e o telarita ligavam os controles, o vulcano calibrava-os para sinais vulcanos normais.

T'Kar estava quieta, a máquina agora respirando por ela e forçando seu coração a bater. Mas ela viveria?

Só havia um jeito de um *healer* saber, e para isso precisaria tocar seu rosto com a mão nua.

Mas sua filha saberia. Sorel olhou para T'Pina, cuja a face podia ver completamente agora. Ela parecia serena, contente. — T'Pina...?

— Não, *Healer*. O *katra* de minha mãe não passou para mim. Ela vive. Em meia hora o sistema de T'Kar começou a lutar contra o sistema de suporte de vida. Eles a colocaram em uma cama de diagnóstico que ficou disponível com a morte de um paciente, e em uma hora ela recuperou a consciência.

— Onde está T'Pina?

— Infelizmente, ao salvar a sua vida, ela se expôs a sua doença, - Sorel explicou. — Está sendo examinada, e assim que os sintomas começarem, ela será colocada imediatamente em suporte de vida. Não seremos pegos fora de guarda novamente.

Mas onde conseguiremos o equipamento ? Ele se perguntou. Essa doença está superando nossa habilidade de acompanhá-la, simplesmente em termos de pessoal e equipamento.

Quando Sorel retornou ao laboratório de computação, depois de sua

ronda, já encontrou T'Mir e Daniel estudando o esquema da nova variedade do vírus. — Estamos para descobrir se o sangue klingon também come essa aqui no café-da-manhã, - Daniel disse.

Quando era introduzida nas células do sangue klingon, agia como as outras variedades, murchando e morrendo. Daniel sorriu. — Conseguimos! Agora tudo que temos que fazer é testar em alguém!

— Temos uma lista de voluntários, - T'Mir disse. - Todos em estado crítico e instável.

— Vamos esperar que ninguém seja alérgico a klingons, - Daniel respondeu. — Começamos com três?

Sorel concordou. — Um humano, um telarita e um lemnoriano, todos com sangue baseado em ferro.

— Certo, - disse Daniel, olhando de seu sócio para sua esposa, seu sorriso esperançoso sumindo. Mas ele só disse: — Vamos, ao menos se pudermos proteger o pessoal com sangue baseado em ferro, poderemos montar uma equipe para cuidar de todo o resto.

Eles administraram o soro e T'Mir retornou ao laboratório enquanto Sorel e Daniel voltavam a cuidar de seus pacientes. Já havia mais três casos da nova variedade, dois que morreram antes de serem diagnosticados. Quando examinaram e trataram mais de uma dúzia de pacientes, ouvindo por todo lado reclamações sobre falta de equipamento e de pessoal, Sorel podia ver a tensão e o cansaço em seu sócio humano.

Ele conhecia a dedicação de Daniel, sabia que ele se forçaria além dos limites para salvar vidas. Mas quando terminaram a ronda no hospital e Daniel disse: — É melhor irmos a seção dos de herança miscigenada, checar se essa nova variedade... - Sorel o interrompeu.

— Não até que você coma uma refeição e durma por pelo menos duas horas. Isso é uma prescrição, Daniel. Você esqueceu-se de novo que fisicamente não é vulcano.

O humano sorriu, mas não havia humor ali. — Também não estou com fome.

— Devo insistir para que tenha os níveis de açúcar em seu sangue analisados?

— Só conseguiria os resultados daqui a três dias! Certo, certo, vamos ver se o refeitório tem alguma coisa comestível.

Era fim da tarde, mas ninguém estava mantendo uma rotina normal nesses tempos. Apenas comida computadorizada estava disponível. Eles digitaram suas escolhas, então esperaram por sua vez de descontaminar e entraram na pequena sala onde era seguro comer sem luvas e máscaras.

Ou não era? E se um deles estivesse com a peste nesse exato momento?

Isso estava na mente de Daniel também. — Sorel, - disse, — tem notado um aumento de medo em interagir, mesmo no curto período que estamos aqui?

— Isso é normal, Daniel... e saudável, devido as atuais circunstâncias. Mesmo as melhores precauções não impedem a disseminação da doença - mas se as pessoas forem extremamente cautelosas, pelo menos pode atrasá-la.

— Não é isso que quero dizer. Hoje cedo, T'Mir e eu estávamos do lado de fora do laboratório de computação. Estávamos falando em vulcano, e um rigeliano apareceu, me encarou e exigiu saber por que eu não estava na residência médica junto com o resto dos... "*ergoflin*" foi a palavra que usou. Suponho que signifique "pessoa de herança miscigenada" em rigeliano, mas fiquei com a impressão de que não era o termo mais polido para isso.

Sorel também não falava rigeliano. Aqui em Nisus, as línguas oficiais eram inglês e vulcano; não havia tradutores universais em todos os lugares, como era numa nave estelar, e ele e Daniel não carregavam tradutores, já que ambos eram fluentes nos dois idiomas.

Daniel ainda estava intrigado com o incidente. — Mesmo sob a roupa de descontaminação, você pensaria que qualquer um podia ver que sou humano.

— Você parece humano, mas para um rigeliano, seu vulcano não tem sotaque, - Sorel disse. — Apenas um nativo poderia saber que você não é um deles.

— Obrigado, mas esse não é realmente o ponto. O homem era insultante e agressivo. Quando me identifiquei, o foco de sua raiva afastou-se de mim, mas em outra direção. Ele começou a discursar contra permitir que pessoas de raças diferentes tenham filhos juntos. Disse que essa peste é a maneira da natureza nos mostrar quanto isso é errado. Ele não sabia que T'Mir era minha esposa, é claro, mas Sorel, se ela não me enviasse calma através do nosso elo, eu provavelmente teria batido nele.

— Não acredito nisso, - Sorel disse. — Faz parte da minha experiência com humanos civilizados que eles freqüentemente liberam sentimentos negativos pensando em ações violentas, mas então eles "pensam duas vezes" e não as fazem.

— E? E quantos "humanos civilizados" você conhece?

— Você, por exemplo. E você está sob muita pressão, Daniel, assim como todos nós... incluindo esse rigeliano ofensivo.

— Eu sei. Nós nos afastamos dele. Mas você não tem ouvido a mesma coisa, geralmente com mais educação, ao menos dez vezes num dia, desde que chegamos aqui? Deus, Sorel, e se eles estiverem certos? Eu não quero dizer sobre o preconceito. Quero dizer - as vezes as melhores intenções

acabam nos piores resultados. Olhe as Guerras Eugênicas da Terra, por exemplo. Nós pretendíamos melhorar a espécie, prevenir os defeitos genéticos, atrasar o envelhecimento. Em vez disso, nós criamos super-homens que tentaram conquistar o mundo, e liberar novas doenças, novas derrotas.

O desalento de Daniel era palpável quando continuou.

— E se pessoas como eu e você, pretendendo apenas ajudar gente boa como Amanda e Sarek a terem filhos, ajudar a recomeçar esse processo - desta vez em escala galáctica? E se essa peste, que muta através dessas crianças, está apenas começando?

Seus olhos se fixaram em Sorel, a devastação mostrando-se ao fundo. — Você aprovou meu casamento com sua filha. Casei-me com T'Mir porque a amava. Suponha que encontremos uma cura para essa doença em particular. T'Mir e eu ainda teremos uma terrível decisão a fazer: ou nos negamos a ter filhos, ou vivemos com medo de que a qualquer momento uma peste como essa contra que lutamos, ou algo pior, possa acontecer de novo.

VINTE E CINCO

Quando o oficial médico chefe da *USS Enterprise* subiu a bordo e liberou todo mundo da enfermaria, exceto por aqueles em unidades de isolamento, Korsal esperou que ele e Kevin fossem mandados imediatamente de volta a Nisus. Em vez disso, o Dr. McCoy parou entre suas camas, olhando de pai para filho.

O médico humano balançou-se, sua face um retrato de emoções confusas. Finalmente disse: — Minha equipe tirou uma grande quantidade de sangue de vocês dois.

— Deu pra perceber, - Korsal respondeu.

— Sabem por quê? - O médico continuou.

— Acredito que estejam procurando a razão por que somos imunes à peste de Nisus.

— Vocês conseguiram? - Kevin perguntou ansiosamente. — Podem usar nosso sangue para proteger outras pessoas?

McCoy enrugou a testa e encarou o menino. — É isso que você quer?

— É claro! Doutor, todos os meus amigos estão em perigo. — Korsal viu a compreensão de seu filho. — Você não confia em nós!

— Me foi dito que posso, - McCoy respondeu. Então sorriu. — Sua reação mostra que me disseram a verdade. Sim, nós conseguimos um soro e se estiverem dispostos a nos ajudar, podemos fazer mais.

— Como podemos ajudar? - Korsal perguntou.

— Sei que querem ir para casa, - McCoy explicou, — mas eu preferiria que ficassem aqui. Vocês precisarão de supervisão médica e o hospital em Nisus parece um hospício.

— O que quer que façamos? - Insistiu Korsal.

— Que tomem algumas drogas que estimulam a produção de células sanguíneas e nos deixem tirar o máximo de sangue que pudermos.

— Certamente, - disse Korsal. — Kevin?

— É claro. Uh, vão ter que nos por pra dormir de novo? — Esse era o primeiro dia que o rapaz estava sem medicamento.

— Não, - McCoy lhe assegurou. — Mas não vão poder ficar rodando por aí. Podemos oferecer todas as fitas de diversão que quiserem...

— Nós preferiríamos uma ligação com o computador, - Korsal disse. — Kevin tem deveres a fazer e eu, trabalho.

— Terão que falar com o Capitão Kirk sobre isso. Ele deve vir vê-los hoje. Agora sobre seu filho mais jovem...

— Karl? Ele está bem? - Korsal perguntou.

— Oh, sim, ele está ótimo. Uma vez que ele se sentiu seguro de que era imune, voluntariou-se para trabalhar na área de alto risco, cuidando das crianças de herança miscigenada que isolamos depois de receber seu relatório. Ele mesmo é só uma criança, mas...

— Não diga isso a Karl! - Kevin avisou. — Ele já passou por *Kahs-wan*, sabe.

— *Kahs-wan*? Isso não é um ritual vulcano?

— Não é um ritual, - Korsal replicou. — É um teste de sobrevivência de vida ou morte, completamente comparável à Sobrevivência klingon, que todo rapaz deve fazer. Quando Karl chegou à idade apropriada não havia klingons bastantes em Nisus para supervisionar a Sobrevivência para ele, mas eu consegui permissão para que o teste fosse substituído pelo *Kahs-wan*, e os vulcanos aceitaram. Então o senhor deve falar diretamente com Karl, Doutor. Ele tem o direito de tomar sua própria decisão.

O rosto cansado do médico se abriu num sorriso. — Eu adorei isso - um klingon passando *Kahs-wan*! Vocês realmente vivem a IDIC em Nisus, não é?

— Acredito que sim, - Korsal respondeu. — Eu nunca pensei nesses termos. Doutor, o senhor voltará logo para Nisus?

— Dentro de uma hora provavelmente. Por quê?

— Me faria a gentileza de levar uma mensagem para minha esposa? Estou certo de que avisaram a ela que Kevin e eu estamos bem, mas não pude contatá-la diretamente porque todos os canais de comunicação da nave estão sob prioridade.

— É claro, - McCoy respondeu.

Korsal continuou: — Não me foi nem mesmo permitido enviar diretamente um aviso sobre a represa, mas tenho certeza de que seu oficial de comunicações o enviou.

— A represa? - McCoy perguntou.

— As barreiras, a razão porque estávamos no alto da montanha quando fomos pegos pela tempestade, - Korsal explicou. — Se aquela barreira não for reparada, mais pedaços de gelo podem passar e atingir as turbinas, e a usina de força poderá parar.

— Por que vocês não usam energia de fusão ou solar, como a maioria dos planetas? - McCoy perguntou.

— Nisus é um planeta de água, como a sua Terra, - Korsal respondeu. — É muito mais simples e barato construir uma usina hidroelétrica do que uma usina de fusão, já que a represa era necessária de qualquer jeito. E a atmosfera bloqueia muito da luz do sol para uma usina de energia solar ser

eficiente. Nisus é quente mais pelo efeito estufa do que por radiação solar direta.

— Bem, eu sou médico, não engenheiro, - McCoy sorriu. — Falarei com a Tenente Uhura para ter certeza de que sua mensagem foi entregue. Se tem algo que detesto, é ver a energia me faltar - sempre parece acontecer no meio de uma cirurgia!

Os eficientes assistentes de McCoy logo colocaram Korsal e Kevin presos a equipamentos que monitoravam sua tolerância e administravam a quantidade de estimulante sanguíneo. Logo Arthur chegou para recolher uma unidade de sangue de cada um deles, e então o capitão da *Enterprise* veio fazer uma visita.

Korsal já ouvira falar de James T. Kirk. Pelas lendas ele esperava uma figura mais imponente do que esse humano de altura e constituição medianas, com cabelos e olhos castanhos claros, e o mesmo ar de fadiga nervosa que todos aqui e em Nisus.

Mas logo experimentou o poder da personalidade de Kirk quando o homem sorriu e disse: — Gostaria de agradecer a vocês dois. Com sua cooperação, agora temos uma vacina para todos com sangue baseado em ferro.

— Apenas pessoas com sangue baseado em ferro? - Kevin perguntou. — Mas isso significa...

— Isso significa, - Korsal disse, — que aproximadamente metade dos residentes em Nisus podem ser protegidos. Capitão, esse fato não nos foi informado. Sinto muito.

— Sente?

— Temos amigos vulcanos, rigelianos e órions também. Ainda não há vacina para eles então. — *Nenhuma proteção para Seela.*

— Pai, - Kevin disse, - nós não poderíamos dar sangue bastante para todo o planeta.

— Seu filho está certo, - Kirk respondeu. — Mas inocular o pessoal médico significa tratamento apropriado para aqueles que *caírem* doentes. Inocular aqueles de herança miscigenada com sangue baseado em ferro eliminará ao menos *essas* oportunidades de mutação. Vocês estão nos dando um lugar por onde começar, e nós estamos agradecidos.

Korsal sorriu, cuidadosamente mantendo seus dentes escondidos. — Você nos agradece por algo que não temos controle, um fator em nosso sangue.

— Não, por sua boa vontade em ajudar outros. Agora, há algo que eu possa fazer para deixá-los mais confortáveis?

— Sua equipe está nos tratando como ao próprio Imperador, - Korsal

replicou.

— Bem, então, ao menos posso lhes trazer uma boa notícia. — Voltou-se para Kevin. — Kevin Katasai, eu tenho a honra e o prazer de informá-lo que você foi agraciado com uma admissão precoce na Academia da Frota Estelar. Compreendo que deva completar seus estudos em Nisus na data estelar de 4100.

— Está certo, - Kevin disse, sua certeza dizendo a seu pai que o rapaz calculara a data estelar bem antes de hoje.

— A próxima classe depois disso começa na data estelar de 4168, - Kirk disse. — Se aceitar a admissão, deve se apresentar à Academia da Frota nesta data.

Korsal viu os olhos de seu filho brilharem com prazer enquanto apertava a mão do Capitão Kirk. — Estou honrado, - disse. — Mais ainda porque foi o senhor quem me contou. Eu já li e ouvi tanto sobre o senhor...

— Então tinha que começar quebrando meus recordes, hem? - Kirk respondeu com um sorriso.

— Ninguém conseguirá quebrá-los todos, senhor, - replicou Kevin. — Além disso, não planejo seguir o programa de comando. Quero ser um engenheiro, como meu pai. Na Frota posso projetar naves que poderão ir mais longe e mais rápido que a *Enterprise*, cruzar a distância entre planetas longínquos em apenas alguns dias. Ou, talvez não precisemos mais de naves. Imagine um transporte que pudesse ligar Nisus à Terra!

O rapaz ficou em silêncio, compreendendo: — Desculpe, senhor, é só que estou feliz. Eu não tinha certeza se seria aceito.

— Tem todo o direito de estar feliz, - Kirk respondeu, então virou-se para Korsal. — Você está... confortável com a decisão de seu filho?

— Ele tem o direito, - Korsal replicou. — Eu sei que ele será bem educado. E será bom para Kevin aprender alguma coisa sobre a Federação fora de Nisus. Ele foi protegido em várias maneiras. - Seu sorriso dessa vez foi forçado; ele sabia muito bem que Kevin iria enfrentar grande preconceito na Academia da Frota Estelar.

Ainda assim... o Comando da Frota superara seus preconceitos ao permitir que um meio-klíngon se tornasse cadete da Academia. Ele sabia que seu filho tinha a coragem para ser bem sucedido. — Estou orgulhoso das vitórias de meu filho, - ele disse e completou, — Capitão, seria possível termos um par de terminais de computador? Kevin precisa se por em dia com os trabalhos escolares que andou perdendo nesses últimos dias.

— Pensei que as escolas estavam fechadas, - Kirk respondeu.

— Estão, mas os estudantes têm deveres cobrindo os assuntos que podem ser estudados através do computador.

— Sim, - disse Kevin. — Estou bem adiantado em matemática e física. Quando as escolas reabrirem, provavelmente gastaremos todo nosso tempo com assuntos para discussão - como literatura e poesia.

Esses assuntos não tinham muito espaço nas escolas que Korsal freqüentara, e ele se surpreendera em encontrá-los como uma das partes principais dos currículos das escolas da Federação. O tom de voz de Kevin indicava claramente que ele os considerava uma perda de tempo.

Kirk percebeu a atitude do rapaz. — Você não gosta de literatura e poesia?

— Eu prefiro o que é real, - disse Kevin. — Essas coisas são só imaginação.

Kirk riu. — E onde estariam os engenheiros sem a imaginação? Kevin, naves estelares tem que ser imaginadas antes de poderem ser projetadas e construídas. Além disso, a literatura lida com *pessoas* - e pense nisso, você terá que lidar com pessoas por toda sua vida. Você não pode experimentar todas as possibilidades, mas através dos séculos, os escritores descreveram todas elas. Vamos ver, você já leu "*Os Contos de Canterbury*" de Geoffrey Chaucer?

— Não, mas está em nossa lista de leitura.

— Nosso primeiro oficial, o Sr. Spock, o está lendo enquanto está em isolamento; disse que seu pai fez referência a ele e então decidiu refrescar sua memória. Portanto sei que ele está em nossa biblioteca-computador. Por que você não o lê enquanto está sentando aqui sem mais nada para fazer além de salvar o mundo?

— Metade do mundo, - Kevin disse. Então completou, mais alegremente, - eu preferiria estudar os esquemas de suas máquinas de dobra.

Kirk riu novamente. — Vamos fazer o seguinte: eu o coloco em contato com *Os Contos de Canterbury* e alguma história medieval da Terra como histórico. Então voltarei aqui e os discutirei com você, e poderá me explicar o que os peregrinos de Canterbury e seu mundo têm em comum com o mundo que você vive em Nisus. Por outro lado, eu farei meu engenheiro-chefe *mostrar* a você as máquinas de dobra. Feito?

— Feito, - Kevin respondeu.

Korsal podia ver de onde Kirk conseguira sua reputação como diplomata. Ele pediu um terminal para si e acessou seus dados sobre a peste. Se projetasse à frente, assumindo a inoculação da metade da população que o sangue dele e de seu filho poderiam proteger, talvez ele conseguisse encontrar uma ordem mais eficiente para usar a vacina.

— Certamente, - Kirk concordou. Encaminhou-se para o intercom na parede, mas antes que pudesse tocá-lo, uma voz saiu de lá.

— Capitão Kirk, disse uma voz feminina em tom de urgência.

— Fala Kirk, - ele respondeu.

— Fala Uhura. Capitão, quando as comunicações foram liberadas, eu desliguei o estado de prioridade e comecei a enviar as mensagens pessoais para Nisus. Mas há uma do engenheiro klingon Korsal para a equipe de engenharia da represa...

— *Khest!* - Korsal exclamou. — Não foi enviada? Eles não sabem que a barreira de segurança não está funcionando!

— Devo mandá-la? A Segurança sugeriu que poderia ser algum tipo de código, Capitão.

— Mande! - Kirk gritou. Então, mais calmamente, - Nós não sabemos se todos estão doentes ou mortos. Essa mensagem significa exatamente o que diz. Mande, prioridade de emergência, para seu destino original e para cada oficial de Nisus e cada engenheiro, tanto para casa quanto para os escritórios.

Ele voltou-se para Korsal. — Sinto muito. Se eu soubesse... quão ruim está?

— Obviamente ainda não houve outro acidente como o que levou Kevin e eu a voar para o alto da montanha. Mas no momento em que houver degelo, Capitão, se a barreira não tiver sido reparada, o gelo passará e estragará as turbinas. Nunca chegamos alto o suficiente para chegar além da primeira barreira também. Assim que o tempo melhorar, todas precisam ser checadas e consertadas se necessário. Por outro lado, Nisus está às portas de perder sua energia elétrica justo quando ainda está lutando contra a epidemia.

VINTE E SEIS

Quando James T. Kirk deixou os dois klingons, encontrou o Dr. McCoy saindo da sala de descontaminação que separava as unidades de isolamento.

— Como Amanda está?

— Fraca. Mas agüentando. Eu lhe apliquei o soro; agora não há mais nada a fazer senão esperar.

— Foi visitar Spock e Sarek?

— Sim. Jim, você tem conversado com eles?

— Spock, é claro. Por quê?

— Não lhe pareceu estranho? - McCoy perguntou.

— Magro, eu tenho me concentrado em um modo de tirar aqueles vulcanos rebeldes da engenharia sem usar explosivos.

— Oh, é. Eu esqueci esse problema. Algum progresso?

— Ainda não. Mas agora que Scotty está fora da enfermaria, tenho certeza que ele conseguirá abrir aquelas portas. O que há com Spock e Sarek?

— O *tempo*. Você conhece esse maldito senso de tempo vulcano. Sarek não teve nada para fazer nesses últimos três dias senão preocupar-se com sua esposa. Alguma coisa do que ele disse o tradutor não conseguiu correspondentes, mas a verdade é que ele estava muito irritado por estar preso ali por três dias. *Três dias*, Jim.

— O quê? Quer dizer, nem Spock nem Sarek...

— É isso mesmo, e eu não compreendo. Spock... bem, quem pode predizer como seu sistema vai reagir a alguma coisa? Mas Sarek é vulcano completo, e ele foi exposto duas vezes. A primeira junto com Amanda, e de novo *por* Amanda. Meu Deus, ela arranhou seu rosto, colocou o vírus diretamente em seu sangue, e ele *não está doente*.

— Pode ser esse tipo esquisito de sangue que os dois têm? - Kirk exigiu.

— T-negativo? É raro, mas não posso acreditar que não haja nenhum vulcano em Nisus com esse tipo sangüíneo.

— E quanto a vulcanos em Nisus que não pegaram a peste? Magro....!

— Estou nessa, Jim. - Ele aproximou-se do intercom. — Uhura, ligue-me com Sorel e Corrigan, prioridade de emergência.

Houve uma curta espera, então uma voz educada respondeu: — Fala M'Benga, Dr. McCoy. Sorel e Dr. Corrigan estão atendendo aos pacientes.

— Você pode checar isso para mim, Geoff. Quero saber se há algum vulcano com o tipo sangüíneo T-negativo que tenha tido alguma das

variedades da peste.

— Só um momento. Eles estariam num arquivo separado do computador... sim, aqui estão os registros. Seis ao todo na população vulcana de Nisus. Um momento, enquanto checo seus nomes e seus registros. T'Ara... Variedade A, recuperada. Skitra... Variedade B, morto. Suter... Variedade B, recuperado. T'Gra... Variedade C, estado crítico...

McCoy suspirou. — Obrigado, Geoff. Pensei que T-negativo podia ser a resposta, mas obviamente não é.

— Então por que Sarek é imune? - Kirk perguntou.

— Vamos pegar uma amostra de sangue e ver, - McCoy disse. Alguns minutos depois Kirk estava no laboratório com McCoy, ambos vestidos com roupas protetoras contra contaminação. McCoy lhe mostrou na tela magnificada como o exemplo de sangue dos klingons destruía as várias formas do vírus. Mas o sangue de Sarek não; o primeiro espécime de vírus que McCoy introduziu nele começou a se multiplicar como fogo no mato.

— Ele *não* é imune, - Kirk disse.

— Mas definitivamente não está doente, - McCoy respondeu. — Oh, diabos... nós podemos muito bem deixar Spock e Sarek saírem. Eles não vão infectar ninguém já que não estão doentes, e eu não acho que nenhum deles gostaria de ficar em isolamento para sempre só para evitar o perigo de pegar essa coisa.

Quando foram liberados, tanto Spock quanto Sarek insistiram em ver Amanda, mas McCoy não permitiu que entrassem no quarto dela. Tiveram que olhar através da janela de observação, para vê-la deitada pálida e imóvel, apenas o clarão do indicador de batimentos cardíacos mostrando que ela ainda estava viva.

Spock já especulava por que nem ele nem Sarek pegaram a doença de Amanda. — Eu gostaria de ver os estudos que Korsal realizou, - disse. — Os gráficos que identificaram o padrão de mutação.

McCoy explicou que Korsal ainda estava na enfermaria. Depois de passar pelo processo de descontaminação para deixar o isolamento, eles foram até o engenheiro klingon. Como Kirk ordenara, os terminais de computador foram colocados à disposição, e Korsal estava trabalhando. Campos de pontos multicoloridos brilhavam em sua tela, enquanto ele os observava com a testa franzida.

Korsal levantou a vista quando o grupo entrou em seu quarto. — Capitão Kirk, o senhor começou a trazer a bordo material e pessoal vindos de Nisus?

Kirk sacudiu os ombros. — Uma vez que já temos a peste a bordo, não importa mais. No entanto, ninguém é trazido diretamente.

— Não até ontem, - McCoy afirmou.

— O senhor, Dr. McCoy, - Korsal disse. — Quem mais?

— Sorel e Corrigan. M'Benga. Alguns de nossos enfermeiros vieram e voltaram também, e vários técnicos de laboratório.

— Então... ambos os tipos de vírus podem estar a bordo agora, - disse Korsal.

— Há quatro variedades agora, - disse McCoy.

— Não, não as variedades, as... subvariedades, acho que é o termo. Quando o senhor me disse que nosso sangue baseado em ferro não poderia dar imunidade àqueles com sangue baseado em cobre, eu revisei a tabela, usando apenas vermelho para ferro, verde para cobre, e branco para sangue baseado em silício. Pessoas com sangue baseado em silício só tiveram a Variedade A.

— Quantas dessas pessoas existem em Nisus? - McCoy perguntou.

— Quarenta e sete, - Korsal replicou, - e *nenhum* com herança miscigenada combinando silício com ferro ou cobre. Olhe, então, para o padrão de disseminação: branco para branco, vermelho para vermelho, verde para verde. Mas exatamente como as mutações para variedades mais mortais do vírus se deram em pessoas de herança miscigenada, assim se desenvolveram as subvariedades. Olhe. Aqui está a Variedade B.

Com apenas as três cores, em vez da original palheta de variadas tonalidades, eles puderam ver a disseminação da mutação, vermelho para vermelho para vermelho para vermelho - até alcançar alguém cujo círculo tivesse tanto vermelho quanto verde, alguém que combinasse a herança de sangue baseando em ferro com sangue baseado em cobre, como Spock. Dessa pessoa três padrões se espalhavam: vermelho para vermelho para vermelho e verde para verde para verde da Variedade B; e Variedade C, nesse caso indo de verde para verde para verde.

Spock se aproximara para examinar a tela. Kirk o viu engolir em seco.

— Doutor, - ele disse, sua voz absolutamente sem emoção, — acredito que devo voltar para o isolamento.

Kirk viu o médico olhar para seu amigo vulcano.... seu amigo *meio-vulcano*, primeiro surpreso, então triste. Então, - Sim, - disse, — temo que você esteja certo, Spock. Vamos apenas esperar que você não seja contagioso agora.

VINTE E SETE

Já que ela se expusera à peste tanto quanto era possível, Sorel permitiu que T'Pina cuidasse de sua mãe. A jovem vinha trabalhando praticamente sem descanso, como todos que não estavam doentes ou se recuperando. O *healer* esperava que ela mostrasse os primeiros sintomas antes de quarenta e oito horas depois de sua exposição, mas o primeiro dia não trouxe nenhum sinal da doença.

T'Kar continuava a ter uma febre alta perigosa e não recuperou a consciência. Sorel ordenou um banho frio, porque havia bastante água em Nisus. Em Vulcano, esse esfriamento seria feito com uma unidade de controle ambiental.

Havia muitos, muitos outros pacientes. Sorel não dormia desde sua chegada a Nisus - perfeitamente possível para um vulcano, mas ele estava começando a chegar a seu limite.

Agora que eles eram capazes de produzir o soro para aqueles de sangue baseado em ferro, o tempo dos médicos era ainda mais dividido: cuidar dos pacientes, pesquisar uma cura ou vacina para as pessoas de outros sangues, e preparar e administrar o soro.

Seus três klingons podiam produzir apenas uma quantidade finita de sangue. Sorel estava especialmente preocupado com o menino mais jovem; sua força deveria estar indo para o crescimento e não para a produção de sangue induzida por drogas. Mas eles não tinham escolha. Karl Katasai foi enviado à *Enterprise* e colocado no mesmo regime que seu pai e seu irmão.

A prioridade do soro era para pacientes em estado crítico, pessoal médico, pessoas de herança miscigenada com sangue baseado em ferro, qualquer um que mostrasse os primeiros sinais da doença e, finalmente, a população com sangue baseado em ferro, começando com crianças e qualquer outro de alto risco. Entretanto seu suprimento só cobria as duas primeiras categorias e parte da terceira.

Ao menos Daniel está a salvo, Sorel pensou enquanto administrava o soro em seu amigo e colega de tantos anos.

— Mas você não está, nem T'Mir, - Daniel replicou tristemente para seu pensamento não formulado.

Sorel assustou-se - o PES de Daniel fora tido como praticamente nulo. O humano prendeu os olhos nos seus, então encarou a mão de Sorel ainda segurando a seu braço. — *Você está exausto*, - disse. — Eu nunca soube que seus escudos caíssem assim antes.

— *Você* nunca saberia, - Sorel replicou. — Desculpe-me, Daniel.

— Por quê... provar de novo que somos família? Você não pediria desculpas a T'Mir se escorregasse com ela.

— Você deve ser testado novamente quando voltarmos a Vulcano, - Sorel disse. — Sua união com uma vulcana parece ter aumentado seu PES.

— Não mude de assunto. Se pode escorregar mentalmente, também o pode fisicamente, e essa possibilidade é tão perigosa para o médico quanto para o paciente. Aceitei seu conselho para dormir de tantas em tantas horas, mas você não dormiu nada. Não vai chegar perto de nenhum outro paciente enquanto não dormir pelo menos seis horas. Ordens médicas, *healer!*

Daniel estava certo. Sorel aceitou relutantemente a prescrição, usou uma técnica de meditação para adormecer e acordou sentindo-se descansado, embora não menos preocupado. Era esperado: havia mais sete casos da Variedade D, todos de pessoas com sangue baseado em cobre. Não tinham cura para eles, apenas podiam tratar os sintomas.

A febre de T'Kar continuava apesar da lavagem com água fria e o banho de gelo; ela tivera convulsões duas vezes. T'Pina permanecia a seu lado, trocando o gelo tão rápido quanto este derretia, sua preocupação e frustração aparecendo em seus olhos, mesmo que ela mascarasse seu rosto com as calmas linhas vulcanas. Ela estava pálida, mas esse era um sintoma de fraqueza, não da peste.

Todos os sinais vitais de T'Pina permaneciam incrivelmente normais. Sorel não compreendia como seu sistema podia resistir tanto tempo ao vírus. — No primeiro momento que sentir-se febril, deve chamar por ajuda, - ele a avisou, e lembrou à enfermeira humana, que checava o progresso de T'Kar a cada meia hora, para sondar T'Pina também.

Ao menos era refrescante ver o pessoal médico que havia sido vacinado sair de debaixo das roupas de proteção. E ver pacientes humanos, lemnorianos, caítians e hemanitas se recuperando.

Mas tão rápido quanto, as camas de diagnóstico eram ocupadas com vulcanos, órions, rigelianos - e esvaziadas, já que dois terços daqueles com a Variedade D morriam nas primeiras doze horas.

Na sala do computador, McCoy mostrava a Sorel as novas descobertas de Korsal. — E lá fomos nós, provavelmente contaminando a *Enterprise* com todas as variedades e subvariedades, quando Sendet carregou apenas a variedade que ataca sangue baseado em ferro, uma variedade para qual agora nós temos uma cura!

— Não tínhamos nenhum modo de saber, Leonard.

— Não, - o médico humano concordou, - nenhum modo. - Ele fungou zombeteiro. — Eu estava esperando ver Sendet cair sob seu próprio petardo.

— Você não quer dizer isso, - disse Sorel. — Nunca desejaria doença a alguém.

— Não, - McCoy concordou. — Já vi o bastante para durar toda uma vida.

O intercom tocou. McCoy apertou o botão, com muita mais força do que normalmente faria. — Fala McCoy.

— Fala Gardens, da enfermaria da *Enterprise*, Doutor. Acho que vai querer voltar a bordo. O Sr. Spock entrou em falha sistêmica.

VINTE E OITO

Perfeitamente saudável, sem ser da equipe médica e não tendo herança miscigenada, James T. Kirk estava no fim da lista de vacinação contra a peste. Isso significava que estava preso na *Enterprise*. Todos que estiveram próximos a Amanda entre sua exposição por Sendet e seu confinamento na enfermaria já haviam sido inoculados. Pareceu funcionar: ninguém mais caíra com a doença, exceto por Spock.

Não estar na lista de prioridades para ser vacinado também significava que Kirk não podia visitar Spock, embora McCoy o tivesse lembrado que não sendo médico, ele não poderia fazer nada de bom pelo vulcano, agora inconsciente. Entretanto, de algum modo tinha o sentimento irracional de que Spock saberia que ele não estava ali, e se estivesse, poderia introduzir vontade de viver em seu amigo.

Amanda estava fora de perigo agora, fraca, enormemente preocupada com Spock, mas recuperando-se. Sarek passava a maior parte do tempo ao seu lado, o que McCoy dizia ser o lugar mais seguro da nave para ele. — Toda a equipe médica foi vacinada, - explicou o OMC, - não que Sarek possa ser contaminado por eles. Ou ele já a pegou de Spock, ou está a salvo, a menos que a variedade de sangue baseado em cobre tenha sido trazida a bordo graças aos nossos descuidos.

— Do mesmo modo que Sendet trouxe a bordo a variedade de sangue baseado em ferro, - Kirk disse raivosamente.

— Saberemos logo, - McCoy disse. - Estamos filtrando o ar para toda a enfermaria e não só para as unidades de isolamento. Sorel e os outros vulcanos estão no planeta por enquanto - juntaram suas forças para tentar desenvolver um teste mais rápido para doença antes que os sintomas comecem a aparecer. - O médico esfregou os olhos cansados. — As coisas estão *melhores* agora que temos a vacina. Então por que estamos mais cansados e ocupados do que nunca?

— Só temos parte da resposta, - Kirk respondeu, — e não podemos implementá-la porque não podemos fazer vacinas rápido o suficiente.

— Não posso manter Korsal e seus filhos nessas drogas por muito tempo mais, - McCoy disse. - Elas não são tão perigosas quanto a que usei em Spock quando precisei de tanto sangue para a operação no coração de Sarek - mas, por outro lado, elas aumentam a produção sangüínea em apenas vinte e cinco por cento, e não duzentos por cento como o soro rigeliano.

— Mas o soro rigeliano... - Kirk começou.

McCoy o interrompeu: — só funciona para pessoas de sangue baseado

em cobre.

Kirk sacudiu a cabeça. — Magro, chegou a imaginar que um dia nós *desejaríamos* ser unha e carne com os klingons? - De repente, ele percebeu: — Espere um pouco! Talvez possamos ser!

— Huh? - McCoy disse, uma brilhante réplica que demonstrava o quanto cansado e estressado o OMC estava.

Kirk deixou o escritório de McCoy e andou até a área onde Korsal estava com seus dois filhos. Uma rápida olhada no mais jovem dos meninos e ele estava chamando: — Magro! Venha aqui!

Karl estava adormecido. Quando ele não acordou com o grito de Kirk, tanto seu pai quanto seu irmão mais velho colocaram-se imediatamente a seu lado. — O que há de errado com ele? - Korsal exigiu assim que McCoy entrou na sala.

Kirk observou McCoy estudar os indicadores dos sinais vitais sobre a cama, mas não significavam nada para ele, já que não tinha a menor idéia de como deveriam ser os sinais vitais de um menino meio-klingon, meio-humano.

O médico levantou uma das pálpebras de Karl e jogou uma luz em seus olhos - o menino acordou, deu um empurrão débil em McCoy, virou-se para o outro lado e voltou a dormir imediatamente.

— Ele está bem, - McCoy disse. — Está apenas exausto. Vou tirá-lo das drogas já. Ele é muito jovem para agüentar a tensão.

Korsal olhou de seu filho para o médico e Kirk viu as emoções brilhando em seu rosto. — Tem certeza de que ele já não foi prejudicado?

— Olhe os indicadores, - McCoy respondeu. - O alarme está marcado para disparar bem antes do nível de perigo, mas não tocou. Entretanto, iria soar em alguns minutos. Korsal, não sei dizer quantas vidas vocês estão salvando; acha que retribuiríamos permitindo que seu filho sofresse algum dano?

— Não. Observei suas precauções. Mas agora a produção da vacina será cortada em um terço.

— Não precisa ser, - Kirk disse.

Korsal o encarou, franzindo a testa. — O que quer dizer?

— Korsal, não acredito que o Império Klingon o jogaria aqui, num planeta da Federação, sem nenhum modo de chamá-los no caso de precisar de ajuda.

— Eu contato o Império regularmente, - Korsal respondeu, — mas minha missão é adquirir e transmitir informações científicas.

— Mas pode contatar o Império?

— Sim. Por quê?

— Você sabe *por que!* Até mesmo klingons respondem a um sinal de emergência médica! No momento que você descobriu que poderíamos fazer uma vacina de sangue klingon, por que não os contatou pedindo voluntários? Certamente você viveu entre nós tempo bastante para saber que não aproveitaríamos a oportunidade para montar uma armadilha para eles!

Korsal o encarava impassivelmente, Kevin com horror. Então o menino olhou para o pai, igualmente horrorizado. — Eu não sabia que você podia contatar diretamente o império. Por que não o fez, pai?

Korsal andou pesadamente de volta à sua cama e sentou-se. — Posso mandar uma mensagem que alcançaria um posto avançado do império em aproximadamente dois dias. Não, eu não enviei tal mensagem. Capitão, o senhor pensou no que está pedindo?

— Ajuda. Dos klingons. Está dizendo, então, que o preconceito humano é justificado: que se um klingon visse um homem sangrando numa estrada, não só não o ajudaria como também o roubaria antes de deixá-lo para morrer?

— Jim! - McCoy protestou.

Korsal levantou os olhos; seu sorriso mal mostrava as pontas de seus dentes - um aviso. Kirk havia visto esta expressão muitas vezes antes em sua carreira, mas nunca antes em Korsal.

Então o klingon disse: — Você é soldado, Capitão; entre sua gente, isso o afasta. Entre minha gente, o fato de eu *não* ser soldado me afasta. A despeito disso, conheço um pouco do pensamento militar.

Ele continuou: — Se eu mandasse um pedido de socorro médico, o império poderia mandar ajuda. Mas considere: aqueles que viessem a Nisus para ajudar levariam um relatório completo de volta. Capitão Kirk, os humanos nunca se envolveram com guerras biológicas?

As Guerras Eugênicas. O estômago de Kirk se contorceu. — Nós consideramos isso o pior crime imaginável, - respondeu.

— E para considerá-lo como tal significa que em algum momento de sua história sua gente a experimentou. Entre klingons, é considerada igualmente repreensível, desonrosa, proibida. Entretanto, todo militar sabe que uma vez que a arma exista...

— ... será usada. - Kirk completou a declaração. — Um ditado klingon, também, acredito.

— Uma observação de vida, - Korsal replicou. — Agora compreende, Capitão? Esse vírus mudou para variedades mortais e rápidas nisso. É efetiva contra todas as raças da Federação... mas klingons são imunes. É uma arma que vocês não podem virar contra nós.

— James Kirk, você não pode ser tão ingênuo a ponto de acreditar que,

apesar de toda a crença klingon na honra de um confronto direto, não existam aqueles - e só é preciso uns poucos, mesmo apenas um - que, se soubessem desse vírus, o usariam. Uma vez à solta por toda Federação...

— ... nenhuma cura, - McCoy disse, — para a vasta quantidade de cidadãos da Federação cujo sangue é baseado em cobre. E para humanos e os outros com sangue baseado em ferro...

— ... a única cura, - Kirk continuou daí, — tem que ser feita do sangue de klingons. Para salvar suas vidas, as vidas de suas famílias, que barganhas o governo planetário não seria capaz de fazer? - Supôs com um estremecimento.

— E, - Korsal completou, — teria o efeito de transformar sua raça em... vampiros, acredito ser o termo lendário... consumindo minha raça.

— Oh Deus, - McCoy disse. — Ele está certo; nós atacariamos suas naves para conseguir sangue para as vacinas, e racionalizaríamos dizendo que foram eles que começaram.

Por agora, Kirk sentia-se verdadeiramente doente. — Eu não imaginei que existissem klingons que não desejassem guerra.

— Não *esse* tipo de guerra, - Korsal lhe disse. — Nenhum klingon são. Entretanto, assim como entre os humanos há aqueles...

— Você não tem que dizer mais nada, - Kirk interrompeu. — Korsal, eu sinto muito. Graças a Deus você pensou sobre isso.

— Um trabalho de cientista, extrapolar, - Korsal respondeu.

Então Kevin falou; — Pai, agora compreendo por que minha admissão na Academia da Frota Estelar não o perturbou.

Korsal olhou para seu filho, mas não disse nada, então o rapaz continuou: — Esperei que sim, se acontecesse, porque quando Karl e eu tivéssemos crescido, você teria que escolher entre retornar ao império e permanecer na Federação. Se eu me graduasse na Frota Estelar e você retornasse ao império, haveria uma chance remota de nós nos defrontarmos como inimigos um dia. Mas antes de minha admissão chegar, a peste começou - e nós éramos imunes. Você sabia que não compartilharia dessa informação com o império. E isso significa... que você nunca mais poderá voltar para casa.

VINTE E NOVE

O Dr. McCoy transportou-se relutantemente de volta a Nisus, deixando Spock nas mãos de sua equipe. Ele procurou Sorel e lhe disse: — Preciso de um *healer* vulcano. Cuidei de Spock em todo tipo de doença e ferimento, mas essa me deixou confuso. Sua temperatura e pressão estão subindo e descendo como um ioiô. Seu nariz esteve sangrando. Quando ele acorda, começa a vomitar - e não tem mais nada no estômago. Não segura nem mesmo água. Essa última vez, vomitou sangue. Estou lhe dando uma transfusão com sangue de seu pai agora, e ele está inconsciente de novo.

O *healer* estava envolto nas roupas de proteção, lembrando que ainda não havia uma vacina para vulcanos contra a peste. — Leonard, - disse, — concordamos que ninguém com sangue baseado em cobre deveria subir a bordo da *Enterprise*. Você não tem mais nenhum caso de doença entre vulcanos, a não ser Spock?

— Não.

— Então leve o Dr. M'Benga. Não há necessidade de toque mental no tratamento dessa peste, Leonard; Geoffrey pode cuidar de Spock tão bem quanto eu.

Relutantemente, McCoy procurou o médico humano negro. Ele estava dormindo, seus olhos injetados de sangue e enevoados quando ele os forçou a abrir, mas levantou-se rápido quando McCoy descreveu os sintomas de Spock. — Essa é a síndrome ondulante vulcana, - disse. — Se não a pararmos, ele começará a sangrar por todas as membranas internas em poucas horas, e uma vez que isso comece, transfusões não o impedirão de sangrar até morrer.

— Como paramos isso? - McCoy exigiu.

— Anticoagulantes e pontos de pressão. Eu lhe mostrarei.

— Anticoagulantes? - McCoy perguntou, de repente com medo que M'Benga estivesse tão cansado que poderia cometer um erro fatal.

— Coagulação nos capilares força o sangue pelas membranas. Vulcanos, não humanos, Leonard.

— Spock é *meio* humano, - McCoy o lembrou.

— Não fisiologicamente. Há poucos fatores humanos em sua estrutura anatômica. Spock é o primeiro híbrido de vulcano e humano - ele é o caso específico que estudamos em minha turma. Fico feliz com a oportunidade de examiná-lo de verdade, exceto que eu preferiria circunstâncias menos infelizes.

Pareceu levar uma eternidade para passarem por toda a descontaminação necessária antes que pudessem subir a bordo, mas ao menos os dois humanos sabiam que não estavam carregando a doença em seu próprio sangue.

McCoy estava impressionado com o conhecimento de M'Benga. Ele checou os sinais vitais de Spock, ordenou medicação, ajustou a temperatura do quarto para alguns graus mais alta e disse: — Agora, nós precisamos fazer pressão em suas artérias principais em seqüência, para dirigir o sangue pelos capilares para que não empoce e coagule. A pressão sangüínea vulcana normalmente é tão baixa que se torna um problema numa doença como essa; os saltos de pressão são as tentativas do próprio Spock de limpar os capilares.

M'Benga mostrou a McCoy como aplicar a pressão, então soltar para que o sangue voltasse a correr com força extra, como água liberada de uma represa. Eles seguiram sistematicamente por todo o corpo de Spock, aplicando e soltando a pressão até que seus dedos ficassem dormentes e eles continuaram mesmo assim, trabalhando para salvar sua vida.

Finalmente M'Benga parou e tirou uma amostra de sangue, que foram examinar no laboratório. — Está bom, - M'Benga disse. — Seu sangue voltou à consistência normal. Se seu coração for forte, essa crise em particular está superada.

Mas Spock ainda estava inconsciente, pálido, a respiração dissonante. McCoy sabia que a doença ainda não cumprira todo seu curso.

TRINTA

Quando Sorel deixou McCoy, foi para o quarto de T'Kar. A vulcana também estava em síndrome ondulante; sua filha e uma enfermeira humana trabalhavam nela quando entrou.

A última virada da doença poderia espalhar a morte entre os vulcanos em Nisus; simplesmente não havia pessoal suficiente para tratá-los. Era necessário duas pessoas e cerca de uma hora de trabalho para lidar com essa síndrome. Ao menos uma das pessoas precisava ser treinada, para ser capaz de direcionar a outra, como a enfermeira estava fazendo com T'Pina.

Sorel viu que, apesar de todos os esforços, a morte os superava. Havia bastantes mãos humanas, lemnorianas, caitians dispostas - mas eram mãos *destreinadas*. Essa última variedade da doença colocara todos que conheciam a anatomia vulcana em alerta... e havia tão poucos.

A parte crítica da peste durava mais a cada nova variedade. T'Kar estava doente há mais de três dias já, e...

Três dias!

Ele deixou de checar os sinais vitais de T'Kar e observou T'Pina. O rosto da jovem estava aflito e exausto pela preocupação e pelo esforço de controlar-se, seus olhos fundos sob círculos esverdeados causados pela falta de sono.

Mas ela não estava doente.

T'Pina poderia estar à beira da exaustão, mas ela definitivamente não tinha a peste.

— Quanto tempo? - Ele perguntou à enfermeira.

— Quarenta e nove minutos.

— Deixe-me tirar uma amostra de sangue, - Sorel disse. Agora todos os médicos e *healers* carregavam tricorders para fazer um simples teste de sangue imediatamente, sem enviá-lo ao laboratório sobrecarregado. — Muito bem, - disse, — ela passou por esta crise. - *Mas a quantas mais ela poderá sobreviver?*

— T'Pina, - ele disse, — deite-se agora e tente dormir. E eu quero uma amostra de sangue sua.

A garota franziu a testa. — Por quê? Não me sinto doente.

— *É por isso* que quero uma amostra, - respondeu. — Criança, você deveria estar tão doente quanto sua mãe depois de dois dias - menos até porque esteve trabalhando demais e sua resistência está baixa. Ainda assim seu corpo resistiu à peste. Vamos ver se descobrimos como.

Ela não protestou mais.

Sorel voltou ao laboratório de computação, onde sua filha T'Mir estava trabalhando. — Faça com isso os mesmos testes que usou nas amostras klingons, - ele lhe disse.

Ela encarou o vidro com o fluido verde, então olhou seu pai como se temesse por sua sanidade. — Faça a minha vontade, criança, - ele disse, e só então lembrou-se de ter se dirigido a T'Pina desse mesmo modo, como se ela, também, fosse sua filha.

Como Daniel chamava isso? Um lapso freudiano? Sua mente subconsciente já estava fazendo de T'Kar e T'Pina parte de sua família?

Ele sentou-se e descansou a cabeça nas mãos, enquanto T'Mir realizava os testes. *Healers* e médicos aprendiam cedo em suas carreiras a aproveitar qualquer momento para descansar em tempos de crise. Deliberadamente, ele afastou sua mente da peste, deixou-a em branco, então permitiu deixar entrar qualquer pensamento que desejasse.

Ele viu T'Kar como ela estava a bordo da *Enterprise*, digna, firme, bela. Seus olhos azuis olhando dentro dos seus, tão diferentes dos usuais olhos escuros vulcanos, tão fáceis de ler. Neles, ele leu...

— Pai! Pai, olhe. Nós encontramos!

Ele levantou os olhos, para ver sua filha encarando a tela do computador.

T'Mir introduzira a variedade mais virulenta do vírus na amostra de sangue que ele trouxera - o sangue de T'Pina. Como no sangue klingon, havia um fator de hemoglobina análogo que ligava-se ao vírus e não o deixava crescer. Diante dos olhos de pai e filha, a infecção mortal murchou e morreu.

TRINTA E UM

T'Pina estava deitada no colchão que fora colocado no quarto de sua mãe para ela, mas não podia dormir. Por que ela não pegara a peste quando sua mãe estava tão doente?

Apesar de todo o treinamento vulcano, T'Pina tinha medo. T'Kar estava morrendo. Ela estava terrivelmente desidratada, não conseguia beber água e entrava em síndrome ondulante todas as vezes que tentavam injetar sangue, plasma ou mesmo uma solução hidratante em suas veias.

T'Pina não estava pronta para perder sua mãe - não tão logo depois que seu pai morrera! Ela passara pelo processo de cura; os *healers* disseram que ela estava recuperada. Ainda assim a memória voltava de tempos em tempos, o sentimento, o conhecimento, horas antes da mensagem vinda de T'Kar. Sevel estava morto. Fora-se. Ela sentira seu *katra* de novo quando T'Kar viera a Vulcano para entregá-lo a seus ancestrais, mas nunca mais teria seu pai para aconselhá-la, sua força para apoiar-se, sua sabedoria para guiá-la.

Mas T'Kar ainda estava ali, sábia e forte.

Logicamente, T'Pina levantou-se e foi colocar-se ao lado da cama de T'Kar. — Mãe, - sussurrou, embora soubesse que T'Kar não poderia ouvi-la, — por favor, não morra. Por favor, mãe...

— Ela não vai morrer, T'Pina, graças a você.

Era o *healer*, Sorel. Ele pressionou uma hipo contra o ombro magro de T'Kar.

T'Pina o encarou, com medo de ter esperanças. — Está tentando algum novo medicamento?

— Observe seus sinais vitais, - Sorel instruiu.

Eles continuavam críticos... até que o batimento cardíaco falho fortaleceu-se, aumentou, disparou e então voltou ao normal para um vulcano! T'Pina observou os outros indicadores. A temperatura de T'Kar, que estivera em seu grau mais baixo, subia - mas em vez de pular para o ponto de febre, como estivera fazendo, estabilizou-se em normal.

T'Pina encarou Sorel. — Vocês encontraram a cura!

Ele concordou, seus ilegíveis olhos negros ainda presos aos sinais vitais. — Tínhamos esperança, e T'Kar as confirmou. Olhe!

Pressão sangüínea estabilizada. A crise havia passado.

T'Kar estremeceu e abriu os olhos vazios. — T'Pina? - Sussurrou.

— Estou aqui, mãe, - T'Pina lhe assegurou, segurando sua mão frágil com ambas as mãos. — Você vai ficar bem.

— Sim, - T'Kar conseguiu. — ... sede.

Apressadamente, T'Pina a ajudou a tomar um gole d'água. Ela estava tão fraca que sua cabeça tombou sobre o travesseiro logo depois, mas Sorel disse: — Durma, T'Kar. Descanse, e você ficará bem.

Ele voltou-se para T'Pina. — Venha comigo, criança. Você salvou a vida de sua mãe, mas há muitos mais que precisam de seu sangue.

— Meu sangue?

— Não sabemos como, mas você carrega algo como o fator que encontramos no sangue klingon - um fator que destrói a doença. Podemos fazer um soro de seu sangue que imunizará o resto de nós.

T'Pina não reagiu. Exteriormente, poderia parecer um perfeito controle vulcano, mas na verdade ela simplesmente estava tonta enquanto o *healer* a levava para o laboratório, parando duas vezes para entrar em outros quartos e administrar as outras doses do soro da hipo em pacientes em estado crítico.

Um deles ela reconheceu, embora levasse alguns momentos, pois estava muito mudado: Beau Deaver, inconsciente, desidratado, barba de vários dias fazendo-o parecer ainda pior. A primeira vista ele parecia morto, a pele à volta de seus olhos enrugada e dobrada para dentro como um cadáver.

Mas como aconteceu com sua mãe, os sinais vitais desse homem também responderam, o batimento cardíaco fortalecendo-se, a respiração estabilizando-se. Sorel não esperou que ele acordasse, mas deixou um enfermeiro com ele e apressou T'Pina para o laboratório.

Eles tiraram mais sangue de seu braço e começaram a preparar mais soro. — Quanto sangue eu posso doar? - Ela perguntou.

— Não mais por agora, - Dr. Corrigan lhe respondeu, — mas isso dará para fazer soro para salvar mais dez pessoas.

— Mas... mas há centenas de pessoas muito doentes, - ela protestou.

— Estamos esperando ouvir a *Enterprise*, - Sorel disse.

Ele mal acabara de falar quando a comunicação chegou - o Dr. McCoy, a face iluminada com um grande sorriso humano. — Funcionou! Por Deus, vocês encontraram! Spock está se recuperando, mal-humorado como nunca. O que *era* essa coisa?

— Um soro do sangue de T'Pina, - Sorel lhe disse. — Ela parecia ser imune, então a testamos e descobrimos um fator de hemoglobina semelhante ao que existe no sangue klingon. Aqui está, - prosseguiu, pressionando um botão para a análise do computador.

T'Pina observou a tela enquanto o vírus, que ela já vira esquematizado antes, tentava atacar algo que acreditou ser sua própria estrutura sangüínea. Em vez de desenvolver-se, o vírus entrou em colapso e morreu.

— Eu *sabia* que já tinha visto algo como esse fator klingon antes, - disse

McCoy, — mas não podia me lembrar onde.

— Eu fui descuidado, - disse Sorel. — Também me lembro de algo parecido. Eu deveria ter me lembrado - nunca vi esse fator antes em nenhum sangue vulcano, exceto o de T'Pina.

— Há uma boa razão para você não ter visto, - disse o oficial médico chefe da *Enterprise*. — Não é sangue vulcano que você tem aí, Sorel. É romulano.

TRINTA E DOIS

Pelas várias horas seguintes, Sorel esteve muito ocupado para imaginar como T'Pina poderia ser romulana. A primeira prioridade era usar o soro de seu sangue para salvar a maioria dos pacientes críticos. Esse era um trabalho rápido, mas prepará-la para dar mais sangue não era.

Felizmente Leonard McCoy tinha a resposta: uma droga rigeliana que faria o corpo da jovem produzir células sangüíneas num nível bem acelerado. Porque o cirurgião da Frota já tivera experiência com ela, não foi necessário procurar informações no computador de como adaptá-la para o uso vulcano.

Havia um suprimento da droga no hospital de Nisus, para o uso de rigelianos, mas Leonard desceu para ajudá-los a adaptá-la para T'Pina.

— Tive que usar isso uma vez em Spock, - ele explicou. — Ele não é completamente vulcano, mas a droga não foi afetada pelos fatores humanos em seu sangue. Vamos esperar que o fator romulano não negue sua efetividade em T'Pina ou lhe dê efeitos colaterais sérios.

— Leonard, - Sorel perguntou enquanto trabalhavam, — como você reconheceu o fator sangüíneo como romulano?

— Deve ter sido há um ano, - Leonard respondeu, - a *Enterprise* teve um encontro com uma nave romulana. Ninguém na Federação tinha visto um romulano antes, então tentamos descobrir o máximo que pudemos. Mesmo com suas armadilhas, nós trouxemos um corpo a bordo, junto com o que restou dos outros, quando sua nave foi destruída. Fiz autópsias. Exceto por esse fator no sangue, eles bem poderiam ser vulcanos.

— Esse único fator é tudo que separa vulcanos de romulanos? - Sorel conjecturou.

— Parece que sim, e pode ter sido criado artificialmente. Spock acha que eles são descendentes dos vulcanos, - McCoy disse. — Mesma gente, filosofia diferente, talvez como os Seguidores de T'Vet.

Sorel concordou. — Por favor, conte isso a T'Pina. Ela controla suas emoções externamente. Porém, seus escudos estão tão fortemente levantados que não posso atingir seus pensamentos sem uma união, e ela não permitirá isso. Ela insiste que pode meditar sozinha, e que é mais importante que eu use meu tempo com os pacientes em estado crítico. Você...?

— Compreendo, - o médico humano respondeu. — Nunca pude ler os pensamentos de Spock, é claro, mas posso dizer quando ele está se controlando demais. Falarei com T'Pina, mas é sua mãe que lhe poderá

ajudar mais. Uh... eu suponho que a garota foi adotada? Ou seu pai poderia ser....?

— Não, Sevel nunca poderia ser romulano, - Sorel lhe disse, divertindo-se com o absurdo da idéia. — E sim, T'Pina foi adotada, sua ancestralidade é desconhecida. - Ele lhe contou tudo que sabia sobre T'Pina.

— Então T'Pina foi a única criança não identificada?

— Isso mesmo.

— E você nunca ouviu falar de outro vulcano com esse fator no sangue?

— Quando T'Pina se tornou minha paciente, pesquisei todos os registros, - Sorel respondeu. - De fato, desde que a examinei pela primeira vez quando era criança, meu computador médico tem um lembrete para chamar minha atenção para esse fator sangüíneo. Era originalmente para localizar qualquer parente que ela pudesse ter. Nunca houve razão para a retirada desse lembrete. Leonard, seu relatório deveria tê-lo acionado.

Leonard sorriu. — Você não lida muito com a Frota Estelar, não é? Oh, eles eventualmente liberarão a informação, mas tendem a classificar como secreto tudo sobre klingons e romulanos para o caso de ser de importância estratégica. Mas se os romulanos estivessem plantando cucos em meio à população vulcana, esse fator sangüíneo apareceria através dos canais civis e seu computador o teria captado.

— Plantando cucos? - Sorel perguntou. Daniel teria interpretado automaticamente, mas ele estava dando voltas de novo.

— Pássaros da Terra que colocam seus ovos nos ninhos de outros pássaros, - o humano explicou. — Mas isso não faz sentido com seres inteligentes. Aos diabos com o fator sangüíneo, T'Pina é vulcana - então que proveito teriam os romulanos? Deixar uma criança para ser criada como um de seus inimigos não é a mesma coisa que infiltrar espiões adultos.

— Você está certo sobre T'Pina ser vulcana, - Sorel respondeu. — E se houvesse mais como ela, ou se houvesse espiões adultos entre nós, eu não posso acreditar que eles nunca fizessem uma análise sangüínea. Então a origem de T'Pina permanece um mistério.

McCoy olhou-o atentamente, lendo-o tão facilmente quanto Daniel sempre fazia. — E se há alguma coisa que um vulcano não agüenta, é um mistério. Porém esse parece insolúvel. Informações insuficientes.

A adaptação da droga para T'Pina, no entanto, não era insolúvel, e eles logo foram procurar a jovem. Naturalmente a encontraram a cabeceira de sua mãe.

T'Kar estava dormindo, seus sinais vitais normais, sua cor pálida, mas natural.

— Venha, T'Pina, - disse Sorel. — Temos que administrar a droga.

— Mamãe não acordou, - T'Pina protestou. — Eu não pude lhe dizer...

— ... que você é romulana? - Disse Leonard McCoy. — T'Pina, certamente sabe que isso não fará nenhuma diferença para ela. Sorel me disse que foi adotada - então você já sabe que o que faz T'Kar e você mãe e filha vem de laços muito mais fortes do que os sangüíneos. Nada vai mudar só porque agora você sabe o que significa esse fator misterioso em seu sangue.

T'Pina concordou. — Seria ilógico assumir que fará diferença, - disse sem emoção.

— Deixe prá lá a lógica! - Disse o humano. — Pode não gostar do termo "amor" para descrever o que você e sua mãe sentem, então que tal "lealdade", ou "família"? Esses são conceitos vulcanos reverenciados.

— Mesmo, - T'Pina replicou, mas Sorel podia ver que ela não assimilara verdadeiramente as notícias sobre sua ancestralidade.

— T'Pina, - o *healer* disse, — você precisa se deitar agora, para que possamos administrar o estimulante sangüíneo. Talvez você possa meditar um pouco.

— Um pouco? - Ela perguntou.

— Os efeitos colaterais não começam imediatamente, - Leonard explicou. — Depois de algumas horas vai surgir uma fraqueza física que afetará a mente. Você poderá se sentir tonta e nós manteremos alguém na sua cabeceira porque talvez tente agir irracionalmente. Não é nada com que se preocupar; os efeitos passam assim que a droga estiver fora do seu sistema.

— Sim, Doutor, - T'Pina disse com um último olhar para sua mãe. Então sacudiu os ombros. — Pessoas estão morrendo e meu sangue pode salvá-las. Estou pronta.

Mas quando estavam para deixar a sala, o intercom na parede fez um barulho alto, seguido de uma voz anunciando: — Procurando T'Pina, todos os canais de emergência, T'Pina para qualquer comunicador. — Sorel podia ouvir o anúncio reverberando por outros alto-falantes no corredor.

Leonard McCoy se aproximou da unidade na parede e socou o botão com o punho: — T'Pina está aqui conosco, - ele grunhiu. — Que maldita emergência é essa para perturbar os pacientes em estado crítico?

De fato, não deveria ser possível, para quem quer que estivesse chamando, ultrapassar as seguranças e irradiar para os quartos dos pacientes. Sorel nunca vira isso acontecer antes em nenhum hospital.

— Eu devo falar com T'Pina, - a voz insistiu.

Ouve uma explosão de estática, em meio à qual podiam ouvir a voz de James Kirk falando: — ... desliguem esse...

Mas foi ele o desligado.

McCoy disse: — *Enterprise?* O que está havendo? Jim?

— Nós estamos controlando as comunicações, - disse a voz original. — T'Pina, você está aí?

— É Sendet, - T'Pina disse, aproximando-se do intercom. — Não desejo falar com você, Sendet, - disse calmamente para o intercom.

— T'Pina, eu preciso de você! - A voz do jovem vulcano de repente tornou-se rouca. Então, mais calmamente, como se conseguido se controlar:

— É minha hora, T'Pina. Você é uma de nós, jovem e forte, de uma boa família. Precisa subir a bordo e se unir a mim. E minha vida, T'Pina.

Foi o último golpe no controle de T'Pina. Sorel viu suas faces ficarem verdes e então - ela riu!

O riso era áspero, amargo, à beira das lágrimas. Sorel aproximou-se, mas T'Pina ergueu uma mão e endireitou-se, forçando o controle.

Ela respirou fundo, duas vezes, e então disse para a unidade na parede:

— Outras vidas além da sua dependem de mim, Sendet, e você tem outras escolhas. Faça uma. E quando sua loucura passar, pense nisso: você se acha um juiz sobre outros vulcanos. Você julga por coisas como força e ancestralidade - mas T'Kar e Sevel são meus pais *adotivos*. Até hoje eu não conhecia minha ancestralidade, mas, diferente de você, meus pais não se importavam. Eles me julgaram por aquilo que sou, não pelo sangue que corre em minhas veias.

— Assim como farei, T'Pina, - Sendet implorou. — Não importa - você é forte, inteligente e puramente vulcana...

— Tolo! - A garota exclamou. — Se eu fosse puramente vulcana, não haveria como acabar com essa peste! Medite sobre a ironia, Sendet: eu carregue a cura para os vulcanos em meu sangue... porque sou romulana!

Houve silêncio na unidade da parede. Então, ao fundo, uma voz disse: — Sendet, o que você...?

Houve ruído de uma cadeira virando, um rosnado animal e barulho de luta.

Esses ruídos foram desligados e a voz de Uhura disse: — Dr. McCoy?

— Fala McCoy, Uhura. O que está acontecendo aí em cima?

— Os rebeldes, talvez apenas Sendet, controlaram as comunicações através da engenharia, e atravessaram todas as seguranças de Nisus. Todo mundo que estava próximo a um terminal de comunicação deve ter ouvido tudo isso.

A voz de Kirk se intrometeu: — Já temos tudo sob controle agora. Scotty abriu as portas e a segurança está escoltando os rebeldes para as celas.

— Isso é um alívio, - McCoy disse. — Uh, quanto a Sendet...

— Sei o que há de errado com ele, Magro. Ou pelo menos o que ele acha que há. Eu o mandarei para a enfermaria. Gostaria de subir para examiná-lo?

— M'Benga está a bordo? Ele pode cuidar disso. Estamos para administrar o estimulante sanguíneo em T'Pina e eu gostaria de monitorá-la pessoalmente até ter certeza de que está tudo indo bem.

— Bom trabalho, - o Capitão disse. — T'Pina?

— Sim, Capitão Kirk? - A garota conseguiu dizer calmamente.

— Por aqueles cujas vidas você já salvou e por aqueles que ainda vai salvar: obrigado.

O crescimento de T'Pina em meio às diversas culturas de Nisus se mostrou automaticamente: — Não há de que.

Quando Kirk desligou, uma voz enfraquecida falou atrás deles: — T'Pina?

— Mãe! - A garota correu para o lado de T'Kar.

Fracamente, T'Kar ergueu suas mãos, cruzadas na altura dos punhos. T'Pina respondeu ao gesto, tocando as palmas com sua mãe, no comprimento vulcano entre pai e filho. Então: — Você ouviu? - T'Pina perguntou cuidadosamente.

— Foi... muito alto, - T'Kar disse.— É verdade? Você é...?

— Romulana.

T'Kar franziu a testa. — Como pode ser?

T'Pina endireitou-se. — Não sei, - disse sem emoção. — Devo ir agora, mãe.

— Não, T'Pina, precisamos conversar, - T'Kar pediu.

— Outros precisam de meu sangue, - T'Pina disse secamente. — *Healer*, Doutor...

Sorel disse: — Por favor, leve-a e comece o processo, Leonard. T'Pina está certa: não podemos esperar mais. Há vidas em risco.

Enquanto o cirurgião da Frota escoltava T'Pina, Sorel virou-se para T'Kar, que desajeitadamente tentava sentar-se. Ele a empurrou de volta para os travesseiros, dizendo: — Descanse. T'Pina está a salvo com o Dr. McCoy. Eleja realizou esse procedimento antes.

T'Kar deixou-se ficar por um momento, de olhos fechados. Então os abriu e disse: — Eu falhei com ela. Não pude lhe dizer que é minha filha, não importa qual sangue corre em suas veias.

— Você lhe dirá amanhã, - Sorel lhe assegurou. — T'Pina passou por um grande choque e não teve tempo para meditar e aceitar isso. Nem você, T'Kar. Há momentos em que devemos usar as técnicas que aprendemos na infância.

— Eu preciso falar com ela.

Sorel encarou os olhos azuis sem malícia. — Falará. Depois de ter descansado. Recomendo que tente um transe de meditação, T'Kar. Eu a ajudarei se desejar.

— Não, *Healer*, - ela respondeu tão friamente quanto sua filha, — eu me lembro da técnica. - E ela se compôs e fechou os olhos.

Sorel endireitou-se, sentindo-se rejeitado. T'Kar vinha chamando-o pelo nome há vários dias. Pensara que...

Eu também preciso meditar, disse para si. T'Kar estivera muito doente, e ao acordar descobriu que sua amada filha era uma romulana. Não era surpresa que nesse momento ela não pudesse pensar em nada ou ninguém além de T'Pina.

TRINTA E TRÊS

Korsal acordou de um sono sem descanso para encontrar Arthur, o desgredado biotécnico removendo o tubo pelo qual seu sangue fluía para os frascos que o armazenavam. O aparato que alimentara seu sangue com estimulante no outro braço já se fora. — O que está fazendo? - Perguntou.

— A Dra. Gardens diz que você tem que descansar uns dois dias, - o jovem humano respondeu. — Não pode manter você pra sempre com essa coisa. Nós tiramos o aparelho ontem à noite; a maior parte da droga já saiu agora, mas vai se sentir meio tonto ainda.

— Certamente vocês não têm soro bastante! - Korsal protestou.

— E se você continuar e morrer, nós vamos nos dar mal, né?

O klingon sabia que a equipe médica da Enterprise estava certa. Na verdade, sentia-se horrível: boca seca e com gosto ruim, músculos duros, a cabeça balançando levemente em relação ao resto do corpo, ameaçando flutuar para longe se ele ficasse quieto, mas punindo-o com uma forte e pulsante dor se ele se movia.

— Beba isso, - Arthur disse, oferecendo um líquido azul no fundo de um copo plástico da enfermaria.

Korsal cheirou. — O que é?

— Cura para suas dores. Estoque particular do velho olhos azuis, então aproveite bem enquanto engole!

Era na verdade um conhaque muito bom. "Velho olhos azuis", Korsal concluiu, era o Oficial Médico Chefe McCoy. Não perguntou como Arthur tivera acesso ao seu estoque particular.

O conhaque ajudou, mas ainda sentia pontadas de dor de cabeça, atrapalhando sua percepção. Viu que a cama de Kevin estava vazia, mas não demorou para seu filho voltar, cumprimentar seu pai e ligar seu terminal.

Korsal também não sentia vontade de falar. Pessoas estavam morrendo porque ele, Kevin e Karl simplesmente não podiam doar sangue bastante. Karl estava na terceira cama, ainda tomando a droga porque fora colocado nela depois que seu pai e seu irmão mais velho. Kevin não fora capaz de continuar tanto quanto Korsal, e seu sistema já estava limpo. Ele estudava o dever que o Capitão Kirk lhe dera.

Não demorou para o Capitão aparecer para checar o progresso de seu estudante. Korsal ainda estava muito fraco para pensar em seu próprio trabalho, então sentou-se e ouviu enquanto seu filho fazia uma analogia entre a população inglesa do século catorze e a população de Nisus.

— Então os Peregrinos de Canterbury vieram de todas as classes, exceto da classe dominante, e de diferentes profissões. Alguns deles tinham um caráter bem desprezível. Mas, embora discutissem muito entre si, estavam juntos por um objetivo comum: viajar para Canterbury e voltar em segurança. Se encontrassem bandidos, juntariam-se para enfrentá-los, só que não encontraram nenhum, - Kevin disse desapontado.

— Chaucer morreu antes de terminar o trabalho, - disse o Capitão Kirk.
— Sempre achei que antes de terminá-la, haveria bandidos. E provavelmente um sexto marido para a Esposa de Bath. Continue.

— Eles são como nós porque tinham um objetivo comum, e só podiam alcançá-lo trabalhando juntos, não importando quão diferentes fossem em suas opiniões e valores.

Kirk sorriu e virou-se para Korsal. — Garoto brilhante, você tem aqui.

— Ele me honra, - Korsal replicou. Mas não pode confidenciar sobre suas grandes preocupações com seu filho, com os dois filhos. Deitado ali sem nada para fazer, sem estar forte o bastante para concentrar-se nos planos que estava desenhando para melhorar as barreiras acima da represa de Nisus, o pensamento atacava sua mente: agora que Korsal estava exilado, o que aconteceria a seus filhos?

Logo depois de Kirk sair, Arthur aproximou-se para perguntar: — Tá se sentindo bem pra receber visitas?

— Isso depende de quem sejam, - respondeu.

— Sua esposa e o tio dela, dizem.

Então era verdade: ele meio que acordara de seu estado semi-drogado com os sons de alegria na enfermaria e meio que compreendeu que agora havia um meio de proteger da peste pessoas com sangue baseado em cobre. Se Seela e Borth haviam sido permitidos a bordo, devia ser verdade.

Korsal fechou os olhos. — Porque quero ver minha esposa, suponho que devo sofrer a companhia de Borth.

Seela veio abraçar Korsal, nada mais. Quando ela se virou para cumprimentar Kevin, Korsal olhou para o visitante indesejado que ela trouxera consigo. — O que está fazendo aqui? E como subiram a bordo?

— Nós fomos inoculados - todos os órions em Nisus foram, - Borth replicou. — Cortesia diplomática para com os cidadãos não-federados.

E você usaria essa vantagem, não é, Korsal pensou maliciosamente, *enquanto vulcanos e rigelianos morrem porque não há soro bastante!* Mas não deu voz à sua raiva. Borth estava aqui por uma razão.

O órion colocou uma cadeira próxima e inclinou-se para falar: — Você acha que venceu, não é, Korsal?

— Eu não sabia que era uma competição, Borth.

Os olhos amarelos traziam um brilho animal. — O jogo continua, sendo você um jogador ou um peão. Essa peste colocará a Federação e os impérios Klingon e Romulano nas gargantas uns dos outros - e os vencedores serão os órions.

— Você está errado, Borth, - disse Korsal. — Você subestimou nossa inteligência.

— De quem? Dos klingons? - o homem sibilou. — Certamente não quer dizer da Federação! Você pediu cidadania para essa pobre mistura de raças escravas, Korsal?

— Eu sou um klingon, - Korsal respondeu, recusando-se a admitir que o pensamento cruzara sua mente constantemente desde que compreendera não poder retornar para casa. Onde era sua casa? Nisus era o único lugar onde sentira-se realmente bem-vindo.

— Você não é klingon, - Borth lhe disse. — Você é fraco como qualquer federado, você pertence a eles. Entretanto, quando eu vender essa peste aos klingons e aos romulanos, como seus bons amigos irão tratá-lo?

Vendê-la aos romulanos? Então *havia* um romulano em Nisus cujo o sangue carregava o fator de imunidade. Ele pensara sonhar ao ouvir essa parte. Não deveria haver nenhum romulano na Federação.

Borth continuou com suas ameaças. — Oh, a Federação o manterá vivo, você e seus filhos mestiços. Podem até usá-lo para conseguir mais, por causa do seu sangue precioso. Você será um animal de laboratório para eles, junto com outros klingons que capturarem por causa do sangue.

Raiva deu a força necessária a Korsal para agarrar dolorosamente o ombro de Borth; se estivessem sozinhos, ele poderia tê-lo estrangulado. — Você acha que permitirei que conte a eles, Borth? Eu o matarei primeiro.

— Então é melhor fazer isso agora, - Borth replicou friamente. — Deixarei Nisus logo, junto com todo mundo.

— O quê?

— Tolo! A mistura de raças enfraquece tanto a Federação quanto o Império Klingon. Nós, órions, vendemos nosso excesso de mulheres para ambos, diluindo seu sangue. Quando o Conselho da Federação ouvir o relatório sobre a peste de Nisus, eles reconhecerão sua fonte e desmontarão essa colônia. Então para onde você irá, Korsal? O que quer que aconteça, você perdeu. A menos...

— A menos?

Borth olhou para onde Seela estava agora, à cabeceira de Karl, acariciando a testa do enteado. — Quando eu permiti que casasse com Seela...

Mas não foi assim que aconteceu. Korsal comprara sua esposa de Borth

para impedir que ele mandasse Seela de volta ao sistema Órion, quando ela chegou à idade de ser valiosa. Sua beleza e suas habilidades como dançarina certamente significavam que ela seria vendida caro como escrava de prazer. Korsal a libertara antes de se casar com ela.

— Deixe Seela fora disso! - Korsal disse. — Você a *vendeu*, como qualquer transação. Você não se importa com ela.

— Ah, mas você sim, - Borth disse. — Ela é muito leal a você, Korsal. Desde que se casou, nunca mais consegui uma informação útil dela.

Ouvindo seu nome, Seela voltou para Korsal, sentando-se na beira de sua cama. Sua presença poderia ter enevoado seus sentidos, mas não o fez. Em vez disso, ele sentiu seu apoio, como se ela lhe emprestasse força. Todos seus amigos o alertaram contra se casar com uma órion, então se calaram sobre o assunto depois do fato consumado. Mas ele estava certo: Seela não o manipulava... exceto quando ele assim o queria.

— Sei por que você quis que eu casasse com Seela, Borth, - disse, segurando a mão de sua esposa. — Você a subestimou terrivelmente. Ela sabe exatamente o que você é.

— Ela é simplesmente uma mulher. Uma mercadoria. Você é um tolo por tratá-la diferente. Entretanto, - o órion continuou, - você pode salvá-la, criar um lugar para seus filhos, escapar antes de se tornar um prisioneiro da Federação. Venha comigo para Klinzhai. Relate essa peste para sua gente, Korsal. Seja um herói, dando-lhes uma nova arma contra seus inimigos. Seus inimigos.

— Não, - disse Korsal. Para sua surpresa, Seela falou junto com ele. Então: — Não, tio, - Seela disse. — O que quer que aconteça, não tomaremos parte para começar uma guerra interplanetária.

— Você teve sua chance, - disse Borth libertando-se da mão de Korsal e levantando-se. — Agora, farei o que precisa ser feito para o bem de Órion.

Quando Borth se foi, Korsal disse: — Ele não conhece os códigos para contatar o Império Klingon. Terá que ir até lá, e eu devo impedi-lo.

— Você está certo, meu marido, - disse Seela.

Korsal a encarou e lembrou-se das vezes recentes em que ela lhe pedira favores - sempre pelo comunicador, para que seus feromônios não o pudessem afetar. A terceira ou quarta vez que isso aconteceu ele percebera o quanto ela desejava sua confiança. Como ela lutara para superar sua criação, sua dependência de homens lhe dizendo o que fazer, seu instintivo e habitual uso da sensualidade para obter favores.

— Você devia tentar me persuadir a concordar com o que Borth quer, - Korsal disse.

— Isso foi o que ele me instruiu a fazer. E também conseguir os códigos

de você. Não recebo instruções de Borth, - ela respondeu. — Korsal, eu nunca soube que um homem poderia ser tão forte e honrado até ir viver com você. O que quer que aconteça, ficarei com você.

— Pai, - Kevin disse da outra cama, — o que *vai* acontecer?

Korsal suspirou. — A última coisa que Borth espera, ou nós não estaríamos vivos agora. Devo contar ao Capitão Kirk os planos de Borth. Não há outro jeito. Borth deve ser impedido, e exceto matando-o, não tenho outro meio de fazê-lo.

Mas depois de Seela partir, quando ele tentou contatar Kirk, a oficial de comunicações o informou que o capitão estava ocupado e retornaria sua ligação. — Então o segundo em comando, por favor, - Korsal pediu.

— O Sr. Spock não está na ponte. Eu o procurarei para o senhor. Enquanto esperava, outro visitante apareceu sem ser anunciado: o humano que operara o transporte quando ele e Kevin foram trazidos a bordo.

— Sou Montgomery Scott, engenheiro chefe, - disse o humano. — Nós já nos encontramos, pode não se lembrar, estando meio congelado. — Korsal viu cuidado nos olhos do homem, embora ele tentasse escondê-lo. O que quer que Korsal fizesse, o Sr. Scott via apenas "klingon".

— Meu filho e eu devemos lhe agradecer por salvar nossas vidas, - Korsal respondeu.

— Vocês pagaram o favor muitas vezes, - o Sr. Scott respondeu, mesmo que meio duramente. — O Capitão Kirk me disse que prometeu a seu filho Kevin um passeio pela engenharia.

— Oh, sim! - Kevin disse. — Mas, pai...

— Cuidarei de tudo, Kevin. Pode ir com o Sr. Scott.

Kevin afastou seu terminal e saiu da cama, procurando por seus chinelos. Scott o estudou. — O Capitão me disse que você foi aceito na Academia da Frota, - disse com algum ceticismo.

— Sim, eu quero estudar engenharia também. Como meu pai, - Kevin respondeu. — Talvez eu possa adaptar os geradores de antimatéria que vocês têm a bordo das naves para planetas como Nisus.

— E necessário o zero absoluto do espaço profundo como sistema refrigerador, - disse Korsal. — Apenas naves estelares podem usá-los com segurança.

— Sim, - disse o Sr. Scott. — Vamos lá, garoto, e lhe mostrarei por quê.

— Comunicação de emergência para Korsal, - uma voz feminina disse de repente tanto do comunicador na parede quanto do terminal que ele deixara ligado.

— Fala Korsal.

Sua tela criou vida com a imagem de Emily Torrence. — Korsal, você

está em condições de trabalhar? Pergunte ao seu médico...

— Estou bem, - ele respondeu impacientemente. — O que há de errado?

— Degelo de primavera, - ela respondeu significativamente.

— Gelo?

— Um novo problema. O rio parece mais um fio d'água, e os investigadores relatam uma represa de gelo na passagem acima da barragem onde vocês caíram. O degelo de primavera está crescendo atrás dela...

— E se ela arrebentar, as barragens e a represa não agüentarão! - Korsal exclamou.

— Estamos mandando todo engenheiro disponível que temos para lá, e não é o bastante. Esse peste matou sete dos nossos melhores.

— Não tema, garota, - o Sr. Scott disse por trás do ombro de Korsal. — Juntarei minha equipe e desceremos tão rápido quanto o transporte puder operar. Você fez sondagens de sonar na represa de gelo? Temos que fazer túneis com *phaser* e deixar a pressão sair devagar. Será um trabalho delicado impedir que tudo venha abaixo ao mesmo tempo. - Olhou para Kevin. — Desculpe, rapaz, nosso passeio vai ter que esperar.

— É claro! - Kevin respondeu. — Nós vamos junto para ajudar, não vamos, pai?

Mas quando Korsal e seu filho seguiram o Sr. Scott para fora da enfermaria, deram com a Dra. Gardens. — Onde pensam que estão indo? - Ela exigiu.

— Para o planeta, - Korsal explicou. — Temos que impedir uma inundação.

A Dra. Gardens olhou para as costas do engenheiro chefe se afastando. — Scotty está descendo para ver isso?

— Sim.

— Então vocês não são necessários. De volta pra cama, os dois. Kevin, você parece vermelho, muita excitação por hoje.

— Doutora, - Korsal disse, — nós não somos prisioneiros a bordo dessa nave!

— Não, mas vocês são nossa única fonte de soro de sangue baseado em ferro contra a peste de Nisus. Não só não podem se atrever a arriscar suas vidas, como não podem ter nem mesmo uma gripe. Se ficarem aqui, em mais vinte horas nós poderemos administrar o estimulante sangüíneo de novo e salvar mais vítimas da peste. Se vocês descerem, se arriscam a ferir-se ou ficar doentes, certamente ficarão exaustos, e atrasarão o recomeço da retirada de sangue. Mais pessoas *morrerão* do que as que deveriam.

Korsal sabia que ela lia em seu rosto que havia vencido. Ele não fez mais nenhum protesto. A médica amansou. — Korsal, Montgomery Scott é um

dos melhores engenheiros da Federação. Sob condições de emergência e com um prazo apertado, provavelmente ele é o melhor. Se alguém pode impedir essa represa de cair, é o nosso Sr. Scott.

TRINTA E QUATRO

Spock ainda estava na enfermaria quando Sendet foi trazido, lutando e esperando. Por sua fala exaltada, ele reconheceu que o homem pensava estar no *pon farr*, o tempo em que o homem vulcano precisa acasalar ou morrer, mas os indicadores de diagnóstico mostraram rapidamente que o que ele tinha era a peste de Nisus.

Sem surpresas, o teste de sangue mostrou que o rapaz tinha a Variedade C. Os sintomas iniciais de paranóia dessa variedade provocaram a maior preocupação de Sendet: seu estado não-unido, combinado com o exílio para um mundo onde os homens eram mais numerosos que as mulheres.

A mãe de Spock, ainda também na enfermaria, não precisou ter a audição vulcana para notar a comoção. Amanda estava quase recuperada. Quando o nível de barulho indicou que Sendet caíra inconsciente, ela foi para perto da cama de Spock.

— Spock... - embora ela hesitasse, ele sabia o que estava em sua mente.

— Sim, Sendet me lembra de que sou adulto e não unido. Mas não há utilidade em discutir isso. Quando for tempo de temer o *pon farr* novamente, eu prometo que farei algo quanto a isso.

Ela sorriu tristemente. — Eu esperava que enquanto você estivesse em casa, você encontraria uma mulher apropriada.

— Eu encontrei várias mulheres apropriadas. Entretanto, as longas separações, que enfraqueceram minha primeira união, continuarão enquanto eu permanecer na Frota Estelar. Tenho tempo, mãe. Você casou-se por livre e espontânea vontade. Permita-me fazer o mesmo.

O sorriso de sua mãe tornou-se mais quente. — Se essa é sua atitude, Spock, então não preciso me preocupar. Eu entendi que os Seguidores de T'Vet foram retirados da engenharia?

— Sim. O Sr. Scott abriu as portas e então a peste de Nisus deu forças ao seu desejo de sair em vez de lutar. Suponho que devemos esperar que vários outros deles necessitem de camas na enfermaria logo. O Dr. McCoy me informou que poderei reassumir serviços leves amanhã.

— E eu serei liberada mais tarde hoje, - disse Amanda. — Eu ouvi corretamente que sua vida foi salva com soro de sangue *romulano!*

— Sim. De T'Pina. Pesquisei seus registros, mas não há nada que indique como uma criança romulana poderia ter ido parar na colônia vulcana onde ela foi encontrada.

— Isso importa? - Amanda perguntou. — Spock... talvez Sendet e Satat

estivessem certos em chamar essa doença de Epidemia IDIC, mas olhe o que está acontecendo. A doença pode se espalhar onde diversidade infinita está combinada, mas essa combinação também é a cura! Nossos salvadores são klingons e romulanos...

— Mãe, - Spock interrompeu, — nenhum dos impérios veio em nossa ajuda. Korsal é o único klingon em Nisus, seus filhos são meio humanos e T'Pina é vulcana para todos os efeitos. Você tem bastante experiência diplomática para saber que o que temos aqui não é esperança para uma futura cooperação, mas um segredo mortal que deve ser escondido tanto dos klingons quanto dos romulanos. Senão, essa peste para a qual eles têm imunidade natural pode se tornar uma arma contra a Federação.

Como prometido, no dia seguinte Spock reassumiu seus deveres. O Capitão Kirk lhe deu as boas vindas, mas ninguém tinha muita alegria a compartilhar. Mesmo restringindo o soro para sangue baseado em ferro para apenas pacientes em estado crítico, agora que todo o pessoal médico havia sido inoculado, ainda não havia o bastante. O Dr. McCoy estava furioso porque o contingente de Órions em Nisus usara de pressões diplomáticas para conseguir o escasso soro para sangue baseado em cobre para pessoas que não estavam doentes. E seus convidados klingons haviam desenvolvido efeitos colaterais que os tirara temporariamente dos estimulantes.

Nem poderia ser esperado que uma única mulher pudesse produzir sangue bastante, para inocular todos com sangue baseado em cobre, mesmo com a ajuda da droga rigeliana.

Sua grande descoberta era muito pequena, e muito tarde, e as únicas fontes possíveis de ajuda eram inimigos a quem não podiam permitir descobrir o que estava acontecendo.

Logo Spock estava de volta à sua agenda normal, mas já que não estavam fazendo nada mais além de orbitar Nisus, ele tinha pouco a fazer e muito tempo para pensar. Então, quando ouviu que o Sr. Scott estava descendo a Nisus para impedir uma inundação, ele voluntariou-se para juntar-se ao grupo de descida.

— O senhor é sempre bem vindo quando há trabalho técnico a ser feito, - o Sr. Scott lhe disse.

Eles desceram para a beira de um desfiladeiro nas montanhas sobre a colônia científica de Nisus. Era um dia ensolarado de primavera, quente o bastante mesmo para Spock compensar a temperatura sem utilizar-se do incômodo de roupa extra.

Mas esse mesmo calor era seu inimigo.

O Sr. Scott deu uma olhada na represa de gelo no desfiladeiro, a parede de água subindo atrás dela, e sussurrou: — Bom Deus!

Dois engenheiros telaritas lhes entregaram as leituras que já haviam feito. — Por que não fomos mandados para cá ontem? Isso pode desmoronar a qualquer momento, - um deles disse zangado. — Há três pontos fracos. Derreta qualquer área...

— Sim, - Scott disse. — Qualquer coisa que fizermos vai derrubá-la. É muito tarde!

Ele abriu seu comunicador. — Capitão! Essa represa de gelo está pronta para cair. Eu ficarei aqui e tentarei diminuir a pressão, mas mande um aviso de evacuação para a cidade, e sugiro que transporte o Sr. Spock e os outros para bordo. Não há nada que possam fazer por aqui além de me desejar sorte.

— Capitão, - Spock disse em seu próprio comunicador, - transporte-me para a cidade e prepare nossas equipes de emergência para cuidar de condições de inundação.

— Certo, - Kirk respondeu, e Spock pode ouvi-lo dizer: — Uhura, mande o aviso de evacuação.

Então o Sr. Spock preparou-se para o transporte, afastando-se do Sr. Scott, que estava preparando o equipamento de *phaser* numa tentativa fútil de derreter com precisão a represa de gelo.

Instantes antes do feixe o pegar, antes que o Sr. Scott pudesse terminar de preparar seu equipamento, Spock viu o gelo se quebrar.

O centro cedeu primeiro, e a água correu por ali com a força de um foguete!

Então os lados sucumbiram, e com um rugido a parede de água atirou-se para frente, carregando tudo em seu caminho - dissolvendo-se em partículas enquanto Spock era transportado para bordo da *Enterprise*.

TRINTA E CINCO

Depois de algumas horas sob o estimulante sangüíneo, T’Pina flutuava entre a consciência e a inconsciência. Quando estava acordada o mundo parecia estranhamente distorcido; às vezes não tinha certeza do que era real, do que era imaginação. Em outros momentos sentia-se normal, até que se descobria dizendo ou pensando coisas estranhas a si mesma.

Havia sempre alguém ao seu lado, mas não reconhecia a maioria deles. Sua mãe esteve ali uma vez, ela pensou, mas à distância, em algum lugar além de um longo túnel esticado entre elas. A voz de T’Kar soou vazia quando disse a T’Pina: — Você é minha filha. Sangue nunca importou antes... por que deveria importar agora? T’Pina?

T’Pina queria responder, mas as palavras não vinham. Ela não sabia onde estavam. Sabia apenas que havia desagradado sua mãe e não podia corrigir o erro. Estava em seu sangue... em seu sangue... seu sangue.

T’Pina acordou quando alguém pegou sua mão. A mão era fria, talvez de um técnico humano do hospital...

Mas não era o toque de uma enfermeira ou médico, nem se mexeu ou a soltou. Alguém estava oferecendo conforto, à maneira dos humanos e de várias outras raças. Ela não afastou a mão, simplesmente abriu os olhos.

Havia um homem sentado a seu lado, usando pijama e um robe - um paciente. Ela reconheceu Beau Deaver e vagamente lembrou-se de tê-lo visto, em estado crítico e próximo da morte, naquele dia em que descobriram o fator de imunidade em seu sangue.

Ele estava obviamente vivo agora, embora ainda parecesse abatido. Havia se barbeado, mas isso devia ter sido já há algumas horas, porque sua barba estava sombreando de novo seu rosto. Seu cabelo negro crescera um pouco mais além do dia em que se conheceram e estava desarrumado, dando uma aparência ainda maior de pêlo.

Ele sorriu para ela, seus escuros olhos azuis quentes e encorajadores. — Você esteve sonhando, - disse.

— Por que... está aqui? - Ela perguntou.

— Salvou minha vida, você fez, - ele respondeu. — Menos que posso fazer é ver que cê não se machuque com essa droga. Não precisa de jeito médico, teus amigos tão fazendo turnos. Agora não fique toda vulcana... -ele completou, fechando as mãos sobre a dela quando tentou se afastar. — Teu *healer* disse que não pode ser lógica com essa coisa, então nem precisa tentar.

— Eu não sou vulcana, - T'Pina disse, fechando os olhos. Ela finalmente acreditava. — Por que deveria ser lógica?

— Nesse caso, - Deaver replicou, — deixa eu tirar vantagem da sua condição e pedir que saia comigo. Logo que a epidemia acabar e sairmos desse lugar, no minuto que reabrirem os restaurantes.

T'Pina abriu novamente os olhos, tendo problemas em compreender, nem tanto o que dizia mas o objetivo lógico daquilo. — O que você deseja de mim?

— Sua companhia pra um jantar legal, talvez um concerto ou uma peça, e depois disso... quem sabe?

Ela enrugou a testa, honestamente intrigada. — Mas por quê?

— Porque você é bonita, - ele disse, — você é corajosa... e poderia te ajudar conversar com alguém que tem a experiência de uma vida sendo "nem um nem outro".

— Um quê?

— Alguém que não é o que parece. Eu pareço humano numa primeira olhada, mas me fure e eu sangro verde. - Ele riu. — Me venceu umas lutas através dos anos... alguns idiotas ficavam tão assustados ao ver meu nariz sangrar sopa de ervilha que deixavam eu dar os socos seguintes de graça.

— Você se envolve em lutas freqüentemente? - Ela perguntou, sua mente capaz de focalizar apenas parte do que ele dizia.

— Agora não, mas na minha juventude dissipada era rara a semana em que eu não escurecia o olho de alguém. - Ele sacudiu os ombros. — Era isso ou deixar eles escurecerem o meu. Mais difícil de aprender quando fui pra boas escolas era que a maioria das pessoas não resolve suas discussões usando os punhos. De onde eu vim, a maioria resolvia.

T'Pina não podia imaginar tal infância. Deaver lhe deu um sorriso sardônico. — Oh, sim, há muitos lugares na galáxia onde você sobrevive com truques e punhos, e levar jeito com uma faca não ia atrapalhar.

T'Pina afastou o olhar dizendo: — Por favor, desculpe-me. Eu não pretendia mostrar surpresa.

— Pensei que tinha abandonado a lógica por enquanto, - ele implicou, fazendo com que ela voltasse a encará-lo, encontrando de novo o sorriso quente e amigo em seu rosto. — Ei, - completou, — já te disse: cê tá cheia de drogas. Mesmo aquela estátua ambulante do Sorel diz que nada que você faça ou diga pode ser usado contra você, certo?

Já que ela ainda se sentia muito longe do normal, T'Pina balançou a cabeça e concordou, repetindo o termo humano: — Certo.

— É claro, se você não gosta de segurar... - Deaver começou, mas então, inexplicavelmente, interrompeu o que estava para dizer.

Ela viu algo naqueles escuros olhos azuis que perturbou seu já precário equilíbrio; mas ao seu olhar, eles sombrearam-se de repente. Ele escondia seus sentimentos tão bem quanto qualquer vulcano. — Quase fui muito longe, né? O pior hábito. Sempre tenho que chegar ao limite.

Ainda mais confusa com a desculpa que não compreendia, T'Pina aproveitou a oportunidade para afastar a mão da de Deaver. Ele não moveu a mão, deixando-a na beira da cama. Inexplicavelmente isso a fez sentir como se agora *ela* tivesse que pedir desculpas... mas não sabia pelo que.

Em vez disso ela prendeu-se ao que compreendia. — Chegar ao limite faz grandes cientistas. Ou matemáticos, - completou, lembrando-se de sua profissão. — Se você limitar isso ao seu trabalho...

— Eu resolverei a Equação Universal, mas não vou me divertir na vida - ele lhe disse.

— Pensei que matemática fosse "diversão" para você.

— Você *estava* ouvindo! - Ele disse, olhos brilhando de prazer, reação reconhecida por T'Pina, mesmo em seu estado drogado, como inapropriadamente entusiástica para a causa.

— Certamente, - respondeu. — Eu sempre ouço.

— Ah, mas você *lembrou*, - disse, recusando a objeção. — Agora... Foi interrompido por uma voz no intercom.

— *Este é um alerta de emergência. O hospital está sendo evacuado por causa da possibilidade de uma inundação relâmpago. Os pacientes, por favor, permaneçam em seus quartos até que a equipe do hospital chegue para ajudá-los. Funcionários, esse é o Procedimento de Emergência Três, repito, Procedimento de Emergência Três.*

— *Pacientes de ambulatório, sigam os funcionários do hospital para as áreas de segurança designadas. Pacientes imobilizados, não tentem desconectar o equipamento. Funcionários do hospital os removerão.*

A mensagem começou a ser repetida.

Deaver disse: — Uma inundação relâmpago? Não tem havido chuva para isso.

T'Pina, que vivera em Nisus a maior parte de sua vida, lembrou-se: — É o degelo de primavera. Às vezes o gelo bloqueia o desfiladeiro na montanha, e se cair todo ao mesmo tempo, pode inundar a represa. Fomos evacuados duas vezes quando eu estava na escola, mas não houve nenhuma inundação séria em nenhuma das vezes.

— Isso é um alívio, - disse Deaver. — Ainda...

Um técnico rigeliano entrou no quarto, empurrando uma *gurney* — Ah, Sr. Deaver, - disse. — Você é do ambulatório. Pegue o corredor da esquerda para sair. Siga as linhas azuis até...

— Eu ajudarei com T'Pina, - Deaver disse.
— O senhor mesmo é um paciente... - o homem começou.
— Quer brigar por isso? - Deaver sugeriu como se não se importasse.
— Ou quer levar essa dama com seu sangue precioso pra um lugar seguro?

T'Pina tentou sentar-se, mas a tontura a derrubou. — Fique deitada! - Deaver ordenou. — Vamos lá, você pode muito bem soltá-la mais rápido que isso! Assim! - Ele engasgou ao ver o sangue verde brilhante jorrando, quando a agulha foi desconectada do braço de T'Pina. — Vai deixar ela sangrar até morrer?!

— O estimulante sangüíneo ainda está em seu sistema, - o técnico respondeu. — Ela está produzindo sangue numa grande velocidade. - Rapidamente, ele conectou outro tubo, colocando uma garrafa na maça e a agulha no braço esquerdo de T'Pina.

Então ele trocou a garrafa com fluido ligado ao outro braço, dizendo: — Isso é apenas uma solução hidratante, sem mais droga. T'Pina ficará desidratada se sua perda de líquido não for repostada.

Deaver moveu-se em posição quando o rigeliano se preparou para colocar T'Pina na maça, e ela percebeu que eleja havia feito isso antes. Assim como o técnico, que parou de protestar e aceitou a ajuda para transferi-la.

Ser empurrada pelos corredores era estonteante. Então entraram num elevador, e mais corredores. Finalmente alcançaram as portas de saída da sala de emergência, onde outros pacientes em maças e cadeiras de rodas esperavam por ambulâncias.

Dois veículos de terra partiram com suas cargas, e um *hoverer* pousou na vaga seguinte. Foi ocupado rapidamente e partiu, e T'Pina foi empurrada para frente na fila. Mais pacientes foram colocados atrás dela. T'Pina podia ouvir a discussão sobre ser inútil tentar isolar as vítimas contaminadas da peste de outros pacientes, mas ela não podia ver quem estava falando.

Outro *hoverer* carregou mais dois outros pacientes, mas então um veículo de terra estacionou e T'Pina foi levada para ele, junto com um vulcano que parecia estar inconsciente.

Os atendentes eram dois humanos, um alto e loiro, o outro baixo com cabelos negros cacheados e olhos quase tão azuis quando os de Beau Deaver.

Que pensamento estranho, T'Pina reconheceu. O alto checkou o bracelete de identidade em seu pulso e disse: — Tem que ter cuidado extra com essa aqui a bordo, Dave: ela é que tem o sangue que pode parar a peste.

— Eu sou sempre cuidadoso, - respondeu o outro homem. — Por que você sempre critica o jeito com que dirijo?

— Porque é bom entregar os pacientes inteiros! - Seu colega replicou enquanto levantavam o vulcano para dentro da ambulância e o prendiam com segurança. Ele estudou o paciente e disse seriamente: — Esse aqui deveria estar se recuperando, mas não parece bem para mim.

— Vamos chegar ao campo médico e deixar os *healers* cuidarem dele, - disse aquele chamado Dave.

Eles se viraram para pegar T'Pina e encontraram Beau Deaver pronto para ajudar. — Desculpe, senhor, - disse Dave, — esses veículos são apenas para pacientes críticos. Se der a volta no hospital, há ônibus...

— Eu tenho treinamento médico, - Deaver disse. — Já fiz serviço de ambulância. — Virou-se para o técnico rigeliano. — Posso tomar conta dela.

Houve apenas um momento de hesitação. Então o homem disse: — Troque as garrafas de sangue sempre que encherem e as garrafas de fluido sempre que esvaziarem. Em cerca de cinco horas sua produção de sangue começará a diminuir, mas talvez por lá já tenhamos todo mundo de volta ao hospital. - Sorriu. — Obrigado, há outros pacientes que realmente precisam mais de mim, mas você sabe como essa aqui é importante. - Seu olhar incluiu os atendentes.

Com todos a bordo e as portas fechadas, a ambulância partiu, Dave dirigindo, seu colega loiro virado no assento para observar os dois pacientes. Deaver estava sentado num banco reversível entre eles. Ele observou T'Pina até a ambulância virar violentamente numa esquina, balançando selvagememente.

— Mas que diabos...? - Deaver começou furioso, mas no momento que olhou para fora empalideceu. — Oh, meu Deus!

A ambulância balançou e virou, mudando de direção.

— Está vindo por esta rua também! - Exclamou Dave, virando e correndo com o veículo, como se a ambulância fosse um carro de corrida. A sirene começou a soar.

— A represa explodiu! - Disse o outro atendente. — Não podemos vencê-la! Espero que todos saibam nadar!

Dave virou-se e sacudiu o vulcano. — Acorde, merda! - O homem continuou inconsciente.

T'Pina levantou-se apoiada nos cotovelos enquanto a ambulância se apressava em voltar para o hospital. Ela podia apenas olhar pela janela traseira.

Uma parede de água mais alta do que seus olhos podiam ver os perseguia!

Estava alcançando-os!

A ambulância foi levantada como um brinquedo, virada e enrolada,

jogada para o alto...

Deaver segurou-se, uma mão em cada maça.

Eles foram arremessados contra uma parede.

O lado oposto da ambulância dobrou-se sobre T'Pina. O outro paciente foi jogado contra Deaver e os dois homens tombaram sobre ela.

A água começou a jorrar pelo teto arrebentado.

Eles estavam afundando!

— Eu não posso me livrar! - T'Pina ouviu o atendente loiro exclamar.

— Fique quieto! - Dave respondeu. — Vou cortar o cinto!

Então os dois atendentes estavam tentando passar para o fundo tumultuado da ambulância.

A água estava na altura da cama de T'Pina e caindo sobre eles enquanto lutavam para escapar. Ela tentou arrancar as faixas que a prendiam no lugar.

Preso sob o ainda inconsciente vulcano, que agora estava pendurado por seus cintos de segurança, Beau Deaver tentou se virar para ela, mas não havia espaço bastante para seus ombros largos. — Espere! - Disse e começou a tentar libertar o vulcano. — Vocês dois podem pegá-lo?

— Se pudermos sair, - o atendente loiro respondeu. — Cuidado vocês! É metal recortado!

Ele respirou profundamente o pouco ar que restava e lutou sobre eles, deitando-se de costas para pegar o vulcano por debaixo de seus braços enquanto Dave movimentava-se por cima. A força com que a ambulância bateu no fundo lançou o vulcano e os dois atendentes para fora e para longe.

Deaver avançou para T'Pina. Ele pegou um bisturi do equipamento de bordo e o correu pelas tiras que a prendiam.

Por agora a água já a cobria. Ela livrou-se, tossindo, e parou por um momento na última bolha de ar presa sob o teto.

— Pode nadar? - Deaver perguntou.

— Sim, - ela respondeu.

— Então segure-se em mim, e bata os pés, não tente ir sozinha, - disse Deaver. — Respire fundo...

T'Pina puxou o ar para dentro de seus pulmões. Deaver foi primeiro, puxando-a atrás de si. Ela sentiu as agulhas serem arrancadas de seus braços. Isso não a incomodou tanto quanto o pensamento de soltar-se da mão de Deaver quando emergiram em meio à rodopiante água negra.

Ela não podia ver. Não podia respirar. Não podia dizer o que estava em cima ou embaixo.

A única realidade era a água congelante, jogando-a à vontade.

Lembrando-se da instrução de Deaver, ela bateu os pés, imaginando se estava flutuando para cima ou haviam sido pegos em algum tipo de

correnteza que os carregava para uma armadilha sem ar. Estava frio - tão frio.

Por que estava tão escuro?

Suas pernas estavam dormentes. Algo as atingiu... galhos de árvores tentando separá-los.

Ela apertou mais a mão, deixando pouco ar sair de seus pulmões queimando, lutando contra a urgência de inspirar enquanto não havia nada mais que água à sua volta.

De repente foi pega em um redemoinho!

Foi jogada para frente e para trás. Nem mesmo sua força vulcana podia mantê-la presa a Deaver. Estavam sendo atingidos por outros objetos agora; sentiu que ele se afastava.

Uma corrente sem piedade a pegou.

Ela não podia vê-lo, não podia senti-lo, conhecia apenas pulmões queimando e frio congelante, água sem fim...

E então nada.

TRINTA E SEIS

Minutos depois da represa de gelo quebrar, Spock estava sobre o teto reto do Centro Comercial de Nisus, o mais alto prédio da cidade. A *Enterprise* o estava usando como ponto de descida. Dirigindo os esforços de resgate, Spock observou a evacuação da cidade abaixo e viu os equipamentos da *Enterprise* não poderiam cobrir a retirada dessas milhares de pessoas. Mesmo assim, tinham que tentar.

A pé, pelas esteiras rolantes, e em todo o tipo de veículo, as pessoas estavam saindo da cidade para as colinas mais próximas. Mas acima deles, a parede de água descia sem obstáculos pela montanha, rosnando sobre o reservatório cheio antes que qualquer um, exceto por aqueles nos arredores da cidade, pudessem alcançar a segurança.

Ninguém sabia a que altura a água iria subir quando chegasse. Spock informou a onda que se aproximava, e trabalhadores de emergência começaram a direcionar as pessoas para dentro do Centro Comercial e outros prédios altos, quando ficou óbvio que não conseguiriam sair da cidade.

No teto do Centro Comercial, grupos de pessoas se alternavam com conjuntos de equipamentos no transporte de descida. Alguns eram grupos regulares de descida, acostumados a trabalhar juntos, como a equipe médica montando uma unidade de emergência num canto.

Spock observou o Grupo de desembarque Sete chegar, seis pessoas tiradas da engenharia, computação, medicina, economia, segurança e despesa da nave. Kirk às vezes se referia a esse pessoal como o "grupo IDIC", porque seus talentos eram tão diversos, mas a designação era mesmo uma das piadas do Capitão, porque ao ouvi-los discutindo, poderia-se pensar que eles não concordariam nem mesmo em quem subiria na plataforma de transporte.

Apesar de seus desacordos, eles eram eficientes como qualquer outro grupo. Eram dirigidos pelo engenheiro Rogers, um homem corpulento com cabelos castanhos cacheados. Correndo para o veículo aquático que pousou logo depois deles, começaram a montá-lo, o gigantesco oficial de segurança segurando as peças juntas apenas com sua força, enquanto as duas mulheres do grupo as colocavam no lugar.

Enquanto isso, um terceiro homem montava o computador de bordo, trabalhando com uma concentração quase vulcana, enquanto o último membro do grupo, um homem pequeno e comum, sempre tinha as ferramentas corretas à mão para aqueles que precisavam.

Quatro discussões diferentes começaram durante o processo de montagem - e ainda assim o veículo estava montado e pronto para uso antes que o grupo de desembarque seguinte e seu equipamento tivessem aparecido no ponto de descida.

— Humanos, - uma voz calma observou às costas de Spock. — Às vezes eu imagino como eles chegaram a aprender a cooperar bem o bastante para alcançar a civilização.

Spock virou-se. — Pai. O que está fazendo aqui?

Sarek não estava apenas presente; ele usava um uniforme da Frota emprestado, e estava pronto para ação.

— Entendi que toda pessoa capacitada e disponível era necessária, respondeu o pai de Spock. — Quando mostrei ao seu Capitão que sou capacitado e disponível, ele sucumbiu à lógica da situação.

— Lógica? Mandar um vulcano para uma inundação? O senhor sabe nadar, pai? - Spock perguntou, procurando por uma desculpa para mandar Sarek de volta à nave.

— E claro que sei, - Sarek respondeu. — Sua mãe me ensinou quando nos conhecemos na Terra.

Oh. É claro que ela o faria. Ele imaginou se Amanda apareceria no próximo grupo de desembarque.

Como se lesse seu pensamento, Sarek disse: — Amanda está com a equipe que espera para cuidar das vítimas da inundação que forem transportadas para a *Enterprise*.

Spock estava olhando para Sarek, então viu a súbita firmeza da mandíbula, o controle forçado enquanto ele olhava por sobre a cidade. Spock virou. A parede de água chegara ao reservatório e estava passando sobre ele, ao menos trinta metros acima da superfície.

A água passou direto sobre o topo da represa e caiu sobre o vale próximo, engolfando os prédios dali. Se todos tivessem obedecido as instruções, como parecia, não haveria ninguém num raio de um quilômetro da represa. Mas a água não iria ficar nessa vizinhança.

— Todos os veículos aéreos disponíveis, partam! - Spock instruiu por seu comunicador. — Equipes de veículos aquáticos, aguardem!

Sem opção, Spock e Sarek observaram as águas da inundação caírem e rolarem por longos minutos ao pé da represa, mas enquanto a água escorria pelo topo para o vale, a parede de água se reconstruiu e avançou inexoravelmente em direção ao centro da cidade. Enquanto avançava pela áreas de população, os edifícios altos criavam um canal, aumentando a velocidade da água e, ao mesmo tempo, fazendo-a subir nas ruas mais estreitas.

Hoverers e naves auxiliares desciam, arrancando pessoas do caminho do desastre, mas simplesmente não havia bastante desses veículos! Spock e Sarek estavam muito longe para ver pessoas individualmente, mas podiam ver os veículos aéreos afastando-se da onda que se aproximava, engolfando as ruas abaixo. Um *hoverer* permaneceu baixo muito tempo, tentando resgatar alguém. Foi pego pela parede de água e esmagado como um frágil inseto.

Sarek virou-se e andou até onde o grupo de desembarque que acompanhara estava armando um pequeno carro aéreo. Com conhecimento, começou a instalar os computadores de navegação e comunicações. Era um veículo para dois homens, com dois casulos externos para acidentados. Dois tripulantes subiram a bordo e partiram.

Sarek voltou para andar à beira do prédio, examinando as águas que subiam à procura de sobreviventes. Spock uniu-se a ele.

Sarek virou-se. — Há algum modo de dizer às pessoas presas nos prédios que se tiverem ar devem permanecer onde estão? - Perguntou.

— Farei a *Enterprise* transmitir em todos os canais, embora a maior parte dos intercom provavelmente estejam inundados.

Spock passou a ordem, e Uhura a recebeu.

Sarek observou seu filho, então olhou de volta para a cidade inundada. À toda volta, tripulantes da *Enterprise* e cidadãos de Nisus estavam tirando pessoas de dentro d'água, dos tetos, e de janelas altas. Em um teto abaixo, um telarita e um andoriano ajudavam uma humana a sair de uma escada, então voltaram para puxar um hematita. Um lemnoriano, que obviamente estivera puxando outras pessoas, subiu depois deles. Outro veículo aquático da *Enterprise*, no qual Spock reconheceu Chekov e Sulu, os tirou do teto e partiu.

— IDIC em ação, - Sarek disse, quase suave demais para Spock ouvir por sobre todos os outros ruídos. Mas ele prendeu os olhos do filho nos seus, e soube que ele ouvira, porque continuou: — Nunca deveria ter-me surpreendido por você ter escolhido a Frota Estelar, Spock. Ela é o produto da diversidade tanto quanto você o é. Você poderia igualmente ter escolhido Nisus.

— Ou a Academia Vulcana, - Spock admitiu. — Há um ditado humano: "a verdadeira felicidade está...

— ... em seu próprio quintal", - Sarek completou. — Eu não compreendo "felicidade", Spock, mas estou a par da propensão humana de procurá-la bem longe de casa, normalmente sem sucesso. O que costumo esquecer é que você é meio humano, e tem o direito de exercitar essa parte de sua herança tanto quanto a sua metade vulcana.

— Você também esquece, - Spock o lembrou, — que por toda a minha vida tive o exemplo de minha mãe. Lembre-se, pai, ela realmente *encontrou* felicidade a anos-luz do mundo onde nasceu.

Um discreto sorriso curvou os lábios de Sarek. — E eu *a* encontrei a anos-luz de *meu* lar. Você é o filho de nós dois, Spock. Espero que você nunca mais hesite em voltar para casa.

— Deverei retornar a Vulcano, pai, quando meu tempo na Frota Estelar terminar. - Spock não poderia dizer quando tomara tal decisão; apenas sabia que era verdade.

— Isso agrada imensamente sua mãe, — foi tudo que Sarek disse, mas Spock viu nos olhos de seu pai que Sarek também estava satisfeito. A lógica era irrelevante naquele momento; a reunião que começara na perigosa viagem a Babel e continuara quando se uniram em Vulcano para salvar a vida de Amanda, há apenas algumas semanas atrás, estava finalmente completa.

Pai e filho olharam juntos por sobre a cidade inundada.

TRINTA E SETE

Quando acordou, T'Pina viu Beau Deaver debruçado sobre ela. Estava molhada e com muito, muito frio.

— Onde estamos? - Ela perguntou, virando a cabeça. Estava apoiada no metal frio, apenas alguns centímetros acima da água negra.

— Num bolsão de ar. A correnteza nos carregou para um edifício, - Deaver disse devagar. — A pressão da água deve ter esmagado as janelas. Eu não sei em que prédio, ou quanta água existe sobre nós. Mas estamos a salvo aqui por enquanto, até que fiquemos sem ar.

T'Pina percebeu que a luz fraca vinha do sistema de emergência operado por bateria do prédio. Ela e Deaver estavam sobre armários altos. O teto ficava a menos de um metro sobre suas cabeças; não havia nem mesmo espaço bastante para sentarem, mas havia aprisionado uma bolsa de ar e salvara suas vidas.

— O que devemos fazer? - Ela perguntou.

— Depende, - disse Deaver. — A água deve descer bem depressa. Poderia ser melhor apenas ficarmos aqui, a menos que estejamos na altura do chão, - completou. — O sistema de esgoto provavelmente já recebeu tudo que podia. O resto da água terá que correr pelo chão, o que pode levar um dia ou dois. Não sei quanto tempo as luzes agüentarão também. Vamos descansar por enquanto e ver se podemos encontrar uma escada. Mesmo que esteja coberta de água, podemos nadar para cima.

Ao pensamento de voltar para a água gelada, T'Pina estremeceu. — Você está congelando! - Deaver disse. Em sua pequena ilha de segurança, ele abrigou T'Pina num casulo de calor, envolvendo-a com seus braços. Ajudou, por um pouco. Mas logo ela começou a tremer de novo, e uma estranha sensação de alfinetadas começou a tomar sua pele.

— T'Pina? O que há de errado? - Perguntou Deaver.

— Eu... não sei, - respondeu. — Me sinto estranha. Tenho tanta sede, mas...

— Não beba a água da inundação! - Deaver disse rapidamente. Então completou: — Bem, não acho que faça diferença se o fizer agora; nós dois certamente bebemos alguma tentando nadar.

— Estou com sede, - T'Pina repetiu, — e ainda assim me sinto entupida, como se...

Deaver agarrou seu braço esquerdo. A corrente de sangue havia parado. O atendente havia lhe dito para manter o sangue correndo, mas também

repor fluido em suas veias, ele desejou que o rigeliano estivesse lá agora.

— Temos duas escolhas, - ele disse. — Não fazer nada e esperar que sua pressão não aumente até um ataque ou qualquer outro dano vascular, ou deixar algum sangue sair, e esperar que isso não a enfraqueça demais.

T'Pina não sabia nada mais do que ele. Sabia apenas que: — Se você me sangrar, será sangue desperdiçado. Não poderá ser usado como soro contra a peste.

— Mas se você morrer, ou ficar tão doente que não possa usar o estimulante, - Deaver disse, — então também não haverá mais nenhum soro.

T'Pina estava se sentindo mais estranha a cada minuto. Cruzou sua mente o ocasional pensamento de que a gramática e a pronúncia de Deaver melhoravam dramaticamente quando a situação era séria. — Talvez você realmente tenha ensinado na Academia Vulcana, - ela sussurrou.

Sentiu a respiração abrupta dele. — Precisamos fazer algo!

Deaver examinou seus bolsos. — Não o perdi! - Ele disse com alívio, e mostrou o bisturi que os livrara na ambulância submersa. — Meio sem corte, depois do uso que lhe dei. - Ele sorriu fracamente. — Deus, espero estar fazendo a coisa certa!

Não havia jeito de esterilizar o bisturi. Ele furou uma veia sobre o cotovelo de T'Pina, e o sangue jorrou, a pressão completamente anormal para uma vulcana.

— Melhor? - Deaver perguntou. T'Pina o ouviu engolir pesadamente diante da quantidade de sangue que saía do corte.

— Melhor... - T'Pina respondeu.

Deaver apertou-a mais fortemente em seus braços.

TRINTA E OITO

No teto do Centro Comercial de Nisus, a operação de resgate seguia com força total. A atenção de Spock estava dividida entre seu trabalho e a fascinação horrorizada diante das águas da inundação que ainda subiam. Era difícil enviar outros tripulantes para as missões de resgate enquanto ele permanecia a salvo no teto. Atrás dele, a Srta. Nordlund segurou um dos componentes de um dos carros aéreos e deu um grito quando se levantou.

Spock pulou para segurar o equipamento, perguntando: — Qual o problema?

— Minhas costas, senhor, - Nordlund respondeu. — Às vezes não agüentam. - Obviamente era o que acontecia agora.

Nordlund era uma mulher robusta cujos longos cachos de um cabelo quase branco estavam presos longe do rosto para maior eficiência. Spock sabia que ela continuaria a despeito de sua dor se ele permitisse, então disse: — Você não pode tirar pessoas de dentro d'água nessas condições.

— Mas eu quero ajudar, senhor, - Nordlund protestou. Sua cor voltara; não parecia estar com dor agora que se livrara do objeto pesado.

— Então assumo meu trabalho, - Spock disse, entregando o comunicador a Nordlund.

Ele juntou-se a Sarek na montagem do carro aéreo e sentou-se na cadeira do piloto.

Agora as águas já estavam dois andares mais altas no centro comercial. Ele não viu ninguém exceto sua própria gente olhando das janelas altas, tentando decidir quando lançar seus barcos.

Spock lançou-se e voou em direção ao hospital; houvera ambulâncias terrestres indo e vindo continuamente entre ele e o campo médico construído às pressas no sopé da montanha.

O hospital estava quase totalmente submerso. Havia gente no telhado, a salvo por enquanto; os objetos na água era o que o preocupava.

Eles encontraram correntes de ar ascendentes sobre os telhados que haviam estado sob o sol todo o dia, e correntes descendentes sobre a água gelada. O embate das temperaturas criava redemoinhos traiçoeiros de vento.

Os sensores devolviam leituras estranhas devido ao calor e frio; a água deveria baixar mais antes que pudessem confiar em seus sensores de leitura de vida. No meio tempo, eles procuravam por sobreviventes visualmente.

Numa área baixa, onde duas ruas principais se encontravam, as águas da inundação encontrando-se em direções diferentes criaram um redemoinho. — Ali! - Sarek disse, apontando para o que parecia, à primeira vista, um

objeto azul e verde empurrado pela água. Quando se aproximaram, ele se separou em três figuras, duas em roupas azuis do pessoal do hospital, uma na roupa verde de paciente. Os homens de azul seguravam a cabeça do terceiro acima d'água. Spock desceu, dizendo: — Pode manter o carro aéreo firme, pai?

— Não estou familiarizado com esse veículo, - Sarek respondeu, amarrando um cinto de segurança em volta de sua cintura e ligando-o a uma linha. — Você voa, e eu descerei para ajudar essas pessoas.

No momento em que Sarek abriu a porta, o vento tentou arrancá-los da nave. O pai de Spock firmou-se e colocou os pés no degrau por fora do carro aéreo.

O paciente em roupa verde era vulcano e estava inconsciente. Essa água gelada era bastante para derrubar um vulcano mesmo em boas condições de saúde. Spock lutou com os controles, levando a nave para baixo, até roçar a água.

Os motores do carro aéreo gemeram em protesto, e o vento rosou. Spock podia ver que um dos homens de azul tentava dizer algo a Sarek, mas seu pai não podia compreender enquanto os dois puxavam o vulcano para o espaço de passageiro.

Quando todos estavam no lugar, Spock subiu direto, até estarem sobre os ventos rodopiantes, então deixou Sarek mantendo a nave firme enquanto ajoelhava-se para apertar os cintos de segurança à volta dos humanos exaustos.

Logo que ambos estavam seguros, Spock seguiu direto para o Centro Comercial, porque o campo médico era longe demais para os homens exaustos com roupas encharcadas.

Por agora a equipe médica da *Enterprise* estava em funcionamento total. Dois técnicos de McCoy, Arthur e Westplain, tiravam os pacientes das naves e envolviam-nos em cobertores. O vulcano ainda estava inconsciente. Spock viu a Dra. Gardens correr sua sonda médica sobre ele e gesticular para que fosse para a área de transporte, para ser levado a bordo da nave.

Enquanto isso, Westplain, um humano alto e esbelto, com cabelos avermelhados e um rosto estranhamente marcado para um homem que passou a maior parte da vida numa nave estelar, estava inclinando-se sobre os outros dois resgatados. De repente, um deles sentou-se, segurando os braços do técnico e nada que Westplain fizesse parecia acalmá-lo até que ele disse algo que fez sua usual atitude lacônica mudar drasticamente.

Spock e Sarek estavam quase prontos para partir novamente quando Westplain correu para eles, balançando os braços. Spock abriu sua porta, e Westplain enfiou sua cabeça dentro da nave. — Esses homens eram

atendentes de ambulância, - disse. — Eles tinham três pacientes quando foram pegos pela enchente: aquele homem vulcano que resgataram, um outro cientista de Nisus e aquela garota com sangue romulano - T'Pina!

TRINTA E NOVE

T'Pina estava nos braços de Beau Deaver, ainda sentindo-se estranha. Deixar um pouco do sangue sair de seu corpo havia aliviado a sensação de intumescimento, mas ainda sentia frio e sede, e sua mente não parecia funcionar.

Ela tentou se concentrar na situação. — Deveríamos tentar alcançar a superfície agora, Sr. Deaver.

— Ainda não, - Deaver respondeu. — Vamos ter certeza de que você está bem. Além disso, sei que a água não está fria o bastante para me matar, mas não sei quanto a vulcanos.

— Romulanos, - ela murmurou.

— Dá no mesmo, - replicou. — Um pequeno fator sangüíneo.

Ela sentiu os olhos dele sobre si, e lutou para manter o controle. — Você deveria ir, então. Trazer ajuda para mim.

Deaver balançou a cabeça lentamente. — Ainda não, - repetiu. — Nem podemos ter certeza se as águas da inundação já baixaram completamente.

Em resposta, T'Pina tremeu violentamente.

— Aqui! - Deaver disse, puxando-a mais para seu peito amplo, tentando colocar seu robe molhado à volta de ambos. — Não, - concluiu, — isso não vai funcionar. Vire-se, T'Pina.

— Virar?

— De lado, de costas para mim. Assim, é isso, - quando ela se moveu obedientemente.

Ele a circundou com seus braços e levantou seus joelhos contra os dela. De repente, mesmo através de sua roupa hospitalar ensopada, ela pôde sentir seu calor. A temperatura de seu corpo era muito mais fria que a dela deveria ser. No entanto, naquele momento, ele providenciava um calor bem-vindo.

— Isso é bom... você parou de tremer, - ele disse, apertando-a. — Não fique muito confortável, viu. Não quero que durma.

— Não vou, - ela prometeu, mesmo quando suas pálpebras já caíam. Mas Deaver estava alerta. — T'Pina, fique falando. Ei, eu lhe contei sobre meu passado sórdido. Agora é sua vez.

— Eu... não sei nada... sobre meu passado sórdido, - ela respondeu.

— Amnésia, é o que tem?

— Não sei... quem eu sou.

— É claro que sabe, - ele disse. — Você é a garotinha que salvou Nisus.

— Não uma criança, - ela protestou, e sentiu os braços dele se apertarem,

o movimento de seus músculos faciais contra seu pescoço quando ele sorriu.

— Não, - ele disse, — posso dizer que você não é uma criança. Mas eu tô usando minhas melhores maneiras de cavalheiro, e não tô tirando vantagem da situação atual, né?

— Tirando...

— Sozinho, uma mulher bonita em meus braços. Alguém descobre que não fiz mais que segurar ela e minha reputação tá em ruínas, entende?

T'Pina não tinha resposta para isso. Ela ligou o comentário com as piadas comuns e insinuações que nunca faziam sentido, embora os tivesse ouvido de não vulcanos por toda sua vida. Não é que não compreendesse a biologia da reprodução; é que nunca compreendera o que isso tinha a ver com beijar e outros estranhos toques que lera e vira em fitas de diversão.

No entanto... agora que ela amadurecera, começara a perceber que havia conexões. Ela lembrou-se de sua embaraçosa reação a Sendet. Mas ele era um homem não unido de sua própria espécie - ou ao menos de sua própria cultura. Por que Beau Deaver esperaria que ela respondesse a ele?

A memória de Sendet relembrou-a da recepção a bordo da *Enterprise*, onde ela vira Sarek e Amanda, Dr. Corrigan e T'Mir. Era possível, então. Lembrou-se do dia em que conhecera Deaver, como ele a ajudara com as crianças, como fora prazeroso estar com ele.

Sem drogas e em perfeita saúde, poderia ela responder a um homem tão diferente dela?

Eram eles tão diferentes? Do que ele os chamara - "nem um nem outro"?

Ao seu longo silêncio, Deaver disse: — Fique acordada, T'Pina. Conte-me mais sobre você. Você é uma técnica médica.

— Sim, - ela respondeu. — Vou trabalhar no hospital de Nisus por alguns anos, até me decidir em que área quero me especializar. Então procurarei por mais educação na instituição apropriada.

— Apropriada, - ele disse. — Nunca fez nada inapropriado em svia vida, T'Pina?

— Sim, - ela replicou.

— Você fez? O quê?

— De algum modo... eu nasci romulana.

Ela sentiu-o rir com isso. Humanos eram estranhos, esse híbrido de humano e órion ainda mais. Ela não compreendeu por que ele considerou seu comentário engraçado.

Antes que ela pudesse dizê-lo, ele estava perguntando: — Isso muda seus planos de alguma maneira?

— O que quer dizer?

— Não está curiosa? Pensei que curiosidade fosse a única emoção que os

vulcanos se permitissem.

T'Pina percebeu que estava curiosa; ela simplesmente não tivera tempo para pensar desde que recebera a notícia surpreendente.

Agora, talvez por causa da droga que estava saindo de seu organismo, ela começou a imaginar como poderia ser romulana. — Não sei como descobrir, - disse para Deaver. — Os romulanos são inimigos da Federação.

— Pergunte a Korsal, - Deaver sugeriu.

— Korsal? O engenheiro klingon? Por que ele saberia alguma coisa sobre mim?

— Eu não quis dizer que *ele* saberia como você chegou àquele planeta colônia vulcano. Mas os klingons lidam com os romulanos. Korsal pode saber como colocar suas perguntas através dos canais klingons e conseguir algumas respostas dos romulanos.

— Sr. Deaver, - ela perguntou, — como sabe disso?

— Não acha que sob essas circunstâncias, você poderia me chamar de Beau?

— Você está fugindo da questão.

— Ah... lógica renascida. Muito ruim. Eu gostava de você toda tonta e doce.

— Perguntei como você sabe que os klingons têm contato com os romulanos.

— Bem, - ele respondeu, — eu poderia sugerir que perguntasse aos órions, mas acho que você pode confiar mais nos klingons. Pelo menos quando eles são hostis, não fazem segredo disso.

— Oh, - ela disse embaraçada. — Você quer dizer que os órions também lidam com os romulanos?

— Órions lidam com qualquer um de quem possam tirar lucro, - respondeu. — Eles lidam com *qualquer* coisa também: armas, drogas, escravos. Quase me venderam uma vez, eles.

— ... o quê?

— Você sabe que eles vendem suas mulheres.

— Sim, todo mundo sabe disso.

— Bem, essa é a única mercadoria que tem bastante mercado nas bordas da Federação pra valer o risco. Mas nos seus planetas natais, eles vendem homens, mulheres, crianças. Eu era só um menino, mas já devia ter um pouco do meu charme devastador então. Um mercador órion chamado Zefar pensou que eu teria um alto preço para algum órion rico ou talvez uma família klingon. Botou o pai num jogo marcado. Jogar sempre foi a fraqueza fatal do pai.

Ele ficou em silêncio.

T'Pina não podia acreditar no que estava ouvindo. — Quer dizer... seu pai jogou, com você como aposta?

— Não só jogou; ele perdeu.

— Então como...?

— A mãe, - ele respondeu. — Mulheres órion não são estúpidas, sabe. Homens órion as mantêm ignorantes. Mas o pai deixava a mãe fazer o que quisesse, enquanto ela o mantivesse feliz. Ela aprendeu a usar o computador da nave pra fazer mais do que manter o lugar limpo. Quando ela descobriu o que o pai havia feito, ela foi atrás de mim, armada com tudo que a Federação tinha contra Zefar, que ela tirou do computador, e informações que conseguiu com mulheres órion.

T'Pina sentiu seus braços se apertarem à sua volta enquanto ele se lembrava do que era obviamente uma experiência dolorosa. — As coisas que ela conseguiu a colocaram dentro da nave de Zefar. Ele pensou que ela estivesse tentando chantagear ele, e ela deixou que pensasse isso. Conseguiu que me levassem da cela pra sala com eles.

— Zefar planejava matar a mãe ali mesmo - se livrar dela e me dar uma lição. Mas ele não conhecia a mãe. Ela descobriu quem eram seus inimigos, e com as informações da Federação e as histórias das outras mulheres, ela os fez saber, em troca da minha vida, exatamente como Zefar tinha enganado eles. Ela colocou Zefar cercado por três de seus piores inimigos.

— Sua mãe era muito corajosa, - disse T'Pina.

— É, - ele respondeu. — Sempre. Ela é em quem eu penso quando os órions fazem alguma coisa covarde e eu quero negar que sou um deles.

— Mas você não é... - ela começou e então, de repente, percebeu o que ele acabara de ensiná-la. — Você não é mais órion do que eu sou romulana.

Ele sorriu. — Meu ponto exatamente.

— Pensei que você era matemático, não psicólogo, - ela disse.

— Um artista dos sete instrumentos, madame, - Deaver disse. Ela moveu-se desconfortável em seus braços. — Qual o problema? - Ele perguntou.

— Não sei, - T'Pina disse. — De repente... está difícil de respirar. - Ela engoliu dolorosamente. — Talvez a droga ainda esteja trabalhando para desidratar meu corpo.

— Ou talvez, - Deaver disse, — o ar aqui está começando a acabar. Lutando, T'Pina virou-se para encará-lo. — Não podemos esperar mais.

Temos que tentar alcançar a superfície.

— E, certo, - Beau disse. — Apenas... - Sua voz desapareceu. Ela encarou-o. — Qual o problema?

— Bem, - ele começou. — Não posso... olhe, talvez seja mais fácil se eu

apenas lhe mostrar. - Ele levantou seu robe para revelar um longo e profundo corte na coxa. T'Pina engasgou involuntariamente, sua própria dor esquecida.

— Devo ter me cortado atravessando uma daquelas janelas, - ele explicou. — Dói como o diabo, e não acho que a perna seja de grande ajuda na água.

— Você deveria ter me dito, - T'Pina disse.

Deaver sorriu. — Te dar mais uma coisa pra se preocupar? E então? Não, eu estava esperando que alguém nos encontrasse e nenhum de nós precisasse enfrentar a água. Ah, bem, um belo par nós fazemos. - Ele descansou a mão no ombro de T'Pina. — Vamos? - Ele disse, apontando para a água com a cabeça.

T'Pina respirou fundo e concordou.

QUARENTA

Spock guiou o carro aéreo até onde havia identificado três vítimas da inundação. Abaixo, o veículo aquático conduzido pelo Grupo de Desembarque Sete movia-se agora que as águas estavam mais calmas.

Ele apertou o botão de comunicação. — Grupo Sete?

— Fala Chevron, Sr. Spock, - veio a resposta imediata. Esse era o técnico em computação, atrás apenas de Spock, a bordo da *Enterprise*, no que se referia a acertar os passos de um computador.

— Sabemos onde a ambulância de T'Pina está presa, - Chevron disse, dando a localização.

— A caminho.

O barco acelerou para a interseção, balançando sobre a água turbulenta.

De sua posição vantajosa, Spock e Sarek sondaram atrás de sinais de vida - e conseguiram fortes respostas em um dos prédios. — Sobreviventes no Prédio da Federação, Sr. Chevron, - Spock informou. — Por favor, faça seu grupo nos encontrar lá, no teto.

Eles marcaram o curso para o prédio. O teto era largo o bastante para permitir que o carro aéreo pousasse. Spock e Sarek pularam para fora e correram para as escadas, onde dois homens da segurança, usando roupas de mergulho, já desapareciam nas profundezas, puxando uma corda de segurança que estava bem presa na coluna do teto.

Chevron estava na porta, carregando tanques extras de ar e máscaras de respiração. Ele virou-se para os dois vulcanos e disse: — Eu diria que já temos muitos heróis. Além disso, vulcanos não foram exatamente desenhados como animais aquáticos, não é? Vocês podem ajudar a nos puxar se nos metermos em confusão.

Com isso, ele pegou sua própria ponta da corda de segurança, puxou sua máscara de mergulho para o lugar e seguiu seus colegas pelas escadas.

Sarek franziu a testa. — Insubordinação?

— Excentricidade, - Spock respondeu. — O Capitão Kirk permite uma grande liberdade de ação enquanto seus tripulantes cumpram bem seus trabalhos. O Sr. Chevron simplesmente tira vantagem disso.

— Ele é tão bom assim em seu trabalho? - Sarek perguntou.

— Realmente, - Spock concordou, — extremamente bom.

Não havia nada a fazer senão esperar. Michaels, o outro homem no grupo de desembarque, andava nervosamente pelo teto, checando a cada momento se as cordas de segurança estavam colocadas corretamente. Spock

não disse nada. Humanos eram perfeitamente capazes de mostrar tensão e funcionar perfeitamente ao mesmo tempo.

Além disso, ele entendia como o homem se sentia. Não se estava nem um pouco satisfeito em ficar ali, esperando, enquanto outros tripulantes da *Enterprise* arriscavam suas vidas nas águas geladas abaixo.

Respirando fundo, Deaver desceu do armário para a água. T'Pina ouviu-o engasgar, viu que ficava pálido quando a água bateu em seu ferimento. Mas de algum modo ele recuperou o controle, os dentes mordendo o lábio inferior.

— Tudo bem agora, - disse para T'Pina, que estava na beira do armário de metal atrás dele. Esticou-se para ela. — Me dê sua mão, e apenas deixe-se escorregar para...

Ela assustou-se de repente. — Ouça! - Disse.

— O quê?

De novo: alguém estava batendo numa superfície de metal, três batidas espaçadas.

Deaver ouviu dessa vez. Ele jogou-se de volta para perto de T'Pina e bateu três vezes no armário sobre o qual estavam.

Houve uma resposta com quatro batidas, que ele imediatamente repetiu.

Quando não houve mais batidas, ele disse: — Devem ter nos encontrado. Agora vamos sair daqui rapidinho.

Logo três pessoas em roupas de mergulho emergiram próximo a eles. Pingando água, um homem removeu sua máscara, dizendo: — Vocês estão feridos? Podem nadar?

— Nós conseguiremos, - Deaver respondeu pelos dois.

Outro mergulhador os ajudou com as máscaras e os tanques de ar. Relutantemente, T'Pina escorregou para a água gelada, onde um de seus salvadores jogou uma corda para ela e então tomou-a pela mão.

— A maior parte do caminho não está iluminada, - foi-lhes dito. — Apenas sigam a corda, e nós vamos sair. - Então o homem que falara recolocou sua máscara de mergulho, e todos afundaram dentro da água amargamente fria.

Ser capaz de respirar era uma grande ajuda, mas T'Pina sentia suas mãos e pés se tornarem dormentes. Embora sua mente estivesse mais clara que antes, seus músculos tinham menos força; seus salvadores tinham que arrastá-la com eles.

Finalmente saíram numa torre estreita ainda com água, com uma luz acinzentada filtrando-se até eles. Enquanto subiam, havia mais e mais luz, e

T'Pina percebeu que estavam numa escadaria, com um céu em retângulo sobre eles, onde a porta do teto estava aberta.

Eles emergiram e estavam nadando em direção à escada quando a água começou a girar loucamente!

T'Pina foi arremessada na direção oposta, seu tanque de ar machucando-a enquanto ela era brutalmente jogada de lado.

O líder baixou a máscara de novo e disse: — Não percam a corda!

Tudo estava caindo!

As escadas ruíram, e os degraus debaixo d'água tremeram sob eles.

A passagem aberta acima caiu sobre eles, e T'Pina tentou seguir o exemplo de seus salvadores, passando rapidamente a corda de mão em mão enquanto afundava na água.

E então o teto tremeu, forçando-os a afundar na água congelante mais uma vez, para escapar de serem esmagados pelo prédio que ruía.

Spock e Sarek sentiram o teto sob eles mover-se, um lado subindo, o outro afundando. Viram o carro aéreo vazio começar a deslizar para a água e correram para ele, tentando alcançá-lo e pular para dentro antes que afundasse.

Atrás deles, Michaels gritou: — Todo o prédio está caindo! - Saltou para o barco, caiu dentro dele e soltou as amarras.

Sarek alcançou o carro aéreo primeiro, e sensatamente não esperou para tentar puxar Spock para bordo, mas ligou os motores para colocar o carro no ar.

Spock pulou para a área de passageiro no lado oposto bem no momento em que o teto cedeu sob seus pés. Ele segurou-se no aparelho até seu pai conseguir nivelá-lo, então subiu a bordo, rapidamente colocando o cinto de segurança.

Abaixo deles, viu Michaels no sacolejante veículo aquático esticando-se para alcançar a ponta da corda de segurança que boiava na água. Ele quase caiu quando seus dedos mal a seguraram, mas as duas mulheres agarraram suas pernas e o puxaram de volta para o barco.

Então os três puxaram a corda, metros dela enrolando-se no barco antes de....

Uma cabeça apareceu na superfície!

Era um do grupo de resgate, com roupa de mergulho, mas com a ajuda das pessoas no barco ele puxou rapidamente mais corda até que trouxeram um homem de pijamas e robe para dentro do barco, envolvendo-o num cobertor e afastando-o do caminho enquanto voltavam sua atenção para os outros na água.

Uma segunda cabeça com máscara de mergulho apareceu na superfície, e

então uma terceira. Entre eles sustentavam uma mulher com uma roupa verde, seu longo cabelo negro flutuando na água.

Bolhas de ar liberadas pelo prédio em ruínas empurravam o barco enquanto o grupo de resgate lutava para colocar a mulher e a si mesmos dentro dele. Quando finalmente estavam todos a bordo, Rogers pegou o comunicador: — Pode descer essa nave para que possamos transferir os pacientes, Sr. Spock?

Ele o fez, e deixou Sarek mantendo o veículo firme enquanto saía para ajudar. Embora estivesse pálida, T'Pina estava consciente. O outro paciente, um homem, estava extremamente frio. — Beau! - T'Pina gritou mas não houve resposta.

Na água turbulenta, foram necessárias várias tentativas para que tanto T'Pina quanto o homem fossem colocados nos suportes. Lutando com a nave para mantê-la firme, Sarek passou a notícia de que T'Pina fora encontrada, viva e consciente. Quando Spock voltou ao seu assento, Sorel estava no comunicador: — Por favor, tragam T'Pina diretamente ao campo médico. - Eles seguiram em direção às montanhas, procurando cuidadosamente seu caminho em meio ao engarrafamento de carros aéreos e *hoverers* ainda ocupados em resgatar sobreviventes.

Havia barcos de todos os tipos na água, puxando os sobreviventes. Spock viu uma mulher verde órion pegar uma mulher caitian e seu bebê de cima de uma árvore para um bote. Um grupo de telaritas saltava sobre as águas numa chalupa, manobrando pelas ruas estreitas entre os prédios para tirar as pessoas das janelas. As águas desciam lentamente, as marcas da altura das águas na parede dos prédios chegando a uns bons dois metros acima do nível atual.

O pior já passara. Agora vinha a descoberta de quem estava vivo, a recuperação dos corpos dos mortos. E então o difícil trabalho de limpar e reconstruir.

Spock olhou para a paisagem afogada e imaginou quanto tempo levaria para Nisus crescer novamente.

QUARENTA E UM

No campo médico, Sorel permitiu-se sentir alívio pela sobrevivência de T'Pina. Ele foi procurar T'Kar, que estava de volta ao trabalho de enfermagem mesmo mal tendo se recuperado.

— Obrigada, Sorel, - ela lhe disse, seus olhos quentes com o alívio. — Eu irei com você.

Eles encontraram o carro aéreo e ajudaram Spock e Sarek a desembarcar os pacientes. Havia ainda muito trabalho de resgate a ser feito; eles voltaram rápido para sua nave e partiram em busca de novas vítimas.

T'Kar inclinou-se sobre sua filha. — T'Pina...

— Eu estou bem, mãe, - a jovem insistiu, tentando ficar em pé. — Beau... ele salvou minha vida. Quão grave é seu ferimento?

Sua sonda médica percorreu T'Pina rapidamente, confirmando que ela sofrerá poucos efeitos colaterais. Então Sorel voltou-se para seu companheiro, lembrando-se do híbrido humano-órion. Como T'Kar, ele fora salvo pelo soro feito do sangue de T'Pina, e mal havia se recuperado.

— Ele só está inconsciente, - Sorel assegurou — Exaustão, não por causa de seu ferimento. Deixe-o dormir. Ele se recuperará em dois dias. Enquanto isso, devemos colocá-la novamente sob a droga rigeliana, T'Pina.

Sua única resposta emocional foi piscar. Então, olhando à sua volta, ela concordou. — E claro, *Healer*.

Já que a inundação destruíra qualquer tentativa de quarentena, pessoas se afogando não hesitavam em tocar seus salvadores, nem estes consideravam a exposição enquanto as salvavam. Quando os casos de peste relacionados com a inundação começaram, o hospital de Nisus estava de volta à atividade. A tripulação da *Enterprise* emprestou seus esforços para limpá-lo da lama, encontrar e consertar os equipamentos e móveis.

A primeira tarefa era localizar e identificar os mortos. A mesma peste que afastara a atenção de todos da segurança da represa, contribuindo assim para a inundação, tinha mantido a todos, exceto uma equipe mínima, fora da área principal da cidade. Como resultado houvera menos de cinquenta mortes. A comunidade ficou de luto, unindo-se em sua tragédia como havia se separado pelo medo da peste.

Eles tiraram esperança das vacinas. Aqueles de sangue baseado em cobre não precisavam temer a morte se recebessem atenção médica imediata. Embora T'Pina não pudesse produzir sangue bastante para soro que inoculasse a todos, podiam curar cada novo caso da peste quando a vítima

era identificada. Para vulcanos, órions, rigelianos e outras raças com sangue baseado em cobre, a crise havia passado. Mas não para a outra metade da população de Nisus. Leonard McCoy colocara Korsal e seu filho mais velho de volta aos estimulantes sanguíneos, mas Karl, o menino de nove anos, não pode continuar. Não havia nada como o estimulante rigeliano para klingons; como resultado simplesmente não havia bastante soro.

Todos em Nisus perguntavam por que Korsal não chamava outros klingons para ajudá-los, mas a resposta espalhou-se rapidamente. Não apenas os klingons eram imunes, como seu sangue carregava a cura com a qual poderiam exigir um resgate da Federação. A peste era uma arma que não podiam permitir que caísse em suas mãos.

Felizmente para sua paz de espírito, eles não sabiam que já caíra.

James T. Kirk não tinha tal paz de espírito. O Capitão da *Enterprise* veio pessoalmente contar a Korsal: — O oficial de ligação da Frota em Nisus, Comandante Smythe, colocou Borth sob custódia. Ele se recusou a dizer se enviou ou não uma mensagem para o Império Klingon, mas nosso computador registrou alguma coisa em código que não podemos identificar, sendo enviado logo antes da inundação.

— Posso ver a mensagem, Capitão Kirk?

Quando Kirk a mostrou, ele disse: — Não é código klingon. Eu me recusei a entregá-lo. Isso é órion; Borth encaminhou a mensagem através de sua própria gente, mas isso simplesmente atrasará sua entrega e arriscará que alguém no sistema órion a decodifique.

— Mas irá passar, - Kirk pressionou.

— Eu gostaria de duvidar disso, Capitão.

— Passarei sua opinião para o Comando da Frota Estelar. O que acontecer a seguir depende deles. Certamente Borth será processado. Você poderá ter que testemunhar contra ele, Korsal.

— Eu sei. Capitão Kirk, não quero guerra, tanto quanto o senhor.

— Mas os órions querem; eles tentaram acabar com a Conferência de Babel, enfraquecendo a Federação, eles vêem a guerra como uma oportunidade de saquear os dois lados. Estranho... apenas cientistas dedicados vêm a Nisus. Você não é um típico klingon. Por que os órions tiveram que enviar um típico órion?

Korsal ignorou o insulto implícito aos klingons no geral, sabendo que Kirk não o pretendia, e disse: — Não acho que haja outro tipo de órion.

— Há a sua esposa, - disse Kirk. — Grande dama.

— Mulheres órions, - disse Korsal, — não são educadas, mas também não são doutrinadas. Seela cresceu em Nisus e, apesar dos esforços de Borth, parece ter absorvido o... o que os vulcanos chamam de IDIC, em vez da

auto-absorção órion.

— Você está certo, - disse Kirk. — De fato, entre as fotos que nossas naves de resgate tiraram automaticamente, há algumas que você vai querer ver, de Seela resgatando outras pessoas.

— Quer dizer... ela saiu na inundação?

— Em um pequeno barco, - Kirk lhe disse. — Parecia feito em casa.

— Eu o construí com meus filhos, - disse Korsal. — Seela odeia sair de barco; ela tem pavor de se afogar.

— Bem, aparentemente ela tem mais medo por outras pessoas em meio à inundação, - Kirk disse. Ele sorriu, e olhou para as duas camas vazias no quarto. Os filhos de Korsal finalmente estava fazendo sua tão esperada visita à engenharia. — Eu diria que você tem toda uma família de heróis, Korsal.

QUARENTA E DOIS

O hospital estava superlotado. Então, como poucos vulcanos e outros de sangue baseado em cobre caíram doentes, Sorel tirou T'Pina do estimulante sangüíneo e a colocou para trabalhar no laboratório. Ao menos todos de herança miscigenada haviam sido vacinados; não havia nenhuma nova variedade da peste, nenhuma necessidade de isolar as crianças. O chefe do laboratório tivera tempo para ensinar a T'Pina sua metodologia, e logo havia relatórios promissores sobre o progresso da jovem.

Os bioquímicos começaram a tentar sintetizar os fatores de imunidade do sangue romulano e klingon, mas esse projeto poderia levar meses, possivelmente anos. Enquanto isso, humanos, caitians, lemnorianos e outros com sangue baseado em ferro enchiam as camas do hospital. A equipe médica trabalhava dobrado enquanto voluntários assumiam os trabalhos que não necessitavam de treinamento ou apenas de treinamento mínimo.

Beau Deaver voluntariou-se. Em algum lugar de seu passado confuso, ele tivera treinamento paramédico; serviu como motorista de ambulância e atendente, mas finalmente insistiu em demonstrar que poderia encontrar e furar uma boa veia em praticamente qualquer um, de qualquer raça, e Sorel pressionou o Dr. Sertog, o médico chefe de serviços, para colocá-lo tirando sangue - mesmo que o *healer* soubesse que o motivo primário de Deaver era ver T'Pina quando ia entregar as amostras no laboratório.

Talvez Sorel compreendesse a atração de Deaver por T'Pina por causa de sua própria atração pela mãe de T'Pina.

No Hospital da Academia Vulcana, Sorel trabalhara com um grande número de enfermeiras, todas eficientes, todas treinadas. Com T'Kar, no entanto, ele encontrou uma sintonia que só conhecera com seu sócio, Daniel Corrigan. Palavras nem sempre eram necessárias; o trabalho de equipe se elevava ao nível de coreografia.

Junto com a peste, os ferimentos e doenças comuns em uma cidade desse tamanho continuaram. Era quase refrescante unir-se a Daniel na cirurgia de um vulcano que havia sofrido ferimentos durante a inundação.

Na sala de operações, Sorel estava em leve sintonia com o paciente, assistindo Daniel na cirurgia física enquanto T'Kar servia como enfermeira. Era imaginação - algo que Sorel nunca acreditou possuir - ou esse era o mais suave trabalho de equipe de três que Sorel jamais experimentara?

Deixando T'Kar para colocar o paciente na recuperação, Sorel e Daniel saíram para o mundo perseguido pela peste, fora da cirurgia. No entanto,

antes que passassem pelas portas para a realidade desagradável, Daniel parou. — Bem? - Perguntou.

— Isso é uma pergunta? - Sorel respondeu.

— Vamos lá, amigo, - disse seu sócio humano. — o que vai fazer em relação a T'Kar?

— Fazer em relação a ela?

Daniel colocou as mãos na cintura, olhos azuis rindo para Sorel. — Se você não a pedir em casamento, eu vou pedir por você.

— Daniel!

— Eu tenho o direito, - Daniel indicou. — Sou seu genro, lembra? T'Mir concorda comigo. Se não se aproximar de T'Kar, *nós* vamos. Sorel, ela é perfeita para você... e além disso, eu a quero na *minha* cirurgia!

— T'Kar mora aqui, em Nisus, - Sorel salientou.

— Ela nasceu em Vulcano, cresceu lá, - Daniel disse. — Sua filha pode escolher ficar aqui ou voltar a Vulcano como lhe convier, e me parece que T'Pina escolherá um companheiro para si logo, logo. Você não tem nenhuma razão para adiar, Sorel. Na verdade, se você o fizer, pode perder sua chance. Não acha que há outros homens que percebem T'Kar como uma ótima conquista?

— Uma conquista? Isso não é devido a uma competição? - Sorel perguntou, familiarizado com a expressão. — "Qual a conquista"?

— Significado diferente, - Daniel disse. — Nesse sentido significa uma boa escolha, mas uma que significa desafio conseguir.

— Linguagens ilógicas humanas, - Sorel comentou.

— E você está sendo lógico? Ficando aí, discutindo comigo quando deveria estar levando T'Kar às nuvens?

— Esse não é o método vulcano de propor casamento.

— Oh? - Daniel disse, olhos brilhando. — Diga isso à sua filha. Ela certamente me levou!

Era inútil discutir mais. Sorel conhecia bem seu sócio: se ele não propusesse casamento a T'Kar pessoalmente, Daniel iria cumprir sua ameaça.

Não se sentindo muito dono de si, Sorel foi procurar por T'Kar. Ele a encontrou deixando o paciente na recuperação. Parando para pegar dois copos de suco de fruta de um terminal no corredor, Sorel ofereceu um a T'Kar como forma de cumprimento. — Você trabalhou admiravelmente na cirurgia, - disse.

— É um prazer trabalhar com você e Daniel, - ela respondeu. — Sei agora por que vocês são a melhor equipe médica de Vulcano.

— Depois de hoje, - Sorel aproveitou a abertura, — se não estiver

conosco, sentiremos como se a equipe estivesse com um membro faltando.

Os olhos dela encontraram os dele. — Sorel...

— T'Kar, venha comigo para o jardim.

O hospital fora desenhado com pequenos jardins aqui e ali, para dar a pacientes e pessoal fácil acesso ao ar fresco. Tudo que havia sido feito por esses jardins desde a inundação fora a limpeza da lama de seus pavimentos e bancos. Onde houvera plantas, agora havia apenas barro seco.

Mas havia um quente sol de primavera, e quando Sorel olhou dentro dos quentes olhos azuis de T'Kar, ele não precisou de flores para tornar o mundo um lugar agradável para se estar.

Sentaram lado a lado no banco, sem se tocar, e Sorel bebeu seu suco enquanto procurava as palavras. O vazio em sua mente ansiava por ser preenchido por uma união com T'Kar mas ele não sabia como dizer isso.

T'Kar escudava seus pensamentos cuidadosamente; sem tocá-la, mesmo o forte PES de Sorel não poderia ler através de suas barreiras. Ele era forçado a depender de palavras.

— T'Kar, - ele disse suavemente, — se lhe parece tão lógico como o é para mim, eu me unirei a ti.

Os olhos dela sorriram, embora seu rosto permanecesse sério. — Sorel, isso não é lógico, mas... não, - ela completou rapidamente quando ele ia interromper para explicar a lógica, — não diga mais nada. Você me impõe uma grande dificuldade. Meu lar é aqui, e o seu é em Vulcano. Suas crianças estão crescidas e casadas, mas minha filha não é unida e está em tumulto devido às recentes descobertas em relação à sua ancestralidade.

— T'Pina tem um controle excepcional para alguém tão jovem, - Sorel indicou. — Nenhum vulcano ficaria menos que honrado de tê-la como membro de sua família.

— Mesmo assim, ela precisa de meus conselhos enquanto decide o que fazer. Aqui em Nisus, nunca haverá questionamento quanto ao seu valor. Em Vulcano...

— Vulcano exilou aqueles que se recusaram a aceitar o conceito da IDIC, - Sorel lembrou. — T'Pina não precisa temer falta de aceitação, especialmente em ShiKahr. Meu sócio e genro, Daniel Corrigan, é aceito como vulcano, mesmo pela própria T'Pau.

T'Kar balançou sua cabeça. — Sorel, por que você precisa discutir? Não é uma questão de lógica.

— Eu... não compreendo, - ele disse sem emoção, compreendendo apenas que ela parecia estar recusando-o.

— Isso não é lógico, - ela repetiu. — Minha filha deveria ser minha maior preocupação até que assimilasse o conhecimento sobre si mesma. Eu

não deveria estar pensando em mim, e anda assim você entra em minha vida agora, e não no momento mais apropriado. Eu não posso adiar; você deve ter uma esposa.

— Não é uma emergência, - ele lhe assegurou.

— Mas eventualmente, se eu recusar, você deverá unir-se a outra. Eu não desejo que se una a outra, Sorel. É por isso que digo que não é lógico. Eu... me unirei a ti.

Foi tão de repente, tão inesperado que por um momento ele não percebeu que ela lhe concedera seu pedido. Então, sem se atrever a dizer outra palavra desajeitada, ele levantou a mão, dois dedos esticados. T'Kar tocou-os com seus dedos, e ele sentiu seu carinho, quente com promessas.

— Quando? - Ele perguntou.

— Logo, - ela respondeu. — Tão logo a emergência acabe para que possamos planejar um tempo quando você e eu, T'Pina, T'Mir e Daniel possamos estar juntos sem medo de interrupções.

— Sim, - ele replicou. — E, T'Kar, não há nenhuma necessidade que eu corra de volta a Vulcano no primeiro transporte disponível. Nós ficaremos em Nisus até que você esteja certa de que sua filha não precisa mais de seus conselhos. - Ele sorriu, vendo o sorriso de resposta dela libertar-se, apenas para ele. A causa era mesmo suficiente.

QUARENTA E TRÊS

Korsal estudava os escritos do humano - Chaucer, como era chamado - quando o Capitão Kirk apareceu na porta. — Há algumas pessoas aqui que gostariam de vê-lo, se estiver se sentindo bem, - disse.

— Estou bem, - respondeu. — Por favor, peça que entrem.

Ele reconheceu T'Pina, embora nunca houvessem se encontrado formalmente e conhecia Beau Deaver, um gênio matemático que frustrava o engenheiro por não se importar se havia alguma aplicação prática para suas descobertas brilhantes. Eles eram as última pessoas que esperava.

T'Pina aproximou-se de Korsal hesitantemente. — Caro Mestre Korsal. Eu lhe peço um favor.

— Qualquer coisa a meu alcance, T'Pina, - ele respondeu. — Sei pelo que tem passado. E por favor, não seja tão formal. Sem títulos aqui. O que posso fazer por você?

Ela olhou para Deaver e disse: — Beau... o Sr. Deaver... disse que você poderia saber como descobrir— como eu posso ser romulana. Que os klingons têm relações diplomáticas com os romulanos, então...

O Capitão Kirk virou-se abruptamente ao ouvir isso. — Essa informação é secreta, Deaver. Os klingons não deveriam saber que nós sabemos que eles têm uma aliança com os romulanos. Como *você* ficou sabendo disso?

— Pelos órions, - Deaver respondeu, — quando eu era uma criança flutuando pelas fronteiras da Federação. Todo mundo sabia nos ambientes em que minha família vivia.

— Não se preocupe, Capitão, - disse Korsal. — Eu não estou em posição de informar isso. T'Pina, - completou, — temo que todos os canais para o Alto Comando Klingon estejam fechados para mim. Entretanto, posso lhe contar qual costume romulano poderia ter levado ao abandono de uma criança num planeta inimigo.

— Por favor, me conte. - Os olhos da garota se abriram, suplicando, embora no resto ela mantivesse o controle vulcano.

— Tanto klingons quanto romulanos se importam muito com suas famílias, - Korsal explicou, — mas os romulanos tem uma tradição de se vingarem de feudos entre famílias através do roubo de uma criança, uma criança importante, o herdeiro de uma grande dinastia, ou uma criança cujo casamento poderia um dia cimentar uma aliança entre famílias poderosas. O método básico é matar a criança e mandar seu corpo para os pais. Mas a criança pode ser abandonada entre criminosos. E se crescer como fora-da-lei, eventualmente é identificada para a família, para causar-lhes vergonha.

— A menos praticada, mas mais devastadora forma dessa prática, é roubar a criança de seu inimigo e colocá-la de algum modo com um inimigo maior e mais forte, onde você não teria possibilidade de recuperá-la, mas pode vê-la crescer entre pessoas que odeia, sendo ensinada a odiá-lo.'

— T'Pina, - Korsal continuou, — acredito que você é uma vítima dessa prática. Nós todos ouvimos falar sobre suas origens nesses últimos dias como você foi encontrada depois da destruição da Colônia Vulcana Cinco. Esse planeta está bem longe da Zona Neutra; o ataque não seria um aviso para a Federação manter-se afastada de um território em disputa.

— Eu só posso especular, mas era uma colônia pequena. O ataque poderia ter sido feito por membros de uma dinastia romulana que a houvesse roubado de seus inimigos. Matando a todos menos as crianças, eles garantiam que essas crianças sobreviventes seriam levadas de volta a Vulcano, bem dentro da Federação. Sabendo que vulcanos a adotariam, eles a colocaram onde seus pais verdadeiros não teriam chance de reavê-la. Se eles algum dia souberam o que lhe aconteceu.

T'Pina sentou-se em silêncio, como se tentando assimilar tudo que ele lhe contara. — Então nunca poderei descobrir quem são meus pais biológicos.

— Temo que não, - Korsal disse. — Isso não é algo que os klingons possam investigar para você, mesmo se estivessem dispostos. E pelo que sei, a Federação não tem qualquer ligação com os romulanos.

Kirk o estava encarando. — Mas os klingons têm há muito tempo, certo? Não é uma aliança nova.

— Nova? Oh, não... klingons encontraram os romulanos logo depois que aperfeiçoaram a viagem espacial!

— Capitão Kirk! - Korsal aprendera a reconhecer a voz da Oficial de Comunicações Uhura pelo comunicador.

— Fala Kirk, - o Capitão respondeu, abrindo uma janela no terminal de Kevin. Uhura parecia bem desconfortável.

— Capitão, estamos sendo contatados pelo cruzador imperial klingon *Star Blaster*.

— Pode ligar, - Kirk instruiu, sua própria ansiedade aparecendo.

A tela tremeu e a cena da ponte foi substituída pela imagem do busto de um capitão klingon. — Kirk, - ele disse, — eu sou Kef, comandante da *Star Blaster*. Estamos procurando... - De repente, os olhos escuros na tela passaram por Kirk, para Korsal. — Ah... Korsal. É você que procuramos. Você está doente? Por que não recebemos seus relatórios há tanto tempo? - Kef inclinou-se. — Por que precisamos saber sobre os eventos em Nisus pelos órions?

QUARENTA E QUATRO

James T. Kirk encarou o capitão klingon na tela.

— Eu... não estou doente, - Korsal estava dizendo a Kef.

— Então por que você está na enfermaria de uma nave estelar da Federação?

Korsal manteve-se em silêncio.

Kef perguntou: — Por que se recusa a falar, Korsal?

— Não posso, - Korsal respondeu.

O capitão klingon franziu a testa. Seus olhos passaram para Kirk e de volta a Korsal. — Fale. Eu lhe ordeno.

— Não posso, - Korsal repetiu. Sacudiu os ombros. — Fazer isso poderia envolver a Federação e o Império Klingon numa guerra de tal desonra e desespero que quando os filhos de nossos filhos nos encontrassem na Frota Negra, eles não lutariam com nossos inimigos, mas procurariam se vingar de nós.

Kef pesquisou o rosto de Korsal. Quando ficou óbvio que ele não falaria, Kef exclamou: — Seu tolo! Você e aquele *khesting* órion pensam que têm alguma nova e desconhecida doença em Nisus. Nós sabemos o que é, e que somos imunes a ela.

— Você também sabe, - Korsal perguntou sem emoção, — que o sangue klingon pode ser usado para imunizar pessoas de outras raças?

Kef o estudou. — Você estava... nos protegendo? É isso, Korsal?

— Sim. Controlamos a epidemia em Nisus. Ninguém que tenha sido exposto deixará Nisus antes de ser imunizado. Não haverá uma epidemia na Federação. Não haverá uma... demanda de sangue klingon.

Kirk intrometeu-se: — Kef, como sabe tanto sobre a peste? Se Borth pretendia vendê-la, ele não iria lhe dar informação bastante para localizar a fonte.

O klingon sorriu, mostrando a ponta dos dentes. — Era por isso que queria que Korsal me contasse. Agora vocês sabem que quebramos o último código da Frota e já que informarão esse fato ao Comando da Frota Estelar, nós teremos que nos preocupar em decifrar o próximo.

Kirk teve que sorrir em resposta. — Estamos empatados. - Então tornou-se sóbrio. — Agora que já sabe sobre a doença, podemos pedir sua ajuda? Como Korsal disse, a epidemia está controlada. Não está acabada. Podemos apenas tratar casos críticos com o suprimento de soro que temos. E antes que qualquer um deixe Nisus, eles precisam ser imunizados.

Para a surpresa de Kirk, Kef respondeu imediatamente: — Sim, minha

tripulação doará o sangue necessário.

— Por quê? - Kirk perguntou, suspeitando de uma vitória fácil.

— Talvez nós prefiramos doar nosso sangue em vez de vocês pegá-lo, - Kef replicou.

— Nós não...

— Capitão, - disse Kef, — para salvar vidas da Federação? Se a situação fosse inversa, se vocês não nos ajudassem, você não esperaria que eu *tirasse* seu sangue para salvar vidas klingons? Você iria se voluntariar, não iria?

— Eu esperaria, - Kirk respondeu, — que minhas razões fossem menos cínicas. Eu acredito, Capitão, que as suas são também.

— As doações já estão sendo recolhidas, - Kef disse, ignorando a tentativa de Kirk de amenidades. — Nós também temo a fórmula para sintetizar o fator de imunidade, mas o processo leva vinte dias. Enquanto isso, vocês podem parar a peste com o soro. O primeiro sangue está pronto para ser transportado.

Kirk deixou Uhura transferir as comunicações para McCoy enquanto Kef colocava seu oficial médico chefe em contato com o médico da Federação.

Enquanto isso acontecia, Kirk voltou-se para Korsal. — O que você acha?

Korsal sorriu, nenhum dente aparecendo. — Acho que talvez klingons e humanos não sejam tão diferentes.

— Então por que você tinha medo de informar sobre a doença?

— *Porque* nós não somos tão diferentes. Entre nossa gente existem aqueles que usariam essa doença como uma arma. Se eu soubesse que minha gente já possuía os meios de cuidar dela, eu teria pedido ajuda imediatamente.

Mas Kirk ainda estava insatisfeito. Quando Kef voltou à tela, perguntou: — Você veio a Nisus agora por causa da mensagem que Borth lhe enviou?

— Não. Se soubéssemos sobre a peste, teríamos vindo bem antes e trazido um suprimento de soro sintético. Estamos aqui porque as transmissões de Korsal pararam abruptamente trinta dias atrás. Os avanços tecnológicos feitos em Nisus, mesmo que não militares, tem sido muito valiosos para o Império Klingon. Não queremos que a cooperação científica entre a Federação e o império acabe.

— Quando o império não pode contatar Korsal, fomos enviados para descobrir o porquê. No caminho, recebemos a comunicação de Borth -mas quando chegamos ao alcance de radio subespacial, decodificamos suas transmissões e descobrimos que sua peste era o que suspeitávamos.

— E aconteceu de você ter em seu computador a fórmula para sintetizar o soro? - Kirk perguntou.

— Nosso oficial médico chefe a conhecia, é claro.

— É claro? - Perguntou Kirk. — Por que é claro? Kef, vocês são *imunes* a essa coisa! Por que seu OMC conhece a fórmula da cura?

— Capitão... - Korsal protestou.

Kef sorria de modo sardônico. — Você merece sua reputação, Kirk. Você está certo; esse vírus mutante é bem conhecido no Império Klingon, mesmo que a maioria de nós seja imune a ele. Pergunte a Korsal. Ele pode não reconhecer sua estrutura genética, mas todo klingon sabe sobre a peste imperial. - A tela ficou branca.

Kirk virou-se para Korsal. — Muito bem, fale. O que é essa peste imperial?

Para seu desagrado, Korsal estava rindo. Mas era a risada dolorosa da ironia. — Se é isso que nossa peste de Nisus é na verdade, o Império Klingon certamente não pode usá-la como arma.

— Por que não? - Kirk perguntou.

— Porque a raça imperial klingon não só não é imune a ela, como rejeita anticorpos de outro sangue klingon. Todos que entram no Império Klingon devem ser imunizados contra a peste imperial, para que nossos líderes não sejam expostos. Para eles, ela é mortal. Você viu quão rápido as piores variedades matam - nos vinte dias que leva para sintetizar a única cura que eles podem usar, a maioria estaria morta.

A raça imperial. Kirk sabia que a verdadeira liderança do Império Klingon nunca fora vista nos territórios neutros à beira da Federação, embora eles tivessem sido vistos nos dias do Primeiro Contato. Ele vira velhas fitas de homens com testas nodosas, que usavam cabelos mais compridos do que os klingons que ele conhecia.

— Mas por que você não reconheceu a peste? - Kirk perguntou.

— Eu lhe disse: todo não-klingon entrando no império é imunizado rotineiramente. Essa doença não é vista no Império Klingon há gerações, e como Kef disse, meu campo não é medicina. Um de seus médicos reconheceria um caso de, vamos dizer, varíola, mas e você, um capitão de nave estelar?

— Suponho que você esteja certo, - Kirk admitiu. Ele começou a relaxar.

— Ao menos não temos que nos preocupar com Borth agora; ele não tem nada para vender. Korsal, confio em você. E acho que posso confiar no próprio auto-interesse de Kef.

Enquanto dizia isso, o Sr. Scott chegou com Kevin e Karl. Os dois meninos conversavam com excitação, mas sentaram-se na cama de Kevin quando Scott perguntou: — Quem é Kef?

— O Capitão klingon da uma nave cuja tripulação está pronta a doar o

sangue para acabar com a peste, - Kirk o informou, divertindo-se em ver a surpresa de seu engenheiro chefe.

Scott olhou de Korsal para seus dois filhos, então para T'Pina e Beau na porta. — Salvos por klingons e romulanos. Klingons na Academia da Frota Estelar. Capitão, nós não estamos em meio a uma estranha anomalia espacial, estamos?

— Não, Scotty, - Kirk lhe assegurou, e explicou a situação. Então se voltou para Kevin, que ouvia avidamente. — Você, jovem, parecer ter uma escolha novamente.

— Ainda quero ir para a Academia da Frota, - o rapaz respondeu. Então, olhando para seu pai, - Ao menos para experimentar.

— Talvez, - Kirk disse, - quando for a hora de você se graduar, nós tenhamos uma verdadeira aliança em vez de apenas uma paz armada com a gente de seu pai. O que está acontecendo em Nisus certamente contribui para isso.

— Espero que sim, senhor, - Kevin respondeu.

Kirk virou-se para T'Pina e Deaver. — Se conseguirmos melhores relações com os klingons, - ele sugeriu à garota, — você pode ser capaz de descobrir mais sobre sua ancestralidade.

— Talvez, - ela disse, e apesar do controle vulcano, ele ouviu a pungência em seu tom. Beau Deaver colocou uma mão em seu ombro. Ela não o afastou, mas virou-se para olhá-lo nos olhos. — Por favor, Beau, não faça isso.

— T'Pina, você *tem* uma família, - o homem disse. — Quem se importa com sua ancestralidade? Você é completa em si mesma, alguém que quero conhecer melhor, se me permitir.

Dessa vez ela avançou para remover a mão intrusa. — Estou honrada em chamá-lo de amigo, Beau, mas com minha mãe se casando novamente, eu devo começar a tomar minhas próprias decisões.

— Você decidiu voltar a Vulcano? - Ele perguntou.

— Não. Ficarei em Nisus.

— Bem, então, - Deaver disse com um sorriso desarmante, — isso me dará tempo e oportunidade.

O Dr. McCoy chegou quando T'Pina e Deaver saíram, dizendo: — Korsal, está livre para ir quando se sentir bem, o mesmo para vocês meninos.

— Obrigado, Doutor, - Korsal disse, saindo da cama. — Ficarei feliz em voltar ao trabalho. Kevin, esses planos em que estivemos trabalhando para melhorar as seguranças da represa...

— Se estivermos certos, não haverá outra inundação como essa, - o rapaz respondeu, tirando seu disco do computador.

Kirk foi para o escritório de McCoy, porque tinha notícias para o médico depois que ele completasse a checagem nos klingons na enfermaria. Encontrou Spock ali, estudando um diagrama no computador médico. — A cura?

Spock concordou. — A cura, Capitão. É uma neuro-hemoglobina; pode ser sintetizada tanto para sangue baseado em ferro quanto em cobre. - Ele levantou os olhos. — Providenciado pelos klingons.

— Então a Epidemia IDIC se espalhou, - Kirk observou.

Uma das sobrancelhas de Spock levantou-se por um momento, e então ele compreendeu o que Kirk queria dizer. — Sim, infinita diversidade pode ter fornecido um terreno de crescimento para a doença, mas também providenciou cura. Não apenas essa. T'Pina. Korsal. Todas as pessoas que vieram ajudar.

McCoy uniu-se a eles, ouvindo o que Spock acabara de dizer. — É uma pena que não fiquemos mais tempo em Nisus. O soro adicional curará todos os pacientes críticos que restam. Em vinte dias teremos o soro sintético e poderemos imunizar todos entre passageiros e tripulação, e seguir com nossa missão.

— Ficarei feliz com isso, - Kirk disse. — Estou pronto para despejar Sendet e o resto daquele bando e voltar ao nosso trabalho. O que me lembra, puxei alguns cordões na Frota, Magro, e consegui que Geoff M'Benga fosse designado para a *Enterprise*. Quando partirmos, ele virá conosco.

As sobrancelhas de Spock saltaram. — Você conseguiu um médico que realmente estudou fisiologia vulcana?

— Fisiologia *vulcana*, talvez, - McCoy retorquiu. — *Eu sou* ainda o especialista residente na *sua*.

— Devo cuidar, - Spock disse solene, — para evitar precisar de tal conhecimento.

— Um cuidado com o qual nunca foi muito bem sucedido no passado, - McCoy indicou. — Bem, talvez eu deixe Geoff praticar em você. Ele diz que você é um clássico, Spock.

— Mesmo? - As sobrancelhas se ergueram de novo.

— Um caso clássico de protelação, é o que vocês dois são! - Kirk disse, na verdade feliz demais em ver Spock e McCoy relaxados o bastante para atirarem farpas um contra o outro novamente. — Estou cansado de orbitar Nisus.

Foi até o intercom. — Engenharia.

— Fala Scott. - respondeu o engenheiro.

— Apronte essas máquinas, Scott. Saímos de órbita em vinte dias. Kirk desliga. - Então se virou para seus dois amigos mais chegados. — Bem, por

que estão parados aí? Vocês têm um soro para sintetizar e eu tenho uma nave para comandar. Vinte dias, senhores; vinte dias e nem um minuto a mais!



Glossário Star Trek



Este Glossário contém nomes e termos específicos mencionados neste livro. Procuramos destacar os nomes próprios que tenham alguma importância na trama e os termos técnicos mais frequentemente mencionados na série Jornada nas Estrelas. Os conceitos científicos deste Glossário fazem parte do universo ficcional da série, não devendo, portanto, serem confundidos com os conceitos científicos reais abordados no Glossário Cultural.

ACADEMIA: Centro de treinamento e formação dos oficiais da Frota Estelar. Um dos seus testes mais conhecidos é o *Kobayashi Maru*, um exame prático que testa a capacidade de comando e o caráter daqueles que almejam o posto de capitão de nave estelar. Durante a missão de cinco anos da *Enterprise* a direção da Academia ficou a cargo do almirante Heihashiro Nogura.

ACADEMIA VULCANA DE CIÊNCIAS: Localizada na cidade de ShiKahr, capital do planeta Vulcano, a Academia é conhecida através da Galáxia por seus estudos e pesquisas em todas as áreas do conhecimento. Devido às suas habilidades telepáticas, os vulcanos naturalmente estão interessados nos poderes da mente. A Academia Vulcana investiga também isto, de maneira científica, embora coexista com uma corrente mística bem desenvolvida.

AHN-WOON: Arma vulcana utilizada em caçadas e rituais desde a "Época do Início". Como a boleadeira dos gaúchos, tem pedras amarradas nas pontas de uma tira de couro.



ANDORIANO: Os andorianos são uma raça humanóide que habita o Sistema Épsilon Indi. Foi a terceira civilização inteligente contactada pelos exploradores terrestres. Devido ao elevado nível de cobalto em seu sangue têm pele azul e cabelos brancos. Possuem duas antenas na

cabeça que funcionam como verdadeiros ouvidos. São guerreiros fortes, prepotentes e arrogantes.



CAITIAN: É uma raça membro da Federação, felina, bípede, com uma grossa juba laranja, rabo comprido e grandes olhos dourados que permitem uma excelente visão em baixa luminosidade. Sua audição capta frequências fora do alcance de outros humanóides. Extremamente cooperativos e inteligentes, são tripulantes altamente requisitados pelas naves da Frota Estelar.

CONFERÊNCIA DE BABEL: Durante a discussão sobre a admissão ou não do sistema Coridan pela Federação, a *Enterprise* recebeu a missão de transportar para o planeta neutro Babel um grande número de diplomatas que iriam para a conferência que decidiria sobre a controversa questão. Terra e Vulcano apoiavam a admissão a fim de proteger a população do sistema dos ataques dos piratas orianos que desejavam cristais de *dilithium*, abundantes na região. Na viagem, um grande número de incidentes ocorreu, (inclusive o assassinato do embaixador tellarita Gav, tendo o embaixador vulcano Sarek como principal suspeito). Mais tarde, descobriu-se que os incidentes haviam sido causados pela interferência e sabotagem dos orianos.

CONSELHO DA FEDERAÇÃO: Órgão de maior autoridade da Federação de Planetas que constantemente avalia suas próprias decisões. O Conselho se autofiscaliza e se autogerencia. Fazem parte dele as mentes mais sábias da Federação, o que inclui diplomatas, educadores, dirigentes, cientistas e outros profissionais.

DATAPAD: Prancheta de dados com a qual pode-se fazer anotações em qualquer localidade da nave e que pode ter conexão com o computador central. Uma espécie de computador portátil extremamente sofisticado, mas de utilização simples.

DISRUPTOR: Arma klingon, similar ao phaser padrão da Frota Estelar.



FEDERAÇÃO DE PLANETAS: Organização política, econômica e social, fundamentada no conceito da diversidade, com

diferentes mundos, raças e culturas. Reconhece os direitos individuais de todos os seres à autodeterminação, o direito de escolher e seguir seus próprios destinos. Seus membros não podem interferir com o desenvolvimento natural de qualquer cultura. Seus membros fundadores são os planetas: Terra, Vulcano, Tellar, Andor e Alpha Centauri.

FILOSOFIA DE SURAK: O planeta Vulcano passou, nos primórdios de sua história, por um período sangrento no qual diversas tribos digladiavam-se na busca da soberania do planeta. Surak, um filósofo, historiador e político, usando seu carisma e seus imensos poderes mentais, iniciou uma campanha para substituir as emoções pela lógica. Graças a essa filosofia, baseada na "disciplina lógica", é que os vulcanos conseguiram escapar à auto destruição e floresceram como uma das raças mais inteligentes, sábias e pacíficas do Universo. Os dissidentes que não aceitaram a filosofia de Surak, emigraram de Vulcano e acabaram fundando o Império Romulano.



FROTA ESTELAR: Uma divisão de segurança e pesquisa da Federação de Planetas que controla a navegação espacial. Frequentemente toma decisões no tocante ao bem-estar das civilizações. Apesar de ser taxada de braço militar da Federação, a Frota é controlada por leis muito rígidas como, por exemplo, a chamada Primeira Diretriz, que proíbe a interferência física, política ou ideológica em outras civilizações.

FROTA NEGRA: Para onde vão os guerreiros mortos com honra. O "céu" klingon.

GURNEY: Macas de rodas com encosto levantado como uma "chaise-long".

HEALER: Médico vulcano que cuida tanto da mente quanto do corpo das pessoas. Usa conhecimentos médicos tradicionais para tratar da parte física. Tem grande poder telepático, usando-o para cuidar da parte emocional e psíquica das pessoas, através de elos mentais.

HIPO: Contração de hipospray, a seringa para aplicação de injeções subcutâneas.

I.D.I.C. : Símbolo e base da filosofia do planeta Vulcano, estabelece que a "Suprema Glória da Criação está em sua Infinita Diversidade em Infinitas Combinações".

KAHS-WAN: Na idade dos sete anos, o jovem vulcano deve sofrer um rito de passagem: o *kahs-wan*. Esse teste de maturidade é, na verdade, um curso de sobrevivência, onde o jovem deve passar no máximo dez dias no deserto.

KATRA: O "conhecimento" de uma pessoa, tudo que ela foi e sabia, para a filosofia vulcana. Deve ser transferida para uma pessoa de confiança no momento da morte para ser posteriormente depositada num dos pavilhões do complexo nas montanhas de Gol sob os cuidados dos Mestres do Kolinahr.



KLINGONS: Raça tipicamente agressiva e expansionista, representa a maior ameaça militar para a Federação de Planetas. O planeta natal dos klingons foi sacudido, durante séculos, por uma brutal guerra civil, até que, 400 anos antes da formação da Federação de Planetas, um poderoso líder, Kahless, "o Inesquecível", uniu as tribos guerreiras. Iniciou um período de conquistas e dominações com o mote "Todos e tudo o que nós encontrarmos é nosso para comandar". O Império Klingon, preponderantemente militar, é constituído por vários planetas sob um regime violento e ditatorial. A guerra é o conceito central da religião klingon - um complexo código de ritual, honra e crueldade - e tem suas bases firmadas na conquista de outros planetas. Seus objetivos se chocam diretamente com os interesses da Federação. Várias vezes naves da Frota Estelar, incluindo a *Enterprise*, tiveram confrontos com os cruzadores de batalha klingons. Entretanto nunca ocorreu uma guerra interestelar, graças ao Tratado de Paz Organiano, firmado pelas duas partes.

KLINZHAI: Planeta natal dos klingons.

KOLINAHR: O filósofo e líder vulcano Surak estabeleceu um método de disciplina, uma complexa combinação de exercícios mentais e físicos auto-impostos que possibilitam a descoberta e um senso de aperfeiçoamento, realização e serenidade. O ritual final ligado com esta disciplina é o *Kolinahr*, a queda final das emoções, só conseguido através do domínio da mente após um árduo treinamento físico e mental. Surak, na realidade, pregava o controle da emoção, não sua supressão; seus seguidores, no entanto, se viram obrigados a tornar a disciplina mais rígida para prosseguir com a doutrina na cultura de um povo acostumado à violência. O *Kolinahr io* instituído pelos Mestres de Gol para expurgar totalmente a emoção e fazer prevalecer os conceitos de Surak. Representa a retirada dos medos e necessidades do corpo e a união harmônica com a Mente Universal, o encontro da perfeita lógica.

KUNAT KELIFE: A cerimônia conhecida como *Koon-ut-Kal-if-fee* ("casamento ou desafio") é feita em um terreno específico para esse propósito. Através de um acordo de casamento entre as famílias, os meninos e as meninas predestinados realizam um ritual telepático que produzirá uma compulsão para que o macho faça uma jornada até o local do *Koon-ut-Kal-if-fee* durante seu período de *pon farr*. A fêmea envolvida escolhe entre *Kal-if-farr* (casamento sem desafio) ou *Kal-if-fee* (desafio, com dois rivais machos lutando até a morte pela fêmea).

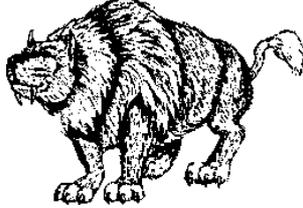
OFICIAL DE PROTOCOLO: Especialista do Conselho da Federação versado nas regras, tratados e culturas dos planetas membros da Federação, e que fala em nome dela. Uma de suas funções é acompanhar o desempenho de oficiais da Frota Estelar, mas sem ter um posto.

ÓRION: O planeta natal dos orianos fica próximo do Sistema Rigel. Para a Federação, os orianos são ladrões e piratas, entretanto eles sentem que podem pegar qualquer coisa simplesmente porque acham que têm esse direito. Por isso, nunca permitiram a visita de missões diplomáticas em seus mundos. A Federação os consideram um perigo para culturas que não desenvolveram as viagens espaciais.

PHASER: Armamento básico da Frota Estelar, que sobrepujou o antigo *laser*. É usado em armas portáteis para defesa pessoal; canhões de pequeno porte e em bancos de armazenamento de astronaves para ataque e defesa em manobras no espaço.

PON FARR: Durante o período conhecido como *pon farr* - uma espécie de ciclo de reprodução vulcana, o macho deve se reunir à fêmea para o acasalamento. Na época do *pon farr* de Spock, a mulher vulcana podia optar pelo combate, rejeitando o homem a quem foi prometida e escolher um campeão para lutar por ela e tomá-la como esposa. T'Poling, a noiva prometida de Spock, fez uso dessa prerrogativa e pediu o desafio até a morte entre seu noivo e seu campeão: Kirk.

RIGELIANOS: Habitantes de um sistema solar com treze planetas, onde seis são de classe M. Rigel II e IV foram colonizados por terráqueos. Rigel V é habitada por vulcanóides. Essas culturas são membros da Federação. Rigel VII tem humanóides nativos e hostis, sendo um planeta evitado pela Federação. Rigel VIII, também conhecido como Órion, depois de alcançar a capacidade de viagem espacial através de contatos com terráqueos, formou um império pirata, que comercia toda e qualquer mercadoria, inclusive escravos.



SEHLAT: Grande mamífero, freqüentemente descrito como um grande urso de estimação com enormes presas. Este animal tem capacidade de formar fortes ligações mentais com seu dono. Nos tempos antigos, os vulcanos domesticavam os *shehats* como sentinelas e guardas pessoais. Atualmente o *sehlat* foi reduzido ao papel de simples animal de estimação. Entretanto, ainda é capaz de defender os vulcanos dos predadores que permanecem no planeta.

SONDAS DE RETINA: Método de verificação de identidade através das marcas naturais da retina. Aparece pela primeira vez na série no filme Jornada nas Estrelas II: A Ira de Khan (*Star Trek II: The Wrath of Khan*).

STASIS: Animação suspensa em que são colocados os pacientes para tratamento de seu sistema nervoso. O sistema nervoso involuntários é "desligado" e todo o corpo é controlado por computador. A regeneração do sistema nervoso voluntário é induzida. Para retirar uma pessoa do *stasis* é necessário um *healer* que alcance sua mente e a traga de volta à consciência, (veja CRIME EM VULCANO, volume 8 da Coleção Star Trek® Editora ALEPH)

TARTAN: Tecido axadrezado escocês usado para saiotas e mantas, onde cada padrão de cores representa um clã.



TELLARITA: Raça humanóide com aparência de porco que possui um temperamento intempestivo. Adoram uma discussão. O contato da Terra com Tellar foi o primeiro que os tellaritas tiveram. Esse repentino encontro alienígena deixou o planeta em pânico. Os tellaritas temendo uma invasão (um medo baseado nos rumores dos terrestres), quase destruíram a economia planetária pelo assalto de suas instituições financeiras e todas as suas reservas esgotadas. O caos do planeta só foi interrompido quando uma rede mundial mostrou às pessoas de Tellar um encontro entre Harland Anders, capitão da *USS Earickson* e Gartov, o monarca tellarita. Este incidente de pânico foi uma inspiração inicial para a criação da Primeira Diretriz.

TRANSPORTADOR: Um aparelho de teletransportação que desmaterializa qualquer coisa "dissolvendo" sua estrutura atômica e materializando-a novamente em qualquer outra parte. Um transportador permite o desembarque da tripulação ou da carga de uma nave sem necessidade de uma nave auxiliar.



TRICORDER: Aparelho portátil de múltiplas funções, misto de computador e sensor. Mede, analisa e arquiva uma infinidade de parâmetros. Existem várias versões, dependendo das especialidades: o tricorder médico tem suas funções voltadas para análise de órgãos internos de seres vivos; o de engenharia para análise de materiais, etc.

UNIDADES ANTIGRAVITACIONAIS: Aparelhos que anulam o efeito da gravidade quando em operação. Podem ser encontrados na forma de sistemas mecânicos que, implantados no objeto, o fazem "levitar", facilitando assim o transporte, ou então como feixes de energia. Sua tecnologia foi descoberta durante o ano 2196.

VULCANO: Um dos principais planetas da Federação. Conhecido por suas temperaturas elevadas durante o dia e muito baixas durante a noite, este exótico mundo tem uma atmosfera muito rarefeita que dificulta a respiração para os humanos.

XENOSIS DEGENERATIVA: Doença que atinge e destrói o sistema nervoso, causada pela vida em ambientes com gravidade e atmosfera diferentes do planeta original da vítima.

Glossário Cultural

Este glossário contém verbetes dos diversos ramos do conhecimento humano. Objetivam não só a compreensão do texto deste livro, como procuram servir de alicerce, estímulo e motivação para a busca e ampliação de novos conhecimentos.

ANO-LUZ: Unidade de distância muito usada em Astronomia para expressar distâncias interestelares e intergalácticas. Corresponde à distância que a luz percorre, no vácuo, em um ano terrestre. Equivale a cerca de 10 bilhões de quilômetros. A luz desloca-se no vácuo à velocidade de aproximadamente 300 000 km/s. Para distâncias interplanetárias é muito usado, também, o minuto-luz, ou seja, a distância que a luz percorre em 1 minuto. O nosso Sol, por exemplo, dista da Terra 8 minutos-luz.

ANTIMUTAGÊNICOS: Agentes que reduzem ou eliminam a taxa de mutações genéticas dos seres vivos. As mutações genéticas são causadas por alterações na transcrição do código contido no DNA dos seres vivos. Podem ser causadas por agentes químicos ou físicos, principalmente radiações ionizantes como, por exemplo, os raios X.

CHAUCER, GEOFFREY: (1340-1400) Um dos primeiros poetas ingleses que estabeleceu o inglês como língua literária. Seus primeiros textos, incluindo uma tradução incompleta de *Le Roman de la Rose*, mostram uma forte influência francesa. Entretanto, em 1370, uma nova força surge em sua obra, devida ao aumento de sua familiaridade com **Boccaccio** e **Dante Alighieri**. Esta influência aparece em *The Parliament of Fowls*. Suas maiores obras são *Troilus and Criseyde* e *As Fábulas de Cantebury*, onde encontramos a frase "*mulier est hominis confusio*" que significa: "a mulher é a confusão do homem".

EPIDEMIOLOGISTA: Especialista em Epidemiologia, que vem a ser o estudo das doenças contagiosas.

ETNOGRAFIA: Disciplina que estuda os povos, sua língua, raça, religião, etc. e manifestações reais de sua atividade.

LAPSO FREUDIANO: Falha no comportamento ou na linguagem que permite deduzir vontades ou desejos inconscientes. Ocorre, segundo Freud,

toda vez que o Superego relaxa ou falha em seu papel de policial e censor dos atos do indivíduo.

LORRAH, JEAN: (1942-) Escritora Norte-americana e professora de Inglês na *Murray State University de Kentucky*. Sua produção literária, em FC, pode ser dividida em 3 áreas distintas. Na primeira destacam-se os trabalhos realizados em parceria com Jacqueline Lichtenberg: *First Channel* (1980), *Chanel's Destin* (1982), *Zelerod's Doom* (1986) e *Ambrov Keon* (esse publicado em *solo* em 1986). Na segunda ela tem vasta produção no gênero mágico: *Savage Empire* (1981), *Dragon Lord of the Savage Empire* (1982), *Captives of the Savage Empire* (1984), *Flight to the Savage Empire* (1986 em parceria com W. A. Howlett), *Sorcerers of the Frozen Isles* (1986), *Wulfston's Odyssey: A Tale of the Savage Empire* (1987 com Howlett) e *Empress Unborn* (1988). A terceira área de interesse da Prof^a Lorrh, e talvez aquela com a qual mais se identifique, é a que se realiza no universo ficcional de Star Trek, tanto da Série Clássica, quanto da **Nova Geração**. Nesta produção podemos destacar algumas novelas curtas como *Full Moon Rising* (1976), *The Night of the Twin Moons* (1976), *Epilogue, parte 1 e 2* (1979), uma coletânea, *Jean Lorrh's Sarek Collection* (1980) e os romances *The Vulcan Academy Murders* (1984, traduzida com **CRIME EM VULCANO**, volume 8 da Coleção Star Trek, Editora ALEPH), *The IDIC Epidemic* (1988, traduzida com **I.D.I.C.**, volume 11 da Coleção Star Trek, Editora ALEPH), *Survivors* (1989) e *Metamorphosis* (1990), estes dois últimos da **Nova Geração**.

MIT: Sigla do Massachusetts Institute of Technology, uma conhecida instituição de estudo norte-americana.

OXFORD: Conhecida universidade da Inglaterra.

P.E.S.: A Percepção Extra-Sensorial, corresponderia à recepção de informações por outros meios que não sejam os sentidos comuns. Nenhuma experiência científica realizada até hoje conseguiu provas conclusivas de sua existência. A PES seria composta por três tipos de fenômenos: *clarividência*, *premonição* e *telepatia*. Estudos muito sérios foram realizados para evidenciar alguns destes fenômenos (inclusive pela NASA e por universidades russas) mas nada se obteve que não recaísse dentro do esperado por coincidências estatísticas. A P.E.S., portanto, continua sendo um dos temas mais fantasiosos da Ficção Científica, recaindo na mesma categoria, por exemplo, dos duendes, fadas, dragões, florais de Bach e discos voadores.

VARIÓLA BOVINA: Em 1798, um médico inglês do interior, Dr. Edward Jenner, descobriu que se poderia retirar material das lesões provocadas pela varíola bovina em gado (*vaccinia*) e inoculá-lo em seres humanos para induzir a imunidade contra a varíola humana. Posteriormente Louis Pasteur usou o mesmo princípio para imunizar contra outras doenças. Da descoberta original resta o nome: *vacina*.

XENOBIOLOGIA: Em grego, *xenos* (ξενος) significa estrangeiro, estranho, ou hóspede. Em português, "xenofobia" significa aversão, medo, ódio por estrangeiros. Portanto, a xenobiologia seria a ciência que estuda formas de vida originárias de outros planetas. Trata-se, por enquanto, de um ramo do conhecimento totalmente especulativo, pois o ser humano não entrou, ainda, em contacto com formas de vida que não fossem terrestres

*Estes glossários contaram com a colaboração de:
Cláudia Freitas, Cristina Nastasi, Georges Ribeiro, Ivo L. Heinz,
Lilian de Oliveira, Luiz. A. Navarro, Pierluigi Piazzi, Renato da S. Oliveira,
Sergio Figueiredo e Silvio Alexandre.*

Não encontrando seu exemplar da Coleção Star Trek em seu livreiro usual, escreva para a:

Editora Aleph
Av. Dr. Luiz Migliano 1110 - 3^o andar
05711-001 São Paulo SP
(011) 843- 3202 / 843-0514 - fax: 843-3263

e solicite um catálogo e lista de preços.
Enviaremos seu exemplar por porte registrado sem acréscimo.

